

ANEXO 2

Transcrições das Entrevistas

ANEXO 2.1.

Transcrição da Entrevista A - *Alexandra*

Entrevista A - Alexandra

E - Então, se calhar, começava justamente pela primeira parte, relativa à sua trajectória profissional. Com que idade começou a trabalhar, que empregos é que teve, e como é que foram... Como é que foi?

1

Alexandra – É assim, eu fui, pronto, fiz a escolaridade, não é, como toda a gente. Depois, hmmm, cheguei ao... Eu, eu vou começar a contar, como se fosse o antigo, porque, agora, é o sexto ano, mas dantes havia o primeiro e o segundo ano. Depois, tive uns problemas, com os meus pais e isso e aí houve um, eh, pronto. Eu tive dificuldades, nos estudos, em concentrar-me e essa história. Depois, fui fazer o sétimo ano, mas como continuava com os problemas. Eu, portanto reprovei no sexto ano. No que agora é o sexto ano. E eu, eh, fui, fui, fui, trabalhar já com o meu pai. O meu pai tem uma empresa. Não é muito grande, mas é uma pequena empresa. E eu fui trabalhar com ele, ajudar, uma vez que tinha, eh, pronto que não tinha conseguido continuar a estudar. Depois...

5

10

Tinha que idade, nessa altura?

Bem, não faço ideia. Porque, é assim, eu para lhe ser sincera, nunca tive problemas, só que cheguei àquele, àquela altura, como houve aquele problema, comecei, eh, pronto. Não era a desinteressar-me, mas não tinha ninguém que me ajudasse, porque a vida é muito dura, muito dura. A professora disse-me que eu tinha capacidades, só que perante o problema eu estava a ir-me abaixo. Só tinha vontade de desistir. Depois, como o que estava a dar nessa altura era ligado a computadores e línguas, eu fui para um instituto de línguas. Aprender o inglês e o francês. Eu tenho oito anos de inglês e francês e iniciação a computadores. Só que, quando eu saí, já não dava, eh, pronto, já tava muito preenchido.

15

20

O mercado?

Pois, já tava muito preenchido. Então, voltei novamente a estudar. Continuei a estudar no instituto, eh, no externato D. Dinis. Tirei os três anos e depois, o décimo, o décimo primeiro e o décimo segundo. Depois, eh, fiz esses anos sempre com boas notas, fui sempre boa aluna. E, depois fui para o Instituto Piaget. Foi aí que eu tirei o curso de educadora de infância.

25

E durante esse tempo, que me estava a contar, ia ajudando o seu pai na tal empresa, sempre, não é? Ia estudando e ajudando o seu pai?

30

[acena afirmativamente com a cabeça].

E que funções é que desempenhava lá?

É assim, a empresa do meu pai tem a ver com a numismática, sabe?

Hum, hum.

Tem as capas de plástico para por os sê...Aquelas capinhas para por os selos, as moedas.

Ok, portanto ia fazendo isso...

Exacto, eu ia ajudando e estudando. Só tinha aulas, como era externato, só tinha de manhã, saía à uma e meia. Depois, de tarde, como o meu pai, trabalhava, não é, eu ia ajudá-lo.

E o curso de educadora de infância, não é?

Hum, hum.

Era assim um sonho? Foi uma coisa que surgiu por acaso?

[Risos] Não, eu desde pequena que gostava de ser professora e fui, ehh, educadora. E foi, porque eu o escolhi como primeira opção.

Ok, então, entrou, fez o curso.

Exacto.

Entretanto, terminou-o. E depois disso?

Depois disso, ehh. Eu terminei o curso, ehhh, deixe cá ver [recorre a um envelope para consultar a documentação, mas desiste]. Eu acho que foi 2002-2003 que eu terminei. Depois, fui, ehhh, portanto, entrei para o colégio D. M. Quer dizer, eu estive um bocadinho, porque acabou em Julho e eu, eu ainda estive ehh, à espera. E entrei como substituição de uma colega.

Ok. Isso em 2003?

Sim, no ano lectivo de 2003-2004. Foi nessa altura que entrei, portanto, 2003-2004.

E essa foi a primeira experiência laboral a tempo inteiro?

Exactamente.

E como é que correu?

Correu bem. [Risos] Eu adorei, mesmo! E elas também, porque fizeram-me uma carta de recomendação.

Mas, então por que é que essa experiência terminou?

Porque a irmã foi, ehh, recuperou e foi ocupar o lugar.

Ok.

Só que elas disseram-me que se abrisse ali uma vaga, eu entraria. No ano seguinte, fui para o mesmo colégio, para o externato de Sta. J., mas também foi de substituição.

35

40

45

50

55

60

65

Havia uma educadora que estava grávida, mas já não podia, porque estava quase no final e eu fui ocupar o lugar. Também gostaram, porque eram do mesmo colégio, as mesmas superiores e sei que, pronto, se houver lá um lugar, se abrir lá uma vaga, em princípio chamam-me.

70

Hum, hum. E essas experiências, duraram mais ou menos quanto tempo? Seis meses? Um ano?

Foi um ano.

Cada uma, não foi?

Exacto

75

E, depois, dessa última experiência no colégio de Sta. J.?

Depois, ehh, tive, ehhe. Portanto, vim-me embora, não é? Com muita pena minha [Risos]. Depois, como a irmã que eu fui substituir a primeira vez estava um bocado fragilizada, devido a um problema que tinha, eu pensei que ia ocupar o lugar dela. Só que depois, ehhe. Ela disse-me mesmo que gostava que eu fosse para o lugar dela, mas aconteceu uma coisa, é que havia uma freira que tinha uma pessoa, ehhe. E eu não sei bem, a quem já tinham dito qualquer coisa e foi ocupar o lugar dela.

80

Hum, hum.

Só que essa moça é de Lisboa e vai, vai agora, não sei se é bem agora, mas vai concorrer, para ver se fica mais perto. Então, a superiora disse-me, “Alexandra, já sabes que se for possível e houver um lugar, é para ti.” Agora, estou à espera para ver se isso realmente acontece. Eu gostaria, não é?

85

Pois.

Eu gosto do trabalho, já conheço o sistema de lá.

Portanto, o último trabalho que a Alexandra teve foi nesse colégio, não é? No Colégio de Sta. J.?

90

Exacto

Mas, isso foi há quanto tempo?

Foi em 2005.

Em 2005. Portanto, a situação de desemprego já dura há dois anos mais ou menos?

95

Sim, sim. Agora, em 2007, faz dois anos. Já tenho pensado... Ui, tanta coisa. Até mesmo antes de acabar o curso, eu já estava a mandar currículos. Para aqui perto e para o Porto. Mas, claro, ehhe, não consegui. Consegui para o externato e para o colégio e estou satisfeita, não é. Não digo que se fosse para outro lado não gostaria, não é? Mas gostei, muito.

100

O trabalho é muito importante para a Alexandra?

Sim. Pelo menos, eu estava a fazer uma coisa que gostava. Não quer dizer que com o meu pai não goste, mas é um trabalho, para mim, mais pesado, porque temos que pegar em bobines de plástico e cortar o material todo. E, para mim, já é um bocado pesado. Se fosse um rapaz ou assim, já era mais fácil, agora, eu não.

105

Mas, o conteúdo do trabalho em si não lhe agrada tanto como ser educadora de infância?

Quer dizer, como é o meu pai, ehhe. Eu tenho um ordenado, não é? E também depende das instituições, porque, eu, quando estava no colégio, não sei bem que cursos é que as educadoras tinham, não sei se eram licenciadas. Não sei tinham licenciatura, não sei? Mas, uma vez eu fui a uma entrevista que, por acaso, ehhe. Eu nem sei se era bem uma entrevista. Aquilo era mais um inquérito. A perguntarem quanto é que eu tinha ganho lá, no externato e, depois, eu disse-lhe e ela “ah! A menina ganha mais do que os seus colegas!”. E eu fiquei um bocado naquela, não é? [Risos]. E eu disse, prontos, eu estava a ganhar assim, não é? O que é que eu havia de dizer? E ela fez assim uma cara.

110

115

Pois, mas a ideia de, enquanto projecto futuro, ficar a ajudar o seu pai é uma coisa que...

Não, ehhe, quer dizer. Concorre-se, não é? E se eu tenho hipóteses de ir para que eu estudei. Sei que agora é mais difícil. Mas vamos ver, vamos tentando.

120

Por que é que diz que agora é mais difícil?

Porque, é assim, eu cada vez mais vejo as pessoas licenciadas a ficar no desemprego. Por isso é que eu digo que é um bocado mais difícil.

Mas sente isso em pessoas que lhe são próximas? Colegas que acabaram o curso?

125

Não, não. Até, por acaso, as minhas colegas são de longe. Ehhe, algumas são de Valença.

Relativamente à sua situação de desemprego, quando terminou a sua prestação no colégio de Sta. J., o que é sentiu na altura?

130

Não, é assim, eu fiquei logo... Eu quando andava na escola fiquei logo preocupada, porque, para mim, estar assim, desempregada é uma frustração. Não quer dizer que não haja outras pessoas, porque eu sei que há outras pessoas na minha situação, mas para mim era uma frustração. Só que agora, prontos, já resolvi assim, que há pessoas na minha situação e ainda piores que eu. Porque há pessoas que são casadas, que têm filhos, têm prestações para pagar e essas coisas. E, eu, por acaso, graças a deus,

135

não tenho esses problemas.

Hum, hum.

Eu sou solteira, não é? Vivo com os meus pais e com a minha irmã. É assim, eu se calhar sou um bocado egoísta [*Risos*].

140

Nessas situações costumamos ser, não é?

Eu, primeiro eu, depois eu e a seguir eu [*Risos*].

Mas, então, esse sentimento de frustração que disse que sentiu no início foi que algo que foi relativizando ao longo do tempo?

Sim, porque depois com ajuda e compreendendo que há outras pessoas que estão na mesma situação e que eu vejo que ainda estão piores que eu. Pensei, “bem, o meu problema não tem nada a ver com o das outras pessoas”. Portanto, o meu problema é bem pequenino, comparado com o das outras pessoas, não é? Não da minha família, mas de outras pessoas que eu vou vendo. Coitadas, se eu me lamento, então as outras, deus me livre [*Risos*].

145

150

A Alexandra não tem situações de desemprego na sua família?

Não, graças a deus, por enquanto... É assim, tenho um primo meu que veio agora desempregado. Só que é assim, ele tem família lá fora e está a pensar ir viver para o estrangeiro.

Emigrar?

155

Hum, hum. Eu também tenho três pessoas da minha família que são emigrantes e, prontos, podem ajudá-lo.

Claro. E as mudanças que decorreram da situação de desemprego? Ou seja, apesar de terem sido dois contratos de substituição, a Alexandra ingressou a tempo inteiro no mercado de trabalho, adquiriu uma série de hábitos, não é? E, de repente, isso parou, não é? Consegue identificar, assim, algumas mudanças, decorrentes dessa situação?

160

A única mudança é que eu sou uma pessoa muito activa e gosto muito de crianças. Os primeiros meses custaram-me um bocado. E, depois ouvia a minha mãe a falar “ah, encontrei não sei quem e ela está a trabalhar”. E, para mim, foi um bocado, assim, como eu já disse, frustrante. Mas, depois, aos poucos, fui-me habituando. Não quer dizer que goste, não é? Há quem goste. Eu gostava de estar no activo. Eu tirei um curso...

165

E quer exercer?

Claro.

170

Na sua situação de desemprego, vê alguma vantagem, por não estar a trabalhar?

[Pausa breve] Não.

E o principal inconveniente ou a principal desvantagem?

É o estar parada. Quer dizer, eu não estou parada, porque eu vou ajudando o meu pai. Só que não é bem naquilo que eu, eh, pronto que eu gosto de fazer. Eu gostar, gostava de trabalhar na minha área. Pronto, eu sei que há muitas pessoas que estudaram e estão a fazer coisas diferentes. Mesmo advogados, que eu conheço, e estão a trabalhar noutra área que não é a delas. É o que eu digo, mas, não sei, talvez, se calhar se eu fosse trabalhar para um escritório até podia gostar. Mas eu gostava era de trabalhar mesmo era na área.

175

180

Hum, hum. E para já é esse o objectivo?

É, é esse o meu objectivo.

No que toca à sua família e mesmo ao amigos, ou vizinhos, as pessoas com quem se relaciona. Quando ficou desempregada que tipo de apoio é que acha que teve?

Ui eles... É assim, eu tenho amigos e familiares que trabalham em têxteis e coisas assim e eu. E eu já fui lá, mas eu acho que não adianta nada. Não adianta nada.

185

Mas tentou activar essas redes de conhecimentos?

Exacto, exacto. O meu pai até já disse que já não sabe a que portas é que há-de bater [risos]. É difícil, é muito difícil. Então, hoje em dia é mesmo muito difícil.

E do ponto de vista de um suporte mais psicológico. Estava a dizer-me, há pouco, que quando ficou desempregada, às vezes a sua mãe chegava a casa e comentava que alguém estava a trabalhar. Como é que sentia isso?

190

É assim, eu tinha uma colega minha. É assim, ainda tinha oito disciplinas por fazer e estava, na minha opinião, estava a ocupar o lugar de uma educadora, porque ela estava a trabalhar como educadora. Quer dizer, na minha opinião, para mim, eu estava desempregada e tinha o curso e ela ainda não tinha o curso e já estava a trabalhar. Não é que eu tivesse inveja, não, porque eu até gostava que ela estivesse a... Mas é por ela não ter acabado o curso e já estar a ocupar uma vaga e acho que devia ser uma pessoa que já tivesse o curso. Não quer dizer que fosse eu, mas outra pessoa.

195

Mas, em relação à reacção da sua família, dos seus pais, sentia que eles partilhavam da opinião que a sua situação era injusta ou sentia que havia algum tipo de cobrança?

200

É assim, primeiro senti isso [risos]. Quer dizer, mas foi logo mal acabei. Porque depois, quando entrei para o colégio, a primeira vez que trabalhei, houve uma superiora e ele disse que havia ali qualquer coisa que não batia certo. Mas depois passou. Quer dizer, não significa que ele dissesse isso por mal. Agora, estava sempre a falar da mesma

205

coisa, mas depois passou. E até agora, de vez em quando vou ao colégio. Vou lá, à missa. Gosto de ir lá, estar com as irmãs. O que é, elas também não mandam, não é? O que a superiora me disse é que elas estão à espera que haja uma vaga, para me colocar lá. Eu espero que sim [risos]. Porque elas, por elas, não se importam.

210

E, do ponto de vista económico e financeiro, deixar de trabalhar implicou algum tipo de mudança, de restrição?

Não, não, por enquanto... É o que eu digo, por enquanto não, porque eu vivo também com os meus pais. E também tenho a ajuda dos meus pais e da minha irmã.

E tem o trabalho que vai fazendo para o seu pai?

215

Exacto. Ele vai-me ajudando. Agora, é o que eu digo, as outras pessoas que não têm, estão bem piores do que eu. Eu, por acaso, como não tenho carros, nem casas para pagar, ainda me posso dar por satisfeita.

Por exemplo, relativamente a isso, a esse tipo de compromissos económicos que as pessoas costumam assumir. No caso da Alexandra, acha que não assumiu, ou que ainda não aconteceu, porque não tinhas as condições para isso ou...

220

Não, não. Eu sou uma pessoa que gosto de ter mesmo a certeza que tenho de ter garantias que é possível. Eu não, não, eh, arrisco. Claro que se fosse casada é evidente... Mas, como não sou casada. Nunca fui uma pessoa de me arriscar, não. Costuma-se dizer que quem não arrisca não petisca, evidentemente. E há pessoas que se compram casa e que se aventuram, mas eu não. Eu sou uma pessoa...ehh....

225

Ponderada?

É. Não gosto de dar passos muito grandes. Gosto de ir devagar.

Mas, é um salto que pensa dar ou que gostaria de dar?

Não, porque eu também vejo o problema das outras pessoas, também ouço, mesmo no telejornal e o meu pai também, às vezes, dá-me os seus conselhos, não é? Então é assim, eu ouço esses conselhos [risos].

230

E que conselhos são esses? No sentido de ser ponderada ou no sentido de arriscar?

Eu, já por mim, tenho muito medo de arriscar, não gosto de fazer coisas precipitadas.

235

E os seus pais concordam com isso?

Exacto. O meu pai diz, "Alexandra, olha que vida não é fácil, toma cuidado, olha como é que gastas o dinheiro" e essas coisas todas. E, depois, também vejo as outras pessoas. E eu não me aventuro.

Principais mudanças que sentiu no seu quotidiano? Ou seja, quando tem um emprego, tem uma hora para se levantar, tem o dia ocupado...

240

Ah, eu não tenho problemas.

Mas, notou alguma diferença na organização do seu dia?

É assim, eu como trabalho com o meu pai, também tenho de me levantar. Não é à mesma hora, porque no colégio era às nove. Agora, por exemplo, com o meu pai, fico mais um bocadinho. Se não às nove, levanto-me às nove e meia. Mas, é como se fosse um emprego. Claro que há sempre diferenças, porque num emprego temos de estar aquelas horas e com o meu pai, se eu preciso de ir a algum lado, vou, não é?

245

E no que toca à questão da sociabilidade e dos conhecimentos. No colégio tinha as suas colegas de trabalho...

250

Exacto.

E quando ficou desempregada, sentiu-se mais isolada?

Não, nem tanto, porque eu comunico. Como eu já disse, eu falo com as minhas colegas.

E do ponto de vista da imagem que a Alexandra tem de si. Disse-me que quando ficou desempregada, no início, sentiu alguma frustração que, depois foi conseguindo relativizar

255

Não, é assim, eu foi mais quando, agora há pouco tempo, e estava com aquela esperança de substituir a irmã e depois não se concretizou. Mas, agora não. Estou outra vez mais calma.

260

Mas não questiona, estando parada há dois anos, até que ponto é que aquilo que aprendeu não se vai desactualizando.

Não, não. Eu, mesmo agora, estando desempregada, eu vou-me sempre actualizando. Vou comprar revistas e fazendo isto e aquilo. Não paro.

Vou comprando revistas, para me actualizar, para ver o que é que se passa. Não gosto de parar, porque na minha profissão... Eu, é assim, nós não podemos parar. Nós temos que ter, eh. Sei lá, como é que eu hei-de explicar, falta-me agora as palavras... As pessoas para serem boas têm que gostar daquilo que estão a fazer, ter imaginação e criatividade. Por isso é que eu insisto em ver as revistas deste ano. Estou sempre a procurar coisas novas. Não quer dizer que as do ano passado não sejam boas. Estou a sempre a procurar actualizar-me.

265

270

A Alexandra disse-me que desde saiu do colégio tem procurado trabalho. Não sei como é que o faz. Envia currículos? Responde a anúncios?

Sim, sim, também. Há a família, familiares, amigos.

Qual é que acha que é, ou poderá ser a forma mais eficaz?

275

É assim, eu quando fui trabalhar para o colégio, foi através de um amigo. Um amigo do

meu pai e ele agora falou-me outra vez, por causa da vaga da irmã.

Mas, e os anúncios...

Sim, sim, no jornal. Mas, eu no jornal tenho assim um bocado de receio.

É?

280

Porque vinha lá um que era para um *site*, na *Internet*. E eu fui procurar e não vinha lá nada. Não existia. Não sei se será brincadeira, não sei. Mas, vem muito poucos para a minha área. Vem mais para contabilistas...

Portanto, experiências de entrevistas ou de processos de recrutamento e selecção não teve exactamente?

285

Não.

Quando pensa na sua relação com o mercado de trabalho e na sua situação como desempregada, por que é acha que isso acontece? Quais são assim os principais obstáculos? Acha que tem a ver consigo? Acha que tem a ver com a dinâmica do mercado de trabalho?

290

Talvez, com a dinâmica do mercado de trabalho. E também, agora, é assim, eu acho que está muito saturado, a gente vê. Porque, mesmo agora as pessoas que estão desempregadas, não na minha área, mas noutras áreas, depois, também não têm possibilidades de exercer. E, sendo assim, às vezes optam por ficar em casa, mesmo a tomar conta dos filhos. Depois, lá está, nós também somos afectados por isso.

295

Mas, é engraçado, porque, por aquilo que eu ouço, normalmente é complicado é arranjar uma vaga para meter uma criança num infantário, não é?

Sim. Isso também é difícil, porque não há vagas suficientes e, às vezes, é complicado. E, depois, não se percebe, como é que sendo assim, há falta de emprego para professores e educadores, não entendo. Porque, eu conheço, aqui, colégios perto, que as crianças ainda estão para nascer e já têm lá guardadas as vagas. É complicado. Talvez seja mesmo da dinâmica do mercado de trabalho.

300

E no que toca à relação com o Estado, com o Centro de Emprego, a Alexandra desde que está desempregada, tem recorrido ao Centro de Emprego?

Sim.

305

Tem estado a par das modificações da lei?

Sim. Agora, surgiu... Eu não percebi muito bem estas regras novas. Ainda não percebi muito bem. Eu, nestas revistas que eu compro, que têm a ver com questões de educação, vinha lá também isto de Bolonha e vinha lá informações sobre o meu curso e agora são três anos. São três anos de licenciatura e de pois o mestrado. Eu ainda não sei quais são as vantagens disso.

310

Mas, face à sua situação de desempregada. A Alexandra, quando ficou desempregada, foi-se inscrever no Centro de Emprego, não é? E o que é que esperava dali? Esperava que lhe fosse concedido o subsídio? Esperava apoio na procura de emprego...

315

Também, é assim, também a senhora que está lá, no Centro de Emprego, ela também foi minha colega na universidade, porque ela também é amiga. Porque nós conhecemo-nos através de outra pessoa amiga e ela disse-me: olha, se houver na tua área, não te preocupes, que eu chamo-te, mas é um bocado difícil, na tua área no Centro de Emprego, é muito difícil. É mais, modistas, costureiras, é mais essas coisas.

320

E sobre a formação profissional, a Alexandra...

Eu já fiz formação.

Através do Centro de Emprego?

Sim, sim. Tinha a ver com a maneira como devíamos procurar emprego.

Era uma formação em procura activa de emprego, é isso?

325

Sim.

E foi útil para a Alexandra?

Foi. Aprendi a fazer um currículo, porque o meu estava mal e eu nem sabia. Aprender a procurar. Agora, disseram-nos para não esperar, assim, prontos... Não é logo de um momento para o outro que muda tudo, não é?

330

Encontrou assim dicas de como poderia fazer, não é?

Sim. Mas, tinha vários cursos, lá.

Esse foi aquele que lhe indicaram ou estaria interessada noutros?

Não, os outros tinham a ver com empresas, para criar e gerir empresas e eram um bocado fora da minha área. Este era o que se adequava mais, para procurar emprego. Não que dizer que o outro não fosse interessante, não é? Mas, não me imagino como gestora de empresas [risos].

335

Ok.

Imagino, mas como é que uma pessoa consegue naquele bocadinho, bocadinho que ainda é um tempo de formação, não é? Mas, é um bocadinho, como é que depois, se consegue estar logo a gerir empresas. Eu imagino-me a ser gestora de empresas, mas faliam logo a seguir [risos]. E daí, não sei, porque eu acho que um gestor de empresas tem que ser uma pessoa que goste daquilo e tenha capacidade. E se fosse numa coisa que eu gostasse, não sei.

340

E, aqui, na UNIVA, disse-me que começou a vir, quando surgiu a obrigação de se apresentar quinzenalmente?

345

Exacto. Foi nessa altura só que iniciei o meu contacto com a UNIVA, porque eu não conhecia. Por acaso, já tinha vindo várias vezes à junta, mas, por acaso não conhecia.

E tem sido útil vir aqui ou vem unicamente...

Não, eu venho unicamente por causa, para por... Pronto, porque tenho de vir cá quinzenalmente. 350

Essa mudança que houve, de apresentação quinzenal, de procurar emprego com uma determinada periodicidade, a Alexandra concorda com essa alteração?

Sim, sim, porque há pessoas que também se sujeitam muito à situação. Eu vou ao jornal, vejo os anúncios, do Jornal de Notícias, aqueles, aqueles, classificados, não é, e muitas vezes não obtive resposta. 355

Mas, acha, então, que esta foi uma alteração positiva?

Sim, porque obriga a pessoa a não estar parada, a tentar resolver a sua situação.

E o apoio que é dado na orientação da procura de emprego, a Alexandra considera-o suficiente?

Sim. 360

Na UNIVA e no Centro de Emprego?

Sim, sim. Também, na UNIVA, nunca procurei, não é? Venho só mais para por o carimbo, porque era obrigada.

Relativamente à imagem e às opiniões que podem existir sobre as pessoas que estão desempregadas. Às vezes, somos confrontados, um pouco, com aquela ideia do "só não trabalha quem não quer"...

Não é bem assim. 365

A Alexandra sentiu-se alvo de algum tipo de comentários dessa natureza?

Não, não. Quer dizer, que eu saiba, não. Pode haver pessoas que digam. Mas, que eu saiba, não. 370

Concorda com essa ideia, não concorda?

Eu acho que, de facto, há pessoas que não querem trabalhar. Ficam com o subsídio e não querem trabalhar. Agora, as pessoas trabalham porque precisam. Eu tirei um curso de que gostava e gostava de trabalhar no meu curso e também preciso de ganhar, não é? A não ser que me saísse o euromilhões. Mas, se me saísse o euromilhões, eu ainda era capaz de fazer alguma coisa como educadora de infância. 375

É uma área de que gosta mesmo?

É e não queria meter a minha formação numa gaveta.

Relativamente à situação da Alexandra, eu sei, porque já me explicou, que tem accionado algumas redes de interconhecimentos e que tem algumas hipóteses

em vista para voltar a trabalhar, não é?

Hum, hum.

Mas, ainda assim, tal como me disse, tem concorrido e não tem obtido grandes respostas, também já percebemos que é uma área, a dos infantários, até chega a ser paradoxal, não é? Há miúdos que têm para onde ir, não é?

385

Claro.

No fundo, face à questão do desemprego, no geral, na opinião da Alexandra, o que é que se encontra na base do desemprego que existe?

Não sei, talvez tenha a ver com as leis...

390

Pensa que é responsabilidade do Estado?

Talvez, porque, agora é assim, eles agora estão a investir na tecnologia, que é uma coisa importante e é uma forma de os mais novos, que estão a estudar, irem mais para esses cursos, enquanto os outros já estão mais saturados, já têm muita gente. Eu, na minha maneira de ver, devia-se arranjar uma forma de mandar as pessoas para esses cursos novos, através do ministério da educação, ou assim. Eu compreendo que as pessoas vão para outros, porque gostam e toda a gente tem esse direito, não é? Eu também fui. Mas, haver outra, outros cursos novos, que entusiasmem mais os jovens e não irem sempre para os mesmos cursos, porque o mercado já está saturado. E, quer dizer, se nós, já é complicado, quanto mais para os que vêm aí agora e os que ainda podem tirar o curso. Ainda é pior. A própria sociedade tem que definir como é que quer que as coisas sejam e isto tinha que levar uma reviravolta.

395

400

Então, de acordo com aquilo que me está a dizer, as suas habilitações, ou a área em que tem as suas habilitações, são um obstáculo para a sua integração no mercado de trabalho? Ou seja, imagina que se tivesse um curso noutra área, seria mais fácil?

405

Pronto, também, também não estou a dizer isso, porque tirando uma área ou outra, nada está muito bem, não é? Eu acho que isto afecta todos.

Para terminar, como é que vê os próximos tempos?

Eu espero que bem melhor [*risos*], pelo menos, na minha área. Não quer dizer que não queira o bem das outras áreas. Mas, na minha, que, pelo menos, fique melhor. Não sei, eu tenho colegas que, entretanto, foram para fora e começaram a fazer mestrados e doutoramentos e, entretanto, como as economias são melhores, até já pensam em ficar por lá.

410

Isso é uma estratégia possível para a Alexandra?

415

Fazer um mestrado, eu até era capaz. Aliás, até já me informei no Piaget, na Escola

Superior de Educação e, agora, com Bolonha, portanto, nós tínhamos quatro anos e dois são iguais, por isso até há a possibilidade de ter equivalências. Mas, não sei...

E no caso da Alexandra, então, como é que vê os próximos tempos? Quais são os seus planos?

420

Vou continuar a aguardar o contacto do colégio. E ver se surgem outras coisas, vamos lá ver.

O fim do subsídio constitui um horizonte preocupante? Ou seja, é o momento a partir do qual, se não arranjar nada, imagina-se a procurar noutra área?

Ou, então, na minha área, posso continuar a procurar. Eu até já pensei em montar um infantário, mas é uma coisa que tem muitas regras. Até falei com uma vizinha minha que também já trabalhou nessa área, mas eu acho que ela parou um bocado no tempo. Ela, agora, até tem uma loja de telemóveis, mas também já andou a procurar um lugar, para montar um infantário e diz ela que não encontrou, porque é uma coisa com muitos requisitos e eram tudo casas pequeninas. E agora ela até parou e nem sei vai continuar e aí, talvez, nós as duas e mais alguém que queira, podemos estudar esse assunto.

425

430

No caso da Alexandra, poder contar como apoio dos seus pais, acha que constitui uma vantagem para poder continuar a procurar na sua área?

Ah, sim. Eles incentivam-me e, aliás, eu nunca perco a esperança. Eu estou a sempre à espera do contacto do colégio, porque nunca perco a esperança. E também penso, pronto, se não for assim, vai ser de outra maneira.

435

Ok. Alexandra, por mim, terminei. Não sei se quer acrescentar alguma coisa àquilo que foi dito?

Não, não.

Quer perguntar alguma coisa?

440

Não, não.

Então, agradeço muito a sua disponibilidade.

Ah, de nada. Até foi bom poder falar assim um bocadinho.

443

Fim de transcrição

ANEXO 2.2.

Transcrição da Entrevista B - *Beatriz*

Entrevista B - Beatriz

Entrevistadora – Começava por lhe pedir alguns dados mais biográficos. A idade que tem?

1

Beatriz – Trinta e oito. Tenho dois filhos, um com nove anos e o outro com cinco. Ehh, mais?

É casada?

5

Sou casada, moro em Gaia.

Vive em Gaia há quanto tempo?

Há nove.

Ok, relativamente à sua trajectória profissional, com que idade é que começou a trabalhar pela primeira vez?

10

Eu comecei, ehh, nem era bem trabalhar, era fazer tipo *part-times*, quando eu estava a estudar. Tinha dezassete, dezoito anos e fazia nas lojas, para ganhar mais uns tostões, não é? Porque dá muito jeito, quando uma pessoa está a estudar. Era nas lojas, em *part-times*.

Isso em *part-time*, não era? Na altura estava também a estudar...

15

Era, era quase sempre.

A Beatriz estudou até que nível de escolaridade?

Frequentei o Instituto Superior de Turismo, IspGaya. Frequentei o primeiro e o segundo ano. Tenho o primeiro ano e fiz algumas cadeiras do segundo, mas não acabei.

Mas, sempre acumulando com estes trabalhos, não é?

20

Era conforme, umas vezes tinha, outras vezes não tinha. Era conforme, às vezes distribuir panfletos, ehhh, tudo o que havia, também fiz trabalho como promotora. Era o tipo de trabalhos que normalmente os estudantes acabam por fazer, não é?

E, depois, como é que foi a decisão de não terminar o curso? Foi trabalhar?

25

Não, não comecei logo a trabalhar, porque efectivamente fui para África, por isso é que eu não acabei o curso. Entretanto casei e fui trabalhar para África. Fui para o Congo, para o Congo francês, Brazzaville e estive lá a trabalhar. Portanto, eu tive, recebi uma proposta e fui trabalhar para lá. O meu marido já estava lá, quer dizer, na altura não era marido, ainda era namorado, entretanto, casei-me e fui trabalhar, porque achei que, em termos de saídas, tinha umas saídas muito melhores. Por isso, é que eu ehh, os meus colegas todos que estavam a sair do curso, as saídas eram ehhh, precário, ninguém

30

estava a trabalhar naquilo que efectivamente tinham acabado o curso. Eu achei extremamente aliciante, chamou-se assim mais a vertente monetária e acabei por ir para África e estive lá dois anos e tal. Depois, regresssei, porque houve guerra. Não sei se já ouviu falar, mas, na altura, veio na televisão. Aliás, eu apareci na televisão, quando se deu isso. As pessoas ficaram, vandalizaram aquilo tudo e era insustentável as pessoas lá estarem. Depois, quando eu regresssei...

35

Como é que se deu a decisão de regressar?

Não foi decisão [risos]. Não havia hipótese, porque era muito complicado ficar lá, porque aquilo, eles marginalizaram tudo, casas, tudo. Não, não... Era insustentável, principalmente para as mulheres. Lá está, porque era muito complicado. O meu marido ainda lá ficou, porque tinha lá uns bens, tinha lá tudo, ainda tentou recuperar, ainda tentou negociar, mas depois também veio, porque não dava.

40

Portanto, a Beatriz regressou do Congo mais ou menos em que altura?

Para aí há, eh... Sei lá, eu, datas não sou assim lá muito boa. Há dez, há nove anos. Não, eh, nove, nove, para aí há onze. Dez, onze anos, mais ou menos que isso aconteceu.

45

Portanto, em noventa e seis?

Não, não pode ser, porque eu casei em noventa e cinco e eu estive lá três anos, por isso foi há mais.

50

Noventa e oito?

É para aí, foi mais ou menos nessa altura que eu regresssei.

E como é que foi o regresso? Não estava planeado, não é?

Foi bom. Para o meu marido foi mais complicado, porque ele já estava lá há muitos anos, tinha a vida toda dele lá. Agora, para mim, nem deu para... Porque três anos acabam muito pouco, por não ter aquela, aquele impacto, não é?

55

Ainda não tinha tido os seus filhos?

Não. Ainda não tinha, foi quando eu, entretanto, depois aqui é que tentamos. Porque eu também não estava a conseguir ter e, entretanto, ia fazer os tratamentos, mas efectivamente não engravidava. E isso fazia parte dos nossos planos. Até já estava nos planos, em África. Mas, depois, quando nós regressamos, tive uma proposta numa empresa de seguros. Só que a empresa de seguros, a sede era em Braga e eu teria que fazer muitas deslocações. Finalmente, descobri que estava grávida e o médico disse-me que eu não podia fazer viagens, assim, pelo menos no início. E não havia outra hipótese, quer dizer, ou a gravidez ou o trabalho. Optei, claro, eu optei pela gravidez [risos], porque era um desejo muito grande. Lá está, foi uma opção. Eh... eu

60

65

fiquei, quer dizer, já aí comecei a ter que abdicar... Que eu sei que aí ia ser de certeza, porque eu sei de pessoas que andaram comigo, nessa altura, já falei, já me encontrei, por acaso, com amigas. Mas, lá está, foi uma coisa que eu já estava a desejar há tanto tempo, por isso... Por isso é que, às vezes, eu digo, ehh, que trabalhar também é bom, mas o lado maternal acho que também era. O meu desejo de ser mãe, também era muito importante.

70

Portanto, optou por ficar em casa?

Optei por, ehh, exactamente, optei por ficar em casa. Entretanto, ele nasceu. Depois as coisas começaram... Aí, voltei novamente à procura, mas aí depois já foi mais complicado. Aí já começou... Entretanto, eu andava lá, sempre, no Centro de Emprego e comecei depois, comecei a fazer, ehhh, a ir ver sempre o... Não trabalhei, o que fazia era cursos.

75

Cursos de formação?

Cursos de formação. Fiz o curso de, de, ehhh, ai, como é que se chama? Computadores. Fiz curso de computadores que eles, entretanto, chamavam. Mas, eu andava também, sempre, a ver várias empresas, ou vários núcleos que estão ligados a... Não são sempre os mesmos, como esta agora que eu fui chamada, a Era, também era outra que, por acaso, eu não conhecia. Portanto, eles estão sempre a chamar. Entretanto, nasceu, depois, o F..

80

85

Que é o seu segundo filho?

É o meu segundo filho. Veio o F., mas eu, antes do F., comecei a trabalhar numa clínica dentária. Ainda estive lá, ehhh, foi antes dele nascer, é foi antes dele nascer, acho que foi um ano, mais ou menos um ano. Depois de ele nascer... Não, ainda não estava grávida quando fui para lá. Comecei a trabalhar lá e depois é que descobri que estava grávida, foi isso. Porque, eu para engravidar é muito complicado, porque eu não tenho datas, eu não tenho nada, não posso planear, porque eu não é certo, não é seguro. Depois, estive aí e, lá está, depois com o nascimento do... Estive aí e estava muito bem, estava gostar, gostei imenso do trabalho. Mas, lá está, nasceu o meu filho, nasceu com determinados problemas e a coisa complicou-se. Entretanto, estive quatro meses, depois, a partir dos quatro meses, ainda estive um mês lá, na clínica. Só que depois começaram-me a pedir determinados horários e o meu filho tinha imensos problemas, tive que andar com ele na fisioterapia. Lá, esta, ehh, dispensaram-me, digamos. Pronto, a partir daí começou outra vez, novamente tudo. Mas foi uma luta, porque andava com o F. na fisioterapia, diariamente. Ele nasceu com problemas, nasceu com um torcicolo, nasceu com as costas todas tortas e nem os médicos sabiam

90

95

100

o que era. E foi uma criança sempre doente, digamos. E, por isso, a partir daí, quando as coisas começaram a melhorar eu comecei novamente a tentar, mas foi muito complicado.

Como é que foi isso? Começou há dois anos, mais ou menos?

105

Ele tá com cinco anos, já foi, ora, ele nasceu, eu voltei, passado um mês, passado um mês não, quatro meses, regresssei, mas só lá estive um mês, um mês e pouco, nem isso, porque eu não conseguia... Com os tratamentos, aquilo são tratamentos diários e tudo. É assim, conseguia se houvesse boa vontade. Mas, também da parte da instituição, vi que éramos duas e os horários e tal, mas prontos, enfim. Depois, a partir daí, nunca mais consegui nada.

110

Então, esse foi o último emprego?

Foi, foi. Mas, eu em África também estava a trabalhar, só que é assim, isso não conta. Em Portugal, mesmo os descontos que eu fazia não aparecem e aqueles que fazia antes também não dá nada, porque era em *part-time*. E agora, agora, ehh, é isto, é ver, é procurar... Só que há alturas em que a pessoa fica com a auto-estima em alta e vai outra vez à luta, mas, às vezes, chega ao fim, entra nesse ciclo de desespero e fica completamente assustada. Eu fui a uma entrevista. Nós temos a entrevista, fomos a uma entrevista no Centro de Emprego, várias turmas. E, quando cheguei a casa fui logo à *net* inscrever-me e era só um e a maior parte das pessoas inscreveram-se. E eles, se calhar, não pensavam que a adesão ia ser assim, tão grande. Porque, eu às vezes vejo na *net*, vou ver isto, vou ver aquilo e procuro na área dentária, porque é assim, o problema da área dentária é que é muito complicado os horários. Ou é *part-times*, ou não dá, porque são horários que se sai muito tarde e para mim, neste momento, não dá. Porque, às vezes, eles saem às sete, às oito, às nove, eu tenho dois filhos e não tenho ajuda de ninguém. O meu marido também tem horários que não são assim, muito certos e eu não posso contar, não é? É que agora, a partir de agora, de uma certa altura, são aqueles horários que a pessoa não pode facilitar, porque já tem filhos, já tem outras responsabilidades. Enquanto a pessoa não tem é diferente.

115

120

125

Isso mudou, de alguma forma a sua relação com o trabalho, os filhos?

130

Mudar não. Eu acho que é assim, se as pessoas realmente vivessem os horários normal, só que eu acho que agora, hoje em dia, a pessoa já não vê o horário normal, é além disso, porque é produzir e tentar fazer. Eu vejo por mim própria, quem tem ajudas e puder ajudar, acho muito bem. Se eu também tivesse alguém que, se tivesse avós. Os meus pais não estão cá, estão em Trás-os-Montes, portanto eu não posso ter esse apoio, não posso contar com isso. À partida, a pessoa tem logo que ver, se tem rede é

135

outra coisa, agora, eles ainda são pequeninos, eu não vou deixar os meus filhos, já abdiquei de tanta coisa, não é? Que eu acho que chega a uma certa altura que a pessoa também que ver a realidade, não é?

Em relação ao trabalho propriamente dito, que lugar é que ele ocupa na vida da Beatriz? 140

Ah, eu gosto, porque é assim, quando estou a trabalhar, sinto-me outra pessoa. Principalmente, porque eu gosto imenso de lidar com público, de estar com pessoas, de conviver, de falar e sinto-me outra, porque é assim eu esqueço tudo aquilo... Porque é assim, eu quando estou a trabalhar, já em África era assim. Eu, em África, trabalhava numa empresa de importação e exportação e lá eu fazia um bocado de tudo, tanto era secretária, como se fosse preciso ir às lojas, ver como é que as coisas andam, eu fazia um bocado de tudo. Lá, não havia assim uma coisa fixa, era aquilo que a pessoa tivesse que fazer e as necessidades e aquilo tudo e eu acho que isso é muito bom. Uma coisa que eu gosto é lidar com público, falar, contactar e acho que a pessoa quando está ali, naquele trabalho, dedico-me àquilo, se for aquilo que eu realmente gosto, não penso em mais nada. Só se, por acaso, for das escolas a ligarem-me em relação aos meus filhos. Mas gosto de fazer e de me dedicar, porque eu acho que é muito importante e é isso que eu, às vezes, vejo as pessoas ou estarão desmotivadas ou não estarão realmente naquilo que gostam, como, às vezes, eu vejo vendedoras que têm assim uma postura não muito correcta, pouco pacientes, por exemplo. E, eu já estive naquele cargo, eu acho que se a pessoa estiver, tem que estar e que se dedicar, lutar e fazer, tentar. Pelo menos era isso, enquanto eu estive, era isso que procurava e que as pessoas gostavam. Por exemplo, na clínica onde eu trabalhei, principalmente as pessoas de uma certa idade, ehh, eu inclusive tive uma senhora, acho que era de uma certa idade, eu ajudava-a a tirar, ehh, ajudava-a a sair da cadeira de rodas, aquilo tinha uma rampinha e a senhora dava-me sempre gorjeta [risos]. Eu, uma vez até fiquei assim, e disse, “mas, eu não preciso de gorjeta” e ela, “oh, menina guarde a gorjeta, porque é muito atenciosa” e foi o que eu disse, “não, mas no nosso trabalho isso é fundamental”. E eu disse, “mas, há sítios que não querem que uma pessoa receba gorjetas, porque estamos a fazer o nosso trabalho”. E é o que ele diz, “eu acho que às vezes é um sorriso...”. E é o que eu digo, todos temos os nossos problemas, mas os problemas têm de ficar de lado quando se está a trabalhar. Às vezes, é muito complicado, mas uma pessoa tem que pensar sempre que tem que ser assim.

Essa dimensão, do contacto com outras pessoas, a Beatriz sente alguma falta disso, nesta situação? 170

Também, também.

Eu digo isto porque foi uma opção que fez, não é? Cuidar dos seus filhos, claramente colocou o papel de mãe acima do outro, mas que normalmente acaba por não ter justamente esse lado, o do reconhecimento, do contacto.

175

Sim. Por um lado, é assim, o facto de uma pessoa ser só mãe e dedicar-se aos filhos, por um lado é assim... A pessoa pode até dizer... Eu tentei fazer o melhor, eu sei. Porque é assim, hoje o mundo é muito cruel e mesmo, é assim, eu sei que a pessoa, mesmo em termos profissionais, é muito complicado o mercado de trabalho. Mas, por um lado, eu também posso viver essa recompensa através de, dos meus filhos, quando eu vejo que eles são felizes. É que eu vejo muitos meninos, é que ainda por cima faço parte da associação de pais, e vejo ali muita coisa, na escola onde os meus filhos estão inseridos, que eu acho que muitos pais despejam os miúdos, não vão até lá tentar saber. Por isso, eu acho que uma pessoa estando a trabalhar, fazia o mesmo. Tem que haver aquela necessidade para as crianças, porque eu acho que, hoje em dia, isto é uma brutalidade de tal maneira que as pessoas esquecem-se, às vezes, até da própria pessoa. E acho que as pessoas também têm que parar um bocadinho para pensar, não é? E dedicar-se, ou mesmo à própria pessoa, ou aos filhos, quem tiver filhos, não é? Porque eu acho que é importante para depois conseguir dar a volta, ou pelo menos, tentar. Porque, eu, às vezes, vejo, quando vou ao Centro de Emprego, eu neste momento já estou mentalizada que vou encontrar imensa gente. Muitas vezes, uma pessoa está ali, para ser atendida, é uma, duas horas, perde logo a vontade e quer vir embora. E é para pedir informações, é para saber como é que está em termos de cursos, de emprego, porque isto é tão escasso, em termos de saídas. Até, porque uma pessoa telefona e ou é porque tem habilitações a mais, ou é porque... Eu, agora, nem ponho, nem ponho... Ou a idade, perguntam logo a idade. Os filhos. É logo um corte.

180

185

190

195

Essa parte também me interessa, mas vamos abordar um pouco mais à frente, ou seja o modo como a Beatriz percepciona que o mercado de trabalho recebe um perfil como o seu. Mas, ainda relativamente à situação de desemprego e de trabalho, quando compara os seus quotidianos, quando trabalhava e estando desempregada, quais são as principais mudanças que identifica?

200

As mudanças, uma pessoa está a trabalhar tem uma rotina a cumprir, enquanto na outra situação é completamente diferente. Tem efectivamente também uma rotina, mas é uma rotina de levar os filhos à escola e depois ficar à espera deles, quer dizer, depois é tentar andar de um lado para o outro a ver se encontra alguma coisa, andar à procura, não é?

205

À procura de emprego?

Sim.

Isso ocupa-lhe muito tempo no dia?

[*Suspiro*] É assim, às vezes, eu perco-me um bocado, porque eu passo muito do meu tempo na *internet*, a ver, e às vezes, [*risos*] divago a ver outras coisas, do que mais propriamente... 210

Na Internet é muito fácil divagar.

Pois é. E perco muito tempo a divagar do que propriamente na parte da procura, porque tem outras coisas aliciantes para ver. E eu também gosto de saber, de divagar e, lá está, neste momento, a pessoa, quando chega a uma certa altura fica assim um bocado desmotivada e acho que acaba por divagar para outros horizontes. É como quem diz, “ok, neste momento, não vale a pena”, porque uma pessoa já sabe que é assim, porque, às vezes, a pessoa fica tão cansada de procurar que acaba por, não é desistir, é, se calhar, abrandar um bocado e dizer assim, “pelo menos, uma semanita vou-me dedicar mesmo só a mim e tentar ver”, porque eu vejo as caras das outras pessoas, quando estou no Centro de Emprego, vejo lá pessoas que dizem “que chatice” e ficam completamente desanimadas. A minha vizinha, que está na mesma situação, agora decidiu fazer um curso de massagem, de esteticista. Por acaso, foi uma coisa que ainda não me saiu totalmente, porque, pelo menos, uma pessoa tem outras abrangências, outros horizontes, outras saídas, porque ficar à espera de ver e de mandar currículos, acho que essa saída não, não... 215
220
225

Tem resultado?

Não, porque é assim, a partir de uma certa idade, a pessoa diz, “ah, tudo bem, mas eu já tenho, já tenho...”, é assim, de vendedora, tudo bem, estar numa clínica também. É que ainda por cima, aquelas áreas, daquilo que eu fazia, é o que eu digo, é muito escasso, acaba por haver muitas pessoas. Portanto, eu já ponderei também nisso, de fazer mesmo, especializar-me ou num curso técnico ou numa coisa qualquer. É que muitas vezes, também os empregadores não dão assim... Porque é assim, eu já tentei fazer um curso de contabilidade e secretariado, inscrevi-me, fui à entrevista, fui fazer psicotécnicos e tudo e não me chamaram. E eu só disse, “mais uma, mas há que continuar, há que lutar”, mas a pessoa fica assim, um bocado, às vezes, assim um bocado... Só que, lá está, quando se fica desanimado, quando vamos buscar os nossos filhos e vemos os nossos meninos, quer dizer... Por um lado, é assim, também temos a ajuda financeira do marido, porque se não, não dava. Era de uma pessoa ficar completamente, não é? Mas, quando eu vejo os meus filhos, a maneira como eles são, 230
235
240

por um lado também me dá alegria e penso, “há que continuar e andar à procura”, mas quebra muito. A pessoa quando tem aquele ritmo, já sabe que vai trabalhar, já sabe que vai estar a fazer aquilo, e que tem outras preocupações, tá sempre a ver o que é que vai fazer. Agora, estar assim, a pensar, não tem nada a ver com o estar ali, à procura. 245

A ideia de ficar em casa, a tomar conta dos seus filhos não é uma coisa que lhe passe pela cabeça?

Efectivamente, é isso que eu estou a fazer [risos].

Mas, está a pensar e a procurar alterar a situação, não é? 250

Pois, mas a partir de uma certa idade é muito complicado, não é? Porque se eu não encontrar mais nada, depois não sei. Não sei, porque eu não sou uma pessoa de desistir. Poderei, digamos, deixar arrastar algum tempo. Eu também digo isso porque é assim, os meus filhos também ainda precisam de mim. É neste momento que eles precisam de mim, mesmo o de nove anos, para fazer os trabalhos de casa, tem essa vertente, de ter a mãe em casa, o que é muito bom, porque a mãe acompanha-o diariamente, na escola, escusa de do o por num centro de estudos. Mas, eu acho que é importante ser mãe, mas não constantemente. Porque é assim, eles depois, a partir de uma certa idade, já não precisam de nós. E uma pessoa depois, se sente, de dia, sente-se em baixo. Por isso é que eu digo, enquanto eles precisarem de mim, mas eu também quero fazer qualquer coisa. Não quero dedicar a minha vida inteira só aos meus filhos, também quero novamente trabalhar. Nem que não seja um dia mais tarde, pelo menos daqui a uns quatro ou cinco ehheh, não sei, ter uma coisa minha. É um bocado complicado, mas... 255

É também uma possibilidade? 265

É, é uma possibilidade. Depende de dos meus pais me ajudarem [risos], porque de outra maneira não estou a ver, porque é muito complicado. Ou a pessoa tem já um determinado perfil, já um determinado, ehheh, digamos, formação em determinados trabalhos, para poder ingressar e arranjar qualquer coisa... Mas, eu tive, conheço uma pessoa que teve, foi delegada durante bastante tempo e já está há dois anos que não consegue. 270

Delegada?

Delegada médica, propaganda médica. E é muito... Cada vez... É assim, só que eu acho que, às vezes, também é falta de sorte, da entrevista, uma pessoa fazer a entrevista, quem está à nossa frente. Eu acho que isso também tem muito a ver, também. 275

Pensando na sua situação de desemprego, a principal vantagem? Estará relacionada com o tempo que pode dedicar aos seus filhos, o acompanhamento que lhes dedica?

Como?

280

Ou seja, o que estava a querer saber era uma vantagem que a Beatriz apontasse que tem a ver com o facto de estar desempregada?

Ah, sim, neste momento é vantagem, porque eu noto que eles precisam de mim. Por exemplo, o meu pequenino está sempre doente e o facto de o pequenino estar doente, também é uma coisa que não ajuda assim muito, não é?

285

Essa dedicação aos seus filhos, aconteceu ser a Beatriz a cuidar mais deles do que o seu marido, porque, por acaso, estava desempregada ou foi algo discutido?

Não, o pai também é, o pai também se dedica muito aos filhos, eh, nas horas que ele tem vagas. Porque ele, quando ele está em casa, é muito presente, dedica-se, brinca, sai, fala, estuda, principalmente com o mais velho. Porque, ele está poucas horas, mas as horas que ele tem, ele dedica-se, porque ele próprio também quer ajudar na educação, que é muito importante. Na educação dos filhos ele também está a par de tudo, dos filhos, eh, inclusive, há determinadas alturas que ele tem uma hora para almoçar, às vezes, vai buscá-los, para ir almoçar, vai fazer determinadas coisas com eles e eu acho que isso também é muito importante. Portanto, não é só a mãe, é a mãe e o pai.

290

295

Portanto, a Beatriz sente que se estivesse a trabalhar e houvesse a necessidade de partilhar mais as responsabilidades...

Ai, sim, sim, não haveria, não haveria. Não, porque isso já aconteceu noutra altura e havia ali um núcleo muito bem feito, muito bem coordenado. Não havia, eh, não, porque isso já aconteceu.

300

Ok, quando ficou desempregada, quando saiu da clínica, não é?

Hum.

Como é que imaginava que as coisas iam ser? Achava que podia ser muito difícil regressar ao mercado de trabalho? Achava que podia ser fácil? O que é que imaginou?

305

Achei que ia ser normal, imaginei que deveria haver problemas, visto que eu já tinha lá estado... está-se a referir ao sítio onde eu estava?

Estou-me a referir à fase em que o F. terminou aquele período de fisioterapia e Beatriz disse, “ok, é altura de voltar à carga”. Nessa altura o que é que pensou?

310

Seis meses e arranjo um emprego? Vai ser fácil, vai ser difícil?

Não, aí já comecei a ver, devido às situações, comecei já a ver, porque já via amigas desempregadas. Então, já achava que ia ser um bocado difícil. Mas, mesmo elas tá complicado. Mesmo elas... Por que eu vi... Depois a pessoa acaba por comentar e falar, inclusive, uma foi comigo à entrevista para a Era, fomos as duas. E ela manda também, às vezes, mandamos *e-mails*, vemos na *internet*. Às vezes, eu digo, “olha, vai, está ali qualquer coisa”, podes arranjar. Ou a mim, se alguém souber e isso tudo... Mas, é muito complicado. Na altura em que ela foi fazer agora, vai começar para a semana, eh, a fazer este curso, ela disse “se eu não tiver possibilidade mesmo, fico mesmo sem saída”, porque ela trabalhava num jornal, ela estava na parte da recepção e é muito complicado... A ela aconteceu-lhe como a mim, ninguém lhe dava satisfações, não lhe davam respostas, não lhe davam nada. É complicado. Ela desmotivava-se, depois eu animava-a e ela animava-me, era assim, mas, é complicado.

315

320

325

Pois, mas, então, percebeu que não ia ser fácil?

Sim, sim.

Falou-me de um conjunto de amigas que, por acaso, também estavam na mesma situação e a questão que lhe colocava tem justamente a ver com as suas redes de sociabilidade, contactos. Sentiu que, estando desempregada, há uma tendência para um maior isolamento?

330

Sim, sim, não tenho dúvidas. Estando a trabalhar, tem-se contactos, convivência, tem-se tudo. O dia-a-dia com as pessoas, depois o contacto com caras novas com colegas.

Como é que a Beatriz faz para procurar essa dimensão agora, que não está a trabalhar?

335

Ai, eu sou uma pessoa que não, não... Eu estou sempre a sair, também tenho carro para me deslocar, graças a deus. Portanto, eh, eu gosto imenso de ler e tenho de ter uma altura só para mim, um bocadinho. Neste momento, claro que também tenho as tarefas de casa, mas tenho tudo organizado, tenho um plano e tudo. Ora bem, no fundo, é também como se estivesse num trabalho. Claro que é diferente, mas não me coíbo de sair, vou ali, vou acolá, não paro. E, depois, em casa, tenho os meus horários para ir à *internet*, para ver, para pesquisar. Tenho tudo organizadinho. Depois tenho o meu filho para ir buscar, tenho de lhe dar de almoçar e eu tenho já, justamente, organizado, Tem que ser, se não, também não dava.

340

Mas, não dava porque não conseguia fazer as coisas?

345

Não, não dava porque não conseguia fazer as coisas todas. Porque vou buscar um,

depois, ao final da tarde, vai para a natação, outro vai para o karaté. E eu acho que as pessoas têm que ter um plano, para se organizar, se não... Então, quem trabalha, normalmente é mesmo assim, se não, não consegue fazer tudo.

Mas, então não sente, às vezes, que não tem nada para fazer, que é uma chatice?

350

Ai, não, isso não, não. Ocupo-me bastante.

Voltava agora à questão que estava a falar há pouco que tem a ver com a relação de procura que a Beatriz estabeleceu com o mercado de trabalho e falava-me, à pouco também, do modo como acha que o mercado percepciona as pessoas com uma determinada idade, quando têm filhos, etc. No fundo, quais são assim os grandes obstáculos que a Beatriz vê na sua integração profissional?

355

É a idade. Ponto um, idade e ponto dois é filhos.

A idade porquê?

Porque dizem que já, eh, começa a ficar a velha. Porque querem pessoas mais jovens, com outro dinamismo.

360

Já se confrontou com esse tipo de resposta?

Já, já, já. Gostam da minha aparência, mas a minha idade não coincide, eh. Isso já foi há bastante tempo, foi numa entrevista, para trabalhar numa loja, em que o senhor que me estava a fazer a entrevista disse logo, “peço imensa desculpa, mas já é um bocado velha”.

365

E acha que fez sentido esse tipo de explicação?

Acho que não. Porque, depois vim a saber que na própria loja estava uma pessoa mais velha [risos].

Mas, mesmo que não estivesse, ou seja, parece-lhe que esse argumento, da idade, tem razão de ser?

370

Não, acho que não. Depende da postura da pessoa, da apresentação da pessoa, da atitude, depende. Porque, infelizmente, vê-se pessoas muito jovens que não têm postura, nem apresentação e pessoas mais velhas que já têm, mesmo uma certa maturidade e assim, também tem muito a ver. Porque a pessoa pode ter quarenta anos, mas pode aparentar ser mais jovem, depende da apresentação, da postura, da imagem, tem tudo a ver.

375

O segundo ponto que referiu tem a ver com os filhos. Já constituiu um obstáculo o facto de ser mãe?

O facto de ter de dizer que, às vezes, os filhos estavam doentes, já. Mas, lá está, ninguém gosta que uma pessoa esteja a trabalhar e que meia volta falta por causa do filho estar doente.

380

Mas, também já lhe foi dito isso?

Não, assim, directamente não. Mas, eu sei que se passa com pessoas que eu conheço.

E perante essa situação o que é acha que a Beatriz faria, se fosse confrontada essa situação?

385

Teria que arranjar uma solução. O tempo que eu pudesse relativamente faltar, um, dois dias, depois teria que conjugar com o pai. Porque há uma coisa que eu também, eu não gosto de faltar, só mesmo o necessário, porque acho que uma pessoa quando está a trabalhar, tem que estar. E é assim, é muito complicado quando uma pessoa está a fazer alguma coisa que goste, tem que dar o máximo, tem que fazer aquilo que está a fazer. Uma pessoa, se é mãe, é mãe a tempo inteiro e tem que se dedicar. Se está a trabalhar, tem que trabalhar e tem que fazer aquilo que realmente gosta e não é estar a pensar numa coisa ou noutras coisas. Não é assim, não funciona.

390

Portanto, procuraria, de alguma forma, justamente, continuar a fazer o seu trabalho, conciliando-o o mais possível?

395

Sim.

Ok, então, esses são os principais obstáculos que percepçiona na sua integração no mercado de trabalho. No que toca à sua opinião sobre as políticas de emprego e a relação estabelecida com o Centro de Emprego, quando é que a Beatriz começou a frequentar o Centro de Emprego e o que é que esperava e espera?

400

Já foi há bastante tempo, foi logo, quando cheguei de África.

Na altura, foi-se inscrever, porque achava que a partir dali conseguiria um emprego, para procurar informações...

Sim, foi para saber tudo, para saber de tudo.

Nesse sentido, considera-se satisfeita? Ouse já, ali consegue obter as informações de que necessita?

405

Hum, não, não muito.

Mas, notou alguma modificação, desde a primeira vez que lá foi até agora? Mais pessoas, outros procedimentos?

Sim, mas continua, eh, em termos de... É assim, pessoalmente, não tenho razão de queixa, porque sempre fui bem recebida, sempre fui bem atendida. Agora, é assim, para chegar e ser atendida demora-se imenso tempo, mas sempre foi assim. Já há dez anos era assim.

410

Mas, no fundo, o que é que a Beatriz considera que o Centro de Emprego deveria cumprir? Deveria, justamente, ser o local a partir do qual é possível recolher todas as informações de que necessita? Deveria ser um meio de arranjar

415

emprego?

É muito complicado eles conseguirem também fazer alguma coisa, porque é muita gente e não conseguem dar vazão. Aí é que eles também dizem que nos compete a nós, sair, procurar, para a pessoa ir ver. Só que é complicado... Eles, às vezes, também queriam... Eu acho que eles também tentam, só que é muita gente desempregada. Então aqui, em Gaia, ui, ainda por cima vai lá tudo desaguar. É muito complicado.

420

Mas, perante isso, acabou por não me responder à questão, que é: quais são as funções que acha que o Centro de Emprego cumpre? Cumpre a função de atribuir formação? É uma estrutura que deve apoiar e orientar na procura de trabalho...

425

Pois, também, possivelmente eles deveriam ajudar mais em termos de saídas, informar mais dos cursos, para pessoa pensar, “ora bem, eu estava nesta área, mas isto não dá, então, vou partir, eh, vou-me inserir noutra”, tentar criar uma luz ao fundo túnel, para a pessoa poder ter outros horizontes e tentar ver outra saída. Eles, às vezes, fazem isso, mandam os cursos, mandam... Mas acho que deveria mandar mais, mas, também, lá está, eles também não podem... É que há determinados, há alturas que eu acho que, agora nem tanto, mas houve uma altura que havia determinados cursos que nós não sabíamos. Agora não, porque só ir lá, ao *site* e ver os cursos. Mas, antigamente, não tínhamos acesso, tínhamos que ir mesmo lá e ver. E é nisso que eu acho que eles deviam, informar, se calhar, um bocado mais, em termos de cursos, todos. Também, é assim, eles vêem consoante as habilitações das pessoas, porque se não era assim, uma discrepância enorme, não é? Ter lá pessoas que, com determinadas habilitações e com outras, não tem assim muito cabimento. Só que eu acho que eles deveriam alargar mais, informar mais nesse sentido. Para, possivelmente, saírem outras, eh, ter outras saídas. Porque, às vezes, as pessoas tentam, mas é através de informações, de pessoas amigas. Às vezes, quando corre melhor é através deles.

430

435

440

E no que toca às políticas de emprego, recentemente, ainda este ano, surgiu uma nova lei que rege a atribuição dos subsídios de desemprego, que modificou aquilo que se entendia por emprego conveniente, etc. Não sei se a Beatriz está a par disso, porque eu creio que foram esclarecidas as pessoas que estavam a receber subsídio e não é o caso da Beatriz, não é?

445

Não.

Mas, não sei se entretanto obteve alguma informação sobre isso?

Não, não.

450

Portanto, não foi chamada para nenhuma sessão de esclarecimento, no Centro de

Emprego?

Eu acho que não. Também já fui a tantas [risos] e a dada altura, uma pessoa até vai ficando baralhada. Mas, não, acho que não, não me recordo. Mas, é por causa da quinzenal, era isso que estava a dizer?

455

Também.

Ah, das pessoas terem de se apresentar. Ehh, eu acho que as pessoas...

Não é o caso da Beatriz?

Não, eu ainda cheguei a ir.

Ah, ainda chegou a ir?

460

Ainda cheguei a ir.

Entretanto, o seu subsídio terminou?

Exactamente, mas ainda cheguei a ir. Eu ainda fui a duas. Fui a duas. Quando essa nova lei saiu, eu fui logo das primeiras a ser chamada e ainda cheguei a ir.

E como é que encarou essa alteração?

465

Com naturalidade, aliás, acho isso muito bem, porque há pessoas que de facto deviam estar a trabalhar e a receber o subsídio de desemprego, como se isso fosse muito normal, não é?

Pessoas que estavam a trabalhar e a receber?

Exactamente.

470

E acha que dessa forma foi possível identificar esses casos?

Não sei. Eu não conheço ninguém que esteja nessa situação, por isso, não sei. Agora, acho bem o facto de fazerem isso, para tentar penalizar as outras pessoas, não é? Não acho correcto estarem a trabalhar e a receber, isso eu não acho correcto.

Finalmente, no que toca à relação que estabelece com a sua família ou mesmo com, não sei se tem vizinhos com quem se dê bem?

475

Sim, sim.

Como é que acha que a sua família, amigos e vizinhos a têm apoiado nesta situação. Tem-se sentido apoiada por essas pessoas?

É muito complicado, porque cada vez mais... Eu relaciono-me com uma vizinha que é enfermeira e cada vez conheço mais pessoas, nomeadamente na família, primos, sobrinhos... Por isso acho que as pessoas acabam já por, não é habituar-se, mas pensam, "olha, mais um". Cada vez há mais pessoas, infelizmente, nesta situação, de desemprego. Acho que já se encara com naturalidade.

480

Portanto, não sentiu, de alguma forma, alguma visão crítica, por estar desempregada?

485

Ah, não, não, não.

Nem nunca se sentiu alvo, ou incluída naqueles comentários que às vezes se tecem, “só está desempregado quem quer”...

Isso, a mim, não me afecta. Porque eu acho que nós temos que, é assim, acho que se pessoa estiver tranquila e lutar sempre, acho que acaba por não nos afectar. É assim, eu tenho a consciência bem tranquila, portanto, eu estou a tentar fazer o melhor, eu estou... Portanto, não me afecta minimamente, não é? Porque o que eu acho realmente importante é a pessoa fazer o que achar melhor, não é? 490

Mas, acha que é o tipo de imagem que faz algum sentido?

Não. Até porque eu sou uma pessoa assim, sou bastante comunicativa, mas em termos de abordagem também, não, não... Da parte das pessoas também não há, bom não é assim com todas as pessoas. Tento ser simpática, correcta e educada, mas a minha vida e o que se passa à minha volta nem qualquer pessoa sabe. 495

E por parte da família, referiu-se à pouco que não poderia ter o apoio que algumas pessoas têm, porque vivem longe, não é? De alguma forma, estão também distantes para accionar algum tipo de conhecimentos que pudessem ter, no sentido de saber se estão a precisar de alguém num determinado sítio, etc? 500

Ehh, eu teria... Lá está, [risos], porque em Trás-os-Montes eu já estaria a trabalhar, se estivesse a viver lá, porque o meu irmão está muito bem posicionado e o meu pai também tem relacionamentos que não tem aqui, infelizmente. [Risos] Eu lá, de certeza, que já estaria a trabalhar, só que através de conhecimentos, lá está. Aqui é diferente, é completamente diferente. 505

E sente essa diferença, não é?

Um bocado. Nesse aspecto, não tem a nada a ver. 510

Para concluir a entrevista, pedia-lhe para de uma forma sintética, identificar as principais razões pelas quais acha que ainda está desempregada? São razões relacionadas com o perfil e a situação que tem ou também relacionadas com o mercado de trabalho, a procura ou não procura na área que a Beatriz quer. A que é que acha que se deve? 515

[Pausa] Não sei. Sinceramente, essa é... Não sei. Porque, digamos que quando uma pessoa, é assim, neste momento quando eu mando ou vejo, eu neste momento já faço um bocado de tudo, seja para uma coisa ou para outra, eu já fiz. Só que é muito complicado, porque as saídas são praticamente nulas. Para trabalhar numa clínica dentária ou para trabalhar em consultórios, para trabalhar seja o que for, porque basicamente é isso que eu tento mandar e procurar. Ou até em lojas com horários, 520

digamos, normais [risos], horários, aqueles horários tradicionais, porque, por exemplo, em centros comerciais é um bocado complicado.

Não lhe é possível trabalhar por turnos?

Por turnos era muito complicado, porque eu tenho ehhe. É assim, eu não me importaria, até gostava imenso, mas era se os meus filhos tivessem outras idades, não é? Porque eu não vou deixar os meus filhos sozinhos. Eu gostava, não me importava, não é por mim, só que eu tenho duas crianças que eu não as posso deixar, porque eu não me importava, não me importava. Eu gosto de centros comerciais, eu não me importava, pelo contrário, eu gosto imenso de conviver, mesmo que seja em ambientes fechados, eu não me importava. Agora é complicado, porque esses horários tem que uma pessoa ter ou um marido com uns horários completamente livres, o que não é o caso do meu. É muito complicado, não é?

E depois há os fins de semana?

Pois, também. Ele trabalha aos fins de semana.

O horário é o critério a que Beatriz presta mais atenção quando procura emprego?

Também, também.

Como é que vê assim o seu futuro, no curto médio e longo prazo?

É assim, neste momento, precisamente neste momento, acho que não há assim muitas saídas. Talvez futuramente, mas neste momento, acho que vai ser igual. Agora, futuramente, criar, porque eu tenho aí umas ideias. Porque eu acho que se não formos nós, se não for eu, no meu caso, eu acho que é muito complicado estar à espera é muito difícil. Estar à espera que nos digam alguma coisa é impossível.

Esse horizonte de futuro está também relacionado com os seus filhos, ou seja esperar que eles cresçam o que permite à Beatriz fazer outro tipo de coisas, ou não tem a ver com isso?

Também, tem também. Porque, é assim, já que estou nesta situação... Porque isto também depende tudo daquilo que me aparecer. Se não me aparecer, então, porque não? Porque eu também não sou de ficar de braços cruzados. E não, porque, no fundo, eu também gosto de ter o meu próprio, eh, digamos, de ter as minhas coisas, o trabalho, mas ser eu também, a lutar e a ter e a querer e a criar e a fazer por isso, não só estar à espera que venha da outra parte. Neste momento, é assim, é isso, mas é por causa dos filhos. Mas, depois os filhos, noutra vertente, aí... Por isso, é que eu digo, se não arranjar nada, eu vou à luta. À luta nesse sentido: tentar ver ou fazer um curso, se calhar prático, que me possa dar assim outras saídas. É nisso que eu ando a tentar ver,

neste momento escolas, ver saídas que têm. Ou se massagens, porque agora tá muito na moda os *spas*, também tá muito na moda determinadas coisas, mas também pode ser muito fugaz, não é? Porque depois também começa a haver mais pessoas... ehh, mais massagistas que massajados [*risos*]. Portanto, tem que uma pessoa ver tudo isso. Eu tento, ver, estar atenta, informar-me, para depois, na altura tentar fazer. Porque se eu estiver à espera que me chamem ou isso, ah, não. Não é por aí!

560

Portanto, admite, então no futuro uma reorientação profissional?

Sim, sim, sim. Eu não sou pessoa de ficar de braços cruzados. Posso estar, digamos, adormecida, até porque a vida o permite, digamos, entre aspas. Mas, depois, tenho que lutar, porque os filhos começam a crescer e a vida é muito complicada, mesmo só com ajudas e com tudo tem também que a pessoa tentar fazer. E o ego pessoal da pessoa também é muito importante.

565

Isso é importante para a Beatriz?

Muito, muito. Sempre foi assim, já quando eu andava a estudar... Mas, são opções, aliás, tudo o que eu fiz são opções. E o facto de eu não ter... Eu sei que há pessoas que me criticam, de eu, de facto, ter abandonado o meu curso, mas eu abandonei porque vi outros horizontes. Se calhar, ou um bocado, digamos, ambiciosa. Comecei um bocado mal, mas não fiquei arrependida, porque eu vejo as minhas colegas, que tiraram o meu curso, há dois que estão muito bem, o resto estão a trabalhar em coisas que não têm nada a ver. Portanto, ehh, hoje a minha mãe diz “por que é que não acabaste o curso? Por que é que não o vais acabar”. Porque, mesmo hoje, se eu acabar o meu curso as áreas são precárias, porque não tem saída. Por isso, a pessoa não pode ir por aí. A pessoa tem que tentar ver naquilo que pode... Porque, hoje dia tá tão complicado, que a pessoa tem que ver... Até pode ser cursos, mas que têm saída.

570

575

580

Eu não tenho problemas de fazer seja o que for, desde o momento que tenha saídas e digamos que profissionalmente tenha saídas, eu acho que isso é o importante. Porque, se não, é muito complicado, a pessoa fica ali...Eu tenho amigas que desmotivam muito e principalmente porque... Eu, por acaso, tenho essa sorte, estou financeiramente mais ou menos, o que me permite...Mas, eu tenho uma amiga que só o salário do marido é muito pouco e fica muito complicado, muito complicado, porque ele não ganha assim tão bem quanto isso e ela... Eu fiquei assim um bocado, ehhh, foi o ano passado, numa das, lá está, foi quando me chamaram, no Centro de Emprego, nesta das quinzenais, e o senhor foi hilariante, o monitor, porque eram pessoas todas desempregadas, muitas não estavam a receber o subsídio. Ehhh, não, acho que não, peço desculpa, estavam todas. E ele começou a dizer, “vai começar isto, vai começar os computadores” e vai

585

590

assim uma senhora, porque uma pessoa tinha que ter provas, se for chamada para ter, eh, e uma senhora que estava ao lado disse, “isso é treta”. Porque, de vez em quando, tem que haver, ele disse “vão ser chamadas e têm que mostrar provas” e eu na minha inocência disse, “mas as pessoas têm provas, vão ver as respostas e tal”. E ele disse, “pois tem que registar isso tudo numa *pen*” e a senhora disse “o senhor deve estar a brincar comigo? Eu estou desempregada, eu não tenho computador e vou ter uma *pen*, para quê?” [risos]. Quer dizer, ele estava a lidar com pessoas desempregadas que nem todas as pessoas, é que ao fim e ao cabo, nem todas as pessoas têm as mesmas possibilidades financeiramente. É que eu, se calhar, tinha possibilidades, mas nem todas estão assim. Temos que ver isso também. Há pessoas que podem, mas há outras que não podem. Há pessoas que é muito complicado. E eu tenho noção disso e foi o que eu disse, “isso é muito bonito, falar, mas se a pessoa não procurar, não tentar nada”, porque eu vejo por essa minha amiga. Ela agora vai fazer um curso e o curso tem que ser ela a pagar e vai fazer um empréstimo. É muito complicado. Um empréstimo! Eu não sei de quanto é que é o curso, mas ainda é bastante, é cerca de cinco mil euros, eu não faço bem ideia, não sei se é quatro mil, mas sei que é assim que ela disse, “eu vou ter que pedir”. Eu até fiquei assim, de boca aberta, e até lhe perguntei, “mas, será que isso terá mesmo alguma saída para ti?”, porque eu acho que é tudo muito bonito, mas se a pessoa não tiver vocação, se a pessoa não tiver umas boas mãos para fazer massagem, para fazer depilações, a pessoa vai voltar a ficar outra vez na mesma, digo eu. Lá está, por acaso, até é uma coisa que gosto. E foi giro, porque ela ouviu de mim. Eu é que não disse nada, porque pensei essa ideia ainda vou esquematizar melhor e ponderar, porque é assim se eu não vir mais nada, outros horizontes, nunca se sabe. A pessoa não pode é ficar adormecida, ficar à espera. Agora tem que andar a ver, ver os jornais e a *internet*, mas uma pessoa também vê cada vez mais... É que o nosso dia-a-dia é muito caro e eu vejo as pessoas sem possibilidades para depois irem fazer massagens, não é? Mesmo as depilações nem todas as pessoas fazem.

A Beatriz considera que essa privação financeira que as pessoas sentem quando estão desempregadas é um factor...

Sim, sim, sim. Inclusive, no nosso núcleo, eu noto que há pessoas completamente desprotegidas, no sentido de desanimadas, completamente... Para já, porque as pessoas estão todas, digamos, no mesmo barco. Uma vez vi uma reportagem, de uma senhora que estava, eu nem sei se foi na TVI, de uma senhora que estava desempregada, que também já estava à procura há um ano e tal e ela disse, “eu nem

gosto de andar bem vestida, porque as pessoas pensam, se tá desempregada tem que andar mal vestida” e não acho isso correcto, porque o ego da pessoa também que andar bem. Eu ri-me, até porque eu gosto de andar, uma pessoa também tem que andar minimamente. Agora, porque está desempregada tem que andar feito um trapo, já viu?

630

Mas, já sentiu esse tipo de crítica?

Não, por acaso, comigo não. Mas, uma amiga minha, que está desempregada, e já me disseram, “ah, ela anda toda airosa, toda...” e eu disse, “pois, ainda bem, porque é bom andar assim, é muito bom. Pior é ver a pessoa completamente de rastos, completamente desmazelada”. Se andar sempre desmazelada, então, aí é que não arranja mesmo.

635

Beatriz, eu já perguntei o que tinha pensado, não sei se quer acrescentar alguma coisa ao dissemos?

Não, já falei muito [*risos*].

640

Não. Então, muito obrigada.

641

Fim de transcrição

ANEXO 2.3.

Transcrição da Entrevista C - *Clara*

Entrevista C - Clara

Entrevistadora – Eu começava justamente por pedir à Clara alguns dados mais biográficos, a idade que tem?

1

Clara – Quarenta e nove.

Tem quarenta e nove anos. É casada?

Sim.

5

Tem filhos?

Sim.

Quantos filhos é que tem?

Tenho três.

Três filhos?

10

Sim. Dois estão comigo, são solteiros. E tenho uma filha casada.

A Clara vive com mais alguém?

Sim, tenho o meu pai.

Vive consigo?

Sim.

15

E relativamente ao percurso profissional da Clara, como é que foi? Com que idade é que começou a trabalhar?

Comecei a trabalhar na casa que vim agora embora?

Sim.

Tinha quinze anos, ia fazer dezasseis.

20

Começou a trabalhar com quinze anos, portanto?

Quinze nessa casa, porque já tinha trabalhado noutras.

Já tinha trabalhado noutras casas...

Mas a descontar e essas coisas foi nessa casa.

E antes de começar a descontar, como é que foi?

25

Era numa costura, assim, coisas, pronto. Mas, depois fui para a litografia e fiquei lá até agora.

Então, estudou até que ano?

Só fiz a quarta classe.

Fez a quarta classe...

30

Depois, ainda fui para o quinto ano que, dizia-se era a quinta classe, mas não segui.

Mas, porquê?

Por opção também [risos]. Não tinha muito gosto na escola.

E, portanto, deixou a escola e começou a trabalhar. Disse-me que começou por fazer alguns trabalhos de costura?

35

Sim, era, prontos num *atelier*. Mas, depois saí e fui para a litografia. Já lá trabalhava o meu irmão e depois fiquei lá, desde os dezasseis até agora. Trinta e dois anos.

Como é que conseguiu esse trabalho? Foi através do seu irmão?

Sim. Soube que precisavam de alguém.

O que é que começou por fazer lá?

40

Eu entrei em Janeiro e fazia dezasseis anos em Abril.

E quando chegou lá, era uma empresa grande?

Sim, era a litografia nacional. Era uma casa grande e prontos, encontrei-me bem e deixei-me estar até...até agora.

Fez sempre o mesmo trabalho?

45

Foi. Quer dizer, agora aquilo mudou um bocadinho. Depois fechou, era na rua D. João IV, depois fechou... Tinha duas casas, tinha outra na Boavista. Fechou a de D. João IV e fomos para a Boavista, na rotunda da Boavista, a litografia Lusitânia. Depois, estive lá até agora, porque fui dali para lá. Muitos nem quiseram ir, porque aquilo começou a ficar cada vez pior, cada vez pior. Depois, ainda foram alguns mudados para a Maia e eu acabei por vir embora e maior parte das pessoas também.

50

Quando diz “cada vez pior” é no sentido de terem pouco trabalho?

Sim, pouco trabalho e começou a ser muito pessoal para o trabalho que era e reduziram ao pessoal e viemos embora.

A Clara gostava do que fazia?

55

Sim. Estava lá há tantos anos... Eu tava na cartonagem.

Em que é consiste?

A cartonagem é assim, fazíamos caixas para as embalagens, fazíamos aqueles *placards* para as farmácias. Pronto essas coisas assim. Nós gostávamos. Já andava lá há tantos anos, não é?

60

Do que é que sente mais falta?

Hmmm, de sair de casa e ter os colegas. Quando tava tudo bem, porque agora também tava tudo mal e uma pessoa já andava pior, já tava tudo a entrar em depressão, não é?

Portanto, isso durou algum tempo?

Sim, foi muito tempo. Depois, algumas ainda foram para a Maia e eu achei que era muito longe e resolvi logo ali o meu problema. Elas também foram para a Maia, mas logo passado meio ano já estavam na rua também. É o costume...

65

Por que é decidiu não ir para a Maia?

Porque achei que era muito longe, não tinha transportes. Eles vinham buscar as pessoas, mas prontos. Já tinha tantos anos de casa e via que aquilo não tinha futuro nenhum. Eu vi logo que não ia ter futuro nenhum. Lá está, era mais meio ano. As outras vieram todas embora.

70

A Clara trabalhou lá, então?

Trinta e dois anos.

E, quando, entretanto, fechou, ficou desempregada, não é?

75

Fui para o desemprego e ainda estou pelo desemprego.

Isso foi há quanto tempo?

Fez três anos.

Fez três anos. E, na altura, quando...

Agora estou com aquele, ehh, suplemento...

80

O subsídio social?

Sim, mais ano e meio. E pronto. Talvez a reforma, se ma derem [risos]. Ou a pré-reforma.

E, quando ficou desempregada o que é pensou? Ficou conformada? Achou que ia ser complicado? O que é que pensou?

85

Não, quer dizer, na altura, a minha filha tinha tido um bebé e eu disse-lhe já que estou por casa, deixa-o cá que eu olho por ele.

Então, substituiu uma coisa por outra?

[Risos] Sim, ao menos ele veio para me distrair um bocadinho e prontos... Ainda agora, para eu vir aqui tive que ir pô-lo na outra avó.

90

E relativamente à actividade profissional, a Clara achava que ia encontrar outro emprego?

Não... Achei que nós não somos velhas, mas as pessoas já nos acham velhas para trabalhar.

Portanto, tinha a noção que...

95

Tinha, tinha. E veja, já cheguei a ir pedir emprego e ninguém quer com a minha idade. Depois, também tenho um bocadinho problemas de saúde... Osteoporose.

Mas, ehhh...

Eu, agora, ultimamente, também faltava muito, porque tinha muitos problemas numa perna. Tava a faltar muito ao trabalho também. Tava já com baixa e assim. Não podia estar muito tempo de pé e o nosso trabalho era todo dia de pé. Foram muitos anos sempre em pé, nove horas seguidas sempre em pé. E depois arranjei um problema

100

numa perna e... [Toque de telemóvel] Ah, é o meu. Estava tão distraída que nem o desliguei.

Podemos parar para a Clara atender.

105

Não. É melhor desligar.

Estava, então, a falar que o seu problema na perna limita um bocadinho o tipo de trabalho que poderá fazer?

Sim. Agora em questões de saúde, também tou um bocadinho mais, mais, eh...

Debilitada?

110

Sim, sim.

Disse-me que em comparação com o tempo em que trabalhava o que mais sentia falta era de estar com os colegas...

Sim, sim.

Essa é a principal mudança que nota da...

115

Sim, sim. Em casa, pronto, tenho um neto para me distrair, mas mesmo assim... Pronto, e tenho muito a vida de casa, porque é tudo homens em casa [risos] e dediquei-me mais em casa.

Mas, já era quando a Clara trabalhava ou nessa altura as tarefas dividiam-se?

Sim, sim. Já era, mas agora eles, eh... baldam-se mais um bocado [risos].

120

Ai é?

Eles apanham-me em casa, não é?

Mas, sempre conseguiu conciliar com facilidade o trabalho de casa com...

Oh, era um bocadinho difícil, até porque são dois gémeos, que já foram pequenos. Agora já são grandes, mas eu acho que quanto maiores, pior. Eles têm dezassete anos e é uma idade um bocadinho, eh... complicada. Como se costuma dizer, é a idade da estupidez. Mas, pronto, já foram crianças, ia levá-los ao infantário e essas coisas todas, pronto, passei por isso tudo.

125

Hum, hum. E o seu pai, ele mora há muito tempo com a Clara ou é uma situação recente?

130

É assim, o meu pai, eh, a casa dele é mesmo ao lado da minha e ele só vai lá dormir, mais de resto fica lá em casa. Só vai lá dormir, porque está viúvo há, vai fazer vinte anos e eu vivi muitos anos com ele, mesmo depois de casada. Depois, arranjei uma casinha mesmo ao lado e, então, ele come e convive com nós.

Mas, sempre foi assim, desde que o seu pai ficou viúvo?

135

Sim, sim.

Se tivesse de identificar assim uma das vantagens de estar desempregada, em

vez de estar a trabalhar, qual é que era?

O que eu gostaria de fazer?

Ehh, a vantagem que tem não estando a trabalhar...

140

E o que é que gostaria de fazer, é isso?

Sim, o que é que a Clara gostaria de fazer?

Por exemplo, num infantário. Que foi sempre o meu sonho, mas nunca...Prontos, nunca tive essa oportunidade. Mas num infantário gosto. Gosto muito de crianças.

Não pondera fazer uma formação nessa área?

145

Não, quer dizer, lá está, acho um bocadinho, eh, com a minha idade, eh, complica um bocado.

Em relação a isso, à formação e à escola, a Clara disse-me que não gostou muito de estudar.

Nunca gostei muito.

150

Mas, os seus filhos continuam a estudar?

Ah, sim. Tenho dois gémeos. Tenho um no décimo segundo ano e outro no décimo primeiro, porque ele ficou repetente no oitavo, então, está um ano mais atrasado que o irmão. Porque eles são gémeos e devia estar ao par do irmão. Andam os dois na escola, ali...ehh, em Mafamude, no liceu.

155

A Clara acha importante a escolaridade deles?

Acho, acho, acho. Acho que sim. E hoje em dia quem não tiver, é o que eu digo, quem não tiver um bocadinho de formação.

E acho que no seu caso poderia ser um pouco diferente?

Se tivesse mais formação, sim. Agora, ir fazer assim desta idade já não me puxa muito. Sim há pessoas, que eu vejo na televisão, pessoas que com mais idade do que eu e fazem. Mas eu não me puxa muito.

160

Hum, hum. Quando ficou desempregada, notou assim algumas mudanças quanto à forma como se relacionava com a sua família, mesmo aos vizinhos e amigos?

Hum, vizinhos não. Eu passo muito tempo em casa. Agora, assim, à família, acho que dou mais atenção. Por exemplo, os meus filhos vêm da escola, vêm ter a casa, sempre têm a mãe em casa. Acho que é diferente.

165

E isso avalia como positivo?

Nesse sentido, sim.

Do ponto de vista do seu dia-a-dia, tinha uma rotina, não é?

170

É isso, uma pessoa nos primeiros tempos sente um bocadinho isso, porque começa-se a ficar muito tempo em casa. Prontos, porque eu tenho amigas que não passam assim

tanto tempo em casa, mas também não têm a família tão grande como eu. Tenho que passar mais em casa.

Mas, elas fazem o quê?

175

Elas vão, por exemplo, ao café. Coisas que eu isso já não faço, mas vão. Eu também não gosto de cafés. Elas gostam de cafezinho, vão. De vez em quando é que marcamos, mas é uma vez por ano, encontramos-nos todas e já temos ido assim, lanchar e passar uma tarde.

Essas amigas que refere são colegas de trabalho?

180

Sim, da mesma idade e dos mesmos anos de casa.

Exacto. No início, então, foi complicado ajustar-se ao quotidiano?

Sim, foi diferente. Mas, agora é outra rotina e sempre, eh, eh, eh, prontos, para a frente.

Como é que é um dia normal?

Prontos, eu levanto-me às sete da manhã, porque os meus filhos vão para a escola às oito e eu levanto-me para chamá-los, ajeito-lhes o pequeno-almoço e, depois, pronto, eles vão e eu começo a fazer as minhas tarefas de casa. Às oito e meia já vem o meu neto e pronto estou em casa assim. Tomo conta dele e estou em casa.

185

Tem alguém com quem conversar?

Eles, às vezes, vêm. Ainda hoje tive um que veio comer a casa, o meu pai, por acaso, também veio comer a casa. Hoje, a minha filha estava de folga, apareceu também em casa.

190

Preenche assim o seu dia, não é?

Hum, hum.

Há, assim, também uma mudança que decorre disso que me está a dizer. Tem a ver com o facto de quando saía para trabalhar estar com a suas colegas e com outras pessoas, estando em casa, os contactos com outras pessoas são mais reduzidos. Sente falta desses contactos? Sente-se mais isolada ou está melhor assim?

195

Eu acho que se não tivesse o menino, sentia mais falta. Agora, com o menino é uma rotina mais... Estou sempre à espera que ele venha, aquela coisa. Agora não sinto muito. Sinto-me bem.

200

A Clara disse-me também que gostava do trabalho que fazia. Era importante para a Clara sentir-se útil, quando estava a trabalhar?

Sim, sim.

205

Sentiu algo contrário deixando de trabalhar? Ou sente-se igualmente útil nas tarefas que desempenha actualmente?

Quer dizer, há dias de tudo. Há dias que se a gente se puser a pensar... Pensa, mas afinal, estamos só em casa, não é? E é assim, o trabalho de casa, por muito que a gente faça... [risos] parece que anda sempre a fazer o mesmo e pessoas não dão aquele devido valor, não é? Costuma dizer-se que o trabalho de casa não se vê. E, depois, não se ganha também. Porque, agora, ainda vou ganhando algum. Mas, já estou a pensar quando menino crescer não é. E acho que estes últimos tempos que estou-me a sentir pior.

210

Hum, hum.

215

Porque, prontos, ainda fui ajudada pelo fundo desemprego, não é? Estou a ser ajudada. Mas, quando não, ehh, acho que está a acabar. Tenho que depois me informar o que é que eu tenho que fazer para...

Mas quando fala dessa questão financeira refere-se ao facto de desse montante que a Clara está a receber...

220

Além de fazer falta, acho que nós depois também nos sentimos, assim, inúteis.

É importante...

Ganhar algum, sim, acho que sim.

Mas, sente essa expectativa por parte do seu marido, dos seus filhos ou é algo que vem mais da Clara?

225

Não, por princípio, sou eu. Mas, vamos indo e vamos vendo o que é que se pode fazer.

Os seus filhos e o seu marido o que é que dizem? Incentivam-na a procurar trabalho a ficar por casa? Como é que é?

Ehhh, pronto, acham que é difícil. Quer dizer, as pessoas agora, o que estamos a ver é que pessoas estão mesmo mentalizadas mesmo que esta idade já ninguém nos quer para nada. Para fazer nada, não é?

230

Mas, já teve essa experiência, Clara?

Já, na altura, ainda cheguei a pedir, mas olhando para a idade já não querem.

Como é que a Clara costuma procurar trabalho? Ou foi uma coisa que já fez e, entretanto, deixou de fazer?

235

Sim, já fiz, já. Já procurei, mas depois, pronto, uma pessoa acabou por... Esperava e seja o que deus quiser.

E como é que procurava, na altura? Via nos jornais?

Sim, era. Cheguei a ir ao fundo de desemprego, tem lá o jornal e cheguei a ver e assim.

240

E respondia?

Sim.

Mas, chegou a ser chamada para alguma entrevista?

Nada, nada. Não.

Portanto, essa interpretação que faz, em relação à idade, é sua? Ou seja, nunca lhe disseram directamente que era por isso? É uma interpretação que a Clara faz?

245

Não, até porque é assim, a gente agora tem um papel do fundo de desemprego e as pessoas põem-nos o carimbo e dizem logo que não dá. Olham para a nossa idade e acham logo que não dá.

Essa mudança foi recente? De ter de procurar emprego?

250

Foi, foi.

Como é que foi? A Clara foi chamada ao Centro de Emprego.

Sim, fui chamada ao Centro de Emprego e explicaram mesmo tudo e deram-nos um papel para quando a gente fosse pedir emprego. Mas, até ver, ainda ninguém me pediu esse papel. E, tenho uns papéis, que é estes [*mostra a capa que tem na mão*] para entregar de quinze em quinze dias, para vir aqui, à junta. Todos os quinze dias, pronto.

255

Mas, as explicações que lhe deram, então...

E perguntaram, se queria ir fazer cursos e essas coisas todas.

Perguntaram isso?

Sim.

260

E a Clara?

Na altura, disse que ia ver.

Mas, portanto, então, tem de apresentar de quinze em quinze dias...

Aqui. Isso é obrigatório mesmo.

E disseram-lhe que tinha de procurar...

265

Emprego.

Disseram-lhe quantas, ehh, o número de procuras que tinha de fazer?

Olhe, eu, ehh, é como eu digo, na altura, disseram, mas eu nem botei muito sentido, porque [*encolhe os ombros*].

Mas, para cumprir com isso tem ido às empresas?

270

Sim, mas de qualquer das maneiras, tenho lá dois carimbos só. Só fui a dois lados.

Como é que foi essa experiência? Eram sítios que já conheci?

Sim. Na altura, até foi a uma casa de roupas que fui.

E explicou por que é que estava lá?

Sim, porque a minha filha andava a pedir para ela. Oh! E iam dar à mãe?! Não davam à filha, com vinte anos.

275

Mas, não puseram obstáculo no carimbo?

Não. Isso puseram, porque não estão interessados na pessoa.

Disseram-lhe isso, na altura?

Sim.

280

Então, em relação ao mercado de trabalho considera que a idade é o principal obstáculo para arranjar emprego?

Sim.

Em relação ao Centro de Emprego, esperava outro tipo de apoios? Está satisfeita com o apoio que teve?

285

É assim, prontos, eu já tou assim por casa e prontos já me habituei. Agora, por exemplo, andei com a minha filha, que também teve pelo desemprego e acho que o desemprego, que falam muito em ajudas, mas acho que também, mesmo aos jovens, não ajudam nada. Porque, por exemplo, a minha filha tem o nono ano, não tem mais, mas tem o nono ano e esteve um ano pelo desemprego e andou sempre lá a ver os cursos que tinham para fazer. E os cursos que tinham para fazer, para quem tinha o nono ano não dava, ainda não tinham saído e não sei quê, não sei que mais. Quem tinha a quarta classe, então saíam os cursos, mas para ela que já não dava. Depois, acabou por se ter inscrito num curso, só que já não tinha direito ao desemprego e depois não tinha direito a ganhar nada. Não ganhava, para ir para o curso e não podia arranjar emprego, naquele tempo que estava no curso. Quer-se dizer, ela acabou por não ir. Porque, ela até, para ela era bom esse curso, mas antes esteve pelo desemprego, porque prontos estava a ganhar algum e ia fazer o curso que era, acho que era de vitrinista e ela ia gostar. Não, só deram oportunidade depois de ela já não poder ir porque já tinha acabado o desemprego e não ia... Ainda tinha que pagar carros e o comer. Onde é que ela ia buscar o dinheiro para essas coisas todas? E não podia arranjar emprego naquele tempo que andava no curso. Ela, depois inscreveu-se pela Internet e apareceu-lhe emprego. Agora, está ali, naquele *shopping* novo, no P., no T..

290

295

300

A sua filha ficou desempregada, pouco depois de a Clara também ter ficado?

Depois, foi depois. Foi há um ano, mais ou menos. Teve direito a um ano de desemprego, não é? Porque é nova e ela estava a trabalhar e também foi a mesma coisa. Quer-se dizer, fechou uma casa e essas pessoas foram para o desemprego e ela ainda estava noutra, que eu nem sei se conhece: a casa P., no Porto, de roupas, em Sá da Bandeira?

305

Hum, hum.

310

Depois, começou a ficar mau também em Sá da Bandeira. Ela era a mais nova... A patroa falou com ela, pagou-lhe os direitos e ela veio para casa. Ficou desempregada.

Ela tinha um menino pequenino? Foi nessa altura ou depois?

Não, já tinha, já tinha. Ela ainda trabalhava quando o teve, porque eu já vi embora há três anos, por isso menino já tem, ehh, tem dois anos.

315

Para além do caso da sua filha, tem mais pessoas conhecidas que estejam desempregadas?

Tenho as minhas colegas que se queixam do mesmo que eu. Ninguém lhes quer dar trabalho, porque elas têm a mesma idade que eu. Mas, eu acho é que os novos, acho que o desemprego não está a ajudar muito, nesse caso.

320

Acha que as pessoas têm mais dificuldade para organizar a vida delas?

É verdade, acho que sim.

A Clara deixou de fazer algumas coisas que tinha planeado por ter ficado desempregada?

Ehhh, não, acho que não. Eu acompanho até mais o problema da minha filha, porque é jovem, tem uma casa, a renda a pagar. Eu, por acaso, não tenho renda a pagar. Aí facilitou-me muito, porque se eu tivesse uma renda e uma casa a pagar eu tinha que me desenrascar, porque mesmo com o desemprego era pouco. Mas, pronto, como eu não tinha... Agora, ela não. Tem uma renda para pagar e andou aí sempre a arranjar emprego, a arranjar, a arranjar, a ir às entrevistas. Currículos, entrevistas, currículos, entrevistas... Já estava a ficar farta. Mas, prontos, agora deixa ver, ela arranjou. Porque, depois metem e é só para férias, é só para ehhh, é mais um mês, depois vêm embora e fazem assim. E as pessoas são novas para estar em casa. Com vinte e cinco anos. Por isso, eu acompanhei assim um bocadinho a situação dela e está muito pior que eu, não é?

325

330

335

O marido da Clara trabalhou sempre?

Neste momento, ele também esteve pelo desemprego. E agora está a trabalhar por conta dele, para já ainda não... Ele é canalizador.

E quando ficaram os dois desempregados, ficou preocupada?

Ele ficou primeiro do que eu, depois fiquei eu, por isso...

340

E, não ficou, assim preocupada quando...

Claro.

Quando a sua filha ficou desempregada a Clara esteve presente e apoiou-a. E quando a Clara ficou desempregada, sentiu algum apoio, por parte sua família, dos seus amigos?

345

Eu fui-me convencendo que aquilo era para fechar. Foi anos que aquilo andou e agente foi-se convencendo, não é?

Enquanto trabalhava sentiu que, de alguma forma, quer pelo tempo que lhe ocupava, quer pelos eventuais problemas que surgissem, que o trabalho interferia com a sua vida familiar?

350

Sim, acontecia muitas vezes isso. Fazia-me falta, às vezes, tanta coisa para fazer, fazia-me falta estar em casa também. Agora, nós só pensamos assim, ficávamos bem em casa um mês ou dois. Agora, assim, tanto tempo... Uma pessoa começa, eh... Sempre a fazer a mesma coisa, não é?

O seu neto veio alterar um bocadinho as coisas.

355

Foi mesmo, foi mesmo.

E o contrário, sentia que acontecia, que a sua vida familiar interferia com a sua vida profissional.

Ai, depois de eu ter os gémeos foi muito complicado, pela questão dos patrões, não é? Tinha que faltar muitas vezes.

360

E teve problemas com isso ou não?

Ah, cheguei a ter, porque às vezes as outras tinham os aumentos e eu não tinha, porque faltava mais. Tinha que faltar, não é? Eu telefonava a avisar, porque numa semana estava um com febre e na outra estava o outro e eu tinha que faltar. E os patrões não gostam disso, não é? E, às vezes, até acabam, sei lá, por duvidar da gente. É, tive muitos problemas por causa disso. Na altura dos gémeos, quando eles nasceram, eu estive com eles até aos dois anos. Meti aquele papel que se mete...ehh, sem vencimento.

365

Uma licença sem vencimento?

Isso. Na altura. Também não fui ajudada por ninguém, fiquei mesmo sem vencimento nenhum, até aos dois anos.

370

Mas, foi uma opção da Clara?

Pois, para eles depois irem para o infantário. E depois arranjei um infantário mais ou menos, porque senão se fosse um infantário caro não podia ser. Porque eu tive sempre um ordenado muito pequeno. Nós ganhávamos muito mal. Era sempre o ordenado mínimo. Nunca ganhámos mais do que isso.

375

A partilha de responsabilidades com os filhos sentiu sempre que era assim uma coisa mais sua, procura dividir com o seu marido, como é que foi?

Sim, sim. O meu marido também, pronto, trabalhava muito. Porque trabalhava na empresa e ainda fazia "biscatada" por fora, por isso não podia dar muita atenção. Então, isso era tudo mais para mim.

380

Mas conseguiu conciliar as coisas?

Sim, sim. Tanto que se a casa não fechasse eu ainda trabalhava lá, não é? Eles também agora já estavam mais criados, já passou o pior. O que custou, o serem pequeninos, levá-los ao infantário. Já passou mais.

385

Agora são outros cuidados, não é?

Agora são outros cuidados.

Em relação aos seus filhos e à escolaridades deles, o que é deseje? Que eles estudem que continuem?

Ah, pois, tem que ser, tem que ser.

390

Clara qual acha que é o principal factor para que continue desempregada?

Por que é que continuo?

Hum, hum.

Eu acho que continuo, porque também há três anos o fundo de desemprego nunca me chamou para emprego nenhum. E eu não arranjo, porquê? Porque dizem que já tenho muita idade.

395

Portanto, acha que a idade é assim...

É, sim.

Quando pensa no futuro, quais são as coisas que imagina.

Da maneira como isto vai, tem que ser um dia de cada vez. O que vier será.

400

Mas, há, assim, coisas que gostaria de fazer. Há uma situação que deve pensar, que é quando deixar de receber o subsídio social de desemprego.

Acho que me vou sentir um bocadinho... Mas depois penso também no miúdo... Por exemplo, nesta altura, acho que se não tivesse o meu neto, eu acho que tinha mesmo que ir trabalhar para algum lado. Porque acho que em casa também ele, acho que não dava. Com ele também me distraio mais um bocado, não é?

405

E é uma coisa que gosta, não é?

Sim.

Caso isso não acontecesse, se não tivesse o seu neto para cuidar, iria procurar trabalho na mesma área profissional, estava disposta a mudar, como é que vê as coisas?

410

Depende do que me aparecesse. Se fosse eu a escolher por aquilo que gostava, mas, é muito difícil... Lá está, era ir para um infantário ou para uma pré-escola, mas pronto.

E já pensou em fazer uma formação? Estaria disponível para aprender uma nova profissão?

415

[Risos] Lá está, acho que não. Já estou muito velha. Já estou muito velha.

A ideia de voltar a estudar, de facto, não lhe agrada?

[Risos] Não. É muito difícil para mim. Por que eu sou uma pessoa que nem gosto muito de ler. Não leio muito. Oxalá que os meus filhos não saiam a mim [Risos].

Clara, não sei se quer acrescentar alguma coisa àquilo que estivemos a conversar. 420

Não, por mim está tudo muito bem.

Eu já recolhi as informações que precisava. Agradeço-lhe muito ter vindo aqui, falar comigo.

De nada. 425

Fim de transcrição

ANEXO 2.4.

Transcrição da Entrevista D - *Diana*

Entrevista D - Diana

Entrevistadora – Começava justamente por lhe fazer algumas perguntas mais pessoais, a idade da Diana?

1

Diana – Tenho cinquenta e um.

Tem cinquenta e um anos?

Tenho.

5

É casada, solteira?

Divorciada.

Divorciada. Tem filhos?

Tenho três filhas.

E vive com elas?

10

Vivo só com duas. Estou a viver com uma de vinte anos. Vivo na casa dela, como fiquei desempregada... Eu vivia numa casinha em Vila D'Este, mas como fiquei desempregada não tive hipótese de pagar a casa. Tava com outra minha filha menor e como essa minha filha tinha alugado uma casinha, ela disse "oh, mãe, pronto, não tens hipótese, vens para a minha beira". Pronto, ela para já é solteira, não tem ninguém, mas de hoje para amanhã ela pode querer fazer a vida dela e não me querer junto com ela, não é? Como há muitos filhos que fazem. Então, eu tou a viver agora com ela.

15

Aqui, em Oliveira do Douro?

Sim, em Oliveira do Douro. Ela trabalha e estuda à noite, tá a tirar um curso de administrativo, no colégio António Sérgio. Ganha o ordenado mínimo, que ela ganha. Tá com o ordenado mínimo, também tem as despesas dela. Tem o passe para tirar, tem, eh, pronto à noite janta qualquer coisa na escola, porque ela mesmo que jante alguma coisa quando chegar a casa, às cinco e meia, ela às nove e meia, dez horas da noite tá com fraqueza, não é? E, então, ela come lá qualquer coisinha no bufete, uma sopinha e leva de casa uma sandes ou qualquer coisa para comer no intervalo da escola. Chega a casa à meia-noite, meia-noite e pouco. Porque depois uma colega trá-la para cá de carro. E eu estou a viver neste momento com ela, mais uma menina de treze anos que eu tenho mais nova.

20

25

Tou divorciada há doze anos. Ela tinha um aninho quando fiquei divorciada do pai. O pai não me dá nada para a alimentação dela. Ando em tribunal com ele. Ele também não trabalha, não há hipótese... É que não há hipótese mesmo dele ir buscar o

30

sustento da miúda. Agora, eles vão, pronto, fazerem uma análise e eu fui agora chamada à doutora na, ehh, acho que foi na segunda-feira, a António Patrício. E a doutora, ta ta ta, porque a casa está em nome da minha filha, a água está em nome da minha filha, a luz está em nome da minha filha. Só que ela paga a renda, são trezentos euros, eu pago a água, a luz e as despesas da casa. E temos que andar assim, um bocadinho, ehhh, um bocadinho, ehhh, um bocadinho assim, equilibradas, não é? E, então, eles vão estudar, a ver se me dão uma pensão de alimentos para a minha filha mais nova. Mas, vamos a ver, porque agora ficou tudo lá, cópias de tudo, contrato de arrendamento, tudo, para ver se eles me dão uma pensão de alimentos, porque o pai não tem hipótese de me dar.

35

40

E, prontos, como fiquei desempregada, eu não aceitei muito bem. E como eu não aceitei muito bem fiquei com o sistema, ehhh, muito alterado. Tive que tomar medicação para, ehhh, depressivos, estou a tomar calmantes para dormir. Agora, há dois meses, vai fazer agora dois meses, quase três, fui operada ao peito. Estou cortada daqui até aqui [*exemplifica com as mãos*].

45

Antes disso Diana, quando é que começou a trabalhar?

Eu comecei a trabalhar muito novinha. Tinha dezasseis anos quando comecei a trabalhar. Trabalhei numa fábrica treze anos.

50

Antes disso, estava na escola?

Não, não estava. Eu estudei até fazer a quarta, o exame de admissão. Chama-se segundo ano ou quinto ano.

Quarta classe?

Quarta, mas depois há uma admissão que é para depois seguir. Eu sou lá de cima, da aldeia.

55

Onde é que nasceu?

Em Celorico de Basto. Mas, ehhh, eu saí da escolinha e fui servir. Com doze anos eu fui servir.

E por que é que saiu? Quis sair?

60

Porque não havia hipótese. Naquela altura havia tanta miséria. Tanta fominha que eu passei. Eu ia descalcinha para a escola. Era muito miséria. Lá, na minha aldeia, era muita miséria. Pelo menos, na minha família era muita miséria. E eu com doze anos, saí da escola mais ou menos com onze, e com doze anos fui. Porque eles vinham buscar estas meninas para ir trabalhar para as casas, internas, pronto, ficar lá. E, eu na altura fui para Guimarães trabalhar, com doze anos.

65

Foi sozinha?

Sozinha. Os meus pais ficaram em casa e eu fui para lá trabalhar, tratar da casa. Fazia de tudo. Antigamente era tudo em madeira, era esfregado com uma escova o chão, era encerado com uma cera amarela, depois era com uns panos a puxar o lustro. E eu fui assim dos doze anos até aos dezasseis anos. Depois, com dezasseis anos, uma prima minha trabalhava, estava cá, no Porto. No Porto, como quem diz, em Oliveira do Douro. Estava cá e trabalhava numa fábrica. E ela, naquela altura havia mais facilidade de trabalho, não é? E ela perguntou-me se eu queria vir trabalhar aqui, para o Porto, para uma fábrica. E eu nem, eu, eh, naquela altura, eu tinha dezasseis anos, mas era uma inocente também, não tem nada a ver como é hoje. E eu disse que antes preferia do que estar a trabalhar a servir.

70

75

Não gostava?

Não gostava. Antigamente era muito rígido. E depois saí da casa e fui para um colégio de freiras. Elas eram muito más. Elas obrigavam-nos ali a ir à missa, a esfregar aquele chão, a passar aquela cera. Eu passei muito, passei muito. E, então, como a minha prima me arranhou aquele empreguinho, eu vim para uma fábrica, para aqui, para Oliveira do Douro. Estive treze anos a trabalhar naquela fábrica.

80

Era uma fábrica de quê?

Era uma fábrica de, da indústria do latão, cobre, latão, taças, assim bonitas. Ao fim de treze anos a fábrica faliu.

85

O que é que a Diana fazia lá?

Eu fazia, por exemplo, pegava... Cada qual tinha a sua secção, era puxadores, era envernizadores, era eh, pronto, tinha várias coisas. Eu estava numa secção, que vinha a outra, dos polidores, sabe os polidores? Aquilo era muita lixa. Era polidores de loucinhas, assim, pecinhas e vinham para umas máquinas e nós trabalhávamos nessas máquinas. E as máquinas estavam cheias de diluente. E uma pessoa pegava na louça, que estava lavada, e a gente numas mesas, numas mesas assim [*aponta para as mesas da sala*], de pé, todo o dia, a gente pegava numa pecinha e limpava, esfregava a pecinha com um bocadinho de algodão, para não riscar a pecinha e tal. Depois a gente, mandávamos essas pecinhas para outras colegas, que estavam a passar a revista, chamam-lhe a revista, para ver se estava bem limpinho e não sei quê. E, pronto, era trabalhar com diluentes e com acetonas e com aquela coisa toda.

90

95

Fez isso durante treze anos?

Treze anos. Depois, a fábrica faliu. Faliu, pronto. Aquilo era tudo manual. Aquilo chegou a um ponto que aquilo, pronto, não havia encomendas. Ainda estivemos três meses, quase quatro, à porta da fábrica, não deixávamos dali arredar pé nem

100

máquinas, nem nada, para ver ser recebíamos alguma coisinha ou tínhamos um fundo de desemprego. E, então, tivemos o fundo desemprego. E, ao fim de dez anos, deram-nos uma, uma pequenina ajuda. Uma, eh, uma...

105

Indemnização?

Uma indemnização. Aos que estavam lá há mais anos.

Ao fim de dez anos?

Ao fim de dez anos! Deram-nos a carta do fundo de desemprego e nunca pensávamos... Ainda encontrei colegas e tudo! E depois, uma vez eu encontrei um colega que morava aqui em cima, ao pé da farmácia Oliveira. E ele, “ah, Diana então está tudo bem?” e eu disse “ah, está tudo, vou andando aos dias”. Comecei novamente aos dias. A trabalhar numas senhoras...

110

A Diana, nessa altura, devia ter que idade? Vinte e nove anos? Trinta?

Ehhh, não...

115

Começou a trabalhar com dezasseis, não é?

É, eh, mais ou menos, mais ou menos, porque eu, entretanto, fiquei grávida da minha filha de vinte anos. Tem hoje vinte, aquela que eu vivo com ela. E eu como estava, pronto, fiquei grávida e a fábrica faliu, mas eu já estava quase perto do fim do tempo. Faltava para aí um mês ou dois. E eu peguei e fui à médica da caixa pedir baixa, porque elas já estavam à porta. Já não havia hipótese daquilo abrir, nem nada.

120

Então, teve a sua filha mais ou menos na altura em que a fábrica fechou?

Foi, sim, sim.

E tinha que idade?

Ora, eh, a minha V. tem vinte, eu tenho cinquenta e um. Tinha trinta e um anos. Tinha trinta e um anos e eu, depois, fiquei do parto da minha filha. Tive direito aos três meses de parto, não é? E, depois meti os papéis para o fundo desemprego. Meti os papéis para o fundo desemprego. Naquela altura, acho que foi ano e meio que tive do fundo desemprego. Acabou o fundo desemprego e eu tinha que me... Tinha que trabalhar, porque já na altura tinha duas filhas: a mais velha e a outra, mais nova.

125

130

E o seu marido trabalhava?

Não. Eu já num... já num tinha...ehh, já num tinha nada ver coisa. Ele via que estava grávida da minha filha e abandonava-me. Era o problema dele, era isso. Ele vinha, todo com muitas coisas, muita meiguice, muita coisa e eu ficava grávida e ele deixava-me ficar. E eu criava as minhas filhinhas só.

135

Ficava sozinha?

Ficava sozinha. Lá chegava o aboninho delas e tudo, pronto. E, depois, entretanto,

acabou-me o fundo desemprego e eu fui aos dias. Estava a trabalhar. Trabalhava numa senhora de manhã, numa senhora de tarde. Naquela altura ainda tinha muita saúde, pronto. Tinha muita saúde. E estava numa casinha alugada de quinhentos escudos. Naquela altura quinhentos escudos... São dois euros e meio hoje, não é? Mas, para mim e para as minhas filhas dava. Entretanto, a minha filha mais velha começou a trabalhar. A minha filha mais velha começou a trabalhar com catorze anos.

140

Com catorze?

Com catorze. Também fez o segundo ano. Pronto, naquela altura. Ela tem trinta hoje. Vai fazer trinta e um. E ela, naquela altura... Antigamente, pronto, não queria estudar e não era obrigada a andar na escola. E ela não queria, não queria, não queria, pronto, saiu da escola. Ela fez o segundo ano e disse “oh mãe não quero ir mais para a escola”. E a madrinha dela então, a madrinha dela trabalhava numa fábrica ali, na serra e meteu-a lá a trabalhar, a madrinha dela. E ela, já naquela altura, com catorze aninhos, ela já foi ganhar vinte e oito contos que são cento e quarenta euros hoje. E foi aonde eu comecei a viver melhorzinho, porque era o meu ordenadinho com o ordenado dela. E fomos assim, sempre vivendo, não é?

145

150

Pronto, comecei a dias. Depois, eh, pronto estava a trabalhar numa senhora, de tarde noutra. E uma vez fizeram-me uma proposta, já vai para aí há uns, para aí há uns dez anitos... Ou mais de dez anos... Acho que é mais de dez anos. Uma senhora que era professora da minha filha, da do meio, da que tem vinte anos. Era professora ali, em Gervide. E naquela altura, os pais dela tinham muito dinheiro, ui, tinham uma vivenda! Que ainda têm ali, uma vivenda muito grande. Mas naquela altura, a mãe morreu. E como a mãe morreu, o pai ficou sozinho, já tinha setenta e tal anos. E o pai não encarava ir para um lar. E, então, como ele tinha possibilidades, estava reformado da GNR, tinha possibilidades de meter uma empregada para estar a olhar por ele. Preferia estar em casa dele, era uma vivenda que aquilo era um luxo. Ele ia para um lar, não conhecia ninguém, não podia fazer as coisas à maneira dele, porque ainda estava lúcido e estava tudo, era só arrastar uma perninha e tudo, pronto. E, então, essa professora gostava muito da minha filha e ajudava-me muito. Geralmente as professoras perguntam se os alunos estão separados dos pais, se estão com os pais. E ela conversava muito com a minha filha, a respeito da separação do pai e da mãe, se pagava alguma coisa, se o pai não dava. E, pronto, a miúda contava a vida dela, do que se passava. E ela, então, começou a ajudar, dava roupa à minha filha e todos os meses ela conversava comigo e íamos ao Pingo Doce fazer umas comprinhas, ela ajuda dava-me umas comprar. Aquela senhora era uma santa! Entretanto, a mãe

155

160

165

170

morreu e ela pediu-me se eu não me importava de ir para casa dela olhar pelo pai. Entrava de manhã, às nove e meia, que ela entrava acho que às oito e tal na escola. Ela de manhã dava-lhe o pequeno-almoço e eu depois ia para olhar pelo pai, fazia o almoço para ela, fazia o almoço para mim e pagava-me, naquela altura, sessenta e cinco contos por mês e pagava-me a caixa. E eu aceitei. Preferia do que estar de manhã numa senhora, de tarde noutra, era mais confortável, assim, estar ali, num sítio e que ela me ajudava. Pagava-me e ainda me ajudava. E eu, pronto, fui para lá, olhar pelo pai. Estive lá três anos e meio. Ó depois, ao fim de três anos e meio, ele faleceu. Mas, ele quando contratou comigo, ela disse: “Olhe, D. Diana, mas um dia que o meu pai... Pode o meu pai durar muitos anos. Todos os anos que o meu pai viver a senhora está aqui. Mas, um dia que o meu pai faleça, eu já não preciso dos serviços da senhora, dou-lhe os direitos que a senhora tem e dou-lhe prazo para a senhora arranjar emprego. A senhora não vai... Não a vou mandar embora sem a senhora arranjar outro sítio.” E foi. O pai faleceu em Janeiro e eu tive desempregada, fiquei desempregada, andei lá a trabalhar, pronto, a casa era muito grande, tinha pátios muito grandes e eu limpava, prontos. E, então em Agosto... Em Agosto? Foi em Agosto que ela me deu férias, que eu tinha férias tinha tudo, e ela disse: “Oh, D. Diana, veja se agora que está de férias e tem um bocadinho mais de tempo para olhar para um jornal, se puder arranjar um trabalhinho era melhor, porque, pronto, realmente, agora também não preciso.” Ela vivia sozinha. Ela não tinha filhos, não tinha nada. Tar numa vivenda ali... Era mesmo só para olhar pelo pai, porque o pai tinha possibilidades de meter uma empregada, porque ganhava bem de reforma. Pronto, então, em Agosto, eu tava de férias e vi o jornal... Que eu gosto muito de ver o jornal e ver assim os anúncios que vêm e tudo. E vinha lá, empregada de lar. E eu disse assim: “Eu gostava de estar empregada de um lar. Ter uma experiência de olhar por pessoas idosas” Porque eu já estava habituada com aquele senhor. E aquele senhor para mim, eu queria-lhe tão bem como se fosse o meu pai...

175

180

185

190

195

A Diana gostou dessa experiência?

200

Eu gostei muito dessa experiência, porque, eh... Eu senti muito. No dia que o pai morreu, deram-me dias para eu ficar em casa. Ela viu mesmo que eu que senti muito a falta do pai. E fui eu que dei com ele morto. Ele almoçava, tomava o seu almocinho e eu almoçava com ele. E a filha dizia-me mesmo assim: “D. Diana, a senhora... O meu pai vai descansar um bocadinho e a senhora vai ao seu cafezinho, toma o seu café, enquanto ele descansa um bocadinho. Quando vir que tal, vem, chama por ele, para ele também não se habituar na cama, porque se não também não dorme de

205

noite, e chama-o”. E eu, quando vinha do cafezinho, chamava-o e ia lá sempre, ao
quartinho dele. Ainda me lembro, eu chamava-o: “Doutor Adriano” e ele não me
respondeu. E eu disse: “ai, meu deus! Eu não tenho coragem... Será que ele tá a
dormir e não me ouve? Oh Doutor Adriano!”, mas não tive coragem de ir lá tocar nele.
“oh, doutor Adriano, oh doutor Adriano, oh doutor Adriano!” E o doutor Adriano não me
respondeu. E eu disse: “ai, meu deus! Será que aconteceu alguma coisa?”. Eu vim
para fora e chamei uma pessoa, uma vizinha. Ela vivia ao lado e eu chamei por ela e
eu disse: “ai, eu não sei o que é que se passa com o senhor Adriano. Eu vim agora do
café chamei por ele, chamei, chamei, chamei e ele não me fala”. Lá viemos para
dentro, ela foi lá e disse-me “ele não está bem!”, mas não me disseram que ele estava
morto. “Ele não está bem, vamos chamar o INEM”. Chamaram o INEM e tal, mas eles
quando coisa já num deram hipótese. Acho que foi, ele tinha problemas muito do
pulmão, ele fumava muito, ele já tinha uma certa idade, não é? E acho que foi
paragem cardíaca. Foi qualquer coisa... Ou paragem cardíaca ou qualquer coisa que
vomitou, podia ter vomitado e não conseguiu se levantar e sufocou.

210

215

220

Apesar desse choque, a Diana não desistiu de continuar na...

Continuar pois. Eu respondi ao anúncio e eles disseram que estavam realmente a
precisar de empregada.

225

Isso há dez anos atrás, mais ou menos?

Sim, eu tive sete anos lá, sete anos, estou desempregada há um ano. Há, mais ou
menos, oito anos, nove anos, é.

Então, respondeu ao anúncio...

Respondi ao anúncio. Liguei para lá e eles disseram que realmente estavam à procura
de uma empregada e tal, mas que se fosse preciso fazer umas noites que tinha que as
fazer. Perguntaram se era livre, se não era... Porque geralmente, quando às vezes, às
vezes, o marido não aceita a mulher trabalhar de noite e assim, não é? E eu disse que
não, que era livre, não tinha problemas. Livre, tinha filhas, mas que, pronto, mas que
não havia problemas, porque já tinha uma filha mais que tomava conta das outras
irmãs. E, então, eles disseram, “a entrevista é amanhã, apareça às onze horas da
manhã, para falarmos consigo”. Pronto, lá cheguei, mandaram-nos assim, para uma
salinha e tal e ui, era uma multidão de pessoas para... Pronto, eu não sei, ou
gostaram, gostaram da maneira de mim, ou como já tinha cuidado de uma pessoa e
tudo e, pronto. Então, ela disse: “agora a senhora vai para casa, eu vou responder a
estas todas, vou ver a pessoa que me agrada mais e depois amanhã comunico com a
senhora”.

230

235

240

Hum, hum

Eu vi que num... Eu tava num, ansiosa, eu num tava parada. Eu vi que ela nunca mais me ligava, ligava eu: “olhe é por causa daquela entrevista que fui aí ontem, com a D. Antonieta”, que ela era D. Antonieta, era e é. E ela disse: “ah, D. Diana, olhe, pronto, então, começa amanhã, pode vir amanhã?” e eu disse: “não, eu tava à espera da resposta da senhora” e ela disse, “sabe, eu fiquei com uma em vista, sempre era mais nova do que a senhora e tal, mas ela não me respondeu, lá não lhe agradou”. Porque o salário era muito pouco, não era grande salário. Para o trabalho que era, para as horas que era, o ordenado era muito pouco. Mas quem precisa... Olhe, a gente tem que se sujeitar. E eu disse, “pode agora ser pouco e de hoje para amanhã, ou daqui por dois ou quatro meses, podemos ganhar mais”. Pronto, fui para lá e fiquei lá sete anos. Gostava muito de trabalhar...

245

250

Nessa altura, já tinha tido a sua filha mais nova ou foi depois?

Não, já tinha a menina, já tinha a menina. Só que tinha uma ama que me olhava por ela. Uma ama? Uma vizinha minha que agora é sogra da minha filha mais velha. Morávamos assim, ao pé uma da outra e ela dizia-me, “Você, Diana, está desempregada, mas se arranjar trabalhinho, você pode ir, que eu deito os olhos à menina, não problema nenhum”. Ora, ela tem treze anos, isto foi à sete anos, a menina já devia três aninhos, por isso a menina, já, já não era preciso andar com ela ao colo, nem nada disso, já comia quase pela mãozinha dela e tudo. E ela, “pode ir, que eu fico-lhe com a menina”, mas eu dava-lhe sempre alguma coisinha e tal. E hoje é sogra da minha filha. E, prontos, estive lá sete anos. Lidava com os idosos, chegava lá, lavávamos, tirávamos-lhes da caminha e, eh, os que saíam da cama, porque alguns não saíam, coitadinhos! Eh, lavávamos, levávamos uma baciazinha, com aguinha quentinha, com um paninho para os lavar e depois uma toalhinha limpa para os limpar. Às vezes, tínhamos que curá-los, quando não eram feridas grandes. Quando eram grandes, era o enfermeiro que vinha, quando era uma coisinha pequenina, que a gente podia fazer um pensozinho, botávamos um bocadinho de Betadine e tal, e pronto. E, depois, às onze horas da manhã, dez e meia acabávamos isso, dávamos-lhes o pequeno-almoço. Depois, tomavam o pequeno-almoço, íamos nós tomar o pequeno-almoço e depois, umas iam para alimpar outras iam para a cozinha. Eu ia para a cozinha com outra. Pronto, comecei a cozinhar, elas começaram a gostar, pronto, eu fiquei na cozinha. Mas, depois, eu cheguei a falar com ela, que realmente se eu vim para tratar dos idosos, num era para estar na cozinha, ou tinha que me por uma profissão, um...ehh, pronto, uma categoria de cozinheira, não era

255

260

265

270

275

ajudanta de lar. Mas, pronto, eu, ehhh, num me importei, pronto. Fiquei na cozinha mais outra colega. Mas, aquilo não estava legal e não estava em condições, porque era rés-do-chão, primeiro andar e era tudo escadas muito pequeninas. A pessoa se quisesse, houvesse um incêndio, não podia meter uma cadeirinha de rodas... Como é que podia sair uma pessoa da cama com aquelas escadarias? Quando desse a explodir tudo, morria tudo lá dentro. Não tinha elevador. Quando o idoso se sentia mal e vinha o INEM eles tinham que trazer as pessoas ao colo, para trazê-las para cima, para a entrada, para depois as por na maca, que aquilo não tinha condições, nem elevador.

280

285

Mas, o lar não estava numa situação legal...

Pois, não estava não.

Mas a situação da Diana, tinha contrato, descontos...

Tinha, tinha. Eu só renovei o primeiro contrato e depois fiquei efectiva.

290

Ah, ok.

Naquela altura, eu fui para lá ganhar, acho que eram trezentos e tal euros... Eu acho que ainda era em contos, era sessenta e tal. E, agora, estava com noventa e cinco contos.

Hum, hum.

295

Ela dava-me noventa e cinco contos. Pronto, dava mais alguma coisinha, mas era por fora. Não metia no ordenado, mas dava por fora, por saber que as pessoas cuidavam bem dos idosos. Depois, um dia, veio lá a fiscalização e tiveram a ver, a ver, a ver. E estiveram com ela e disseram que aquilo que num estava coisa para um lar. Que aquilo que era casa de viver, que não era casa de ter idosos. Ou tinha que fazer umas grandes obras, por elevador, que conseguisse entrar uma cadeira de rodas e meter um quarto com condições, com todas condições para a empregada da noite, que não tinha, não tinha. A cozinha tinha que, ehhh, pronto tinha que, pronto, tinha que levar uma modificação. A Segurança Social ajudava com um tanto, mas ela tinha que por mais. E ela depois andou ali a ver se aquilo... Ela dizia “ah e tal, é muito caro, mas eu vou à Segurança Social, vou pedir ajuda, ver quanto é que eles me dão, ver quanto é que é orçamento”. Foram lá uns engenheiros e não sei quê fazer... ehhh, como é que se chama?

300

305

Projecto?

Isso, o projecto e acho que, naquela altura, ela já tinha que pagar à conta dela cinco mil e tal contos. E a Segurança Social acho que só dava dois mil e tal contos. Ai, ela não podia, não podia, não podia, ela “ai, não posso, não posso”. Então, eles disseram,

310

“enquanto a senhora não tiver condições, o lar não pode funcionar mais!”. E fecharam.

Ela reuniu com as funcionárias?

Reuniu com as funcionárias. Passou a cartinha do fundo de desemprego e viemos todos embora. Agora, não sei se aquilo ainda existe, se não existe. Também já vai há, já fez uma ano em...

315

Quando é que foi isso, Diana?

Isto foi em Julho do ano passado. Vai fazer agora... Sim, fez um ano em Julho.

Ok. Foi quando a Diana ficou desempregada?

320

Fiquei desempregada e pronto. Naquela altura, a minha filha já estava casada, a minha mais velha, já tinha a vidinha dela. Mas, eu tinha duas filhas ao meu encargo, a minha V. ainda andava a estudar. Ela tem vinte, ora isto já foi há... Ora sete anos, eh, eh, eh, prontos, quase perto de dois anos. A minha V. tinha, eh, eh, eh, pronto ainda estudava. “Oh, mãe deixa lá que eu vou trabalhar. Deixo os estudos e vou trabalhar!” E foi, deixou o décimo primeiro incompleto para começar a trabalhar. E agora anda a estudar à noite. Anda a tirar o cursos de, de, de... Como é que se chama? Eu já disse à senhora.

325

Administrativo?

Administrativa, isso. Trabalha, entra às sete da manhã, sai às três e meia, vem a casa, descansa um bocadinho e, eh, eh, eh, toma um banhinho, se lhe apetecer comer alguma coisa, come, porque ela geralmente come muito tarde no trabalho, duas, duas e meia, leva assim uma sandezinha para comer, lá come uma sopa e chega a casa à meia noite, às seis horas da manhã está a pé. Para quê? Para poder a gente ter uma casinha para se abrigar e ter as nossas coisinhas.

330

335

A Diana quando ficou desempregada dirigiu-se ao Centro de Emprego.

Dirigi-me, dirigi-me ao Centro de Emprego com a carta, a carta que a minha patroa me deu. E perguntaram-me lá porque motivo e eu contei. Então, eles deram-me um papelzinho. E eles disseram, “agora, a senhora precisa de pegar nos papéizinhos, que era para entregar no Centro de Saúde e um na escola da menina. “A senhora tem filhos menores?” e eu disse “tenho”, “então, vai entregar isto na escola, para a senhora ter direito às despesas da escola”. Pronto, até hoje, tou no fundo desemprego. Tou com trezentos e noventa e sete euros. E pronto, até hoje. E, a partir daí, eu tenho andado sempre muito coisa da minha cabeça. Esqueço-me das coisas e assim. Eu num me esqueço, mas se me disserem hoje, eu amanhã já não me lembra da pessoa. Já vim aqui, à médica e ela disse “Oh, D. Diana já sabe que o calmante de dormir tira muito a noção da cabeça, mas se a senhora se conseguir habituar sem a medicação,

340

345

é muito melhor para a senhora”. Eu já tentei, não consigo dormir. Tou ali, ali, ali, ali, vem-me tudo à cabeça. Tenho que tomar a medicação. Eu não consigo, porque a minha cabeça parece que anda tudo à roda, se eu não consigo dormir.

350

Mas isso começou a acontecer...

Foi depois de ficar desempregada. É eu ando a tomar depressivos. Mas, eu não consigo, porque andava a ficar cada vez mais nervosa e eu vim à senhora doutora, “oh senhora doutora, eu não consigo tomar isto, eu não consigo”. Depois, deu-me um Xanax para tomar meio de manhã e meio à noite. Eu também não conseguia tomar isso, porque parece que ainda me punha mais nervosa. E, então, não tomo assim nada de calmantes durante o dia, mas à noite, para dormir, tenho que tomar. Depois tomo para o estômago, tomo uma protecção para o estômago. E eu fui operada...

355

Mas, a Diana já tinha estado desempregada antes, não é? Esta não foi a primeira vez?

360

Sim, mas...

Por que é que desta vez...

Talvez, talvez porque naquela altura eu ainda tinha pessoas que me ajudavam. Tinha uma tia minha, antes de ela morrer, pronto, ela ainda era viva, ela ajudava-me muito. Que era irmã do meu falecido pai. Era a única irmã que tinha viva, da parte do meu pai. E ela ajudava-me, pronto, a criar as minhas filhas e ajudava-me muito. Eu passava mais lá o tempo na casa dela e tudo. E eu, naquela altura, sei lá, não senti tanto, não senti tanto. Desta vez, ou era por ter as filhas mais pequenas e, eh. Não sei, não sei. Ou por eu gostar do trabalho. Eu para mim gostava, porque eu saía, eu conhecia pessoas no autocarro, conhecia pessoas no café, conhecia pessoas no... eh. a gente almoçava, tínhamos direito a vir cá fora, tomávamos uma café, brincávamos umas com as outras. E acho que isso que ajudava muito a minha cabeça. Prontos, eu ficava bem! Agora, tar assim, metida em casa de manhã à noite. As minhas filhas saem de manhã e entram à noite. Pelo menos, a V. vem às três e meia, depois vai, pronto. Mas, a Andreia vai de manhã e vem à noite. E eu sinto-me ali muito sozinha, muito fechada. Depois a minha filha diz, “vai até ao café, vai até casa de uma senhora.” Mas, eu não gosto de andar em casas de ninguém, não gosto. Vou ali, até ao cafezito, ponho-me ali, a conversar com uma senhora, converso, para passar o tempo, para passar o tempo... Outras vezes, ando a pé, sozinha, ando a pé. O mais eu tenho muitos problemas de pernas, muitas varizes nas pernas. Vou ali, venho ao café e pronto. Mas, também não me sinto com grande saúde. A gente a partir da menopausa... Porque eu aos quarenta... Acho que foi, há quatro anos fiz

365

370

375

380

aqui uma operação e tirei tudo fora, úteros e coisa. E aí foi, começou-me a minha menopausa. E a menopausa dá muito, para a gente ficar muito, eh, pronto, com depressão e essa coisa toda. Agora, há dois meses fui operada ao peito. Também, isso tudo, a pessoa fica muito, eh, chocada, não é? Não ter saúde. Também, eu penso assim, “eu gostava de andar assim a trabalhar numa casa, se calhar, que se conversasse e tudo”, mas também não tenho assim grande saúde para fazer certas coisas. Também não tenho saúde.

385

Então, de acordo com o que me está a dizer, ter ficado desempregada traduziu-se numa sensação de isolamento?

390

Isolamento, isso. Muito, muito. Às vezes a minha filha até me diz “oh mãe, quando está assim um tempinho bom vai a pé até ali”, porque eu moro ali ao pé da Farmácia Matias, “vai a pé até ao Candal, até à Avenida, que é rápido, vais devagarinho, no teu vagarinho, voltas outra vez e tudo, faz-te bem e tudo, conheces pessoas, vai até ao café, conversar, ou vai uma volta ali, ao coiso”. E eu digo, “e vou por aí sozinha a fazer o quê? Num vou nada!”, “Porque em casa ainda ficas mais, eh”. Porque eu mete-se-me tudo na cabeça. Porque ela vai e vou para a cama. A minha Andreia dorme comigo e a V. tem o quarto dela. E eu, enquanto ela não chegar, à meia-noite, eu não consigo dormir. Eu nem tomo a medicação enquanto ela não chegar, porque eu tomando a medicação, passado para aí meia horita, eu durmo até amanhã de manhã. E, às vezes até nem dou fé de ela ir embora, porque ela sai às seis e meia para apanhar o carro. E eu não tomo a medicação para estar à espera que ela venha. Porque vem-me tudo à cabeça, “será que vem bem? Será que lhe aconteceu alguma coisa?”. E ela vem com uma amiga, que a traz no carro. Se ela, por exemplo, ela vem à meia-noite, caso passar dois ou três minutos, eu já tou com o telefone a tocar, “oh V., estás bem?”, “oh mãe, não te preocupes mãe, estou aqui a conversar com a Carla dentro do carro”, mas já fico preocupada.

395

400

405

Mas, sempre foi assim, ou é...

Eu também sou muito coisa pelas minhas filhas. A coisa mais, eh. Eu podia estar bem, estar casada, ou estar junta com alguém. Pronto, porque depois do pai das minhas filhas, apareceram-me pessoas e tudo, mas eu nunca quis. Nunca quis, porque tinha muito amor às minhas filhas e tinha medo que arranjasse uma pessoa que, eh, podia-me tratar bem a mim, mas não tratar bem as minhas filhas, porque não eram filhos da pessoa, não é? E eu nunca quis. E, às vezes, também a solidão... Porque o amor de umas filhas é diferente do amor de uma pessoa. E a gente às vezes também necessita de um carinho de outra pessoa, não é? E isso tudo também faz

410

415

muito para o caso. Porque há quatro ou cinco anos para cá, eu era, com uma colega, eu já tinha as minhas filhas, eh, “olha, é domingo, vamos sair”. E íamos até ao baile, íamos até ao Via Catarina e conversávamos com pessoas, às vezes homens e isso e eles depois convidavam-nos para um café e eu, prontos. Mas, agora nem isso. Eu acho que isso também faz muito ao caso. Agora, tenho as minhas filhas e também já tenho os meus netos, já tenho um com onze. Com onze não, com doze. Tenho um com doze, tá com a idade da tia. Eh, e tenho um com oito. Também faço muita vida com eles, ao fim-de-semana tou sempre eles.

420

425

Costuma ir a casa da sua filha mais velha é isso?

É, é. Eles à sexta-feira vêm sempre buscar-me, para irmos ao café, às vezes um café na praia, porque eles têm carro, vamos até à praia. Ao sábado, o meu genro vai trabalhar, mas à noite vejo-os, porque vou até casa deles. Ao domingo vamos todos tomar café à praia. É, os fins-de-semana estou sempre ocupada com eles. E aí, sinto-me melhor, de andar assim acompanhada.

430

E durante a semana?

Durante a semana é mais custoso para mim, porque estou sozinha. Às vezes ainda faço o almoço. Eu tomo o pequeno-almoço, levanto-me, vou fazendo as minhas coisinhas devagarinho, o que tiver que fazer, faço a comidinha para a noite e tomo o pequeno-almoço. Tomo o pequeno-almoço e tou assim até fazer o jantar. Por acaso, hoje vim aqui, depois vou ali, à médica. Mas, até fui ali comer uma sopinha. Fui ali, comer uma sopinha, tomei uma sopinha, bebi um cafezinho quentinho e olhe, fiquei bem. Depois, fui ali, ao Pingo Doce e depois, pronto, “a seguir vou ali, falar”. Mas, é o que eu digo, durante a semana é, eh, é, eh, para mim é, parece que me sinto ali na maior escuridão.

435

440

É um dia diferente do dia que tinha quando trabalhava.

É, muito, muito diferente. É muito diferente. Faz muita diferença. Eu sinto saudades das pessoas, eh, quando, eh, pronto, sinto saudades das pessoas que ficaram. Que ficaram não, que elas foram passando, uns para cada lado. Mas sinto saudades, e das pessoas que morreram comigo. Comigo, lá dentro, não é? Sinto saudades das pessoas que morreram, porque eu gostava muito delas, muito, muito. Só que, quando morria alguém, nunca me chamavam, porque sabiam que eu que não tinha coragem de ver. Nunca me chamavam, mas sabia que elas que morriam.

445

A Diana gostou muito desse trabalho. Se pensar em todos os trabalhos que teve, o que mais gostou foi esse?

450

O que eu mais gostei foi de ter experiência com pessoas idosas.

E achava que fazia bem o seu trabalho?

Era, fazia, fazia. Fazíamos bem e sentia-me bem, porque saía de manhã e vinha à noite, conhecia pessoas nos autocarros. Pronto, conversávamos com uma pessoa, conversávamos com outra. Porque eu sou uma pessoa que, eu mesmo que não conheça a pessoa, às vezes, converso a minha vida com uma pessoa que, às vezes, não tem nada a ver. Às vezes a minha filha diz assim, “oh mãe, tu qualquer pessoa que não conheces pões-te a contar a tua vida”, “oh filha, a minha vida o que é que tem? Não tem coisas que não se possam saber”. Oh, e isto e aquilo. Pronto, eu também fui operada e, às vezes, encontro uma pessoa qualquer, “oh Diana, tu tas muito mais magra, tas muito mais modificada, tu tinhas um peito tão grande e agora não tens. Tens um peito tão pequenino?”, “olha, fui operada, para reduzir ao peito e tudo”. Converso com as pessoas. E pronto, a minha filha é assim, “oh mãe, conversas com qualquer pessoa, contas a tua vida a toda a gente”. Eu quero lá saber. Eu sou uma pessoa que activo com as pessoas e converso muito com as pessoas. Gosto muito de conversar, gosto muito de conversar. Muito, muito, muito. E eu, nesse trabalho, conversava muito, falava muito e íamos para aqui, íamos para acolá. E, depois, entre os idosos, havia alguns que, coitaditos, já estavam passados da cabeça, e a gente, às vezes, eles não sabiam o que diziam, às vezes a gente até se ria do que eles diziam, não é? “Coitadinhos! Olha como é que eles estão, que não sabem o que dizem!” Mas, pronto, eu já tenho, já tenho, visto no jornal e tenho procurado. Procurado, ver se encontro a trabalhar num lar, mas, pronto, pedem menos idade. Agora, pedem curso de ger... eh... gertria, ou lá como é que é. Curso mesmo.

Geriatria, não é?

É. O curso eu não tenho isso. Não tenho curso. Sei trabalhar, sei mudar uma fralda, sei fazer um curativo, sei dar de comer, se a pessoa estiver com sonda no nariz, sei dar de comer, eh... pronto, sei isso tudo. Só que curso não tenho.

O que é que a Diana faz nessas situações, responde na mesma ao anúncio ou como pedem coisas que não tem...

Pronto, eu não respondo ao anúncio, porque, às vezes vem empregada de lar interna. E interna a mim, interna a mim não me dá. Interna é para estar de manhã, de dia e de noite. E eu não vou deixar as minhas filhas estar numa... Então, quer dizer, se eu não vivo com uma pessoa, se eu não arranjo uma pessoa, às vezes até para me fazer feliz, por causa de não deixar as minhas filhas. Eu não vou deixar as minhas filhas para estar num lar de dia e dia noite. É que interna é de manhã e de noite. Nem pensar.

Portanto, assim não lhe interessa.

Isso assim não me dá interesse. Agora, se fosse para entrar de manhã e sair num horário normal, eu gostava, gostava. Só que pedem tudo de trinta, até aos trinta e cinco anos, ou internas, ou com curso. E, muitas vezes, eu não respondo, porque se é interna eu não me dá interesse. Agora, por exemplo, se me dissesse assim, empregada de lar para fazer três noites por semana, eu não me importava, três noites por semana ou outra coisa, eu não me importava. A minha filha, uma já tem treze anos a outra tem vinte, elas também lá se desenrascavam, não é? A V. tem de ir todos os dias a casa dormir e a outra também se deita, portanto, não havia problema nenhum. Ela tem treze anos, mas é uma mulheraça. Agora, assim...

490

495

Não tem surgido, não é?

Não tem surgido.

E os seus conhecimentos, assim, através de vizinhos ou de familiares, as pessoas que sabem que a Diana está desempregada, não têm assim...

500

Não. Eu tenho uma senhora que é lá minha vizinha, trabalha no Hospital Santos Silva e eu, às vezes converso com ela. Ela é empregada de limpeza, ela é da limpeza, mas também faz de tudo, faz a limpeza, se é preciso alguém ir à casa de banho, têm que ir levá-lo, se é preciso mudar uma fralda, têm que mudar. Pronto, é um trabalho coiso. E eu, às vezes, digo-lhe assim, “olhe, não tão lá a meter pessoal” e ela “tão, estão a meter por contrato, mas é tudo raparigas de vinte e poucos anos”. Agora com a nossa idade... Ela já é mais velha do que eu. Ela tem, acho cinquenta e quatro anos, mas já trabalha lá há trinta e tal anos. Mas, hoje para se empregar assim, com a nossa idade não há onde, Não há quem queira pessoas da nossa idade. E eu disse, “então, olha, não sei o que é que vou fazer da minha vida”. Eu, para limpezas, senhora doutora, eu não posso. Eu faço o meu trabalho de casa e sabe deus como. Eu já fui, eh, tou à espera para ser operada às mãos, mas eu não sei se vou ver, porque eu fiz fisioterapia, eu sinto-me melhor. Olhe artrosezinhas [*estende as mãos para mostrar*].

505

510

Hum, hum.

515

Olhe, tudo cheiinho de artroses. Agora apareceu-me no pé, no pé direito, tenho sempre o pé frio, frio, frio. Dá-me umas dores que às vezes nem o posso por no chão. Fui fazer um exame. Agora, estou à espera dele para o vir trazer aqui, à médica. Ou para fazer fisioterapia ou qualquer coisa. Eu também grande força nos braços também não tenho. É por isso que eu digo, em limpezas eu a mim num coiso. Agora, se fosse assim um trabalhinho, ou olhar por uma pessoa em casa, que fosse uma pessoa idosa, olhar por ela, eu não me importava. Apareceu-me uma, mas era, tinha que a

520

trazer para minha casa. Para minha casa não, porque à uma, a casa não é minha, a casa tá no nome da minha filha. Porque a filha não a quer em casa. Além de que eu nem tinha espaço para a senhora. Eu tenho dois quartos. Eu durmo com a minha filha. Agora, a minha filha tem o quartinho dela e não vai dormir com a senhora na cama. Por amor de deus, não, isso não. Se para olhar na casa dela, eu ia com todo o gosto. Agora, para minha casa não.

525

Não dava.

Não dava. À uma, a casa não é minha. Não tinha quarto para a senhora. Ehhh, por amor de deus, não dava. E eu até lhe disse, a essa senhora, à outra que é minha conhecida, então ela tem uma grande vivenda e não quer a mãe em casa! E eu disse, “olhe, a filha que leve a mãe para casa, que eu não me importa de ir lá [*Toque de telemóvel*], para casa dela, olhar por ela”. De manhã à noite, eu não me importo. Agora, para estar, ehh, para a levar para minha casa, não.

530

É uma mensagem da minha filha V.

535

Agora, para levá-la para minha casa, não

É a minha filha. “Mãe. Traz pizzas”. É a minha filha, ehh, a minha V.

Diana, se eu bem percebi, disse-me que quando ficou desempregada, o que fez foi ir viver com a sua filha. Portanto, ela já não estava consigo?

540

Foi. A minha filha estava numa casinha a viver. Queria a privacidade dela, queria estar à vontade dela, pronto. E como a irmã, a minha filha mais nova, tem um feitio que elas não se dão muito bem uma com a outra. Especialmente a minha... Pronto, lá está, a minha V. e a minha A., a minha V. e a minha C., a mais velha, têm um feitio, coitadinhas. Esta foi, ehh, saiu de outra maneira. A educação foi igual, só que veio mais atravessada, pronto. Ela responde muito, ela se tiver de chamar alguma coisa, chama à irmã. E a irmã disse que não estava para aturá-la. Mas, como eu, nessa altura, eu, pronto, tinha o meu, trabalho sempre. Ganhava noventa e cinco contos, tinha o aboninho dela, também não pagava muito de renda, eu ia juntando o dinheirinho dela com o meu e coiso. Depois, como fiquei desempregada, não dava para estar... Então, a V. disse, “olha, vens para aqui, mas ela tem que se portar em condições. Se ela não se portar em condições eu não a posso ter aqui, que eu fico tola da minha cabeça, estar a trabalhar, estar a estudar e ter que levar com ela”. Ela até já teve para ir para um colégio interno. Ela agora tá, no ano, nunca repetiu e está mais equilibrada, senão ela ir para um colégio interno, porque não estava para dar cabo da minha saúde por causa dela.

545

550

555

Essa foi assim uma grande mudança por ter ficado desempregada?

Foi. Porque ela quer as coisas dela. Ela vê as amigas dela, têm muita coisa. Ela vê as amigas dela com roupas boas, só roupas de marca, só sapatilhas de marca. E ela não tem, ela sente-se revoltada. Revolta-se contra mim, que não tenho a culpa. E eu digo-lhe, que não tenho, não tenho, não tenho. E disse, “deixa ver, se me derem ajuda da pensão de alimentos, eu compro-te uma pecinha de roupa por mês ou alguma coisa, mas agora não tenho possibilidades. O dinheiro que ganhamos é para a renda, para a água e para a luz e para comermos alguma coisa”. Pronto, ela aí acalmou e está mais calma. Ainda este mês, quando veio o meu dinheiro, lá lhe fui dar umas sapatilhas, das mais baratinhas. Ela gostava de umas mais caras, mas eu não posso, não posso. E pronto, ela sente-se muito revoltada.

560

565

Ela ainda está a estudar, a sua filha mais nova?

Tá, tá no oitavo ano. Tem treze anos.

E a Diana acha importante as suas filhas continuarem a estudar?

570

Acho, acho. Eu apoio muito a minha V., por estudar, por tar a tirar o curso à noite. Só que fica muito cansada. É muito cansativo. Esta, também não faz mais nada, pode estudar. É o que eu digo, “tu podes dar doutora, não fazes nada em casa, não pegas numa peça de roupa para a ferro, nem nadinha”. Não faz nadinha em casa, nada. Se tomar banho, ali fica a roupa e tudo. E depois a irmã fica toda revoltada, diz que eu não a habito a andar a fazer as coisas. Ela diz, “eu, com a idade dela já fazia muitas coisa em casa e que eu a devia habitar”. Ela diz-me “tens medo dela” e eu digo “eu não tenho medo dela, filha.”. Hoje em dia a canalha se a gente lhe der uma sapatada elas saem de casa, vão para aqui e vão para acolá. E eu não quero que nada lhe aconteça, à minha filha. Não quero que lhe aconteça, porque há muita mãe que bate na filha, ou dá-lhe uma chapada ou dar-lhe isto e aquilo e elas não aceitam e fogem de casa e depois envolvem-se com alguém e depois aparecem grávidas em casa, aparecem assim e depois a mãe... A mãe tem que recolher as filhas e eu não quero que surja nada à minha filha. Além de ela ser, eh, coisa, mas adoro muito a minha filha. Não quero que nada lhe aconteça a ela.

575

580

585

A Diana já me disse que tem procurado trabalho e que os obstáculos que tem encontrado têm que ver com a questão da idade e com o curso.

É, é a idade e o curso. Eu não tenho curso.

Relativamente às políticas de emprego e aos apoios que existem para quem desempregado, como é que a Diana avalia isso? Acha que são suficientes? Sente falta de outro tipo de apoios? Como é que tem sido no seu caso?

590

Ehhh, eu agora estou pelo fundo desemprego. E eles estão-me a dar aquilo que deve

ser de lei, não é? Aquilo que der de lei, é o que me estão a dar. E também já descontei muitos anos. Eu já desconto desde os meus, eh, 1977 que eu desconto. 1977! E, claro, trabalhei, para hoje, se ficar desempregada, ter ao menos alguma coisa de direitos, não é? Claro, não é muito, mas é o que pode ser, não é? Também, se fosse muito dinheiro, aí seiscentos ou setecentos euros, também era capaz de já nem querer trabalhar, por causa do dinheiro. E a mim, vai-me arremediando. Tem que se arremediar.

595

Mas, já foi chamada para alguma proposta de emprego?

600

Não, não.

Para fazer formação?

Não, não. Nunca fui, não.

Hum, hum. Quando ficou desempregada, não sei se já estavam em vigor as novas regras de atribuição do subsídio de desemprego? Por exemplo, a Diana tem que vir aqui...

605

De quinze, em quinze dias.

E foi desde o início, assim?

Não, quando eu meti os papéis para o fundo de desemprego, ainda não era chamada aqui. Ainda não era chamada, não senhora. Só depois é que recebi uma carta, faz um ano, acho que foi há um ano. Foi em Junho que eu meti os papéis e acho que foi em Janeiro do ano seguinte que eu recebi uma carta para eu me apresentar lá. E estávamos também lá numa sala, no Centro de Emprego, e também estavam a chamar uns de cada vez e a propor, acho que de três, em três meses, para procurar emprego e para vir de quinze em quinze dias à Junta. E se, caso naquela data, não fôssemos lá, à junta, não perdíamos o fundo desemprego, mas acho que havia uma alteração e que depois tínhamos de ir lá, ao Centro e Emprego. Isso naquela altura. Mas, na altura que eu meti, não havia essa lei.

610

615

Mas, então, a partir daí, começou a fazer isso?

620

É.

E o que é que a Diana achou dessa alteração? Por que é que acha que isso aconteceu?

Eu acho que aconteceu porque, se calhar, há muita gente que tá pelo fundo desemprego e trabalha. Andam a trabalhar por fora, sem fazerem descontos, como há muitos que fazem. Eu acho que deve ser isso, que é para conseguir que as pessoas irem à junta e se estiverem a trabalhar, numa empresa ou assim, o patrão vai estranhar e dizer "que é vais fazer de quinze em quinze dias a correr para junta?".

625

Eles podem dar por ela, não é? E não quererem estar com um trabalhador que esteja pelo fundo desemprego a trabalhar lá, não é? Tá a tirar a vez a outras pessoas que precisam de trabalhar.

630

Hum, hum. Portanto, é também uma forma de controlo?

É, é para controlar as pessoas.

Disseram-lhe também, nessa altura, que tinha de procurar emprego de x em x tempo, não é?

635

É.

E que, eventualmente, podia ser chamada para...

É, disseram para as pessoas se inscreverem na Internet, para procurar emprego. A minha filha como tem, ela às vezes, coiso. Mas, é o que eu digo, todos os dias eu vou ao café, lá tomar um pinguinho ou, café não, que eu café não tomo, e vejo o jornal de cima a baixo. Vê-se muito a pedir empregada de café, empregada de balcão. Eu, de café não tenho experiência. E vem lá, de vez em quando, empregada de lar interna. Agora, sei lá, eu já tenho falado com pessoas e tudo e se me arranjam a tomar de conta de uma pessoa em casa, um idoso ou assim, eu não me importo de ir para casa da pessoa. Olhar pela pessoa, eu não me importo! Se for preciso ficar uma noite, ou duas, ou três eu não me importo muito.

640

645

Mas, que anda aí muita gente nova a trabalhar e pelo fundo desemprego anda!

E a Diana acha importante controlar essas situações?

Eu acho que sim. Então, eu conheço gente que anda pelo fundo desemprego e a trabalhar a dias, sem fazer descontos.

650

No que toca à orientação da procura de emprego, a Diana costuma vir aqui, à UNIVA? Tem tido algum apoio na forma como pode procurar emprego?

Aonde, aqui? No andar de cima?

Sim.

Não. Eu chego, dou o meu bilhete de identidade e dou o papel que me entregam e prontos, depois vou-me embora. Nunca tenho conversas com a menina, ou a menina comigo, não é? Não.

655

E sente falta disso? Ou seja, da existência de um espaço onde, de alguma forma, pudesse falar dos seus problemas e traçar um plano para os superar?

Sim, é como eu digo, ainda agora fui à Segurança Social, fui lá chamada, por causa da pensão de alimentos da minha mais nova e ela esteve lá, mais de uma hora comigo, a conversar comigo. Pronto e disse que eu não vivo com dificuldades, mas... Ela perguntou-me, “tem água?” e eu disse, “tenho água, luz”. Mas, quando vem, são

670

cento e tal euros por mês, de dois e, dois meses. E a água é quarenta e nove, cinquenta euros. Isso, esse mês, que eu tenho a água e a luz para pagar, eu vivo com um bocado de dificuldades. Que tenho de pagar com o meu dinheiro. A V. paga a renda que são trezentos euros e ela ganha trezentos e noventa e oito euros. O que é que lhe fica para ela? Tadinha, para tirar o passe e para comer alguma coisinha na escola ele fica a quase sem dinheiro nenhum. Agora, no princípio do ano, ela vai ver se mete o arrendamento jovem. Acho que o Estado que ajuda e não sei quê. Porque, se não, com o dinheiro que tanto ela e eu temos, a gente num vive, quer dizer, não passamos fome, mas a gente vê, eu vejo à vezes pessoas que têm o frigorífico cheio de iogurtes, cheio disto, cheio daquilo. Eu vou comprando sempre que posso. Foi o que eu disse a senhora doutora, “sôdutora eu vivo, não vivo na miséria, eu tenho o meu ordenadinho ao fim do mês e a minha filha tem o dela, mas é quase todo para a despesa da casa. Só para a despesa da casa... Para a despesa da água e da luz e da renda quanto é que não vai. E com quanto é que a gente fica, para se alimentar e tudo?” Eu podia... Se eu pudesse ir dar uma voltinha e andasse e tudo e, pronto, desse mais alguma coisa às minhas filhas. Pronto, porque a V. ainda vai comprando, tem os subsídios dela, vai comprando roupinha, vai comprando não sei quê. A irmã vê, ela fica logo revoltada, embora ela compreenda, eu sinto pena da miúda, mas eu coisa, não é? A V. é magrinha não dá nada roupas dela para ela, porque ela tem muito corpo. Não dá roupas dela para ela. E eu sinto-me, às vezes, eu própria sinto-me revoltada de querer dar à miúda e não dar. Uma miúda, agora... eh, a mãe gostava... “Oh mãe, carrega-me o telemóvel” e eu, às vezes, sem a irmã saber, às vezes, pronto, lá lhe carrego o telemóvel com cinco euros. Eu o meu carrego de cinco euros por mês, quando recebo o meu dinheiro, e para mim dá, eu também pouco preciso, porque ligam-me ou enviam-me uma mensagem. Agora, ela já se sabe... Mas, eu também não posso. Foi o que eu lhe disse, “sôdutora, eu não posso”. Eu sinto que a minha A. se sente muito revoltada. Se sente revoltada por ver as outras e querer as coisinhas dela e não ter. Foi também como se sentiu a minha V., a minha V. sentiu-se revoltada. Quando tinha dezasseis anos ela via as pessoas com roupas, ela via as pessoas com telemóvel. Ela com dezasseis anos ainda não tinha telemóvel! E ela disse-me, “mãe, eu vou deixar a escola”. E ela era a melhor aluna da turma, ela recebia bolsa de mérito da escola. Do Colégio Trancoso, onde ela andou, ela recebia bolsa de mérito, de ser a melhor aluna. Os setôres dela, todos tiveram pena dela deixar a escola, “oh, V. então deixas a escola, no décimo primeiro ano?! A meio do tempo, em Março, pouco mais falta de dois meses para acabar e tu vais deixar a

escola?!” e ela “eu vou trabalhar, eu vou trabalhar”, mas vais trabalhar porque motivo e ela, então contou a situação dela. Ela era muito guardada para si. Ela da maneira que é, ela com o dinheiro que ela ganha, com o dinheiro que ela paga de renda, com o dinheiro que ela paga dos estudos, ela se fosse à Segurança Social de certeza que dava. Mas pensa que ela que vai? Ela não vai à Segurança Social, por vergonha própria ela não vai. E ela disse, “não, eu vou trabalhar, porque vou ajudar a minha mãe, porque eu sei que a minha mãe sente falta, que é a minha mãe sozinha a trabalhar e eu quero as minhas coisas e não tenho”. E eles todos se queriam juntar, os professores, e fazer-lhe um ordenado para ela ficar, para ela continuar na escola e para ajudá-la e ela disse que “não, eu não quero, eu quero ir trabalhar e quero ter ganhar o meu dinheiro. Não quero, não quero...” Ela queria dizer que não queria sugar ninguém, não queria pedir a ajuda de ninguém e foi trabalhar. Mas ela disse, “eu continuo, quando eu puder eu vou continuar os meus estudos”. E até que ela continuou, continuou o ano passado. Tirou, o ano passado já fez o décimo primeiro, fez, passou para o décimo primeiro, agora vai completá-lo, este ano, não é? Ela tira dezoito e dezanove valores, a trabalhar ela tira valores muito grandes. Ela tira os testes melhores de todas. Que é o, eh, físico-química, acho que é físico-química, ela tira os testes melhores de todas. E, eh, todos tiveram muita pena dela, mas também glorificaram-na por ela ir trabalhar para ajudar a mãe. Porque ela também se sentia enfurecida, porque via as outras e ferida de ela não ter. Ela guarda muito para ela, mas ela dizia “afinal, eu quero ter umas sapatilhas e não tenho, quero ter umas calças, não tenho”. E com dezasseis já começam a ter mais, a olhar para a idade, para a marca. E ela, “não, as outras com telemóvel e não tenho, não.” Pronto, foi trabalhar, até hoje, tá no mesmo trabalhinho, para onde foi é onde está. Trabalha num café, são muito amigos dela, gostam muito dela. Mas, ela disse “olhe, eu vou estudar à noite, vou tirar o meu curso e se eu arranjar um emprego, vocês têm que ter paciência, mas eu vou” e eles concordaram. Até, se ela tiver testes, mandam-na embora mais cedo, “V. vai estudar para o teste”. Eles apoiam muito, porque sabem que ela tem força de vontade para ter uma coisa melhor. É. Agora, esta já diz que quando tiver o nono ano que sai da escola.

Ai é?

É, “quando tiver o nono ano, eu venho-me embora.” E eu digo, “vens embora, se tiveres idade para vires, porque és obrigada, até aos dezasseis anos, a andar na escola”, “ai, não, mas eu posso dizer que vou tirar um curso”, “não, não podes, tens que andar até aos dezasseis anos na escola”. Esta já tem aquela coisa, quer sair, quer

sair, porque quer ir trabalhar ou tirar um curso, para ganhar dinheiro para ela. Ela diz assim, “ah, vêς como a V. compra roupa para ela?!” e eu digo “a V. tem o ordenado dela e tu não tens. Tu andas a estudar, tu ainda és muito nova para trabalhar.”

745

E a Diana o que é que acha desse plano dela?

Eu acho, por um lado, coitadinha, acho que ela tem força de trabalhar para ter as coisinhas dela, não é? Mas, ao mesmo tempo eu não vou querer que ela abandone a escola para ir trabalhar, até porque ela não pode e eu disse “não podes” e ela, “ah, mas eu quando conseguir o nono ano, como o nono ano já posso sair e ir trabalhar”, “não podes trabalhar A., tens que ter dezasseis anos para te empregar” e ela “mas, a C. foi trabalhar com doze anos ou com catorze”, “mas, a C. era noutro tempo, já lá vai mais de trinta anos. E tu tens doze, ou tens treze.” Mas, pronto, são todas muito minhas amigas, são ehheh, pronto. A minha A. só é coiso, se sente revoltada de querer, pronto, porque geralmente, hoje há miúdas que têm tudo, não é? Os pais dão-lhe tudo, geralmente hoje dão-lhe tudo. E ela vê que não tem aquilo que vê que as outras têm, não é? E eu digo, “oh A. tens que te mentalizar que tu não tens um pai contigo, tens que te mentalizar.” Ela conhece agora o pai. Conhece por as irmãs se contactarem com o pai e saberem coisas, porque ela nem o conhecia. Ela nunca foi criada com ele. Ela, quando me divorciei do pai, ela tinha um ano. E, ehheh, mas, ehheh... Não sei o que é que queria dizer antes de chegar a isto?

750

755

A Diana estava a contar que a tentou fazer perceber que as condições de vida são...

Pois, eu disse, “oh A, tu tens que te convencer que tu, que a vida da mãe que é diferente da das tuas colegas. Com certeza os pais das tuas colegas trabalham, tanto o pai como a mãe, e não devem ganhar o dinheiro que a mãe ganha e a tua irmã. Que hoje em dia há pessoas que ganham aos quinhentos e seiscentos contos e por aí a cima. E o que é que a gente ganha? Trezentos e tal euros por mês? E pagamos trezentos euros de renda. Eu não pago, nós não pagamos vinte contos de renda, nem pagamos dez contos de renda. E tu tens que mentalizar-te disso, compreendes? E a comidinha não te vai faltando e roupinha vais tendo. Tu tens que te mentalizar que as tuas colegas se têm é porque têm os pais que trabalham e estão com elas e tu não”.

760

765

770

A Diana pensa nisso, às vezes? Ou seja, o facto de ter criado as suas filhas assim, mais sozinha, não é, ter assumido as responsabilidades sozinha, que foi mais difícil do que se tivesse tido ao seu lado alguém para partilhar essa situação?

775

Eu acho que sim, porque se eu tivesse tido ou o pai, ou outra pessoa que tivesse comigo que trabalhasse ao meu par, a par de mim, que eu teria uma vida muito mais

fácil, não é? Porque muitas vezes eu chego a um ponto, quando tá para vir o meu dinheiro. Pronto, o meu dinheiro, geralmente vem ao dia dezasseis ou qualquer coisa, mas uma semaninha antes eu já tou sem dinheiro nenhum e às vezes, quero-lhe dar dinheiro para a escola, para ela levar para a escola, ao menos um eurinho, para ela comer qualquer coisa e às vezes sinto que não tenho. Não tenho e sinto, às vezes, uma tristeza no meu coração, fico triste, triste, não é? Mas, claro que se eu tivesse uma pessoa comigo, ou o pai, que seja o pai, ou outra pessoa qualquer que me ajudasse, ou o que a gente pagasse desse uma rendinha baratinha, uma renda barata. Mas, não, agora é tudo caro, casas caras e não são lá grande coisa, não são minhas, são do senhorio.

780

Diana, para finalizar, pensando na sua situação de desemprego, se tivesse de identificar a maior desvantagem, ou seja, aquilo que considera ser o pior de estar desempregada, o que é que era, na sua situação?

785

790

O pior como?

Comparando a sua situação, de quando trabalhava, e agora, que está desempregada, o que é que mais doloroso para si? É estar isolada? É ter uma gestão financeira mais apertada? É...

795

Olhe, é tudo. É o estar isolada. É ter uma vida financeira mais apertada. E é isso tudo. É a vida financeira e o estar isolada, em casa, não é? Eu, quando está o tempinho bom, vou até cafezinho, leio o jornal. Também, é só atravessar a rua e tou lá. Vou buscar o pãozinho, de manhã, e tudo. Mas, a pessoa vive sempre assim, eh... Eu, às vezes, até digo assim, "há tanta gente assim com tanto dinheirinho, eu se tivesse ajudava as pessoas que necessitam." Eu, pessoalmente, às vezes digo assim, pensamentos que, às vezes, nos dá e tudo, a gente, às vezes querer e há tanta gente rica, a gente vai ao Porto ou vai ao Gaia e os restaurantes cheios e tudo. E gente gostava, às vezes, nem sempre, mas, de vez em quando, ir assim, comer fora com as minhas filhas. Pronto, dizer assim, "eu vou gastar aquele dinheiro, mas sei que não me vai fazer falta, porque tenho ali mais". É um bocado triste...

800

805

Esse era, assim, um horizonte que gostava?

É, uma vida eh... uma vida melhor. Era uma vida melhor, era. Mas, quando vier essa vida melhor é só for a minha outra filha trabalhar.

Como é que vê o seu futuro? A Diana tem subsídio de desemprego até quando?

810

Ehhh, acho que até Agosto de dois mil e nove. É, são trinta e oito meses.

Já tem andado a procurar, não é?

É, procuro. Eu, todos os dias vejo o jornal e tenho amigas minhas que trabalharam

comigo, mais velhas do que eu, e, às vezes, converso com elas “ah, se às vezes souberes de alguém, uma família com idosos que precise para olhar por eles, quando os idosos estiverem em casa, se não não os posso levar, não é?”. Porque há muito idoso, eu sei perfeitamente, porque eu trabalhei com idosos, e os idosos diziam-nos mesmo, a nós, “a minha filha, ou os meus filhos, têm lá uma boa casa e puseram-me aqui, para quê? Por que é que não me puseram uma empregada em casa? O dinheiro que dão aqui, no lar, dá para uma empregada e, ao menos, eu estava na minha casinha”. E eu, às vezes, penso nisso e digo “oh, meu deus, de hoje para amanhã, que eu chegue a velhinha ou fique ehheh, que não saiba onde coisa, de hoje para amanhã, que a minha cabecinha ainda esteja boa, estar num lar, para mim, é um desgosto, eu não estar à beira das minhas filhas, não é? Mas, eu via pelas pessoas que lá estavam, algumas estavam e tinham filhos que tinham dinheiro, tinham capacidade para ter uma pessoa em casa. Nem que um filho pagasse a uma empregada de dia e outro filho pagasse a outra empregada de noite, não é? E eu via que a gente às vezes revolta-se contra isso dos filhos chegarem a um ponto de meterem os pais num lar, sem terem necessidade. E eu, às vezes, pergunto-me... Porque, há muito filho que gosta muito dos seus pais e diz, “não, o meu pais não quer ir ou a minha mãe não quer ir. A reforma que o meu pai tem, eu ponho aqui, uma empregada, a olhar por ele”. Eu conheço uma senhora que vai lá limpar as escadas, aos donos das camionetas Oliveira, e diz que é o casal, não é? Marido e mulher, tem a mãe da parte dele e a mãe da parte dela e tem duas empregadas em casa a olhar por elas, na casa dele. Porque são donos das camionetas Oliveira, são riquíssimos e têm possibilidades de ter uma mulher, uma para de noite e outra para de dia. Pronto, tudo bem, tem coiso... Agora, mas há muitos que nem querem saber, “oh, vai para um lar”. Mas, eu não digo que não vou. Vou sim senhora. Mesmo se me aparecerem assim, umas roupinhas para lavar em casa, para passar a ferro eu passo. Passo, passo, se me derem. Eu já tenho perguntado lá no café. Com crianças... Eu gosto muito de crianças, adoro muito crianças, mas elas dão-me conta da cabeça, não consigo lidar com crianças. A minha filha já trabalha numa escola, com crianças, a minha mais velha. Eu já não, eu digo “eu já vos criei e já chega de vos criar”. Mas crianças, olhar por elas é uma responsabilidade, dá-se o caso de uma criança cair, já pensam que a gente lhe dá maus tratos. Não, eu não quero. Mas, agora, se fosse lavar umas roupas, passar a ferro, até na minha casa, eu fazia. Ou se me dissessem assim, “olha, vai a minha casa passar a ferro, ou lavar”, eu ia. Só que, hoje em dia, as próprias patroas que têm dinheiro, elas fazem o fácil e metem uma empregada, duas

815

820

825

830

835

840

845

ou três horas, para fazer o difícil. Quando, antigamente, elas tinham empregada todo o dia, mas agora está assim. É o que as minhas colegas me dizem, “olha, eu trabalhava todo o dia numa senhora, agora, tou lá três ou quatro horas, ela manda-me os piores para mim e faz os fáceis ela”. Hoje, até para dar dias está difícil.

850

Pois.

Até para dar dias está difícil.

Mas, de alguma forma, a Diana acha que as coisas...

855

Sim, sim.

Ou seja, que estando numa situação em que o seu subsídio termine, que resolve a sua situação?

Tenho que resolver ou, então, eh... Eles, agora, não dão reforma, eles mesmo com doenças e incapacitados, não dão as reformas, porque as juntas médicas negam tudo. E eu, de hoje para amanhã, que me acabe o meu fundo desemprego, do que é que vou viver? Eu tenho que viver, tenho que me sujeitar ao que me aparecer.

860

E aquela solução do rendimento social de inserção?

Mas, eu não tenho isso. Eu tou pelo fundo desemprego, não tenho isso. Mas isso é que é? Não é nada. Isso é para aí, eh. Pronto, eu tenho uma filha menor ao meu encargo, é para aí duzentos e tal euros, por mês. São menos a quase trezentos euros que recebia. Só se naquela altura, se deus quiser, naquela altura, a minha V. já tenha o cursinho dela e que ganhe quinhentos, ou seiscentos, ou setecentos ou oitocentos euros. Uma administrativa, depois ganha bem. Acho eu que ganha bem...E ela tem professores, da escola dela, que, quando ela tiver o curso, arranjam-lhe emprego. Garantiram que lhe arranjam emprego, ou numa empregada de banco, ou num escritório com computadores. Ela trabalha com o computador! Sabe tudo de computador, tudo! Já nessa altura ela pode trabalhar. Trabalhar, ganhar mais. Entretanto, a minha A., também se sair aos dezasseis anos da escola, também arranja um empreguinho, também ajuda... A gente tem que ver qual é a melhor solução. Não é? A gente tem que sobreviver. Quanto mais o tempo vai, a pessoa tem também que... Diz que dias, eh... virão, eh, dias, como é que é?

865

870

875

Dias melhores virão?

É, dias melhores virão [risos], acho eu.

Ok, Diana não sei se quer acrescentar alguma coisa?

880

Não, senhora doutora. Já tá tudo, não é?

É, muito obrigada.

882

Fim de transcrição

ANEXO 2.5.

Transcrição da Entrevista E - *Emília*

Entrevistadora – Emília, começava por pedir para se apresentar.

1

Emília – Ehh, sou a Emília, tenho quarenta e cinco anos, mais?

É casada?

Sou casada, tenho dois filhos, um com vinte e quatro e outro, mais novo, com dezasseis.

5

Vivem os dois consigo?

Não, um já casou, o de vinte e quatro, já casou.

Portanto, tem o de dezasseis a viver consigo?

Exacto.

Então, vivem os três?

10

É, eu vivo, estou numa casa da minha mãe, mas separada. Ela foi operada e não pode fazer nada, prontos. Só, apenas cozinha e está na cama, prontos, não faz mais nada.

Então vivem ao pé uma da outra?

É mesmo pegado. A casa é dela, só que ela tem outra casa lá, no terreno. E eu estou a viver numa e ela está a viver noutra.

15

Não tem irmãos, mais velhos?

Não. Sou a única que estou lá.

A Emília começou a trabalhar com que idade?

Eu trabalhava, eh, andava numa escola e trabalhava, nas flores.

20

Como é que era isso?

Era nas flores artificiais. Sabe que aqui, havia muitas flores artificiais. E eu tava na escola. De manhã nas flores e de tarde ia para a escola. Era em casas particulares, pessoas que tinham negócios disto.

E a sua mãe tinha e fazia com ela?

25

Não, não tinha. Era assim, ela criou sete filhos e a vida era um bocado difícil. Ela enviuvou aos trinta e cinco anos e a vida era um bocado difícil. E nós começamos a trabalhar muito cedo.

Por isso, ajudavam todos?

Ajudávamos. Tinha um irmão, que já faleceu, foi trabalhar com onze anos.

30

Mas, esse negócio das flores ainda se mantém?

Não, agora há pouco. Mas, naquele tempo, ui, era muito. Para trabalhar era nisso.

E era comum as crianças colaborarem?

Exacto, eram as crianças que andavam na escola e ao mesmo tempo faziam isso.

Mas gostava?

35

Gostava. Depois, aos catorze anos, o meu pai faleceu, em Março e eu comecei a procurar trabalho.

E estudou até essa altura?

Não, eu só tinha a quarta classe. Eu saí da quarta classe e fui para as flores artificiais. Depois, como o meu pai faleceu, e a minha mãe precisava mesmo, eu comecei a trabalhar, tive uma pessoa que me arranjou para uma fábrica de cortiça. Eu estive vinte e cinco anos lá, a trabalhar.

40

Quando deixou de estudar, para ir trabalhar, foi uma coisa que lhe custou?

Ehhh, ora bem, eu só fiz a quarta classe, como os meus irmãos. Naquela altura não havia possibilidades... Naquela altura, também não era obrigatório... A minha mãe não tinha possibilidades de nos trazer a estudar.

45

E o trabalho das flores, consistia em quê?

O trabalho, depois de sair da escola era, às vezes, acabava era meia noite ou mais.

Mas, não era uma coisa que gostava muito?

Aquilo era estar numas mesas, só que custava-me muito quando era para cortar a obra. Havia um molde, cortava e acertava e isso custava. Oh mais, fazer as coisas, com papel, colas, arames e assim, era um serviço muito cansativo.

50

Mas, preferia a fábrica da cortiça?

É, era mais remunerado, o ordenado era melhor e, ora bem, preferi.

O seu irmão trabalhava lá, nessa fábrica?

55

Não, o meu irmão trabalhava numa garagem de recauchutagem

E o que é que começou a fazer? Começou novinha, com dezassete anos, não é?

Ai! Tudo, fazia tudo, eu fazia tudo. Eu gosto de me aventurar qualquer coisa, fazia tudo.

A fábrica produzia?

60

Rolhas. Rolhas de cortiça, os discos que é para por nas garrafas de champanhe. Eu cozia cortiça, tudo, tudo um pouco. A cortiça tem extra, superior segundo, terceiro, até quinto e sexto também, sexto já é para... Só isso é que eu não sabia fazer. Oh mais de resto fazia tudo, fazia ehhh, chama-se *tupejar*, aquilo era com uma máquina e tem uma lixa de lado e lixa a cabeça, para por as cabeças certas. Fazia tudo, cozia cortiça como os homens, carregava aparas, fazia tudo.

65

E gostava de fazer, assim, coisas diferentes?

Gostava, gostava, porque não estava sempre no mesmo sítio. Passava melhor o tempo, andar aqui e acolá. Embora uns serviços fossem melhores do que os outros.

Pois, então, disse-me que esteve lá, cinco anos, não foi?

70

Vinte e cinco anos, depois comecei a ter problemas de respiração. Queixei-me ao médico lá, da fábrica, do trabalho. Ia fazer os testes, que era para ver se era bronquite, se era alguma coisa maligna. Então, chegaram à conclusão lá, no Hospital do Monte da Virgem, e acusou doença profissional. Então, foi aí que eu tive de sair da fábrica, não podia trabalhar mais. Como era doença profissional, eu não podia trabalhar mais. Eu conversei com o meu patrão, fui falar com ele e ele disse-me que não tinha serviço para me dar. Disse-me que não havia. Então, a única solução foi essa, trabalhar na cortiça, não posso trabalhar mais. Eu não me importava de trabalhar na cortiça, mas na cortiça não posso trabalhar mais. Não posso trabalhar esses produtos assim, tóxicos. Eu, esses produtos não posso mexer.

75

80

Ehh, eu não estou muito informada, mas perante uma doença profissional é possível ser despedido?

É. Ele não me despediu, agora como não tinha trabalho para mim. Não havia essas complicações, como há agora, tá a perceber?

Hum, hum.

85

E eu disse que com a minha doença não podia trabalhar. Foi há dois anos... Já fez três. Fez três agora, em Novembro. Porque, eu dois anos tive direito ao subsídio de desemprego, depois foi o subsídio social e estive mais cinco meses.

E como é que foi?

Ora bem, porque eu estava habituada a trabalhar e fiquei um bocado desorientada, porque, ora bem, eu precisava de trabalhar, não é? Mas a dificuldade é muito grande, à uma, porque na cortiça eu não posso trabalhar, não é? E além do mais é difícil arranjar.

90

Mas porque é que é mais difícil?

Eu até já perguntei para senhoras, às horas. Eu tenho uma irmã minha que anda às horas e está em casa, porque as pessoas também estão a ficar desempregadas. Há muito, muito desemprego.

95

Na altura em que ficou desempregada, pensava que ia ser assim? Ou imaginava que seria mais fácil?

Ora bem, eu tinha consciência que ia ser muito difícil... Nunca pensei é que isto se prolongasse tanto tempo... Se tornasse esta dificuldade de emprego. Porque, antes já havia desemprego, mas não era tanto. E eu tratei de arranjar outra coisa mais, pronto,

100

boa. Mas, com o tempo foi-se e cada vez mais complicado.

Tem sido mais difícil, à medida que o tempo passa?

Exactamente. Até, porque com a idade, também é grande. Eles dizem, “que idade tem?”, “quarenta e cinco anos”, “ah, se fosse mais nova...”.

105

Já lhe disseram isso?

Já, já e não percebo, porque eu tenho força. Eu, desde que estou em casa, não trabalho no pó, fico como uma pessoa normal. Só quando eu estive três anos de baixa, porque a doença profissional não me deixava trabalhar. Eu fui à junta médica e disse que precisava de trabalhar. Eu estava na baixa e eu ia trabalhar, que eles chamam para trabalhar, eu ia trabalhar, no outro dia, chegava às três, quatro horas da tarde e não podia respirar. À conclusão, eu não podia trabalhar assim, no pó. Por isso se torna mais difícil, porque tem de ser empregos sem pó. Não tenho possibilidades de estar a trabalhar, porque eu sei que não posso trabalhar em pó.

110

115

Quais foram assim, as principais mudanças, desde que ficou desempregada?

Mudanças... A gente fazer, eh... Ora bem, como é que eu hei-de explicar? Cortar ao orçamento familiar, não é? É preciso uma coisa, este mês não pode ser, compra-se para o mês que vem e é assim. Os filhos, os filhos tem-se que dar o que eles precisam e a gente, eh. Hoje é para os filhos, amanhã é para nós.

120

O marido da Emília trabalha?

O meu marido também está desempregado. Faz uns biscoitos aqui e acolá.

Mas, está desempregado há muito tempo?

Já há algum tempo, para aí há dois anos.

Já está desempregado há dois anos?

É. A empresa dele fechou, fechou mesmo.

125

Então, ele ficou desempregado na mesma altura que a Emília?

Não, foi depois.

Depois, hum, e isso foi assim complicado, ficarem os dois desempregados?

Eh, enquanto... Ora bem, a gente tinha ido à Suíça, não correu bem e viemos outra vez. Não, ora bem, o meu marido ficou primeiro desempregado do que eu, primeiro que eu. O meu marido esteve dois anos no fundo desemprego. Depois arranjaram-lhe aqui, para uma empresa e ele esteve três meses e ao fim de três meses veio-se embora. Agora, o patrão dá-lhe umas horas, quando tem. Nem sempre, mas tem-lhe dado umas horas.

130

135

Mas, faz umas horas, eh?

Serviço.

Mas, em rolhas também?

Não, porque ele é, ehh, ora bem, o patrão dele trabalha como electricista e picheleiro e ele percebe muito disso e quando ele precisa, chama-o e ele vai. Quando tem muito trabalho, dá-lhe, assim, umas horas, é assim.

140

E essa fonte de rendimento é suficiente?

Enquanto tiver o subsídio, eu vou gerindo a minha vida, depois, quando acabar, tem que se arranjar.

Porque fica muito complicado?

Pois fica. Fica, se eu não arranjar, fica.

145

Notou assim que teve de deixar de fazer algumas coisas que habitualmente fazia?

Eu já de mim sou de sair pouco, mas essas coisas que a gente às vezes, pronto, tem mais, da vida, quer-se mais isto, ou, por exemplo, ir ao café, agora não. Nem pensar. E a gente também cada vez fica mais velha [risos].

150

E, assim, na sua rotina, notou mudanças?

Ora bem, por acaso, eu casa tenho sempre, porque não pago renda, já é uma ajuda grande. Já não ter a renda. Agora, prestação da casa e essas coisas não tenho. E já é uma ajuda muito boa, porque eu sei de pessoas que estão aí, com a corda ao pescoço, não é?

155

Mas, sempre viveu na casa da sua mãe, então?

Não, quando eu casei, estive em L., em casa dos meus sogros, sempre. Nunca paguei renda. Os meus sogros, pronto, o que davam a um, davam ao outro. E a casa, lá está, era a ajuda que os meus sogros podiam dar. Mas, o que davam a um davam a outro. O outro casava e o que estava lá tinha que dar a vez ao outro. Era o que os meus sogros podiam dar de ajuda. Depois, o meu cunhado casou e foi para casa dos meus sogros também e nós tivemos que sair. E a minha mãe tinha uma casa no quintal que é bastante grande e nós fomos para lá. E também é onde me entretenho...

160

E o quintal, ainda tem?

Tem, só que ela já não pode. Mas, tenho batata, tenho feijão, tenho hortaliça, cebolas, tenho muita coisa.

165

Já é uma ajuda também.

Ah! Muito grande, porque eu também crio galinhas, coelhos não, coelhos já não tenho, porque ganham doenças mais, ehh, aquelas doenças, mais dos olhos e assim. Mas, tenho as galinhas e os ovos, não é?

170

Mas também dá trabalho, não é?

Pois dá. Eu passo o dia todo a dar-lhe.

Como é que é um dia típico da Emília?

Um dia? Ora, primeiro levanto-me faço o almoço para ele levar, quando tem trabalho, quando não tem, não faço. E depois, vou para o quintal. Ao almoço, se só sou eu em casa, como uma sopa, porque eu tenho sempre sopa feita, no frigorífico, aqueço uma sopinha e para mim, fico bem, depois vou outra vez, é o que eu faço.

175

Mas, fica lá um dia inteiro?

Ah, sim o dia inteiro, aquilo dá muito que fazer. Mas quem não faz nada, não tem nada.

180

Relativamente ao tempo em que trabalhava, na fábrica tinha com certeza mais colegas?

Exactamente, porque a gente levava o comer, sandes ou assim, e havia, assim, aquele convívio. A gente divertia-se, falava, fazia asneiras. E eu sentia falta daquilo, porque éramos uma equipa, quer dizer, éramos de muitas secções, porque aquilo era por secções, mas éramos todos muito divertidos. Fazíamos de tudo um pouco, brincadeiras de tudo um pouco [risos].

185

Como é que é o seu contacto com essas pessoas?

A, não é quase nada, porque eu quase não tenho tempo. Eu pouco estou com elas. No início, eu ia à firma, às vezes, mas os patrões parece que faziam assim, um bocado, não sei... Não ficavam muito agradados e depois também deixei de ir.

190

Então, às vezes, vai lá, não é?

Às vezes. Há, outras vezes que venho até aqui, a G..

Hum, hum.

195

E a gente, pronto, vamos mantendo contacto.

Porque, de um modo geral, pelo menos pelo que me esteve a dizer agora, os seus contactos ficam um pouco reduzidos à sua família, não é?

É, pois, é mais com familiares.

O seu filho mora longe?

200

O meu filho mora... Ora, isto aqui, ehh, mora em NG. É do outro lado de G.. Quer dizer, G., é para aquele lado. Mas, é pertinho, ele também tem carro, também depressa chega.

Portanto, também costuma estar com ele?

Claro. Ele, agora, até vem mais vezes, porque ele foi, partiu um pé e está em casa e vem mais vezes. Às vezes, vem duas ou três vezes por semana.

205

Ah, ok. Então vai estando com ele?

É ele, às vezes, diz, oh mãe, hoje passo por aí. E, pronto, vem e sempre é uma companhia. E eu também lhe digo, quando tenho assim umas coisinhas para ele levar, não é? Umas novidades ou quando as galinhas põem os ovos e assim. Porque, já se sabe, as coisas de casa são melhores e ficam mais em conta. No supermercado, é um dinheirão...

210

Então, também o vai ajudando?

É... Eles também são novos e agora é que precisam, não é?

Relativamente à sua família, quando ficou desempregada, mesmo os seus vizinhos e assim, sentiu que, de alguma forma, eles a apoiaram? Compreenderam a situação ou sentiu que não foram compreensivos?

215

Ah, não, não. Os vizinhos, ninguém se mete uns com os outros. Mete-se tudo nos seus modos de vida e ninguém... Cada qual é cada qual e ninguém... Cada qual tem a sua vida. Ao menos no lugar onde eu estou, é assim, cada qual tenta angariar para si, quanto mais, mais. Os vizinhos, para eles, está fora de questão.

220

Não tem, assim, grandes relações de vizinhança?

Dou-me bem com eles todos, quando estou a falar ou me encontro com eles, dou-me bem, falo com eles todos. Mas, em questões de ajudas, não, não são pessoas que se dedicam a ajudar este e ajudar aquele.

225

E no caso da sua família? Disse-me, por exemplo, que quando trabalhava, que foi o seu irmão que lhe arranjou...

O meu tio.

O seu tio, exactamente. Nesta situação de desemprego, voltou a sentir, assim, o apoio?

230

Não. Não, porque ele, ora bem, naquela altura, arranjou-nos trabalho, porque o meu pai tinha falecido há um mês. E ele era um senhor e tinha um negócio. Ele é riquíssimo, prontos. Pôs as filhas todas colocadas, uma é advogada, outra é engenheira, outra é isto, outra é aquilo. Mas, ele, logo que os sobrinhos começaram a trabalhar, ele desviou-se. Os sobrinhos para ele... A gente existe, porque passa por ele e respeita-o, "está bom?", "como vai?". Mas, de resto, ajuda, nunca ajudou sobrinho nenhum. A não ser, quando o meu pai faleceu. Portanto, aí...

235

Mas, noutras situações...

Não. Também, agora, depois, que fiquei desempregada, nunca dirigi-me a ele. Está a viver em SJ. E a gente também não está para estar sempre a pedir.

240

Mas, na altura, foi uma ajuda...

É, mas era aquela situação de a gente precisar... Porque, na altura, o meu irmão

precisou e ele ajudou. E, quando estava com os meus pais, a trabalhar nas flores artificiais, a ganhar oito escudos à hora. Depois que o meu pai faleceu, quando a minha mãe lhe pediu muito, a minha mãe pediu-lhe muito, se ele arranjava para mim e também arranjou.

245

A Emília é a irmã mais velha?

Eu sou... Tenho o meu irmão mais velho e depois sou eu.

Ok.

E tinha outro também, que estava para sair da escola, com doze anos e pronto. Agora, não dava. Mas, na altura, não havia problema em deixar a escola. Quando era preciso sair, saía-se. Se o meu tio estivesse presente, até podia ajudar, mesmo o meu irmão, mas assim, também lá longe e agente não está para estar sempre a pedir, não é?

250

Portanto, a Emília está, então, desempregada há três anos?

É, até tenho aqui o papelinho...

255

Não, deixe estar, não é preciso...

Que eu assim, de cabeça, às vezes, não sei a data [*risos*].

E como é que foi nessa altura? Foi ao Centro de Emprego?

É, fui ao Centro de Emprego, levei a cartinha. Eles perguntaram-me o que é que eu fazia e por que é que me tinha vindo embora, não é? Depois, deram o papelinho para a escola do meu mais novo e, prontos.

260

Não perguntaram à Emília em que áreas de procura de emprego é que gostava de se inscrever?

Pois, disseram assim: ah, trabalhou sempre na fábrica da cortiça? E eu disse, foi, vinte e cinco anos, mas eu agora não posso, nem isso, nem trabalhos com pó. E também tinha a carta do médico, não é? E eles disseram logo que ia ser difícil e que eu só tinha a quarta classe.

265

Não lhe perguntaram se queria fazer formação?

Eu acho que sim, mas na altura... Não era uma coisa assim, prontos, que eu tivesse pensado, não é?

270

Mas, então, como é que surgiu a possibilidade de fazer o RVCC?

Prontos, foi... Eu tava desempregada, não é? E não tava a encontrar e uma vez ligou-me a doutora da junta, que tinha o meu nome e assim e que sabia que tava pelo fundo de desemprego e a perguntar-me se eu não queria fazer o nono ano. Eu até me ri, na altura. Depois, falei ao meu marido e ele disse, oh, agora depois de velha é que vais para a escola [*risos*]. Ele não queria que eu fosse. Mas, eu pus-me assim a pensar e mesmo com os meus filhos, com os deveres de casa, fui sempre eu que ajudei. Às

275

vezes, eles iam ter com o pai e ele dizia sempre: ah vai lá ver isso com a tua mãe que ela é que sabe. E prontos, também gostava de ter mais um bocadinho de escolaridade, não é?

280

E, então, foi?

Fui à reunião, junta, e eles lá estiveram a explicar como é que era o funcionamento daquilo. Preenchemos uma fichinha e depois falamos com uma doutora. Mas, eu até fiquei assim com medo, porque eles falavam de computadores e não sabia mexer em nada. Isto passou-se até que eles me chamaram outra vez. E, prontos, eu lá fui. E gostei muito, a gente escreve a nossa história de vida, não é?

285

Foi uma boa experiência?

Ah, foi, foi. Mas, foi custoso, porque eu tinha a lida da casa, não é? E, depois as coisas do quintal. E ia às aulas e assim. Mas o pior eram os trabalhos que a gente tinha que fazer. Eu não tinha computador e ia, depois de jantar e de deixar as minhas coisas prontas, para casa de uma sobrinha minha, coitadita! E ficava lá, até à meia-noite e mais.

290

Mas, não se arrependeu?

Ah, não, não. E depois também era para o meu orgulho. Porque assim o nono ano já uma bocadinho mais, não é? Já é diferente.

295

Foi nessa altura que tomou conhecimento da UNIVA?

Não. Eu nunca tinha vindo aqui.

Mas, não teve que vir fazer as apresentações quinzenais?

Pois, foi nessa altura. Antes nunca tinha vindo aqui.

Nunca tinha vindo cá?

Não.

300

E o que é a Emília acha dessa mudança? Ter de vir aqui e assim?

Pronto, eles querem que a gente ponha os carimbos, não é? Eu tenho de por dois.

Mas, tem procurado?

Os carimbos?

305

Ehhh, sim, se tem procurado emprego e se tem registado essa procura?

Pois, eu procuro, no jornal e assim. Mas, para os carimbos, não.

Então, como é que faz?

Olhe, vou assim aos cafés aqui de perto e assim e eles põem, não há problema.

Pois, mas por o carimbo não seria um problema, não é?

310

É, mas daqui de perto é melhor, porque há sítios onde pedem dinheiro.

Pedem dinheiro?

É, tenho uma vizinha minha que já pediram cinco euros para por o carimbo. Em alguns sítios é assim.

Ah, então, tem tido a sítios que já conhece, por isso?

315

Pois.

Ok, em relação aqui, à UNIVA, usufruiu de algum apoio na procura de emprego?

Sim, sim, porque a gente, muitas vezes, ora bem, elas dizem, para a gente vir aqui de vez em quando, porque há coisas que vêm daqui, listas de emprego. Eu, desde que vim aqui, nunca vi nenhuma. Havia de haver, eh, prontas, uma informação mais exposta às pessoas: que há emprego aqui, que há emprego acolá. Não temos esclarecimento nenhum. A gente vai às cegas. Vai onde havia de mandar, onde a gente possa ir procurar emprego, mas infelizmente é verdade...

320

De alguma forma pensa que os seus amigos, os seus vizinhos ou mesmo a sua família, sabendo da sua situação, podem ser uns recursos úteis para arranjar emprego?

325

Não.

Acha que não?

Não, não vejo jeito. Ainda há muito egoísmo, há muito egoísmo. Há pessoas muito egoístas mesmo, ainda hoje em dia, só querem para eles. Eu tenho situações, em casa de irmãos, eles só querem para eles. Eles queriam até que a minha mãe fizesse partilhas já, partilhas ou que vendesse a casa para lhes dar dinheiro. Há muito egoísmo, hoje em dia não, não... As pessoas só pensam para elas. Se houvesse mais... Se as pessoas se apoiassem mais umas às outras, até se estava melhor, mas nada disso. Há muito egoísmo.

330

335

Então, não conta assim...

Não, não, no meu ambiente. Também, os meus irmãos todos trabalham, não é? A minha irmã teve que ir para a Espanha, porque o homem tava sem trabalhar, tava com dificuldades, porque o marido dela também ficou desempregado. Ele é da construção civil e arranjou para a Espanha e foi para lá. Agora, graças a deus, ela também já arranjou trabalho lá, numa fábrica de conservas, está lá. Dou-me bem com ela, telefono com ela todas as semanas, em casa da minha mãe. De resto... Tenho irmãos, tenho outro irmão, tem filhos, tem cinco filhos, também precisa para ele, não é? Todos eles precisam, mas, ora bem, se eu falo para eles, eles também ajudavam alguma coisa. Agora, através de nomeação ou de dinheiros, não isso não. Cada qual angaria para si.

340

345

Eu referia-me mais a contactos, assim, saberem que estão a precisar...

Oh! Não.

De alguém aqui?

Sim, às vezes, sem tenho alguns, alguns que eram capazes de me informar. Não, isso 350
tenho, principalmente, o M., o mais velho. A minha irmã já não posso contar, que ela
tá longe, não é? Mas os dois, o mais velho e o mais novo, que estão com a vida
melhor, dou-me bem com eles todos, mas, prontos, vejo-os todos os dias, não é todos
os dias, mas todos os fins de semana, vêm à minha mãe e estão aí. Os outros, já não.
Estão um mês ou dois ou três sem vir ver a mãe. Mas, aqueles dois não. A mãe, ui 355
então o mais velho, são muito agarrados à mãe. Eles vêm todas as semanas e esses
eu sei que se eles souberem alguma coisa de isto ou daquilo, ai eles ajudavam-me,
ajudavam-me. Agora, os outros não, os outros nunca estão.

**Uma outra questão, que tem mais a ver com o modo como a Emília procurou a 360
sua família com o trabalho. Disse-me que tem dois filhos, um com vinte e quatro
e outro com dez anos, não é? Esse período em que foi mãe, no plano
profissional foi motivo de dificuldades?**

Ehh, era mais com as tarefas de casa, porque eu não tinha... Trabalhava das oito às 365
seis, chegava a casa, pronto, tinha que dar banho ao bebé, porque o outro já tinha
catorze anos, ele faz catorze anos de diferença da irmã. Era chegar a casa, fazer a
vida de casa toda: lavar, passar a ferro, limpar, cozinhar, porque não tinha máquina de
lavar, não tinha nada. Lavar, passar, cozinhar, era mesmo na última da hora que a
gente se deitava. Deixar tudo limpo, adiantava o comer para fazer de manhã, para
levar, para cozinhar, para acabar de manhã para dar tempo. Depois, vinha a escola e
ainda se complica mais, não é? Porque, às vezes, ainda têm os deveres para fazer, 370
depois querem a ajuda dos pais. O meu marido nessas coisas não dá, para ajudar os
filhos a fazer os trabalhos, não, “vai à mãe, que a mãe é mais inteligente”. Não
ajudava e eu, muitas vezes, era uma hora da manhã e eu estava-me a deitar, era
muito complicado, e às seis da manhã, estava-me a levantar.

E não podia contar com o seu marido para ... 375

Não, não. O meu marido só era, por exemplo, vai trabalhar e depois tar um bocado
sentado, mais de resto, com as tarefas de casa não era marido para ajudar em nada.
Não, nunca pude contar com ele.

E como é que sente isso?

Sentia-me revoltada. Ah, porque eu tinha colegas minhas que diziam, “ah, enquanto 380
eu faço isto, ele faz aquilo”, “eu, enquanto estou a arrumar a cozinha ele dá banho ao
filho” e eu revolta-me, porque achava que elas estavam, eh, sei lá, achava que elas

eram mais felizes do que eu, porque eu não tinha a ajuda do meu marido, sentia-me mais inferior a elas. Ele também não foi habituado, porque eram muitas irmãs, eram onze filhos também, mas era mais raparigas do que rapazes. E a mãe nunca o deixou fazer nada e ele não ajudava. Por isso é que ele dizia, “não, eu em casa nunca fiz, não vou fazer agora”.

385

E isso era assim... Ou seja, sentiu que, de alguma forma, isso constituía uma sobrecarga, o trabalho de casa, e que isso alguma vez interferiu com o seu trabalho ou o contrário, que houve problemas no trabalho que eventualmente tenham...

390

Não, no trabalho, não. No trabalho tentei fazer sempre a minha vida certa. Sempre. Muitas vezes, em casa, havia dias que chegava muito cansada. Aquilo que conseguia fazer, fazer, outras coisas deixava por fazer. Não podia mesmo. Fazia a comida, arrumava a cozinha, dava banho ao meu filho, aos filhos. Depois, o outro já era grande, tinha catorze anos, esse aí já ajudava. Depois, quando eu tive a bebé.

395

Ah, ele ensinou-o a ajudar?

Ah, pois. Até a mulher diz que ele que ajuda. E, então, depois, quando meu filho cresceu, começou a ajudar qualquer coisa. Oh mais de resto, eu sentia-me revoltada. Muitas vezes, chegava a casa e estava muito cansada. O trabalho na cortiça era muito ehh, tinha trabalhos muito pesados. Quando era para a gente andar, de verão, no (imperceptível) da cortiça, a cem graus centígrados, a água a ferver a cem graus ou mais. Uma pessoa chegava ao fim do dia em cima daquela cortiça quente, a empilhar... Era assim, a gente tinha de empilhar a cortiça, para a cortiça ficar direitinha. A gente chegava ao fim do dia queria era uma cama, um banho, às vezes nem comer. Mas, chegava a casa e tinha que fazer. E, muitas vezes, queria adiantar qualquer coisa, mas tinha que ficar para amanhã. Ou, muitas vezes, fazia.

400

405

Claro, ia fazendo as coisas que podia.

Exactamente, tinha que ser. Porque eu não podia fazer tudo, não é? E ele gostava, ehh, chegava a casa, tomava banho, enquanto eu fazia de comer, brincava um bocadito com os filhos, ou com um ou com outro, e comia, ia tomar o cafezinho dele, quando vinha já eram onze horas, deitava-se, prontos. Não podia contar com ele para nada.

410

Ok, então, para concluir, quando ao futuro, quais são assim, os planos que tem?

Sei lá. O futuro? Eu queria tanta coisa. Queria trabalhar mais uns aninhos, para ter mais uns, uns, ehhh, uns aninhos de caixa, descontos, para um dia mais tarde, para a minha velhice, ter uma reforma, ou uma invalidez, prontos. Ao menos que desse para

415

eu comer, para eu sobreviver. É isso que eu penso no futuro.

O que é que gostava de fazer?

Sei lá. Gostar de fazer? Eu, desde que trabalhei, foi nas flores artificiais e na cortiça, 420
mas não tenho medo de começar outra arte qualquer.

Portanto, mudar de área...

Não, não tenho medo. Desde que não fosse para muito longe daqui, porque tenho a 425
miúda na escola e assim. Logo que não fosse para muito longe de Grijó, não tinha
medo. Não tinha medo de nada.

E acha isso possível?

A gente vai indo, esperando, a ver se consegue alguma coisa. Vai-se vendo, a ver se
isto melhora. A ver se a gente consegue.

Emília, não sei se quer acrescentar alguma coisa?

Não. 430

**Eu já coloquei as questões que tinha pensado, resta-me agradecer a sua
participação, muito obrigada.**

De nada. 433

Fim de transcrição

ANEXO 2.6.

Transcrição da Entrevista F - *Fernanda*

Entrevista F - Fernanda

Entrevistadora – Começamos por falar um pouco de si, qual é a idade da Fernanda? 1

Fernanda – Trinta e oito. Fiz agora, há pouco tempo.

E tem filhos?

Tenho um filho. 5

E anda na escola já?

Já, vai fazer agora seis.

Fernanda, qual é a sua escolaridade?

Tenho o décimo segundo ano.

Completo? 10

Sim. No início estava incompleto, porque me faltava a matemática mas entretanto acabei.

Mas posso afirmar que tem o décimo segundo ano?

Sim.

Com que idade começou a trabalhar? 15

Já foi há muito tempo! Aos dezoito, por aí.

E qual foi o seu primeiro emprego?

Empresária agrícola.

Empresária agrícola?

Sim, na área do Douro, por herança familiar. Entretanto, estava no décimo segundo e acumulei como empresária agrícola, por dificuldades financeiras. Eram enormes e já não conseguiam abarcar. Eu, na altura, era bastante nova e tive bastantes dificuldades. 20

E o que é que fazia?

Havia toda uma organização do trabalho... 25

E durante quanto tempo teve essa actividade?

Eu fui acumulando essa actividade com outras do género, arquivista. Trabalhei no I, mas fui acumulando sempre com a actividade agrícola até aos vinte e nove anos.

E qual era a sua actividade principal? Eram essas que me está a dizer? Arquivista? Trabalhar no I? Ou empresária agrícola? 30

A parte de empresária agrícola funcionava sempre como acessório. Foi principal entre os vinte e os vinte e três.

E quando regressou?

Agora, regressei e regressei aos vinte e quatro.

Teve durante esse período algum momento de desemprego?

35

Não.

Esteve inscrita no Centro de Emprego?

Eu só me inscrevi no Centro de Emprego, desde Agosto de dois mil e um.

Ora então vamos ver... disse-me que teve entretanto emprego como arquivista, durante que tempo?

40

Três, quatro anos.

E depois como deu o salto para o outro emprego como?

Estive a trabalhar como arquivista na R, para aí quatro anos.

Esteve a trabalhar como arquivista da R durante quatro anos...

De noventa e dois a noventa e cinco, noventa e seis, por aí. Entretanto, regressei ao I. Estive para aí um ano, ano e meio.

45

E o que é que fazia?

Era basicamente entrevistas de rua. Aquela coisa que se chama *telemarketing*, na altura chamava-se entrevistas de rua, mas pelo telefone. É um nome mais pomposo.

Que tipo de vínculo é que tinha com a empresa?

50

Sempre recibos verdes.

E como é que passou do I, para a R?

Por influência de um amigo. Também a recibos verdes e depois contrato. Entretanto a R começou a fazer cortes nos recibos verdes e a Fernanda veio embora. Havia uma hipótese de voltar que nunca se concretizou. Eu durante nove meses estive à espera de regressar.

55

Entre a saída da R e o regresso ao I, quanto tempo é que decorreu?

Aí, um meio anito. No início, tinha muitas esperanças, depois a esperança começou a diminuir e... Pensei, “vamos lá tentar outra coisa”. Ainda há um bocadinho, mas pouquinho...

60

E nesse período, disse que não se inscreveu no Centro de Emprego.

Não. Oficialmente, eu nunca tinha estado empregada.

Nunca fez nenhum registo, nada?

Não. Não. Porquê não sei muito bem. Se calhar, porque nunca acreditei muito nos passos do Centro de Emprego.

65

Nunca lhe passou na ideia, nessa altura, ir inscrever-se no Centro de Emprego, mesmo não sendo para receber subsídio de desemprego?

Não, fui procurando eu trabalho. Não achei que o Centro de Emprego fosse a solução.
Mas, teve conhecimento de alguém, para ter essa ideia de que o Centro de Emprego poderia não ser tão eficaz?

70

Não. Eu não acredito muito nesse tipo de instituições. Portanto, os efeitos práticos da atitude do Centro de Emprego são muito poucos. Eu pelo menos, falo por mim... Não foram nenhuns.

Ok, vamos já perceber um bocadinho mais à frente essa sua perspectiva. Ora bem, teve aqui meia dúzia de meses desempregada, voltou ao I. Durante quanto tempo é que ficou no instituto.

75

Eu fui para a imobiliária em noventa e sete... Por isso, estive para aí um ano.

Também no mesmo regime...

Também a mesma coisa. E daí surgiu a oportunidade da imobiliária. Como já tinha experiência comercial e ...

80

Então não teve assim nenhum tempo desempregada?

Não. As paragens que fiz também foram uma opção minha. Eu, chego a um ponto que digo "estou muito cansada disto, já não aguento mais". E, quando digo "já estou farta, farta, farta", tenho de mudar. Tenho de descansar. Depois, vamos lá outra vez, porque não consigo mudar completamente. Não é bem assim. Eu não consigo esperar para ter algo, se alguma coisa me está a chatear imenso. Há um dia em que me dá uma volta à cabeça e acabou.

85

Está bem. E como é que surgiu essa hipótese de ir trabalhar para a imobiliária?

Foi um anúncio no jornal. Se há tantos no jornal, deve haver emprego. Comecei pela RE, como comercial. Entretanto, surgiu uma empresa, que estava a começar, que se chamava RU que oferecia bastante melhores condições....

90

Só para me situar, quando foi para a RE, que tipo de contrato é que tinha?

Não tinha bem um contrato. Aquilo funcionava na base das comissões.

Quanto tempo é que esteve na RE?

Foi de Julho a Fevereiro do ano seguinte, meio anito. Depois, mudei para a RU e depois fui para a PL que estava em Gaia. Só que, na imobiliária, ofereciam-nos muitas coisas à partida, mas depois quando a gente a vê que as coisas não são bem assim... Eu, na altura, tinha-me divorciado, em noventa e sete, em Junho e trabalhava imenso. Há uma disponibilidade enorme para se abarcar o trabalho, quando se tem o outro lado que falhou. Eu trabalhava imenso, então fui para a parte de trás a imobiliária, aquela parte de rececionista, secretária, etc.

95

100

Na PL?

Saltei da PL, em que era comercial, e fui para o escritório de uma empresa que se chamava C, para a parte da retaguarda, mas também ligada à imobiliária.

E que tipo de contrato é que tinha?,

105

Aí, entrei como funcionária. Entrei como funcionária da empresa.

É a primeira situação que tem mais estável, digamos?

É a primeira situação direitinha, das nove às seis.

Em que ano é que foi então?

No ano de noventa e oito.

110

Muito bem. Tem emprego, das nove às seis...

Sim, direitinha. Consigo pousar a carteira, tenho uma secretária, uma cadeira, muito organizada. O facto de ser comercial e andar na rua e não ter horas para nada, acaba por confundir um pouco. Por muito organizados que queiramos ser com a nossa agenda, faz com que permanentemente estejamos dependentes dos outros e acaba por haver uma incerteza muito grande. Hoje, não temos nada para fazer, ora temos três ou quatro coisas para fazer ao mesmo tempo. Enquanto que na imobiliária, na parte de trás, é certo que a empresa estava a facturar muito, sim senhora, mas eu podia-me organizar. Tinha coisas que podia fazer até determinadas horas, tinha outras que ia fazendo. Organizava o meu sistema.

115

120

Agora, uma cosia que... Em relação àquele período em que teve mais ou menos meio ano desempregada, em que disse que teve tempo para pensar um bocadinho, como é que resolvia a nível financeiro? Tinha algum biscate?

Como eu estive até muito tarde na agricultura, como *part-time*, digamos assim, tinha sempre a parte da agricultura que me dava para suporte financeiro. Portanto, podia, não podia, mas podia, dar-me a essa luxo de “ok, agora vamos parar”, porque algum dia... Nessa altura, nunca tive problemas financeiros.

125

E digamos, nesse período de desemprego, sentiu alguma impacto na sua rotina, na sua maneira de estar?

O impacto tem sempre. Eu sou uma pessoa que gosta de se ocupar e portanto mantenho-me sempre ocupada. Não sou daquelas pessoas que diz “eu não tenho nada para fazer”, porque eu tenho sempre algo para fazer. Quanto mais não seja, gosto de ir para a rua, gosto de andar a ver montras, arranjo sempre alguma coisa para fazer. “A minha rotina é acordar de manhã e estar naquele sítio até às tantas horas”, sinto falta dessa rotina, de saber que, à partida, há uma ocupação que eu não tenho inventar. Mas, nunca fico sem nada para fazer, digamos assim.

130

135

Então, retomando, quando entrou para o emprego na C, em Dezembro de

noventa e oito, quanto tempo é que esteve lá?

Até terminar, até aquilo dar o berro em Agosto de dois mil e um. Portanto, imagine que em Janeiro de dois mil e um, eles tinham que me pagar na totalidade, mas eles não tinham nem trabalho para me dar, nem dinheiro para me pagar. Portanto, mal acabou a licença de parto, digamos assim, acabaram por me despedir. Um despedimento que, na prática, já existia, porque nunca mais voltei ao trabalho depois do F. nascer. Mas, que, pronto, nos papéis diz Agosto de dois mil e um, mas isso já aconteceu desde Novembro de dois mil. Já estava grávida, quando eles falaram comigo e fizemos um acordo. Eu trabalhava em Ermesinde. Na altura, gastava imenso dinheiro em gasolina, portanto, eles deixaram de me pagar a gasolina e eu só lá ia uma ou duas vezes por semana, para manter as coisas minimamente em dia. E entretanto foi diminuindo cada vez mais o trabalho. E acabaram por receber aqueles papéis malditos para o Centro de Emprego em Agosto de dois mil e um.

140

145

150

Quanto tempo é que teve desempregada, agora neste momento?

Ainda era o meu filho pequenino e a minha mãe ficou doente. Eu estava desempregada, mas tinha um trabalho, que era tratar da minha mãe. E mais uma vez não há o problema financeiro, porque para tratar da minha mãe, ela retribuía-me financeiramente e portanto há aí um acumular... O meu subsídio de desemprego era uma grande porcaria, era o salário mínimo que eles descontavam e o resto eram só subsídios.

155

Mas, de qualquer maneira, havia o apoio financeiro por parte da...

Por parte de ajudar a minha mãe. Entretanto, a minha mãe faleceu, o meu filho tinha um ano e meio e depois ficou o meu pai doente. Continuei desempregada, mas continuei a ter um trabalho até o meu pai falecer, que foi este ano já. Entretanto em dois mil e quatro, em Junho, frequentei um curso de formação profissional de segurança e higiene do trabalho.

160

E quanto tempo demorou este curso?

Um ano. De Junho de dois mil e quatro a Julho de dois mil e cinco.

165

E ocupava o dia todo?

Sim, era da parte da tarde. Era das catorze às vinte.

Quanto ficou desempregada da C, foi pela primeira vez ao Centro de Emprego?

Sim.

E como é que foi recebida? Como é que foi a sua experiência no Centro de Emprego?

170

Foi só um papel. De vez em quando, vinham uns papelinhos para confirmar se estava

desempregada, mas não houve mais diligências nenhuma que me fizessem lembrar que o Centro de Emprego existia.

Mas da primeira vez falou com um técnico ou foi só um papel?

175

Não, foi só um papel.

Não falou com ninguém?

Não. Também, já foi há muito tempo, mas não recordo de ter falado com ninguém. Eu só fui falar com um técnico depois de me ter inscrito para esse curso e foi já... Entretanto, inscrevi-me em dois cursos ao mesmo tempo e foi o técnico que fez os testes psicotécnicos e da medicina do trabalho para ir frequentar o curso. Antes disso, não me recordo de ter falado com nenhum técnico.

180

E eles enviavam papelinhos para casa? E como é que respondia?

Ou respondia por carta ou ia lá entregar. O Centro também é relativamente perto.

E via lá alguém?

185

Não. Entregava na receção. Fala-se com a rececionista. As outras pessoas são muito ocupadas, é o Centro de Emprego de Gaia, é o terror.

E quanto tempo esteve a receber pelo Centro de Emprego?

Estive o tempo normal, de Agosto de dois mil e um a Dezembro de dois mil e quatro. Recebi o subsídio de desemprego e depois recebi aquele subsídio de integração social ou uma coisa assim. Dão outro nome, mas mantêm-se os mesmos valores.

190

E nunca foi chamada por causa de um emprego...

Não. Houve uma altura que me chamaram para uma sessão de esclarecimento, mas eu estava no curso de formação. Antes disso, inscrevi-me para uma sessão de esclarecimento qualquer, mas já não sei muito bem.

195

Como é que foi tendo conhecimento destas sessões de esclarecimento?

Eu, entretanto, passava, via os anúncios e, por alguma razão, surgia... Às vezes, a gente ouvia falar “vai haver...”. Quando a gente ia ver os cursos, estava lá uma técnica, para preencher os papéis, e, às vezes, ela informava “vai haver uma sessão de esclarecimento”. “Boa, se calhar ainda vou”... Um pouco por aí.

200

Então, vamos lá ver, ia com alguma regularidade ao Centro de Emprego, ver os placards de anúncios de emprego ou nunca se preocupou?

A partir de finais de dois mil e três, ia com regularidade ao Centro de Emprego.

E consegue dizer essa regularidade?

Muitas vezes por semana. Aí, já tinha o meu filho na escola. Optei por metê-lo na escola, porque procurar emprego com uma criança atrás é muito complicado. Tentei metê-lo um ano antes, mas ele não atinou com o infantário, portanto, tive de o ter

205

comigo. Mas, foi uma coisa muito curta, para aí uns dois meses, porque eu ia pô-lo no infantário e depois ia buscá-lo... Nem insisti sequer. Naquele período nem sequer procurei. Só a partir do fim de dois mil e três, que ele estava no infantário certinho e direitinho entregue, é que aumentou a minha procura.

210

E o seu pai? Quem é que tomava conta?

O meu pai tinha fases. Tinha fases em que estava comigo, tinha fases em que estava com outras minhas irmãs e depois foi para um lar. Antes de eu começar o curso, ele foi para um lar. Já não sei precisar o tempo, houve aí um intervalito. Se calhar, não éramos capazes de ter intervenções médicas e assim que ele necessitava, tipo o oxigénio regular e não sei quê e se ele ficava um pouco mais, já não dava... Pronto, são coisas que, por um lado, obrigam a pessoa e... Portanto, nós... Já estava muito complicado assegurar os cuidados que ele precisava, para além de, entretanto, ele estar acamado e deixar de andar e não sei o quê. Optámos por colocá-lo num lar, apesar de isso emocionalmente ter sido muito complicado. Mais uma vez, houve aí um período em que a minha dedicação à procura de emprego foi muito razoável, porque andava bem, no lar. Mas, depois foi muito complicado. Foram épocas muito complicadas para mim porque eu sou muito filha e porque acho que o meu pai também foi sempre muito pai. E foi complicado. Agora é que terminou a preocupação.

215

220

225

E entretanto, então, disse que começou uma procura mais intensiva de emprego e mais ou menos então em Junho, no início de...

No início de dois mil e quatro, foi quando o F. ficou efectivo na escolinha. Depois, entretanto, como surgiu o curso em Junho...

E no período de Janeiro a Junho?

230

Aí, ia quase todos os dias. Ia ver todos os anúncios e mais alguns, e a responder, ia a entrevistas e depois não fiquei em nenhum.

E como é que consultava? Ia ver ao placard, falava com algum técnico?

Não. Não há técnicos disponíveis para falar, há técnicos disponíveis para, quando nós nos inscrevemos nos empregos que eles propõem, mas é só para fazer a inscrição. É aquele emprego, é aquela oferta, dão uma cartinha e portanto, o contacto que existe...

235

Quando via algum anúncio de emprego no placard, que tipo de emprego é que o técnico lhe solicitava?

“Preenche os requisitos? Tem carta de condução? Tem o décimo segundo? Não tem? Tem experiência? E mais não sei quê”, os requisitos obrigatórios para responder à oferta que era. Depois, as indicações básicas da oferta: a remuneração, o subsídio de alimentação, o local o horário. Muitas vezes, não corresponde à verdade. Muitas

240

vezes, as pessoas fazem uma oferta de emprego e depois o que se encontra do outro lado não tem nada a ver. E é basicamente por aí. Depois, é dar o contacto e “ligue para este contacto para o senhor não sei quantos”. E uma pessoa vai lá mais uma vez, mais uma tentativa.

245

Nunca lhe surgiu uma verdadeira oferta de emprego?

Não.

Nem nunca o Centro de Emprego entrou em contacto consigo para dizer...

Por aí nunca. O que aliás, eu acho que os centros de emprego deveriam ser um pouco por aí, uma vez que há oferta para tentar canalizar as pessoas mas não funciona minimamente assim.

250

Como é que teve conhecimento do curso de formação que frequentou?

Ah, foi no Centro de Emprego, estava lá, nos *placards* e entretanto, pedi para me inscrever. Na altura, geriatria e técnica de segurança e higiene no trabalho. Eu adoro geriatria e inscrevi-me.

255

E esses cursos eram financiados?

Claro, convém para quem está desempregado. Entretanto, o dinheiro do meu pai e da minha mãezinha estava a terminar e há que olhar para o dinheiro. Eram financiados, mas tinham imensas pessoas e o que surgiu primeiro foi higiene e segurança no trabalho. Só que é uma pena que não tenha saída.

260

Esteve um ano a fazer este curso durante um ano, todas as tardes.

Todas as tardinhas, até às oito da noite.

Até às oito da noite. E como é que fazia com o seu filho?

Então, de manhãzinha ele ia para o infantário normalmente e depois tinha uma senhora que ia ao infantário e ficava com ele até essa hora. Mas, era uma exploração, eu pagava os olhos da cara. Depois, passou o meu companheiro a ir buscá-lo e ficava com ele. Depois, chegava eu às tantas da noite. Vir de transportes à noite das Antas é complicado. Mas correu bem, foi muito interessante.

265

E quando se inscreveu no curso, qual foi a sua motivação principal para o curso? Foi a bolsa? ...

270

Não. Foi o curso em si. O curso em si tem temáticas muito interessantes.

Nessa altura não estava a receber o subsídio?

Não. Em Dezembro de dois mil e três terminou. Eu vi um programa de televisão sobre a higiene e segurança, porque trata as pessoas, arranja as coisas para as pessoas. Eu acho que isso é muito importante. Alguém que se lembre que as pessoas ainda existem, não são só números.

275

Mas nessa altura já tinha feito a inscrição no curso?

Não. Inscrevi-me posteriormente. Já tinha visto algo relacionado com a formação para técnicos, mas já tinha passado o prazo e então passou.

280

Se o curso não fosse financiado, também teria ido?

Se eu tivesse que pagar, provavelmente não. Se fosse gratuito, não sendo financiado, provavelmente teria ido da mesma forma. Dispor de dinheiro para seria mais complicado.

Nessa altura, deixou de procurar emprego?

285

Deixei, porque eu acreditei piamente que, quando acabasse o curso, eu ia usá-lo para entrar na área.

É possível afirmar que a Fernanda quando terminasse o curso tinha grandes expectativas que iria arranjar emprego nessa área.

290

Sim. E as expectativas foram sendo alimentadas durante o curso. Era-nos dito que havia muita procura de técnicos de higiene e segurança no trabalho. O que não disseram é que essa procura era para rapazes até aos vinte e quatro, vinte e cinco ano. Isso, não nos é dito na altura. Depois, a gente é que descobre. Em termos pessoais, em termos de gozo pessoal, de aprendizagem de coisas que dá para transportar para a vida do dia-a-dia é muito interessante. É uma área muito interessante que eu gostava de seguir. Eu gostava muito. Quem sabe se será aos quarenta.

295

A passagem de um dia-a-dia em que não tinha emprego, nem curso de formação, para uma rotina em que tinha formação, isso foi positivo para si? Custou-lhe adaptar?

300

É sempre positivo, todas as mudanças, sejam quais forem. Tudo é possível. Mesmo na altura em que o meu filho ia para a escola e depois para a casa não sei de quem, e ele estava com a família e eu estava ali a saltar de pára-quedas, isso perturbava-me imenso, mas tudo se resolveu. Eu acho que tudo se resolve. Portanto, passei a ter a tal rotina que já não tinha, conheci outras pessoas, estava a aprender coisas boas, engraçadas, portanto, é sempre positivo.

305

Entretanto o curso acabou...

Entretanto o curso acabou em Julho de dois mil e cinco. Voltamos outra vez à procura de emprego.

Mas, aí já estava a canalizar a procura de emprego para a...

310

Sim, aí já estava a canalizar para a técnica de higiene e segurança. Os certificados demoraram imenso a vir e depois, na altura, colocaram imensos problemas por não ter

o CAP na mão como técnica, porque o curso inclui o curso de formação inicial de formadores, mas basicamente dirigida às empresas, à estrutura das empresas. Na altura, fiquei com aquela esperança “é agora!” mas não correu muito bem.

315

Foi para o Centro de Emprego depois?

O Centro de Emprego não tinha nada relacionado com técnicos.

Mas ia lá com alguma frequência?

Claro. Ia lá, porque faz bem. Aquele sítio ali, se não for às nove, vou às onze e acabo por ser uma rotina minha. Vai lá, entra na *net*, vai aos empregos, não sei quê, tatata. Vai ver as bolsas de técnicos.

320

E lá ia todos os dias ao centro de emprego, mais ou menos, procurar nos placards, nos computadores e depois chegou à conclusão que nessa área...

Pois e então vamos lá partir para outras. Voltar a ver o Gratuito, o Expresso, o Público, o JN.

325

Comprava os jornais ou ia a um sítio ver?

Eu raramente compro.

Onde é que costumava ver?

No café lá da zona ou através da *net* dá para ver os anúncios e dá para ver a referência. E foi um bocado por aí. Entretanto claro, falar com toda a gente e dizer, eu preciso de emprego para o que for! Eu vergo-me. Está a ver a necessidade, tipo banha da cobra... Mas, realmente não sei o que é que falhou, realmente está algo... Fico baralhada e penso “e agora, como é que vou para a próxima?”

330

Mas respondeu a alguns anúncios e foi chamada para algumas entrevistas?

Fui chamada para algumas entrevistas, para muitas não fui. Para algumas, fui lá. Algumas foram passados dois meses de ter respondido ao anúncio, o que para mim é um bocado estranho, mas ninguém me disse, agora vais ficar.

335

E tem recebido algum papel do Centro de Emprego a perguntar se continua desempregada?

Não tenho recebido. Recebi um no Verão e, entretanto, recebi a informação deste curso, que estou a fazer agora.

340

E é um curso de quê?

É um curso muito engraçado. É um curso de expressão, de criação de novas oportunidades, em que o objectivo principal será o incentivo à criação de novas empresas. Às vezes, é o próprio emprego, digamos assim, um pouco baseado na mesma filosofia “ok, não arranjo trabalho por conta de outrem, ok, vou criar o meu próprio”. A base é essa.

345

Mas, já tinha pensado em criar um negócio seu?

Não, mas eu achei que tinha uma área muito interessante, sobretudo para quem concorre para administrativo, que era a contabilidade. O resto não me pareceu nada... 350

Na área da gestão. O organigrama do curso, digamos assim, tinha temas que à partida não me interessam muito, mas tinha uma parte dedicada à contabilidade, que muitas vezes pedem nos anúncios dos administrativos em que nos pedem conhecimentos de contabilidade. Então, achei que era uma boa oportunidade de aprender a fazer isso que seria uma mais valia para o meu currículo. Pronto, em contabilidade, sabia umas coisas básicas... 355

Foi financiado esse curso...

Esse curso é financiado? Deixe-me ver se eu lhe sei dizer. Acho que é quinze por cento do ordenado mínimo, o que dá uma fortuna, que é uma coisa espectacular. Recebemos à volta de cinquenta e nove euros e não sei quê de bolsa, depois pagam aquelas coisas normais: infantário do puto, transportes e alimentação. É bom. 360

E quando é que termina essa curso?

Termina a vinte e seis de Janeiro.

Mas pensa alguma vez criar um negócio por conta própria?

É assim, eu gostava muito mas não tenho dinheiro. Portanto, por muito que se ande às voltinhas, tem que se ter dinheiro próprio, porque um empréstimo tem juros, juros, juros que vai dar uma volta à minha cabeça e vai rebentar. É o que acontece com muitas pessoas e arreventa mesmo. Eu acho que abrir um negócio para rebentar não está nos meus objectivos. Gostava muito de abrir um negócio e há aí umas coisas que dá para fazer que não implicam grandes montantes de dinheiro. Havia lá um formador do curso que dizia “o negócio está na nossa frente, nós é que não os vemos, é só abrir os olhos”, e realmente eu acredito que sim. Mas, é complicado abrir os olhos, principalmente para quem não tem aquele espírito aberto, acaba por ser complicado. De qualquer maneira, a decisão de trabalhar por conta própria e com investimentos iniciais não está nos meus planos. Agora, no estágio, eu optei por consultoria financeira. 365 370 375

E o que está a fazer agora?

É o que estou a fazer agora.

E diga-me uma coisa, há quanto tempo está a fazer o estágio?

O estágio começou a catorze de Novembro, há um mês e pouco. 380

E foi a Fernanda que escolheu esta área de consultoria financeira? Ou foi uma oportunidade que surgiu?

Foi uma coisa contra a outra. É assim, a área em que eu me tinha inscrito era na área dos cuidados a idosos porque é uma das áreas em que é possível fazer ao domicílio, por exemplo, com baixo encargo inicial. Posso fazer com o meu carro, pronto. Pronto, é daqueles trabalhos que eu acho que é possível e é uma maneira de eu conseguir aperceber-me de algumas técnicas e eu nunca cheguei a saber porque não fiz o curso de geriatria. A minha geriatria é caseira, é um bocadinho diferente. Depois, surgiu, outra vez um formador, a oportunidade de fazer este estágio porque ele trabalha em consultoria financeira. Eu gosto muito de pessoas, mais uma vez, e a parte comercial voltou-me a atrair e achei a área interessante onde é possível ganhar dinheiro, é. Eu não sei é se consigo movimentar-me no mundo. Há muito produto. A empresa em si é um bocadinho complicada, a cultura...

385

390

Tem uma rotina? Tem um horário? Qual é o horário desse estágio?

Nós temos horário de estágio definido das nove às sete. Este mês eu vou-me lançar para ver se eu atino ou não atino, para eu decidir se vale a pena ficar a pena ou não.

395

Há mesmo possibilidade de ficar na empresa. Tem essa proposta?

Tenho. O que eu preciso de ver é se consigo. Neste mês eu vou trabalhar sozinha, se eu conseguir entender, se me aguento nas canetas ou se não funciona.

Então tem uma perspectiva de emprego então?

400

Neste momento tenho.

E uma situação mais estável também? Não?

É uma situação de adrenalina, porque é assim, é a trabalhar para ganhar a comissão. Portanto, não há ordenados fixos, há comissionamentos, tenho é que trabalhar na adrenalina, mas para quem não tem trabalho nenhum é melhor que nada. Se calhar, tem que ser. É mesmo uma questão de ver como é que eu sou capaz de trabalhar não só directamente eu sozinha com as pessoas, porque é uma área vastíssima e que eu não domino. Tentando abrir os ouvidos e absorver tudo, o que é complicado, porque existem milhares de produtos e milhares de maneiras de fazer as coisas e que se conhece só um bocadinho tem que andar ali a dançar para ver para depois perguntar. Acaba por ser assim um bocadinho... sem rede.

405

410

Neste momento, ainda é um momento de pensar no que é que vai fazer no futuro.

Pois, é pensar se sou capaz de ficar naquela empresa. Eu acredito que aquela empresa dá dinheiro. É uma empresa boa. Só que depois é uma empresa que não tem máquina a funcionar atrás. Não tem um telefone fixo, uma recepcionista, não tem nada, percebe? Não tem nada! Tem uma pessoa, que é o dono da empresa, que faz

415

tudo e tem um cargo na empresa do sogro. E, simultaneamente, dá explicações e aquilo é uma confusão de todo o tamanho. Tenho estado a atender pessoas ao telefone e ele está no outro telefone a responder a outras pessoas, a mandar mensagens. Portanto, acabo por ter de, para eu decidir, entender se sou capaz de trabalhar naquele ritmo naquela base, até porque ele não me pode dar outra. Ele neste momento diz “eu só posso ficar aqui”. É aquelas condições que ele tem para me oferecer, não há outras. Por outro lado, eu sou muito stressada e parece-me sempre que os outros trabalham pouco e está sempre a picar-me. Vamos lá a ver.

420

425

Continua a ir ao Centro de Emprego?

Agora não, agora não tenho tempo. Saio de casa às sete e meia e entro em casa às oito da noite. Portanto, agora é impossível porque é assim, eu estou a assumir este estágio como um trabalho. É remunerado, ok. Se eu assumir só como estágio... Mas, eu preciso de saber se consigo fazer aquilo. Tenho o meu programa e os meus objectivos e não sei quê.

430

Ainda há aquela parte da empresária agrícola?

Não. A minha ligação como empresária agrícola já não... Eu vou-lhe confessar, eu estive muito mal, muito mal e, entretanto, tive que vender tudo. Não tenho terrinha para dar ao meu filho, mas pronto, não há-de ser grave.

435

E tem algum biscate, alguma coisa que lhe tenha surgido, por fora para complementar...

Eu fiz um estudo de mercado em Janeiro e Fevereiro relacionado com a imobiliária. É uma empresa que trabalha basicamente com uma administração de condomínios e tem também uma parte de imobiliária e outra parte de estudos de mercado, direccionados basicamente para investidores que requerem um estudo prévio. Janeiro, Fevereiro e ainda se prolongou para Março...

440

E trabalhava nisso a tempo inteiro?

A tempo inteiríssimo. Eu trabalhava durante o dia a recolher informações, das nove e meia, dez até às cinco, cinco e meia e, depois, à noite ia para o computador. Eu também gosto assim, devo confessar.

445

Gosta?

Gosto.

E como é que surgiu essa oportunidade?

É assim, o meu companheiro trabalha para essa empresa e eles estão em Lisboa e só o meu companheiro está aqui, no norte. De resto é Lisboa e eles precisavam do estudo aqui em Águas Santas e como não tinham ninguém que viesse cá fazer,

450

precisaram de contactar alguém...

Não foi nada formalizado?

Foi, foi. Eu como estava desempregada e não compensava estar a dar baixa do desemprego, portanto, fiz uma coisa que eles chamam trabalho único...

455

Acto único.

Acto único, exactamente, porque realmente fui bem remunerada. Depois, há sempre aquelas coisas que as pessoas precisam. A consultora que está a trabalhar com o meu marido também precisava de alguém para ir às conservatórias e era a D. Fernanda. E fui sempre remunerada por isso.

460

Mas essa remuneração não é dada por via formal?

Não, aí não. Houve alturas em que tinha coisas todos os dias, mas havia outros que não e, portanto, eles não insistiram na formalização. Também era uma miséria e pagar impostos e segurança social de isto tudo, eles davam cabo de mim! A gente tentando ocupar-se e sobreviver. E cá estou eu novamente.

465

Ok. Fernanda, penso que da minha parte perguntei tudo o que pretendia. Não sei se quer acrescentar alguma coisa? Fazer alguma pergunta?

Não, não, por mim, também está tudo.

Então, muito obrigada pela sua disponibilidade.

No que eu puder contribuir...

470

Obrigada

471

Fim de transcrição

ANEXO 2.7.

Transcrição da Entrevista G - *Graça*

Entrevista G - Graça

Entrevistadora - A Graça que idade é que tem?

1

Graça - Tenho trinta e cinco anos.

E tem filhos?

Tenho dois. Tenho uma menina, que vai fazer cinco, em Janeiro, no dia onze, e tenho um menino, que fez seis agora, no dia vinte e um de Dezembro.

5

Tudo seguido.

Tenho um casal, um menino e uma menina.

É casada?

Sim, casada já há nove anos.

Salvo erro, também está a fazer o RVCC?

10

Já fiz. Já tirei o nono ano e agora estou inscrita para fazer o décimo, o décimo primeiro e o décimo segundo.

Está bem. Então, daqui a um bocadinho, vamos falar sobre isso. Ia começar por lhe perguntar primeiro com que idade é que começou a trabalhar.

Eu comecei a trabalhar com doze, mas não fazia os descontos, só ajudava. Primeiro, trabalhei numa fábrica de base de madeira, aquelas bases que se põem nos santos. Era envernizar, lixar e dar o verniz, para ficarem com a madeira bonita.

15

Depois, trabalhei numa fábrica de estatuetas de marfinite... Foi ao contrário, fui buscar a parte que encaixa na base. E, depois, tirei um curso de corte e costura e fui estudar à noite para os Carvalhos, porque eu só tinha o quinto ano e fui tirar o sexto e continuei até ao sétimo. Só que deixei uma disciplina para trás e não continuei.

20

Depois fui trabalhar para a Y., trabalhei doze anos. Depois da Y., eu fui tirar o RVCC, porque eu fiz mútuo acordo, e vim-me embora. Eu vim-me embora, porque quis. E, depois, vim para uma fábrica de... Como é que se chama... De bijutaria.

Então, com doze anos começou a trabalhar naquela fábrica das bases, depois passou para a marfinite, que idade é que tinha?

25

Quando fui para a de marfinite tinha para aí catorze.

E como é que foi essa passagem de um sítio para o outro?

Ah, foi bem. Foi bem.

Mas esteve desempregada?

30

Não. Quer dizer, tive pouco tempo, um mesito em casa. Passei logo de um sítio para o outro, porque arranjei aquele sítio, gostei de trabalhar lá e pronto fui para lá. Gostei da

área, gostei porque era marfinite e tudo o que seja novo para mim interessa-me. Eu sou uma pessoa que, como é que hei-de dizer, primeiro tenho de ir ver e depois vejo se gosto ou não gosto. Não digo que não gosto, antes de não ir. Uma pessoa tem que primeiro ter a experiência para ver como é que é. Não posso dizer que não gosto de uma coisa, se nunca lá estive. Por isso é que eu saí de lá, daquele sítio onde estava nas bases e fui para o marfinite.

35

Mas como surge essa oportunidade, alguém lhe falou?

Foi o senhor das bases que falou com a minha mãe, na altura. Ele disse que não me podia meter lá porque já tinha duas irmãs minhas a trabalhar comigo e, como eu era mais novita, estava lá só para lhe fazer o favor, que era mesmo assim, porque a minha mãe não tinha possibilidades. Como eu era novita, arranjou-me noutro lado. Foi ele que arranjou.

40

Então, esteve a trabalhar na marfinite quantos anos?

Dois anos.

45

Até aos dezasseis, então?

Exacto.

E a partir dos dezasseis, vai para onde?

Depois, saí dos marfinites, com dezasseis anos e fui para o curso.

50

Esteve a estudar durante esse período?

Foi nesse ano que estive a estudar. Foi nesse ano que fui para o curso de corte e costura onde estive nove meses. O curso que eu tirei. E a estudar à noite.

E como é que se deu na passagem da fábrica de marfinite para o curso de corte e costura?

55

Bem...

E como é que surgiu essa ideia?

É assim, foi no jornal. Foi uma senhora vizinha da minha mãe que disse se eu queria tirar um curso. Como apareceu no jornal o anúncio, eu fui lá, ao Porto, e na altura, era à beira do Palácio. E eu fui lá e fiquei.

60

E este curso era financiado?

Era. Como não tinha descontos, entrei. Se eu tivesse feito os meus primeiros descontos, já não entrava. Como eu andei nesses sítios sem descontos, entrei.

E porque é que decidiu fazer este curso, de corte e costura?

Agora, como tirei o curso... Não era das áreas que eu mais gosto. A verdade tem que ser dita. Gostei na altura em que andava lá, mas para exercer a profissão, não é o que eu pensava. Tinha esse sonho, de ser costureira e isso mas como tirei ... não era bem

65

isso que eu queria, pronto.

Quando tinha dezasseis anos estava a trabalhar na marfinite. E porque é que saiu da marfinite?

70

Tomei essa decisão, porque é assim, eu trabalhava muitas horas. Eu ali fazia muitas horas extras e tudo e decidi que tinha de estudar e decidi que tinha de ter alguma formação sobre aquilo que eu gostasse. E fui. Fui para o corte e costura, porque era aquilo que eu queria e, depois, cheguei à conclusão de que não era bem isso que eu queria. A gente está a aprender, ou gosta ou não gosta. Eu não vou dizer que não gostei da experiência, eu gostei mas não queria exercer. Eu sempre pensei isso, mas só ao passar por lá é que vi que não era área que eu queria.

75

E entretanto tirou o curso durante nove meses e a seguir o que foi fazer?

A seguir? Deixe-me ver [risos]... A seguir ao curso, fui para a Y.. Já tinha estudado e já estava com o sétimo ano incompleto. Já não estudava à noite. E, então, entrei para a Y., fiquei lá doze anos.

80

Como é que arranjou esse emprego?

Fui-me inscrever, também. Fui pedir uma ficha de candidatura à porta da Y. e fui chamada à entrevista e depois fui para lá trabalhar.

E esteve lá doze anos. E, entretanto, veio embora passados estes doze anos porquê? Qual foi o motivo?

85

O motivo é que havia muita falha de trabalho e, pronto... Eles tinham que seleccionar pessoas para virem embora, porque não tinham para todos. Eu, com medo de vir sem nenhum, porque trabalhei lá doze anos, e ouvia-se muito que eles iam fechar, fechar, fechar, era todos os dias. E eu fiquei com receio e vim-me embora. Fiz mútuo acordo e vim-me embora, com medo. Recebi os meus direitos. Depois, fiquei no fundo de desemprego. Tive direito. Fiquei em casa dois anos sem trabalhar.

90

Mas nesses dois anos esteve a receber o subsídio de desemprego?

Um ano só. O outro ano não tive a receber nada. Só tinha vinte e nove... Ora bem, só fazia trinta no ano a seguir. Como fazia trinta, não atingia os dois anos ou os três anos... Não me recordo bem... Só tive direito a um ano, porque tinha vinte e nove anos, quando saí de lá. Mas, depois, nesses anos, também tirei o RVCC.

95

No primeiro ou no segundo ano em que esteve desempregada?

Foi mais ou menos a meio. Não foi logo que chamaram por mim. E também fui tirar um curso de informática, o básico, o geral e o complementar. Tirei os três aqui, em Gaia.

100

E esses cursos era financiados?

Financiavam o transporte e era também financiado qualquer coisita, mas não era

muita coisa, só uma ajuda que davam por dia. Eu fiz por horas, não era o dia inteiro. Por exemplo, de manhã e já não ia de tarde. Era assim que funcionava. Por isso é que deu também para eu tirar o RVCC e equilibrou um bocadinho. Depois, tive a dias e depois parei para aí um mesito, depois chamaram-me outra vez. Foi por etapas. Não foi seguido, conforme eles iam organizando o básico, o geral e o complementar.

105

Então, quando saiu da Y., ficou desempregada e teve de ir ao Centro de Emprego e teve direito ao fundo de desemprego.

Sim e depois inscrevi-me nestas actividades.

110

E estas actividades como é que arranjou?

Foi através do Centro de Emprego.

Oh Graça, gostaria que me falasse um bocadinho sobre essa sua experiência do Centro de Emprego. Recorda-se a primeira vez que foi lá? Qual foi a sua ideia? Como é que foi atendida?

115

Fui atendida muito bem... A única coisa, a única coisa que me disseram foi que era para pensar bem como é que eu fui desistir de um emprego, de um trabalho bom, porque na Y. as pessoas ganham bem, as pessoas ganham bem em comparação ao que vejo. Porque eu já estive a trabalhar outra vez e é o ordenado mínimo. Comparado ao dinheiro da Y., é uma diferença muito grande. Mesmo em horas, porque vai das oito às seis e lá é das oito às cinco. Em horários e dinheiros lá é muito melhor, não tem comparação!

120

A única coisa que me disseram foi assim, você pense bem! Você viu o passo que deu? É muito difícil cá fora arranjar um ordenado como aquele. Só que é assim, eu também tinha receio, porque se viesse sem nenhum ia ser bem pior. Já veio muita gente embora! Quase todos os meus colegas e as minhas colegas que trabalhavam comigo, já veio tudo embora. Eles só ficaram com pessoas recentes. Não sei, eles devem funcionar com aquilo de mês a mês, não sei como é que funciona, porque mesmo pessoas que tenham efectividade lá, eles não querem. Querem contratos, porque efectivos, eles não aceitam mais.

125

130

Eu, no fundo senti-me um bocadinho arrependida, sou sincera... Porque depois para me integrar no mercado, não havia hipótese. Como é que eu hei-de dizer, há pouca oferta e como é que eu tinha aquilo seguro e fui sair dali? Não sei, olhe, se calhar tinha de ser.

E os seus outros colegas, também saíram por esse sistema?

135

Foi, foi igual porque o receio era muito e depois houve marcas que fecharam lá dentro e uma pessoa sentiu-se com receio. Porque fomos deslocadas daqui para ali e o

receio era de tanta gente que não era precisa daquilo, o que é que eles queriam fazer a tantas pessoas. E isso mexeu um bocadinho com nós e fez-nos pensar um bocado. Mais valia vir embora com algum, do que sem nenhum. A opção que eu tive foi essa. Depois fui trabalhar. Antes disso, estive em casa, e depois fui trabalhar para a bijutaria. Adorei.

140

Em relação aqui, ao Centro de Emprego, foi então tratar do subsídio, correu tudo bem? Há alguma situação que...

Não, correu tudo bem. A única coisa foi que ela me disse isso. E é verdade, no fundo tem razão. Está a dizer que é difícil.

145

E depois, entretanto, depois de ter ido essa vez ao Centro de Emprego, que outras experiências teve com o seu desemprego?

Outras experiências?

la lá com regularidade...

150

la. Sempre. Se não ia lá, ia à UNIVA de C. que é onde eu vou sempre, com a doutora que está lá, a doutora L.. É com ela que vou falar. Ainda a semana passada fui lá três vezes. Vou sempre, ando sempre lá. Pronto, dou-me muito bem com ela. Qualquer coisa ela telefona-me “olha que tenho aqui uma oferta que se calhar lhe interessa” e eu apareço. Porque é assim, eu para estar sempre a ir lá, eu também era de C. e agora é que mudei aqui, para S. e também agora, como fica mais distante, eu para ir para lá prefiro ligar antes e depois vou. É muito melhor do que estar a ir à incerteza. Podem-me estar a surgir coisas muito melhores para outros sítios e eu ir para outros sítios. Não tenho que estar a ir lá, só porque vou.

155

E ao Centro de Emprego, quantas vezes é que ia?

160

Ah, ia bastantes vezes. Não lhe sei dizer, mas que gastei muito dinheiro em gasolina, que eu ia de carro.

E o que é que ia fazer ao Centro de Emprego?

la procurar trabalho, ia ver as ofertas que tinha e era só.

E como é que consultava essas ofertas?

165

Através do *placard* e depois dava o *ticket* e ia pedir o *ticket* do número da oferta e depois ia falar com a pessoa responsável, que era a que estava lá a atender. São doutoras que estão lá atender as pessoas, para ver o que é que aquela oferta diz, porque às vezes não está bem explicado. A gente, às vezes, vê a oferta e diz isto, isto e isto mas não sabe onde é, sítio onde fica, o que se trata, o que se ganha, o que não se ganha. Eles, às vezes, falam que nós temos que entrar em acordo com eles, com sábados a trabalhar e isso. E ela vai ao computador e vê. Então, aí decido se quero,

170

se não quero. E então vamos a entrevistas e depois é que eles vêem quem é que seleccionam.

Mas quem selecciona não é o Centro de Emprego, é a entidade patronal.

175

Não, não. Depois, vamos a uma entrevista na entidade e depois é que eles vêem quem querem e quem não querem.

E durante esse período, surgiu assim algum emprego que lhe pareceu interessante?

Surgiu, só que não fiquei, no meio de muitos. Foi na piscina da G. e inscrevi-me para a piscina da G., só que não tive sorte.

180

O que é que era para fazer?

Era para estar na parte da recepção. Era para entrar pessoas e sair, era para estar. Tinha a ver com o computador, como eu tinha tirado curso de computador, acho que isso dava bem, só que não fiquei. Era para substituir uma pessoa que estava de bebé, mas estava a ter problemas na altura e ia regressar muito mais tarde. Elas também disseram que era só seis meses, mas eu disse, “não faz mal!”, porque eu só queria estar a trabalhar, não é? Ocupada, porque uma pessoa ocupada é diferente. Aliás, eu não consigo estar parada. Eu sou uma pessoa que, mesmo em casa, tenho que andar a fazer sempre alguma coisa, que eu não consigo... E é bom uma pessoa estar ocupada, que não anda pensar noutras coisas. Eu inscrevo-me em muita coisa, não me inscrevo só numa! O que vier primeiro é o que eu vou.

185

190

E a situação contrária, surgiu-lhe alguma oferta de emprego que a Graça tivesse recusado?

Sim, surgiu, de vendas. Chamaram por mim, para eu ir ao Centro de Emprego, eu estava inscrita para vendas. Eu inscrevi-me, mas expliquei que nunca tinha feito, eu inscrevi-me porque gostava de vender só que...

195

Disse que quando foi ao Centro de Emprego disse que gostava das vendas.

Gostava. E gostava. Eles chamaram por mim e queriam que eu trabalhasse sábados e fim-de-semana e ir para fora. Só que eu disse que isso não podia ser, porque eu tenho dois filhos e, de parte a parte, não tenho quem me ajude. Da parte da minha mãe, não me pode ajudar, da parte dele também não. Eu tenho que contar só comigo e com o meu marido e não posso pensar assim “vou deixar os meus filhos ali”, não posso, isso não faço deixar numa pessoa que nem sequer conheço. Eles vão para a escolinha, para o infantário e quando preciso tenho a vizinha. A questão é que não tinha ajuda. E para ir para fora não podia deixar na minha mãe, nem na minha sogra.

200

205

Na altura eles eram mais pequeninos também.

É. Não dava...

Mas esse emprego era... Tinha que viajar, era?

Tinha e tinha também um curso em Espanha e não dava, porque tinha de estar uma semana ou quê fora. Porque primeiro, eles davam uma formação em antes de empregar as pessoas. Era de cerâmica, acho eu... Tínhamos de vender coisas em cerâmica. Eu, na altura, também disse: “olhe desculpe não vai dar”. Se fosse um horário das oito às seis, sete, que é o mínimo, é a hora em que fecha o infantário, dava. Como quando eu tive na bijutaria, pediam-me muitas vezes para ficar até às sete e sete menos dez. E dez minutos dava perfeitamente para a gente chegar a C.. Aquilo era em V.P., era rápido e conseguia chegar lá às sete. Agora, fora disso, não. Mesmo à noite e tudo... Mesmo cursos que me surgiram à noite, tive que desistir deles e abdiqueei deles, porque também, primeiro estão os meus filhos. Além de eu querer algumas coisas e gostar de fazer coisas, mas primeiro estão os miúdos.

210

215

220

E nessa altura, em que surgiu a oferta das vendas em cerâmica, estava a receber subsídio de desemprego?

Não, já não estava. E tive várias ofertas assim, em que me chamavam e não dava. Fui a entrevistas do FN e coisas assim, só que pediam fim-de-semana e não dava para mim.

225

E dizia logo que não dava.

Pois. Houve o CI, mas não dava. Para mim, tem de ser um horário de segunda a sexta. Se for uma vez, há uma irmã que fique... Agora, sempre, não pode ser. A minha mãe é uma pessoa doente, ela querer, quer ajudar, coitada! Só que não pode. Ela já tem quase setenta anos e a saúde dela não dá para ela me ajudar... Por ela ajudava-me, e ficava com eles, como ficou aos sábados que eu ia... Só que é um bocado arriscado. Ela não tem saúde para ficar com miúdos pequenos, eles têm muita vida. Quem tem filhos sabe que os miúdos têm muita vida. É preciso ter muita atenção com eles. Pelo menos com os meus, a minha filha eu vejo-me aflita com ela. Ah pois é!

230

235

Nesta altura, por força destas oportunidades que lhe foram surgindo e a Graça dizer que não, devido a essa situação familiar, era a Graça que tomava essa decisão ou o seu marido também a ajudava.

Não. Eu tomava decisão, porque não havia hipótese. Nem ele podia, porque ele trabalha por conta própria, tem a sua empresa. Ele, às vezes, vem, porque eu telefono, “anda jantar” e ele vem e vai outra vez. É complicado... Não ia ele prejudicar só o trabalho dele só por... Não pode ser, tenho de pensar as duas coisas, porque o

240

dele é seguro. O dele é dele é seguro. E trabalhar com ele está fora de questão. Ele queria, só que eu não quero, acho que não devemos de misturar as coisas. Não gosto. Ele quer, porque por ele, eu estava sempre com ele, a trabalhar, não ia para mais lado nenhum e isso nós não chegámos a acordo e discutimos várias vezes isso e eu não quero. Nem pensar!

245

E a empresa é de quê?

Ele é torneiro mecânico. Mas é que ele, na parte de escritório, tem muita coisa para fazer e sou eu que faço. Eu dava-lhe a ajuda. Às vezes, faço em casa e ajudo no que posso, mas ir trabalhar para a empresa dele, não vou. Não vou e ele, muitas vezes, diz-me, “aqui, tinhas muitas maneiras de ganhar dinheiro!” mas eu, nem pensar...

250

Mas porquê?

Porque não. Mesmo eu não trabalhando com ele, às vezes, ele traz os problemas da oficina para casa, mesmo não trabalhando com ele. Imagine se eu trabalhasse com ele. A pessoa mais próxima era eu. Descarregava tudo em cima de mim. É assim, eu sei que é assim. Eu, às vezes, estou chateada com alguma coisa e se não calhar de descarregar nos miúdos. Eu tento-me controlar. Eu não quero fazer isso. A gente está psicologicamente mal e não há hipótese. Até podia, às vezes, eu gritar com um miúdo e dizer “não faças isto!”, mas, como estou mais nervosa, já grito mais alto. As pessoas que não me digam que não levam para casa, que sabem distinguir, mas não é bem assim. Psicologicamente está ali, aquilo bate ali. Qualquer coisa, uma pessoa fica de mau humor, não adianta. E ele queria muito que eu trabalhasse com ele. Não dá. Não dá.

255

260

Quer dizer pelo seu marido trabalhava com ele e dava-lhe um ordenado?

265

Era. Era, mas eu não quero. Isso não quero. Tanto é que isso, das bijutarias, estive lá duas vezes. A primeira vez estive lá onze dias, nas bijutarias.

Oh Graça, então, espere lá, antes de passar para as bijutarias, deixe-me só falar naquele período de dois anos, em que esteve desempregada. Disse-me também que esteve a fazer cursos de formação através do Centro de Emprego. Como é que teve conhecimento desses cursos? Chamaram-na para ir lá?

270

Foi o Centro de Emprego, eu inscrevi-me, primeiro fui lá buscar papéis. E perguntava muitas vezes à doutora da UNIVA de C., se havia algum curso que me interessasse... Mas, o que eu mais gostava era um de computadores, eu gostava de aprender. Como nunca tinha aprendido, gostava de aprender e aprendi. Consegui aprender e tirei o curso de informática.

275

Mas, vamos lá ver, tirar o curso de informática era porque gostava do que fazia

ou porque achava que tinha mais que ...

Tinha mais que aprender! Tinha mais hipóteses de arranjar emprego. Mesmo com o nono ano, tenho mais hipóteses de arranjar emprego, do que com o sexto. Agora, no *placard* vejo décimo segundo! Décimo segundo... É muito complicado! Mas, eu também disse, quero continuar os estudos, porque é assim, agora é o nono ano, mas daqui a pouco já não é nada e eles começam só a pedir o décimo segundo. Então, é que eu não tenho ofertas nenhuma. Eu já agora vou lá e vejo décimo segundo, primeiro emprego! É o que pedem. Ou pessoas que estejam a receber o Fundo Social ou pessoas... Quer dizer, são essas pessoas que eles querem. Por exemplo, eu não estou a receber nada, porque eu vim-me embora, porque fui eu que me despedi e eu não estou a receber nada e as pessoas optam por outras pessoas que estão a receber. Não sei, eles lá devem ter as ideias deles e algum fornecimento... Eles devem ter é à custa disso... Que se sabe, que é verdade, mas pronto! Acho mal, devem pensar é na pessoa ou no trabalho. Quando vou às entrevistas eu digo, primeiro, se me querem ou não, têm que me ver a trabalhar. Não se pode dizer que não se serve para nada, só porque se falou nisto, só porque se falou naquilo. Às vezes, as aparências não contam, o que conta é o que estamos a fazer. Nas entrevistas que eu vou, é o que eu digo: para saberem aquilo que eu sou, têm que me ver a trabalhar. E tanto é, que foi assim que fui a segunda vez para lá, porque não foi à toa que fui para lá segunda vez. Ela chamou por mim e eu fui outra vez.

Então, foi fazendo formação, nesses dois anos em que estive desempregada, teve conhecimento através do Centro de Emprego...

E fui-me inscrever ao local em que era e depois chamavam-me. Mandavam-me uma cartinha para casa, como fizeram com o curso de inglês, mas como estava a trabalhar não fui. Tive muita pena, porque é assim, eu não tenho muito inglês. Era a disciplina que eu reprovava sempre [*risos*], mas pronto, a gente, não é não gostar, mas como a gente não se aplicava naquela área ia à vida, porque é mesmo assim. Oh deixa lá, fica para trás! Eu queria-me inscrever no curso de inglês como fiz e fui chamada, e é bom a gente saber! Eu estive lá e a gente atendia o telefone e apareciam ingleses e eu tinha de passar. É complicado para a outra pessoa, porque não percebia nada. Espanhol, também falam muito em espanhol. Também fui a uma loja de brinquedos em Gaia, também lá está, pediam o fim-de-semana e não dava, e pediam o espanhol. Também acho que é uma área que se devia saber. O inglês e o espanhol é fundamental para trabalhar numa empresa, para atender os telefones, porque eles pedem muito isso. Se for ao Centro de Emprego e vir os *placards* vê logo “espanhol e

280

285

290

295

300

305

310

inglês”. É logo o que elas pedem.

Então, esteve sempre a fazer a formação sempre na área da informática.

Sim, da informática e depois fiz o RVCC que também foi uma experiência ótima e muito trabalho. 315

E como é que estudava? Onde é que arranjava tempo para estudar?

Quando eles estavam a dormir. Sempre. Não podia estudar quando eles estavam acordados, porque com eles não dá. Nem eu conseguia ir para o computador com eles. Não fazia nada, porque um queria colo e o outro também queria colo e o computador era uma novidade. Eu também tinha comprado o computador há pouco tempo. [Risos] Pois, para eles, coitadinhos, eles queriam ver aquilo a funcionar. Era um numa perna e outro na outra. “pronto, a mãe desliga”, e desligava. Quando eles iam para a cama, às vezes, eram três da manhã e eu ainda estava a fazer os trabalhos e isso. O meu marido não gostava muito dessa ideia. 320 325

Então porquê?

Porque não [risos]. Não queria. Para ele, o fundamental era eu trabalhar com ele, só que eu não...

Ai ele não queria que tirasse o RVCC?

Não, nem o curso de informática. Eu tirei tudo, mas ainda tive bastantes problemas acerca disso. 330

E porquê? Qual era a perspectiva dele?

Ele não queria, porque é assim, eu, ao tirar isso estou a ter mais motivos para ir para outros sítios e ele não quer. Eu, no fundo, não entendo. A ideia dele é um bocadinho assim, ele é uma pessoa que quer que eu esteja fechada ou com ele. Ele não quer que eu evolua muito. Aliás, eu tive muitos problemas quando tirei o curso de informática. Quando era o curso de informática, meu Deus, ele até o carro me tirava. 335

Era?

Ah pois! Mas é que eu não desisto e por eu ser assim é que ele, pronto... Como é que eu hei-de dizer, damos a volta... Eu consigo dar-lhe a volta, porque eu não desisto do que quero. E ele sabe que eu sou assim e por ele saber que eu sou assim é que estamos juntos. 340

Eu namorei com ele nove anos e já estou casada à nove, por isso já o conheço há muitos anos e ele é assim. E por eu ter muitos conhecimentos, ele não quer que eu tenha. É um bocadinho difícil de compreender. Eu, às vezes, comentava com colegas e elas diziam “porquê?”, ele quer que eu dependa dele. É um bocadinho isso e, como ele não quer que eu deixe de depender dele, porque é assim, eu, mesmo estando em 345

casa, eu arranjo sempre coisas para fazer para ganhar dinheiro [risos] e, como isso acontece, ele sente que eu não preciso dele. E ele quer que eu precise dele.

Estou a perceber.

350

E pronto, é por isso que eu consigo as coisas e ainda me dá mais força. Porque, no fundo, ele sendo assim, eu consigo mais objectivos, cada vez mais.

Há um bocado falou-me desses dois anos, esses extras surgiram-lhe naqueles dois anos?

Nos dois anos, não tive nada assim que me aparecesse. Foi só mesmo tirar isso que eu tirei. Agora, sim. Agora, estou em casa e já estou com outras ocupações. Estou a fazer bijutaria em casa e a vender para fora.

355

Vamos já falar disso daqui a bocadinho. Em relação ao RVCC fez com essa expectativa de arranjar...

De arranjar trabalho, porque com o nono ano é mais fácil, do que com o sexto. Eu tinha o sétimo incompleto e fui tirar o RVCC, para ficar com o nono ano. E agora já estou inscrita para o décimo segundo. Acho que sou das primeiras, na lista na UNIVA de C., que eu, outro dia, fui lá e até perguntei ao rapazinho, que estava lá, e ele “você é a primeira!” [risos]. Ainda nem sequer estava inscrita e já tinha lá a ficha feita.

360

E durante estes dois anos também ia à UNIVA de C.?

365

Ia. Mesmo estando a trabalhar, eu ia lá, na mesma. Ia, porque é assim, se me surgisse outra área, a ganhar mais ou que eu gostasse, eu ia.

Em que empresa é que trabalhava?

HL

Então partindo para essa situação, diga-me só uma coisa, quando ficou desempregada nestes dois anos, no primeiro ano, teve subsídio de desemprego, no segundo ano não. Como é que foi a passagem do estar a trabalhar para ficar desempregada. O que é que isso alterou na sua vida?

370

Ai alterou muito, meu Deus. Eu não encarei muito bem, estar em casa. Tanto não encarei, que eu fiquei com um esgotamento e tudo. Eu fiquei muito mal. É assim, eu não me sentia útil e eu tenho que estar ocupada. Mesmo quando eu ficava doente e ficava de baixa, para mim... Uff, eu antes preferia ir trabalhar. Muitas pessoas dizem “ah, eu estou doente da cabeça, estou doente disto” e é tudo psicológico. Por exemplo, uma pessoa está em casa e diz “ah, vou à rua”, mas depois custa sair.

375

Custa?

380

Custa. Por exemplo, como é que eu hei-de explicar...Eu, estando em casa, muitas das vezes digo, “ah não vou sair, vou sair para quê”. Não é? Muitas das vezes, a gente, às

vezes, até quer ir, mas não vai “oh, para quê? Ter de me estar a arranjar e, depois, é só para gastar dinheiro. Olha, não vou”.

Não ia, porque agora vou. Nos princípios, custou-me um bocadinho, chegava aquele horário e ter de levantar e ir, não ia. Isso para mim dava-me uma dor, ter de ficar em casa e não ir trabalhar.

Por isso, eu gostei muito de trabalhar na HL. Adorei trabalhar na HL. E eu, nas férias, não fui gozar férias. Eu paguei a uma senhora lá, vizinha, e ela tomou conta dos meus filhos, que o infantário fechou e fui trabalhar. Só por aí vê-se que eu não gostava de estar em casa. E mesmo as horas extras, que ela não pagou horas extras a ninguém, e era compensada ficando em casa. Mas eu nunca fiquei. E, pronto, ficou ela por ela, quando me vim embora fizemos um acordo. As horas extras que ela me devia e das férias, ficou pelo mês que eu tinha de dar à casa. Fiz uma carta registada a dizer tudo, mas nem ela me ficou a dever nem eu a dever a ela. Teve que ser assim.

E nesse tempo em que estive desempregada dois anos, teve essa sensação de não se sentir útil, a questão dos horários...

É.

E a questão financeira, sentia alguma pressão?

Não senti muito, porque é assim, o meu marido, graças a Deus, dá para a nossa casa e para comer, graças a Deus. Mas, senti o momento que era assim: ele tinha que me dar e eu tinha que lhe pedir. Isso para ele era uma vitória. E eu para mim era matar-me. Ai meu Deus, nem quero que me lembre, que eu tinha de chegar à beira dele e dizer, “olha preciso de dinheiro para isto, preciso de dinheiro para aquilo”, e isso eu nunca tive... Tudo o que tive em solteira, foi à minha custa, para ter as coisas. A minha mãe nunca me deu nada. E como eu sempre trabalhei, para ter aquilo que quero e consegui ter, para mim ter que lhe pedir dinheiro... Não me sentia nada bem. Ai, sentia-me tão mal e por isso mexia-me com a minha cabeça. Depois, só me apetecia dormir, só me apetecia estar fechada. Não ver ninguém. Era assim! Era ver-me em depressão. Ter de pedir dinheiro a ele, a mim custava-me imenso e eu sei que para ele era uma alegria.

E entretanto como é que surgiu essa hipótese para ir trabalhar para a HL?

Foi no *placard* do Centro de Emprego e eu vi lá “fiel de armazém” e eu disse “fiel de armazém, mas isso não explica quase nada”. Tirei o número e fui lá, à recepção, no Centro de Emprego e eles chamaram-me lá dentro, a um gabinetezinho, e disseram-me que era para fazer bijutarias, estar na parte da produção e no armazém, ajudar também no que fosse preciso. Eu fui à entrevista e ela disse-me, logo no Centro de

Emprego, “olhe que isto vai ser trabalho imediato. Entra logo”. É assim, ela pedia uma pessoa com boa aparência e eu fiquei assim a olhar “está bem!” e ela disse, “olhe, que você se calhar vai entrar logo”. Eu não fui muito a contar. Naquela semana, já tinha ido a muitos e tinha sido sempre “não” e eu disse “bem, não há nada como tentar”. Não ia muito a contar, sou sincera. Ela, na entrevista, disse se eu queria ficar lá. E eu disse que sim. E ela disse “dê-me um motivo para eu lhe dar um emprego”, e eu disse “um bom motivo para você me dar o emprego é ver o meu trabalho. Se quiser ver o meu trabalho... é pôr-me a trabalhar e vê!”. E ela pôs-me. Pôs-me aquela manhã a trabalhar e viu-me, viu que eu trabalhava bem e quis ficar comigo, ficou logo. Eu fiquei logo lá a trabalhar.

420

425

Nem sequer falou com o seu marido...

Não, não, não [risos].

Chegou a casa...

Cheguei a casa e disse que ia trabalhar.

E qual foi a reacção dele?

Ele não disse nada. Nada. Mesmo quando eu me vim embora, ele não deu opinião. Não deu opinião, porque ele sabia que a opinião dele... Se ele dissesse a opinião dele, eu não ia deitar muita atenção. Foi sempre assim. Mesmo para cursos e isso. Foi sempre assim. Ele dizia não e eu dizia sim. Era sempre assim. Nunca se meteu, mesmo a entrar e a sair nunca se meteu em nada.

430

435

E vamos lá ver, então porque é que aceitou este emprego da HL, por causa do horário?

Do horário. Não pelo dinheiro, porque o dinheiro era pouco, mas pronto estava ocupada. Eu acho que isso era o fundamental para mim, era estar ocupada. E ele viu logo que eu comecei a melhorar.

440

A melhorar em que sentido?

Psicologicamente. Eu comecei a melhorar muito bem. E depois também tive uma sorte, comecei a trabalhar naquilo que gostava e eu gostava muito de fazer aquilo. Para mim fazer bijutarias é a melhor coisa.

445

Gostou?

Gostei muito.

Mas antes de entrar, não sabia para o que ia?

Não, não sabia! Eu até pensava que era para embalar. “Armazém, fiel de armazém”, pensava que era para embalar caixas, por exemplo.

450

Mas também estava disponível para isso?

Estava, estava porque eu não queria estar em casa e foi esse desafio que me fez ir, sem pensar no que é que eu ia fazer. Não interessava o que eu ia fazer. Interessava é que eu estava ocupada. Isso é que interessava muito para mim. Eu estive muito mal. Quando estive em casa estive muito mal... Jesus, nem quero que me lembre! Não tomei medicação nenhuma, mas estive muito mal psicologicamente e isso eu não queria estar. E notou-se logo, na primeira semana em que comecei a trabalhar, notou-se logo! Eu já andava mais bem disposta, já tinha vontade de fazer as coisas, já...

455

Muito bem, Graça penso que já falámos de tudo o que eu assim pensado. Não sei se quer acrescentar alguma coisa?

460

Não, não.

Então, muito obrigada.

463

Fim de transcrição

ANEXO 2.8.

Transcrição da Entrevista H - *Helena*

Entrevista H - Helena

Entrevistadora – Helena, vou-lhe começar por perguntar qual é a sua idade?	1
Helena - Tenho quarenta e seis anos.	
É casada?	
Sou casada, tenho dois filhos.	
Que idade é que têm?	5
Um tem dezanove, que é o rapaz e a menina tem doze.	
Helena com que idade é que começou a trabalhar?	
Com dezassete anos hummm, dezasseis.	
E estudou até quando?	
Eu fiz agora, porque eram muito poucas...	10
O que é tinha, então?	
Era o segundo ano, ou o sexto incompleto, não é? Mas fui agora fazer o RVCC e fiz com sucesso à primeira. Passei do quinto, digamos, para o nono.	
Começou a trabalhar com dezasseis anos em quê?	15
Inicialmente, fui para uma fábrica de botões, para o fabrico. Mas, pouco tempo depois, comecei a desempenhar as duas funções que eles acharam, os patrões. Passei para um serviço que era de vendedores, fazer colecções, ainda na fábrica digamos, na fábrica, no fabrico, mas um bocadinho já assim num escritóriozinho à parte. Como desempenhei ou desempenhava bem esse papel também, houve uma colega do escritório que ficou grávida, depois foi ter o bebé e resolveu ser mãe a tempo inteiro e eu, como já estava nas colecções, subi para o escritório. Ia fazendo a colecção lá, na secretária, e ia atendendo as chamadas que na altura era a três fios. E pronto, acabaram-se as colecções e depois fui ficando nas chamadas, depois começaram-me a pôr no serviço de escritório a fazer as encomendas, facturas e fui ficando e fui ficando.	20
Até que idade?	25
Deixe-me cá ver. Hummm, para aí até aos vinte e dois anos, vinte e três. Trabalhei lá sete anos, por isso temos que fazer bem as contas e só me vim embora porque fechou.	
Nessa altura já estava casada?	30
Estava casada e não tinha filhos ainda, não tinha filhos. Depois, fiquei desempregada.	
Quanto tempo?	

Fiquei para aí três anos.

Três anos?

Três anos... Dois ou três, assim em contas certas não lhe sei precisar, mas para aí dois anos, depois fiquei grávida...

35

Durante esses dois anos?

Sim, quando estava desempregada engravidei do meu primeiro filho. Já tinha tido um, mas pronto correu mal. Engravidei do meu filho e pronto, arranjei novo emprego que foi aonde estive até hoje. Até Novembro do ano anterior.

40

Nesse período de desemprego, nesse primeiro período teve direito a subsídio de desemprego?

Tive, tive. Tive direito a subsídio de desemprego também.

Durante quanto tempo?

Ah, não lhe sei dizer se foi um ano e meio, não sei. Já lá vão tantos anos, não sei precisar a data certa, mas para aí um ano ou um ano e meio que tive.

45

Pronto, depois entretanto, passados esses dois anos, conseguiu arranjar emprego?

Em Vila Nova de Gaia, numa empresa de refrigerantes. Uma pessoa amiga foi lá, à firma aonde eu trabalhava, buscar bebidas e lá, o patrão disse que precisava de uma funcionária e ela disse: "olhe tenho uma colega, uma moça amiga que quer trabalhar" e ele lá me ligou, mandou-me ir lá e eu lá fui. Ia grávida de poucos meses, pouco tempo e pronto lá fiquei e lá estive até hoje, até Novembro. Trabalhei nesta empresa dezassete anos.

50

E o que é que fazia?

Era sempre no escritório porque eu na altura ia... Com os anos, não estava sempre na mesma categoria, fui subindo. Comecei por estagiária, colocaram-me a estagiária, depois a terceira estagiária, depois fui subindo até segunda. Depois, fiquei no escritório. Foram muitos anos, fui desempenhando as funções de acordo com o que eles queriam e fui subindo.

55

Sempre lá na empresa também.

Sim, sim. Eu entrei como segunda, entrei como segunda e fui, até chegar a primeira.

Entretanto, há cerca de um ano a empresa fechou?

Não fechou.

60

Não?

Não fechou. É assim, não estavam a pagar ordenados, não conseguiam. Pronto, já não vendiam. Não haviam vendas suficientes para os encargos que eles tinham e

65

começaram a não pagar. Então os empregados começaram a lentamente despedirem-se, não é? Uns arranjavam para melhor, porque tinham um ordenado fixo, não é? Certo, que é necessário para fazer face à vida. É necessário o ordenado, porque senão não conseguimos fazer nada. Eu fui ficando, porque não queria sair. Como eu costumava dizer, eu gostava de trabalhar na empresa, gostava e continuo amiga deles. Eu levei-os como minha família, é verdade. Ando sempre lá, de vez em quando, lá vou eu. Portanto, depois chegou a uma altura, fui ficando e fui das últimas praticamente, sempre naquela, eles iam pagando o ordenado lentamente já com atraso, por exemplo, hoje davam-me cem euros, “não posso dar mais, dona Helena, tenha paciência” e o mês passava. Sei lá, chegava ao fim do mês e eu voltava a pedir, mesmo a pedir assim quase de joelhos, “eu preciso, vocês vejam se me arranjam mais algum”, eles diziam “mas agora não podemos”. Eu cheguei a um limite em que eu não podia mais, não conseguia e eles disseram que não podiam pagar porque também não tinham verbas e eu disse “nessa situação, não posso estar aqui, não consigo trabalhar assim desta maneira.”E eles pronto, fizeram uma carta para o desemprego.

70

75

80

Fizeram?

Fizeram, para eu poder ter, para não estar ali sem ganhar e eles sabiam disso e estavam-me a dever três meses de ordenado, ainda hoje não recebi. Nem pensar! Está fora de questão, porque vim embora com três meses de ordenado em débito. Já nem falo em indemnizações, porque o meu patrão disse que não tinha dinheiro para indemnizações. Quem quisesse ir embora que saísse, porque ele não podia, porque a firma estava em má situação e infelizmente está assim.

85

Hum.

E pronto, calhou-me a mim também e eu vim-me embora. Já fiz pouco de que maneira, desta maneira assim, primeiro vi por duas vezes cem euros de cada vez e eu estava sempre a pedir. De vez em quando, vou lá, vou lá, estou com os amigos e ver se vejo algum pelo menos, “não lhe peço muito, eu sei que está difícil para vocês”. Só têm lá os filhos e só têm um motorista, se não estou em erro. Às vezes, nem que seja cinquenta euros, mas eles facilitam a trazer mercadoria, por vezes, o pouco que têm, não é? Já que têm não é? Por exemplo, sumos para os meus filhos, eu vou lá buscar, não é? E se eles quiserem, isso é verdade também, não pago fazem-me uma facturazinha porque depois vai haver um encontro de contas, não é? E é assim, trouxe em Novembro já para ficar para o Natal, pedi algum dinheiro, porque eu até disse para a filha, faça-me um favor, pelo menos paga-me algum, até lhe falei assim. Pelo menos, para eu dar uma prenda de Natal aos meus filhos, porque se não quero dar

90

95

100

uma lembrança e não consigo. Ela disse que ia ver o que se podia arranjar e tal, mas nunca mais arranjou nada, nunca mais ligou, nem nada. Eu liguei, mas ficou na mesma. Não é justo, nunca mais ligou, nem nada, não arranjou... O que é que eu vou fazer?

105

E então, a partir do momento em que teve a carta do desemprego...

Fui, fiz aquele processo todo, normal, que qualquer desempregado faz, a carta da firma, os meus documentos e depois fiz o processo.

Falou com uma técnica do Centro de Emprego?

110

Sim, quando entreguei os papéis mandaram-me a uma entrevista, digamos. Perguntaram o que eu fazia, há quanto tempo trabalhava, a área que eu pretendia exercer. Eu disse, de gabinete se fosse possível. Era uma coisa que eu gostava. Mas, a senhora que me atendeu disse-me logo que ia ser difícil, já dada a idade que eu tinha, que ia ser difícil, muito difícil de eu arranjar colocação nessa área. Mas disse, “nós vamos tentar” e, pronto, e ficou assim. Entretanto, eu, depois, também tentei subir às minhas habilitações, digamos, através do RVCC.

115

Quem é que lhe sugeriu fazer o RVCC?

Ninguém, fui eu por iniciativa. Eu é que fui pedir, eu é que pedi. Agora, creio que chamam quem está desempregado, mas isto foi vá lá, eu vi que não podia e eu queria mais. Quando me disseram que com as minhas habilitações que ia ser difícil. Eu claro, sei muito bem que há as habilitações mínimas, então, comecei a pensar, eu não posso parar. Para mim, parar é morrer e fui assim, bem deixa-me lá ver se consigo habilitações superiores, é mais um bocadinho. Embora, não sejam muitas mas sempre há mais uma possibilidade que fica no ar. Fui eu que, por iniciativa, fui ali, à UNIVA em C., falei com a doutora L. e ela, que é um espectáculo, falando mesmo assim, ela disse que eu fazia muito bem ao fazer isso, disse-me ela “oh Helena, você tem de ir para a frente” e eu disse doutora é para já, eu vou! É isso que eu quero! Ela encaminhou-me para fazer isso e eu fui e fiz isso.

120

125

Mesmo assim, como estou desempregada, e ainda não arranjei emprego, meti-me no curso de informática. Estou a fazer o RVCC e lá demos umas aulas de informação, não é? Nessas aulas, eu disse que já tinha falado com a responsável pelo grupo em que precisava de mais, mais aulas de informática, porque o tempo que eu dei foi muito pouco, tinha dado doze horas, foi um curso básico no Porto não sei a rua. Eu disse “oh, doutora isto é muito pouco, queria que me facilitassem um curso com mais horas”. Estive no curso de RVCC e lá estive, nós fizemos. Também falamos das nossas habilitações, tudo! A nossa história de vida toda, não é? Eu acho que sim, já tinha

130

135

falado com a doutora C. A., que era a pessoa responsável, em que gostava de ter mais aulas porque aquilo que eu tive é insuficiente para o futuro. Pronto, eu não sei se foi por isso ou se foi por eu chegar ao processo e chamaram-me.

140

Quem?

O Centro de Emprego. O Centro de Emprego é que me mandou uma cartinha, para nós nos apresentarmos em tal dia e fomos para um curso de informática. Não éramos obrigadas, mas na altura aceitei.

Não eram?

145

Não somos obrigadas, não éramos.

E era financiado o curso?

Não. Nada, nada, nada. Tinha subsídio de transporte e tinha subsídio de alimentação, mas a doutora A.B., se não estou em erro, foi a pessoa que me atendeu, que estava à frente desse processo do curso, disse-nos logo que nós não íamos ser subsidiadas e que não tínhamos subsidio de alimentação e nem de almoço. E eu, cada qual fala por si, não é? Eu fui em frente na mesma, fui na mesma, porque era o que eu queria. Estou a ter a despesa do transporte e de alimentação não tenho, almoço em casa, não é? Não gasto, tomo lá um cafezinho, o cafezinho e o pequeno-almoço tomo lá. Estou a gostar muito do curso, estou a gostar muito estou.

150

155

Qual é que é a duração do curso?

É de oitenta e seis horas.

Quantos meses?

Começamos no dia vinte de Novembro e vamos terminar a vinte seis de Janeiro, vamos terminar se Deus quiser.

160

Está a receber o subsídio de desemprego?

Estou, estou.

Está a receber o subsidio até que mês?

É até Novembro. Novembro é até quando eu recebo, porque eles no início dão-me, digamos, um calendário com os meses de quantos anos trabalhei. No mês de Novembro já vou receber muito pouquinho. Não sei é um acertozinho só, oitenta euros, agora estou na dúvida, acaba em Novembro.

165

Então teve direito a dois anos, são dois anos?

É, são dois anos, dois anos, pela idade é assim. Na altura, quando eu fiquei desempregada é que, como tinha quarenta e cinco anos, teria três anos, eu como estava na casa dos quarenta, não é? Ainda não tinha chegado aos quarenta e cinco, só tive dois anos. Penso que, depois, dá para recorrer no final, como eu tenho dois

170

filhos a cargo. Vamos lá ver como é que vai ser, mas também eu não estou a espera disso. Eu queria mais era arranjar um emprego, antes quero arranjar um emprego, por isso é que eu estou a fazer isto, para ver se começo mesmo a sério.

175

No Centro de Emprego informaram-na?

Nunca informaram, eu é que fui, para actualizar a ficha. Fui lá, actualizar a ficha, colocar a cruzinha, com o nono ano ou a equivalência...

Na altura, falou com uma técnica de emprego?

Foi um técnico, foi um espectáculo. Ele também me avisou “a dona Helena, com estas habilitações já reforçou mais um pouquinho, mesmo assim é um bocado difícil” e perguntou-me o seguinte, se eu queria pôr mais alguma área, como o meu trabalho era mais uma profissão enfim... Eu respondi que, para já, que não, que ia tentar a minha área. Agora, quando acabar, ou até antes, e não encontrar, então vou procurar outra área.

180

185

Ele sugeriu alguma área?

Não, ele não sugeriu área nenhuma, não. Não chegou a sugerir área nenhuma. Disse-me, “então, fica assim.” Fica assim, então. Vamos fazer o curso de informática, que vou agora iniciar, também disse a ele, vamos fazer o curso de informática e depois vamos ver. Ele pronto “está bem”. Eu é para ficar com mais um bem a adquirir ao meu processo.

190

Entretanto, nunca foi então chamada pelo Centro de Emprego, para fazer uma entrevista de emprego ou passar-lhe a informação de que há um emprego para se apresentar?

Não, não, não. Nunca fui, não. Ora bem, a doutora L., ai não desculpe lá. Recebi uma carta sim, ainda estava no curso de informática, para ir no dia tantos, às tantas horas a uma aula, uma entrevista digamos, de uma hora e meia que tinha a ver com o visual ou o visual da pessoa...

195

A imagem.

A imagem, exactamente, é isso. Fico baralhada porque é muita coisa. Só que não deu, não cheguei a tempo porque estava na Boavista e não me deu tempo.

200

Era um curso...

Era de hora e meia só...

Só hora e meia?

Só, tinha a ver com imagem. Era uma coisa muito passageira e eu telefonei à doutora, mesmo a dizer que não podia ir. E disse-me ela assim, porque eu não falo muito, “eu vi logo que a Helena não podia ir”, porque eu, de vez em quando, vou lá para ver

205

empregos e assim, e ela conhecia-me.

Com que regularidade é que vai lá ao Centro de Emprego?

Se calhar, mais às sextas-feiras e às terças. Terças e sextas vou lá.

210

E agora?

Não vou tantas vezes, porque, por causa do curso que estou a tirar, mas vou todos os dias na mesma, vou à net-emprego. Já aprendi e ainda hoje estive a pesquisar lá e vou pesquisar os empregos, que são os mesmos que a doutora lá tem, pelos vistos porque eu já falei com ela. Portanto, o *site* que eu vou é o *site* que a doutora tem, ou a informação é a mesma. No caso de aparecer alguma coisa que me agrada, eu vou logo lá, à doutora, e ela faz lá, aquele papelinho. O meu filho também anda à procura de emprego e eu vou lá, quando também tem emprego para ele, quando vejo alguma coisa que fica para ele, como ele é novo, quando tem emprego ela faz-me um envelopezinho com um cartãozinho com os dados e tal e nós vamos entregar para futuras entrevistas, mas não tem corrido bem, vamos lá ver. E é assim que se processa.

215

220

E qual é a sua opinião em relação ao funcionamento do centro de emprego?

É assim, a minha opinião é que devíamos ser mais chamados para emprego, não é? Devíamos ser chamados, mas, ao mesmo tempo, há tanta falta de emprego, que eles não conseguem empregar tanta gente. Afinal, sei lá, eu acho que eles nem são responsáveis, porque eu acho que não há emprego para tantos desempregados. Não há firmas para admitir tantos desempregados e, então, entendo que primeiro também devem dar prioridade, penso eu, é aos mais novos, com mais qualificações e nós, como se costuma dizer, que ainda noutro dia vi na televisão, como é que é? Somos velhos... Novos para a reforma e velhos para trabalhar! É mais ou menos assim, não é? E é verdade, no fundo, é verdade. E nós acabamos por nos sentirmos mal. Até porque eu era uma pessoa cheia de genica, muito activa, eu andava sempre a correr desde pequena e dizia até a minha mãezinha eu não tenho tempo, não tenho tempo, isso era eu, sempre a correr. Muito ano a trabalhar e sempre a correr, sempre a correr, sempre tudo alinhadinho e de repente, como eu costumo dizer, tiraram-me a ficha e eu fiquei assim, sem actividade é muito chato! É muito mau para quem trabalha tantos anos e se sente útil e de repente ficarmos assim. Fiquei... Eu entrei... Fiquei num buraco sem fundo porque é muito mau, muito mau.

225

230

235

E o que é que sentia nessa altura?

O que é que eu sentia? Olhe, nem queira saber o que eu senti. Olhe, senti um desânimo, sentia vontade de não fazer nada. Senti um mau estar muito grande, sei lá

240

o que eu senti [*choro*].

Oh Helena...

Senti muita coisa [*choro*]. Depois, claro, era muito vaidosa, para andar bem... Depois, claro, fiquei sem emprego e até para me arranjar [*choro*] tive que cortar e também não tinha vontade [*choro*]. 245

Helena, pronto, se quiser, paramos um bocadinho... O que é que ...

O meu filho, nessa altura, andava na escola, andava na escola. Eu, pronto, queria continuar a trabalhar, queria ter o emprego que tinha. A vida activa era a minha razão de viver, era o meu filho e aquela vida activa e, de repente, fico sem nada. 250

No dia que me vim embora, comecei a chorar... E não consegui, eu disse que deixava um pedaço de mim ali dentro e continuei a chorar e depois [*choro*] Mas, não sei, cada vez comecei a ficar mais desanimada. Não saía de casa, só queria estar isolada, comecei a não ter vontade, não é? A não ter vontade de me arranjar. Os meus sobrinhos, os filhos da minha irmã, que eu sou muito chegada, eles admiravam muito a tia que era eu. Para eles, a tia era um Deus. Pronto, andava sempre assim a correr e gostava de andar bem. E fui-me deixando engordar, eu sei que isso não é desculpa, mas eu também não tive culpa, não sei... E comecei a não ter vontade de me arranjar e um deles disse assim um dia “oh tia eu não te conheço”. Eu comecei a chorar e é curioso que eu disse, eu estou aqui por estar A., eu estou aqui por estar. 255

Depois, fui tirar o RVCC e comecei assim já a levantar mais um pouquinho a cabeça. Comecei a conhecer outras pessoas e fazer convívio, que faz bem. O convívio faz bem, estava habituada a falar para o cliente e eu gostava, eu gosto de lidar com pessoas. A lidar com os clientes, com os colegas e tal. Comecei, então, a encontrar isso no RVCC. Então, já não estou tanto no fundo... Sinto-me já mais... Sei lá, mais activa, já um bocadinho mais entre a turma novamente. Estou à espera de quando acabar agora o curso em Janeiro... Ainda hoje disse ao colega, que está ao meu lado, que vamos acabar este curso e agora com este curso vamos arranjar emprego, vamos lá ver! Oxalá! A ver se este ano é melhor que o do ano passado! E ele vai assim “então senhora dona Helena”. Mas, estou, sinto-me melhor, de longe de ser a Helena que era, longe, longe disso. Fiquei... Eu até chorava. Eu passava a vida a chorar, ainda agora, às vezes, quando estamos em família, eu começo a chorar, logo. Para ver como eu era e como eu estou. 260

E a situação financeira e monetária também a preocupa?

Foi, foi afectada. Basta dizer que três meses sem ordenado, não é? Mais, na altura, eu estive dois meses e meio, na altura, o ano passado, dois meses ou dois meses e meio 270

sem receber do Centro de desemprego, digamos que, feitas as contas, foram cinco meses e tal depois, sem receber ordenado. Com os encargos que já tinha assumido, não é? É que nós assumimos encargos, quando trabalhamos. Tinha um empréstimo ao banco para obras de habitação, contraí um empréstimo. É claro que essas despesas mantêm-se, não ficam no desemprego, não é? Ficam e eu fiquei sem ordenado, mas pronto, o que me valeu é que eu tenho um marido que é espectacular, é compreensivo e juntos demos a volta e está mais ou menos equilibrado, porque também não dá. Quando acabar não sei. Não sei, vamos lá ver, mas espero bem não chegar a acabar o desemprego, espero muito sinceramente. Espero não acabar, quero ir trabalhar antes disso, mas muito antes.

280

285

E durante esse período Helena teve alguma actividade, assim algum biscate que lhe tivesse surgido, alguma situação?

Não, não.

290

Que tivesse contribuído de alguma forma a nível financeiro?

Não, não. Nada, nada, nada. Nada, até porque repare eu sou uma pessoa que gosta de tudo muito direitinho. A lei, para mim, é para se cumprir e também nunca me atrevi a fazer isso, porque tenho muito medo. Tinha medo que, vamos lá ver, se eu fosse ganhar uns dias ou quinze dias ou trinta dias podia perder o meu sustento de mais um aninho, por exemplo. Então, não arrisco, não arrisco, não. Não, não me atrevo a isso, não.

295

Eu, parada não estou, vou cuidando dos meus animais de estimação, que eu adoro, olho por eles, dou-lhes carinho e também a minha casa é bastante grande e até, quando trabalhava, tinha uma senhora que me ajudava. Não era para me fazer o serviço, era para ajudar. Enquanto que eu andava com a esfregona em cima, ela andava no andar de baixo, como eu costumo dizer, não sou senhora e não. Não sou, porque fui criada a trabalhar. Depois, quando fiquei desempregada, um mês antes eu já sabia que ia estar desempregada, e disse à senhora que eu ia ficar desempregada, por isso agora vou fazer eu o meu serviço. Pronto, agora tenho a minha vida de casa e faço-a. É uma casa assim antiga, mas que tem exterior e tudo, é muito grande, aquilo dá muito que fazer. Pronto, disse-lhe que, se eu voltar a trabalhar, que espero bem que sim, que a senhora volta, isso foi o combinado. Ela a trabalhar e eu em casa, nem ficava bem. Ela já andava em minha casa há uns anitos e vem outra vez, ela sabe que foi mesmo por uma questão... Também não me sentia bem... Os dinheiros a serem mais curtos e eu estar em casa, a não fazer nada. Então, aí é que eu me sentia mesmo uma inútil, por amor de Deus! Não me sentia bem, estar a estragar dinheiro e

300

305

310

estar ali, sentada, não é o meu feitio. Agora, já estou mais ocupada, não é? Já vou a manhã toda para lá é para uma boa causa, não é? E depois, de tarde, a partir das três horas começo a minha rotina na minha casa, dos meus filhos, roupas, os animais, os pátios, tudo.

315

E tem em vista mais algum curso?

Humm, gostar, gostava. Pronto, sinceramente gostava.

Qual?

O que eu gostava? Olhe, gostava de, por exemplo, não tem nada a ver com a minha área e também nem assim com a situação profissional, mas se surgir tudo bem, gostava de cozinha, gostava. Tirar um curso de cozinha, gostava.

320

Mas a nível profissional, também?

Também gosto. Quem sabe? Quem sabe, não é? Gosto, gosto porque eu também digo-lhe sinceramente gosto de cozinha, mas não tenho muito jeito e, então, esse curso ia-me dar assim mais... Sabe, aquelas coisas que nós queremos, por exemplo, querer ser doutor na nossa idade? Na cozinha, eu sou igual, quero ser mas, não tenho muitas bases. É como eu costumo dizer, desenrasco-me, mas sim eu gostava de saber mais gostava, de cozinha gostava.

325

No Centro de Emprego nunca falou?

Não, nunca falei nada. Por exemplo, os cursos eu gosto, sinto-me bem nos cursos e quando entro eu entro mesmo. Quando que vou para um curso é para saber, é para saber! Ainda hoje as minhas colegas, por acaso, “a dona Helena quando se mete, mete-se mesmo”. Então, nós a metermo-nos... Eu, quando entro para um curso, é para ir mesmo. Ao mesmo tempo, queria fazer cursos, mas por outro lado, preferia mais ir trabalhar, compreende? Mas, se não arranjar emprego, então meto-me noutra curso meto-me, mas primeiro queria o emprego sinceramente.

330

Tem respondido a anúncios de jornal?

Já, já respondi a vários. Aliás, a doutora ajudou-me, a doutora L. que até me fez um dia uma cartinha para eu responder a um anúncio, mandei mas não chamaram. Mas não têm sido muitos, não, não têm. Não tem, porque ainda estou com o sonho na minha área, percebe? E o problema está aí.

335

Mas, se não for para essa área, que áreas é que acha que pode trabalhar?

Desde que estivesse em contacto com pessoas, que eu gosto, que eu adoro, qualquer coisa, sei lá! Humm, empregada de balcão, por exemplo, num pronto-a-vestir, também gostava... Com a minha idade também não dá. Queria assim para o contacto com pessoas.

345

Nunca lhe surgiu até agora nenhuma proposta? Já foi a alguma entrevista de emprego?

Não, não, não. Nunca me chamaram, nunca. Nunca me chamaram. Não sei, se calhar, há muita coisa que eu gostava de fazer. Por exemplo, estar numa firma, lá está, lá vou para o campo mais do meu lado, mas vou, rececionista, fazer chamadas telefónicas, é assim com o público, gosto, pronto. Tudo o que seja assim, contactos com as pessoas gosto, sinto-me bem.

350

Quando vai ao Centro de Emprego, o que é que vai fazer ao centro de emprego? Vai só ver os placards?

355

Não, não vou lá, vou aqui, em C.. À de Gaia não vou, porque a doutora disse-me logo “vou-lhe dizer uma coisa, ir à avenida e ir ali é igual”, pelo jeito as propostas de emprego são as mesmas.

Em C. é mais perto...

360

Pois, ali em C. é mais pertinho, não é? É um contrato que eles têm com a Junta de Freguesia e digamos com o Centro de Emprego e parte está ali também, em C. não? Por isso, eu não tinha necessidade de ir lá em baixo à avenida. Aliás, eu já precisei de uma declaração, para entregar no Hospital de Gaia, quando o meu filho teve um acidente e foi lá, à UNIVA que eu lhe fui, pedir a declaração. Foi a mesma coisa que ter ido ao Centro de Emprego na avenida, foi igual. A doutora passou-me a declaração. Adoro a doutora L., é espectacular. Gosto, sei lá! A doutora L., para mim, é conselheira, gosto muito dela, gosto. Ela é humana, ela é... Já tenho lidado com muitas pessoas e dizem que a doutora L. também é um espectáculo. Mas também, esta é a minha opinião, há doutores que não assim que não estão à vontade e que não dão aquele apoio que precisamos. Há alguns, um bocadinho... Por exemplo, na área do curso de informática, temos vários formadores. Hoje, conhecemos um, que é um espectáculo também, mas temos um outro, que é o doutor R., que é um doce. Eu comparo esse doutor R. com a doutora L.. Aquilo não há igual. Nós até aprendemos, até fixamos melhor. É que é mesmo um doce, ele lida connosco... Até para mim, lida como uma flor, mas em geral com todos. Ele, por exemplo, não diz, “dona Helena vamos fazer este texto” é assim, baixinho, “dona Helena vamos fazer este textinho”. Isso é tão bom, nós precisamos destas palavrinhas, porque estamos assim numa fase... Já conhecemos outra formadora, já não é assim. É fixe, mas não é espectacular. Fala assim com um bocado mais de autoridade, assim um tom de voz muito autoritário, como quem diz, sou eu que mando, sabe? Aquela coisa... Já não é igual, não tem nada a ver. De todos, de todos ,aquela é a mais fria. Não nos dá

365

370

375

380

mimos, não nos dá aquelas palavras que nós precisamos.

Esse apoio no Centro de Emprego?

É necessário.

385

É necessário?

É, é e muito. Então não é? Eu acho, é, é muito preciso. Eu acho que é muito preciso, umas palavras quentes, umas palavras doces, na nossa situação conta muito. Nós vamos buscar, às vezes, a esse formador, a esses doutores, a força que nós não conseguimos ter, que nós não conseguimos ter sozinhos, nem, às vezes, com o apoio da família. Por isso é que eu digo, as boas palavras, o bom atendimento, não é? Na nossa situação, acho que é o que conta, em primeiro lugar, pode contar isso. Estarem dispostas a ajudar-nos porque se não é isso, nós até ... Passa-se muitas, é o que me vai valendo, se não fossem os meus filhos e o marido que eu tenho...

390

Então já tem motivos muito fortes...

395

Já, já! Está a ver a situação que eu estava e este apoio que me deram, não sei ... Eu cheguei a ir-me muito abaixo mesmo, Mas é que falar, falar, fala-se, mas falar mesmo na realidade, saber o que ia no meu interior, não é? Eu falo por mim, na situação que eu me encontrei, é muito... É... Sei lá! É no fundo do poço mesmo, é no fundo do poço.

400

Esteve, nessa altura, a receber alguma ajuda? Algum apoio?

Não, não. Tive o apoio da família e [*choro*].

E os colegas estão todos desempregados? Os que estão a fazer o curso?

Infelizmente estão, estão todos. Estão todos desempregados. Por aquilo que me apercebi, estes cursos... Embora, que eu, mas, lá está, não sei se me chamaram por eu ter pedido o RVCC ou então se me chamaram...

405

Se chamaram a Helena para algum curso ou para uma sessão de esclarecimento?

Para uma sessão de esclarecimento, não era obrigada a aceitar o curso. Quando eu me inscrevi, nem eu, nem ninguém. Tanto que eu tive colegas que não se inscreveram porque pensaram assim “ah se não vou receber subsídio de transporte, se não vou receber subsídio de alimentação, não vou”. Eu peguei e disse a outras colegas vamos pensar de outra maneira, vamos pensar que estamos desempregadas e digamos que o Centro de Emprego é o nosso patrão, está-nos a pagar um ordenado, ele manda. Vamos entender que ele nos obrigou a fazer o curso e que do dinheiro que vai pagar, do ordenado que nos está a pagar, nós podemos muito bem tirar para os transportes. E pensei de outra maneira, também frisei assim, pensem que se forem fazer este

410

415

curso no particular, na escola particular, houve um formador que já disse que o curso que nós estamos a efectuar ficava por mil e quinhentos euros. Ora, isso é dinheiro! Não é? Para quem quer fazer um curso do género do que estamos a fazer, então ganhamos ou não ganhamos? Vale a pena ou não vale? Por mim, vale a pena! Ficamos a saber, ficamos com mais qualificações, não é? Mais instruídas porque não é só o curso, no fundo é tudo, é o geral. Lidar com pessoas, como os formadores que são gente com muito mais cultura, estamos ali aquelas horas a acompanhar com eles e ficamos a saber umas coisas, tudo isso são ingredientes que nos vêm ajudar a beneficiar, eu penso assim. Não sei se penso errado, mas é a minha maneira de ser e de pensar, são trezentos contos que se poderia juntar e estamos a pagar, mas não podemos ter tudo!

420

425

Claro.

Receber subsídio era bom, claro que era óptimo! Mas se não dão, não era por isso que ia deixar de fazer o curso. Repare uma coisa, se eu estivesse em casa, porque não queria pagar os transportes, não é? Mas, se eu não fosse fazer o curso ia estar em casa a fazer o quê? A dormir? O que é que eu lucrava com isso? Nada! Não é? Digamos que eu gasto cinquenta euros ou sessenta, é contabilidade que nem interessa fazer, mas que gaste cinquenta euros, prefiro! O curso ficou por uma bagatela, digamos e eu fico com o curso, não é? Não é bom?

430

435

Sim, sim.

Fico com o curso, acho bom. Acho óptimo. Então, sou eu que ganho, não é? Eu ganho mais. O Centro de Emprego é que fica a perder comigo! Comigo e com outros que estejam a fazer o curso e ficamos pronto, para o mundo do trabalho com mais uma chance que já é... Vamos lá ver. Até posso estar a fazer o curso e não valer de nada, mas também eu fico a saber mais umas coisas, não é?

440

Claro.

Já sei ir à Internet pesquisar, sei lá tanta coisa! Já sei mandar *mails* por exemplo, já sei trabalhar a disciplina do *powerpoint*. Quando a doutora falou que íamos apresentar trabalhos tão complicados, aqueles desenhos a mexer, não é? Aquelas formas electrónicas, eu quero saber tudo, mas quando olhei disse, eu estou-me a passar. Eu disse à doutora, eu não ia conseguir fazer aquilo, na primeira aula. Agora, já sei, de tanto tentar está muito bonito, já sei meter a animação e passar os diapositivos uns para os outros. Eu nem de longe sabia como lá chegar. No entanto, eu já fiz, dá muito jeito! Dá para ver e para ser apresentado. É, está muito giro, está bem animado. O trabalho realizado com os diapositivos, não está ao meu gosto mas está giro. Eu não

445

450

pensava nunca fazer este tipo de trabalho! Pronto, valeu a pena ou não? Valeu.

Claro que valeu. E agora quais são as suas expectativas terminando este curso?

Vai continuar a ir até ao centro de emprego para receber informações?

455

Se, entretanto, eu não sei, na altura, mas se existir este curso de informática para a base geral e complementar, eu penso que se vai seguir a este que eu penso concluir. Pronto, ai de mim que não conclua! Se calhar vão-me chamar para o complementar e se ainda estiver desempregada vou completar, vou fazer.

Claro.

460

Percebe? Vou terminar. Se arranjar emprego prefiro o emprego, prefiro o emprego que é para ajudar e melhor nas despesas de casa, não é? Para dar uma vida melhor aos meus filhos, para que eles vivam melhor.

Claro.

E depois não é só isso, agora, por exemplo, no Natal, se eu trabalhasse, tinha subsídio de Natal e assim não tive, não é? Nas férias, quando trabalhava, tirava sempre aí uma semaninha ou quinze dias de férias e ia até ao Algarve ou ia até Lisboa, para o Alentejo ou assim, agora não vou. Porquê? Não tenho subsídio de férias e com o dinheiro do meu marido não dá. Portanto, se eu trabalhar, vem o ordenado, vêm os subsídios e já é bom. Eu queria uma oportunidade, porque se me dessem uma oportunidade eu agarrava, porque eu adapto-me bem aos empregos e eu costumo dizer que dou a minha vida quando gosto. E pronto tenho saído pelas razões que foram. Só conheci dois empregos, não é? É sinal de que me ambiente bem e, por isso, se me surgisse outra oportunidade, ai isso não deixava perder. É porque eu quando agarro, agarro mesmo. É para fazer, é para fazer mesmo. E mesmo que eu arranje emprego, o horário para mim é... Não sou daqueles, por exemplo, que vou mesmo quando dá as nove horas ou as oito horas, não. Nove menos um quarto, já estou a trabalhar, por exemplo. Eu tinha a chave e quando ia para a empresa era a primeira a chegar ao escritório. Quando o patrão chegava, eu já lá estava e não estava a espera das oito, começava logo a trabalhar. Na hora de saída, há noite, ao meio-dia é que eu mais ou menos cumpria o horário, para ir almoçar. Mas, à noite, o horário de saída era às seis e, às vezes, não saía.

465

470

475

480

O trabalho para si é importante.

É muito, é muito importante, muito importante mesmo. Eu não estou o dia inteiro só para ganhar dinheiro. Pronto, o dinheiro é preciso, mas ganho, também contribuo para que o patrão me possa pagar e não me sinta um fardo ou um peso, de maneira nenhuma. Temos que trabalhar, não é? E é isso que eu estou a ensinar ao meu filho,

485

que também está desempregado. O meu filho, fez-me uma! Andava a fazer um curso profissional e desistiu. Era um curso de técnico de contabilidade, diz que mais pela matemática, que estava a ser muito complicado e ao fim de um ano desistiu. Mas, eu estou sempre a dizer, P. para os empregos era bom que chegasses ao fim. Pronto, ele é diferente da mãe, eu bem lhe digo mas ...

490

Ele tem que habilitações?

Frequência do décimo primeiro, depois foi para este curso e saiu no ano passado. No ano passado, saiu em Julho e está desempregado. Tem várias propostas, também às vezes vai à UNIVA. Entretanto, também depois partiu um pé, estive em recuperação, pronto parou. Depois as firmas estiveram em balanços. Agora, a partir de hoje vamos lá ver, é ele e eu. Vamos ver o que é que dá.

495

Mãe e filho fazem companhia.

Mas o filho não é como a mãe. Não! O filho é... Já disse, não tem a força que tem a mãe porque eu tenho muita força e o P. é assim, pronto quando aparecer aparece “vamos aguardar, mãe”.

500

Helena, por mim, já lhe perguntei o que gostaria de saber. Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa?

Ah, não, não.

505

Conseguimos terminar dentro do horário que tínhamos combinado...

Pois é, porque hoje, foi como já lhe tinha dito... Não dava para desmarcar.

Então, muito obrigada.

De nada.

509

Fim de transcrição

ANEXO 2.9.

Transcrição da Entrevista I - *Isabel*

Entrevistadora – Eu, então, começava por à Isabel para se, nome, idade, estado civil?

1

Isabel - Portanto, eu sou, chamo-me Isabel, tenho quarenta e três anos. Tenho quatro filhos, dois já estão fora de casa. O mais velho tem vinte e três, já tem a vida dele. O de vinte anos também tem a vida dele e tenho um de dezassete anos e uma menina de cinco anos. Agora estão comigo, o de dezassete anos e a de cinco anos. O de dezassete anos agora, ele teve sempre muito agarrado à minha mãe, durante... Se calhar, durante... Até à data, que a minha mãe faleceu em Julho e eu vim da Venezuela, o menino nasceu lá, o mais novo, dos rapazes. Quando regresssei, fui para casa da minha mãe, porque não tinha casa e o meu filho, o meu mais novinho, depois arranjei casa, organizei a minha vida fora da minha mãe, fora da casa da minha mãe e o menino foi ficando por lá.

5

10

Nasceu aqui em Gaia?

Não, nasci no Hospital de Santo António no Porto.

E depois viveu aqui em Gaia?

15

Sempre em Gaia. Vivi sempre em Gaia, mas agora a minha mãe morreu, vive comigo, o mais novo sempre foi agarrado à minha mãe, quando vim como disse foi ficando, foi ficando, eu fiquei com a menina, e com os outros dois que eram mais velhinhos pronto e ele tinha seis meses quando veio de lá, tinha seis mesinhos e foi ficando com a minha mãe. O trabalho e isso, e como tinha um bebé ainda pequeno, para aliviar mais um bocadinho.

20

O mais velho tem vinte e três?

O mais velho tem vinte e três, o outro vinte e um, são dois anos de diferença e depois faz diferença de quatro anos para o do meio, por isso é assim eu tive o primeiro filho ia fazer vinte anos, até aos vinte e sete tive três rapazes.

25

Quando, teve o seu primeiro filho tinha vinte anos, já estava a trabalhar na altura?

Sim, é assim eu fiz o sexto ano, até ao sexto ano andei a estudar, fiz a quarta classe, depois tive um ano em casa, porque eu disse à minha mãe que não queria ir estudar. Depois, eu tenho uma irmã mais nova do que eu, ano e meio e eu esperei que ela completasse a quarta classe, vamos as duas fazer o sexto ano, que a minha mãe teve sempre insistência para a gente ter mais alguma coisa, não por ser obrigatório o

30

sexto ano, só passado um ano ou dois é que a lei mudou e era necessário o sexto ano, mas a minha mãe disse: “porque é que vocês não vão fazer?” e eu disse: “Ah, vamos, vamos!”. Eu fiz o sexto ano na Telescola, não sei se sabe o que é a Telescola?

35

Telescola?

Não deve ser do tempo da menina.

Eu sei de uma experiência mais ou menos parecida, que eram umas aulas pela televisão.

40

Era, era! Era através da televisão, nós tínhamos a aula através da televisão. Nessa altura, a televisão só havia há noite, não sei se era às sete, se era às oito, não me recordo, mas durante a tarde dava as aulas da Telescola, então nós tínhamos a televisão e o monitor, não sei se o professor era da parte de lá na televisão e o monitor depois orientava a aula. Era um monitor, um senhor e uma senhora, certas disciplinas era a monitora, era assim dividida entre os dois.

45

Depois estávamos aí, discutíamos o vídeo, do professor que nos tava a dar a aula e depois escrevíamos a aula toda que foi dada pela televisão e fazíamos exercícios e depois quando não tínhamos mais nada que fazer, o monitor acompanhava-nos. Depois era uma hora também de aula, como agora é, uma hora de cada disciplina, acabava essa disciplina e depois vinha a outra disciplina, mas era assim! Antigamente, havia a telescola e foi aí que eu fiz o sexto ano.

50

Tirou o sexto ano e foi nessa altura que começou a trabalhar?

Nessa altura estava um bocado indecisa e disse: “Oh não quero, decidi não querer mais!”, depois a minha mãe disse senão queres tens de fazer alguma coisa e então começou por me arranjar a tomar conta de crianças, eu trabalhava na casa das pessoas, não na minha casa, por isso fui tomar conta de crianças de professores, de doutoras. A primeira criança foi lá perto de casa, a minha mãe é que andava a pedir a uma mocinha novinha para tomar conta do bebé, porque ela era doutora, ia para o Hospital e sabia que não havia tantos infantários, era mais pessoas que tomavam conta das crianças e não sei quê. Essas que viviam melhor, era dentro de casa delas, não era pô-las numa casa qualquer, numa ama como agora se chama, eu ia lá, como sabe comecei a tomar conta desse menino em casa da doutora. Tomava conta do menino, fazia o comer dele, a papinha, lavava a roupinha, porque antes não havia as fraldas descartáveis, era lavar, passar e tomava conta das crianças. Depois daí, passei para outra, uma professora também e o senhor era da polícia, inspector da polícia, era um menino e uma menina. Depois fui para uma doutora que

55

60

65

trabalhava no Hospital de Santo António que era médica anestesista, lembro-me que eu tinha de estar lá às sete e meia da manhã, porque ela tinha de sair muito cedo de casa, porque era, tinha de estar ao começo das operações, não é? Tinha que ser ela a primeira a estar lá, porque sem ela não podiam começar o trabalho. E eu parece-me que foi a última menina, que eu tomei conta dela, lembro-me da menina, não me lembro do nome dela, ela agora deve estar uma mulher, porque eu tinha para aí quê? Dezoito anos na altura? E tomava conta dessa menina, a última criança que tomei conta, eu devia ter dezoito, dezanove anos, foi essa menina. O pai dela chegou a vir a minha casa, para eu voltar novamente. Entretanto o meu marido tinha vindo da Venezuela, comecei a namoriscar e pronto já tinha intenções de fazer vida e...

70

75

O seu marido estava na Venezuela é isso? Ainda não era seu marido?

Não, ainda não era meu marido. Eu conheci o meu marido tinha onze, doze anos, quando mudei de residência, pouca distância era de uma residência para a outra, não era assim grande, humm..., era na mesma freguesia a residência, até aos onze anos vivi numa residência, quando estava com a minha mãe e depois mudei com onze anos, onde eu vivia tinha os meus primos também da mesma idade e eles começaram a ser colegas, e o meu marido era um colega..., começaram a conviver, nessa altura o meu marido..., fui fazer o sexto ano andava a estudar, ele não, andava a trabalhar, ele só fez a quarta classe, ele tem quarenta e cinco, quarenta e quatro, é mais velho do que eu um ano e uns meses. Desde aí, começamos a namoriscar e ele saía do trabalho, ia à telescola, foi assim um grande amor que eu tive na minha vida, desde criança.

80

85

Até que depois, ele considera-a irmã, mas não é bem irmã, é uma tia mais ou menos da idade dele, e ele não foi criado pela mãe dele, foi criado pela avó dele, que sempre chamou mãe à avó e à mãe dele nunca lhe chamou mãe. Foi criado por essa avó dele, e então a avó dele criou uma filha, que era mais ou menos da idade dele e eles consideravam-se como irmãos. E depois essa tia dele casou e o marido foi para a Venezuela, que tinha lá também uma irmã e que gostava muito dela. Ela casou em Agosto, ele foi logo passado um mês e passado um mês ela foi e depois também foi para lá o meu marido. A avó dele também insistiu, porque lá era melhor, na altura era, sem dúvida, hoje não é, mas pronto! Foi uma...

90

95

Ele foi, e depois voltou quando tinha dezoito anos? Voltou para a conquistar, é isso?

100

Não, ele foi aos dezassete, eu tinha dezasseis. Eu tinha para aí, dezasseis, ele tinha

dezassete quando foi. Teve lá três anos, regressou quando tinha vinte, foi quando na altura, na altura, humm, eu tinha dezanove, ia fazer vinte. Ele tinha vinte, ia fazer vinte e um, regressou, porque pronto ele queria que eu fosse para a beira dele e eu dizia que não, que não queria ir e ele decidiu vir embora! Decidiu vir embora, tinha a tropa aqui, a família dele não ficou muito satisfeita perante a situação, porque pronto lá, não fazia a tropa e humm, o tempo que tinha que ir à tropa...

105

E eu queria que fizesse a ponte com o seu último trabalho? Ou seja, a última vez que tinha tomado conta de uma criança para a vez que tinha dezoito, dezanove anos, entretanto falou-me do regresso do seu marido?

110

Regressou o meu marido, começamos a namorar e dentro de um ano casamos e eu fiquei grávida.

Ok, e aí deixou de trabalhar?

Aí deixei de trabalhar e deixei de trabalhar, e prontos! Tive logo o meu primeiro filho aos vinte anos, entretanto o menino tinha ano e meio e eu fiquei grávida segunda vez do meio que tem vinte e um, fiquei sempre a viver com a minha mãe, porque as condições não eram boas, não era? Porque eu não tinha possibilidade de arranjar casa e era só ele a trabalhar, o primeiro filho, ele ao fim de meio ano de tropa, visto que tinha um filho pequenino, nós metemos um...humm, como se chamava aquilo? Um recurso como era para..., prontos que o trabalho dele era para mim e para a criança que, ele andou lá meio ano. Depois fiquei grávida do segundo filho, pronto foi indo, as coisas não eram nada boas, porque tinha dois filhos era só o ordenado dele, eu gostava de ter muito uma casa, de alugar uma casa e de ser independente, não é? Gostava de estar com a minha mãe, por muito que a gente se desse bem e tudo era..., mas era diferente, era a nossa casa e prontos e depois havia aí, aquela coisa da educação das crianças, há sempre aquela coisinha.

115

120

125

Entretanto, depois o meu, humm, a minha cunhada continua na Venezuela, e vem cá passar férias, vem cá passar férias e viu a nossa situação, e viu que não era das melhores! E disse logo a ele, se ele não queria ir novamente para lá e ele disse que sim, disse que sim! E eu fiquei triste, eu disse, “eu não quero ir, eu não vou! Não sei quê...”, porque eu era e sou muito apegada à minha família, à minha mãe, principalmente à minha mãe e às minhas irmãs, que era a minha família mais, mais apegada! Vivi sempre com a minha mãe e com as minhas irmãs e eu não conseguia, não conseguia, não queria ir embora. Mas depois lá me convenceram que lá ia levar uma vida melhor, que tínhamos já dois filhos, que tínhamos de pensar nisso. E eu, pronto, ele ao ir, eu queria ir com ele, eu gostava dele, era o meu marido, não é? E

130

135

para onde ele fosse tinha que o acompanhar. Então, ele, a irmã, a tia, não sei se pode chamar irmã, tia, não sei, ele considerou-a sempre como irmã, ela passou cá um mês e meio, dois meses, teve de cá de férias e entretanto regressou e mandou-o vir para o estrangeiro e ele foi! Ele foi e passados uns meses, sei lá, quatro, cinco meses mandou-me vir, para ir com os meninos, os mais velhos. E prontos, fiquei lá três anos, não foi uma situação que eu gostei, não, não foi!

140

Humm, fiquei grávida do terceiro filho lá, que nasceu lá o mais novo dos rapazes, não era uma coisa muito, humm, o país já tava um bocadinho mau, mas prontos, nós fomos para lá para trabalhar e depois construir a nossa vida aqui, em Portugal e o nosso objectivo era esse, era angariar alguma coisa, para depois termos aqui uma casinha. O objectivo não era ficar lá, eu nunca fui com esse objectivo, mas quando vi que as coisas realmente não eram assim, na altura já não, já não dava, já era muito difícil mandar dinheiro para Portugal e pôr esse dinheiro, porque já haviam lá muitos conflitos, embora tudo muito mau, tinha lá uma vida boa, tinha uma casa boa.

145

150

Mas não dava para concretizar os objectivos?

Não, não dava.

Portanto, começou a perceber que a situação era perigosa?

Sim, o meu objectivo não era esse, eu lá, não sei se posso referir? Eu lá, fui para uma casa, uma casa pronto arranjada normalmente, mas depois eu pedi ao meu marido para trocar, porque eu chorava muito e sentia a falta, sentia a falta do meu país, do carinho das pessoas e o meu marido decidiu levar-me para uma zona onde houvesse mais portugueses para conviver mais e então depois decidiu meter-me como *concierge*, *concierge* quer dizer o quê? *Concierge* quer dizer porteira, tomava conta do prédio, limpava, o meu marido tinha o seu trabalho, mas à noite recolhia o lixo, regava os vasilhos, mais ou menos isso. E eu pronto tinha a casa grátis, a luz, a água e ainda me pagavam alguma coisita, não era assim muito, mas era alguma coisa. Era esse benefício que eu tinha lá, pronto tinha uma casa boa, depois às vezes havia um edifício que dava mais trabalho, e nesse sentido passei lá os três anos a trabalhar nessa situação, depois como eu tinha os dois meninos não eram muito grandes, o mais velho tinha três anos, o outro tinha ano e meio, perto de dois anos, portanto tinha que conciliar os meninos com a situação do prédio e como o meu marido viu que aquilo era trabalho demais para mim, fomos para um mais pequenino, um pequenino de quatro pisos, porque depois engravidei, prontos ainda tive filhos lá, tive nove meses de gravidez e depois esperei que crescesse mais um bocadinho para vir para Portugal, depois estávamos à espera para trespassar as

155

160

165

170

concergarias, aquela situação que a gente estava lá e não podia trespassar, porque se fossemos embora, podiam arranjar outra pessoa e também não era fácil arranjar alguém. Depois não valia a pena estar ali, porque eu sentia-me triste, desanimada com a situação, porque se em Portugal estava mal, eu lá estava ainda pior, porque não era esse o meu objectivo estar lá. E prontos levei eles os três e voltei para casa da minha mãe, onde tinha novamente condições, não trouxe nada, não consegui arranjar dinheiro e depois a minha revolta era mais essa, porque tive três anos, ou três anos e tal fora do país e praticamente sem o meu desejo alcançado, não via resultados.

175

Entretanto, tinha três, o mais velho tinha seis anos quando regressamos, o outro tinha quatro e o outro tinha meses.

Aí as coisas começaram um bocadinho a complicar, porque eu quando cheguei aqui e comecei a ter problemas de saúde, depressão, eu sempre fui uma pessoa nervosa, nervosa, mas o habitual, uma pessoa mais arrebitada, mais nervosa, mas nunca tive esse problema de ansiedade, eu nem sabia o que era uma depressão na altura, não é? Não imaginava o que era uma depressão. Eu cheguei cá, como eu disse o menino tinha seis meses, passados uns meses se calhar eu estava a mudar a fralda ao menino, ao mais novo no sofá da minha mãe, e comecei a sentir-me mal, de um momento para o outro, o coração a disparar, eu a querer desmaiar. Fui ter com a minha mãe e disse: “eu estou a sentir-me mal!” e ela lá viu que eu tava a sentir-me mal, a minha cara ficou muito branca, e ela disse: “Realmente não estás muito bem!” fui chamar o meu marido, levaram-me ao hospital. Hoje sei o que é, mas na altura não sabia, esses ataques de pânico de ansiedade.

185

190

195

Comecei a entrar no Hospital de Gaia, a minha casa era pertinho do Hospital de Gaia, agora foi lá para cima para o Santos Silva, mas há uns anos atrás era onde eu vivia, agora é ginecologia e ortopedia. Andava sempre nisto todos os dias, “estou-me a sentir mal! Não sei quê, não sei que mais...”, até que depois um médico no Hospital, uma vez que entrei lá, disse-me “Vou-lhe passar uma receitinha, porque a senhora tem de ir para psiquiatria, tem uma depressão e tem de ser seguida.” Portanto, ele deu-me uma carta, e eu levei essa carta às consultas de psiquiatria e comecei a ser seguida lá, depois vi que era uma depressão, eu nunca tinha tido ansiedade, esses ataques de pânico, que agora sei o que é! era ansiedade, não sei quê, não sei que mais. Pronto comecei a tomar medicação, comecei a entrar depois numa depressão e não sabia o que era uma depressão, então o médico teve-me a explicar o que era, comecei a entrar em desespero, tudo isso foi muito complicado.

200

205

Foi nessa altura, que a Isabel não conseguiu arranjar emprego?

Não, não! Tive muito tempo sem arranjar trabalho, depois também era muito difícil, porque eu não me sentia depois muito capaz, comecei a sentir-me um bocadinho, humm, um bocadinho, humm, não a cem por cento de realizar o meu trabalho de casa e conciliar as duas coisas. Comecei a não conseguir, humm, a minha vida mudou muito em relação a essas depressões que me causaram na minha vida. Foi muito complicado, foi muito complicado, mas depois todos os trabalhos... É assim, arranjar trabalho com três filhos era difícil, era muito difícil e os trabalhos se arranjava, eram a horários que eu não podia, horários que nem pensar! A minha mãe também não estava vinte e quatro horas com os meus filhos, tinha a vida dela e depois começou a ter idade, problemas de saúde e desde aí que eu me lembre a minha situação de trabalho foi muito complicada! Nunca mais, é assim trabalho, trabalho eu nunca mais tive possibilidade de me integrar num trabalho certo, que eu diga...

210

215

220

O que quer dizer com trabalho? Contrato?

Contrato. Nunca mais tive possibilidade! Entretanto eu andava no instituto de emprego, a ver o que eu conseguia e há uns anos atrás, para aí dez anos atrás, ou mais? Eu entrei num curso de formação, num curso de formação.

225

Desculpe, não se esqueça do que vai dizer. Queria fazer consigo um quadro, a Isabel regressa da Venezuela, tem os seus filhos pequeninos, entretanto entra nessa fase clínica de depressão, ok? Então durante algum tempo, isto quase que a impossibilita de conseguir um trabalho, mas há um momento em que a Isabel vai conseguindo fazer alguma coisa. Não é aquele emprego, com contrato, mas vai conseguindo fazer alguma coisa.

230

Eu sempre, mesmo com as depressões, eu sempre gostava de ter o meu trabalho, eu gostava de fazer alguma coisa. Prontos, eu gostava de ter o meu emprego, de me levantar, o médico por vezes dizia que eu não tinha essa capacidade, mas eu dizia: "eu não!" o meu sonho era sempre trabalhar, ir buscar e muitas vezes receitava até medicação, mas eu não queria entrar naquela rotina de medicação, eu queria me livrar dessa situação. Não me livrava é claro, depois tive períodos melhores, também tive problemas na vida que me complicaram também muito a minha saúde. Depois o meu casamento também houve um espaço, depois houve uma altura que o casamento também complicou muito a minha vida, o meu casamento também foi uma coisa que me complicou de realizar o meu objectivo. Complicou! Ainda hoje, se calhar sou a pessoa que sou, não sei, se derivado realmente ao meu marido, não

235

240

sei! Não posso afirmar, até gostava de saber, mas não sei, não sei, em parte, na minha ideia, ou no meu, meu, humm, cá no meu íntimo, a vida que eu tenho levado no meu casamento se calhar tem interferido muito na minha vida pessoal, no meu trabalho de realizar o que eu quero, sim eu sei que tem, mas tive muitos períodos razoáveis, razoáveis, não a cem por cento, mas razoáveis, onde eu ia sempre buscar alguma coisa, porque eu queria, eu queria, queria sair daquele poço onde me encontrava. Tinha necessidade de falar, tinha necessidade de ter as minhas coisas, que era só ele a trabalhar também.

245

250

O seu marido esteve sempre empregado, ou esteve alguma vez desempregado?

Sempre, sempre a trabalhar, o meu marido é uma pessoa muito trabalhadora e sempre com... nunca parou de trabalhar, nunca parou de trabalhar. Ele chegou aqui, veio da Venezuela, chegou aqui, nós chegamos dezasseis, dezassete de Outubro e ele, no dia vinte e três, estava a trabalhar. Sempre e tinha uma capacidade muito grande de... Ele só fez a quarta classe, mas tinha uma capacidade muito grande, não posso dizer que não, porque tem uma capacidade muito grande de trabalho, porque ele só tem a quarta classe, mas tem um bom cargo, gere uma situação complicada, para os estudos que ele tem, acho que ele, humm, tem capacidade, tem grande capacidade, porque hoje em dia, nós viemos da Venezuela há dezassete anos, o miúdo tem dezassete anos, ele veio com seis meses, viemos da Venezuela há dezassete anos. Ora bem ele está nesta empresa há dezassete anos, continua na mesma empresa, foi quando abriu o Continente de Gaia, ele foi para vigilante, meteram-no com a quarta classe na altura, ele disse que só tinha a quarta classe, mas pronto, na altura não sei se conseguia como já lá vão dezassete anos as coisas mudaram muito, mas ele ao fim de três anos já estava chefe de grupo, porque ele trabalhava muito. O meu marido e isso não posso dizer o contrário, sou uma pessoa que digo a verdade e nada mais que..., pronto, acho que as verdades são para dizer, mesmo que ele me..., tenha tido muitos conflitos na vida, eu com ele, não é? Coisas assim um bocadinho difíceis de suportar, mas essa é uma realidade, não posso dizer o contrário. Se dissesse o contrário estava a mentir!

255

260

265

270

Ainda assim quando regressaram da Venezuela, quando a Isabel começou a ser seguida no Hospital de Gaia e foi-lhe diagnosticado um quadro clínico de depressão, recebeu algum tipo de apoio por parte do Estado do ponto de vista financeiro, já que não estava a trabalhar?

275

Não, não! Não havia nada.

Então o rendimento era só...

Era só o meu marido. Era só o meu marido, por isso o meu marido fazia noites, o meu marido na empresa ficou logo efectivo, porque faltava alguém ele cobria o horário e depois havia noites e dias, assim combateu a situação dos miúdos, e eu em casa, que tinha de nos sustentar, mas havia sempre aquela coisa que eu queria trabalhar, eu queria ter as minhas coisas.

280

Queria ser independente?

Exactamente, exactamente! Ainda hoje pronto eu posso dizer que ele agora é que me diz: “Só foste independente a partir de uma certa altura.” Ou, “Ainda agora não és independente, és metade independente, porque o que tens em minha casa foi com o meu dinheiro!” e aquilo a mim não aceitava muito bem, eu tinha muitos sonhos, ainda hoje tenho e sempre fui uma pessoa sonhadora, sempre! E eu fiz esses cursos de formação e não sei quê...

285

290

Pode-me falar desses cursos?

Não sei, é assim senhora doutora, eu comecei à procura de emprego, à medida que estava no Instituto de Emprego, era perto de minha casa e eu comecei humm, e eu tinha lá um senhor meu conhecido, que também tinha tomado conta da menina dele.

Antes de ir para Venezuela?

Antes de ir para a Venezuela, tanto eu como a minha irmã tínhamos tomado conta da menina dele. Então ele era empregado no Instituto de Emprego, às vezes eu passava lá e perguntava: “ Não quer trabalhar?”, “Eu não posso e não sei quê...”. Eu comecei a interessar-me por essas... Eu gostava de ser muita coisa, eu parece que se calhar tinha uma idade, não era uma jovem, jovem. Uma jovem nem de dezoito, vinte anos, já tinha aqueles três filhos, por volta dos trinta anos, mas gostava de ter uma profissão, gostava de ser uma telefonista, gostava de humm, de várias coisas, acho que eu fui sempre assim, sonhava com várias coisas, sonhava e então houve uma possibilidade de trabalho, estava inscrita e chamaram-me para esse...

295

300

Mas foi se inscrever no centro de emprego, porque esse senhor que conhecia a aconselhou?

Não, não! Inscrevi-me por mim própria, por mim própria, estive lá muitos anos inscrita no centro de emprego.

305

Mas não a chamavam de vez em quando?

Claro que não, nunca tive trabalho para fazer, nunca tive assim chamadas do Fundo de Desemprego, há uns anos atrás, nunca, nunca fui chamada.

310

E como não tinha descontos, nessa altura não tinha subsídio?

Não, não tinha nada! Entretanto foi quando me surgiu..., eu fui lá falar com umas doutoras, pronto eu queria resolver a minha vida, os anos passavam, as dificuldades eram maiores não é? Os miúdos a crescer, a escola e isso, na altura era muito complicado, para rendas, só o ordenado dele e tudo isso.

315

Já não estava em casa da sua mãe?

Já não estava em casa da minha mãe, já tinha alugado uma casa e tive lá não sei quanto tempo, mas a casa era minha e não era nada agradável estar sempre a viver num quarto só. O meu marido tinha um ordenado razoável, mas depois as despesas começaram a aumentar, as crianças a entrar na escola e tudo isso e é uma oportunidade esses cursos de formação, chamara-me e eu andava sempre lá á falar com as doutoras, que queria fazer alguma coisa, fui fazer uma entrevista com a psicóloga creio eu. Eu fui à entrevista, era sobre a possibilidade desse curso de formação, que era de restauração, que era uma coisa que eu gostava, que também me interessava. E fui e iniciei o curso, era lá em gaia, era na Avenida da República, eu morava perto.

320

325

Isso foi quê, há uns dez anos?

Não, foi há mais! [*pausa de meio minuto para pensar há quantos anos tinha feito o curso de formação*]. Há doze, treze anos, era quando havia mais formação, não sei se havia. Foi o único curso que eu fui encaminhada para restauração e eu tive a fazer esse curso, não o completei. Não o completei, não lhe digo porquê? Eu adorava estar..., porque nós fomos para a teórica, não é assim? Na parte teórica, onde nós tínhamos, humm, as aulas: tínhamos português; tínhamos inglês; informática, não tínhamos computador, mas dávamos as páginas para estudar em casa, eu gostei muito. Andei lá uns meses.

330

335

Ah o curso era longo então?

Era, eu creio que era de mais de um ano. Eu andei na parte teórica toda. Tive numa empresa de restauração, era bem paga na altura, eu acho que sim, porque acho que ganhava era em escudos, mas era sessenta e tal contos e eu...

340

Só com o curso?

Só com o curso. Há uns anos atrás era bem paga, tinham uns *tickets* de refeição, a refeição que nos davam, a refeição que nos davam à tarde. Eu gostava imenso, convivi, gostava de estar lá, convivia, falava, tinha colegas, tinha pronto. Acho que nessa altura, se calhar a minha depressão, o meu marido dizia: “não compreendo como tu andas tão bem?”. Aquilo foi uma época que andei bem, não sei se era de eu andar a fazer o curso e ter, a ganhar dinheiro, também gostava de conviver com as

345

minhas amigas e de fazer amizades, de conversar, não sei...andei bem, andei diferente. Quando depois nos mandaram para a prática, eu não sei o que aconteceu, sei que tinha contacto com os outros colegas e praticamente tudo foi, porque nós fomos distribuídos por várias entidades, não é? Não estávamos todos na mesma, uns foram para cozinheiros de fábrica, outros para a RTP, foram distribuídos assim, mas tudo isso aconteceu e deixaram-nos de nos pagar e não havia aquele... Porque nós estávamos na formação e ao princípio do mês ia lá uma senhora a conversar com nós, a saber se gostávamos, senão gostávamos. Ela se calhar ia lá mais vezes durante o mês, mas no princípio do mês levava-nos sempre o cheque, os *tickets*, era tudo muito certinho, que depois até a senhora que trabalhava no centro de emprego dizia: "Oh Isabel, eu não sei, para pagar não são bem certos!", mas eram certinhos!

350

A partir do momento em que entramos na parte do estágio complicou tudo, não dava ânimo, não era aquele ânimo de nós estarmos a trabalhar e dizer... e depois compreendemos, e eu no meu caso compreendi, depois falei com um colega, que as pessoas que estavam lá, nós estávamos lá um pouco como intrusos, não nos gostavam de ensinar. Diziam: "Vem para aqui!" e eu fiquei...e depois eu e um colega íamos ao café e falávamos, nós estávamos habituados umas às outras naqueles quatro meses e ficamos com amizade, não é? Cada um falava da sua experiência que tava a passar e é assim não ensinavam, põe-nos ali a um canto e se mandassem fazer era aquilo que nós menos sabíamos, ou o pior, não era ensinar, aquilo não era ensinar! Se nos mandassem fazer alguma coisa era lavar uma panela muito grande, que não queriam lavar, mas não era a restauração que eu gostava que me ensinassem na cozinha, era esse o meu objectivo.

355

360

365

370

Então o estágio? Não concluiu o estágio e não concluiu também o curso, não é? E quando saiu do estágio foi para fazer outra coisa, ou...?

Tive sempre em casa, e depois nunca tive assim trabalho! Depois o meu marido conseguiu meter-me ainda no C. como repositora.

Depois do curso?

375

Depois do curso. Eu acho que sim, que foi depois do curso, como repositora, mas é assim, eu além de não gostar muito daquilo, também tinha os horários, porque os miúdos eram pequenos e então davam-me o horário, que muitas vezes era o horário da noite, eu tinha que fazer por turnos e era complicado.

Humm, aí também tive uma depressão, também fiquei doente, fiquei com uma depressão, tive um problema também familiar, tive uma depressão. Andei lá uns meses e vim para casa.

380

E esses meses foram suficientes para começar a receber o subsídio de desemprego?

Não, nunca tive! Eu posso dizer que já fui à Segurança Social pedir o meu histórico. Eu mesmo com esta idade, às vezes diga que não pareça, ou é bom, ou é mau, para mim deve ser mau, tentei meter...

385

Descontos?

Sim, anda há volta de meio ano de descontos, por isso, isso não é nada! Tem que se ter três anos, por isso é evidente que praticamente nunca tive um trabalho, quer dizer nunca tive um trabalho...

390

Duradouro.

Duradouro! Nunca, nunca! A partir daí, depois também tive depressões, complicações na vida, falta de dinheiro se calhar, problemas no casamento, mas eu sempre a lutar, sempre a sonhar. O que é que eu fiz? O que é que eu fiz mais? Depois de trabalhar no C...

395

A sua irmã, a sua mãe, não lhe arranjam nada?

Não, a minha mãe e a minha irmã, a minha irmã que é mais nova do que eu ano e meio, trabalhou aqui, na E, treze, catorze anos, ela dizia-me para entrar lá, naquela altura era fácil entrar, ela agora já não trabalha lá, rescindiu o contrato. Entretanto, a minha mãe ficou muito doente e essa situação também não foi nada boa e ela veio embora, com todos os seus direitos, antes de vir embora sem trazer nada.

400

Depois como eu disse a minha mãe estava doente, precisava de uma pessoa à beira dela e a minha irmã é solteira, ficou a viver com a minha mãe e ela acompanhou sempre a minha mãe e saiu do trabalho e ficou com todos os direitos.

405

E na altura a minha irmã ganhava bem, e dizia: “ Se tu fosses para lá, não sei o quê...”, mas havia aquela coisa, porque ela tinha o turno da noite, saia ao meio-dia e isso era muito complicado sempre por causa das crianças. Depois o trabalho do meu marido também era por turnos e foi tudo muito complicado gerir isso e a partir daí, sei lá o que é que eu fiz?

410

Eu gostava de cozinha, de cuidar da cozinha, queria ter cursos de formação, eu gosto disso!

Foi novamente ao Centro de Emprego inscrever-se?

Sim, sempre. Eu, ano passado, tive o ano todo a inscrever-me em todo o lado, ainda não fui chamada. Foi um ano para esquecer!

415

Em todo o lado, nas escolas de formação?

Sim, inscrevi-me em empresas. Eu fui ao Instituto de Emprego, eles dão uma

listagem de todos os..., de todas as instituições que tinham formação, eu acho que me inscrevi em tudo, em tudo e mais alguma coisa, não apareceu nada!

Fui chamada para um, fui chamada para um! Não, fui chamada para um trabalho, onde só era vinte e cinco por cento do salário mínimo e eu acho que era uma formação, não sei se era de contabilidade. Eu gostava de fazer uma formação e ter o nono ano, completar o nono ano, porque há possibilidades de trabalho com o nono ano. Eu tenho o sexto, prontos o sexto ainda é pior, mas prontos. Eu queria uma formação que desse acesso ao nono ano, mas podia ser formação sem acesso ao nono ano, eu queria formação sem nono ano, o que houvesse de formação assim eu queria entrar, mas não consegui, foi mesmo um ano para esquecer!

420

425

E o curso de contabilidade?

Ah, o de contabilidade! Tudo o que estava lá foi um engano, aquilo era um engano, porque nenhuma de nós reunia as condições que eles... É só, porque nenhuma de nós que estava lá reunia as condições para entrar nesse curso.

430

Isso é mesmo, só para dizer que funcionava como curso!

Pronto, é assim, eu também trabalhei na época do Verão, porque é engraçado, porque eu tenho uma situação, que ainda hoje..., e posso contar esta situação, não tenho problema nenhum! Porque eu quero arranjar dinheiro, ter dinheiro, eu, hummm, eu já senti dificuldades, se calhar agora estou a passar mais, eu queria ter a minha independência e não queria andar a bater à porta de A, B, C ou D a pedir dinheiro, porque isso a mim entristece-me, eu fico revoltada! Eu sonho ter as minhas economias para combater a vida, para sei lá, para não andar a pedir, a pedinchar e então na Segurança Social é horrível! Aquilo é horrível! Uma pessoa ficar desempregada e não ter condições, é horrível andar pela Segurança Social!

435

440

Qual foi o seu primeiro contacto com a Segurança Social?

Foi há alguns anos, há alguns anos, porque eu comecei a ter dificuldades na vida e comecei a ir para a Segurança Social, quando vi que a minha vida não estava fácil. O meu marido depois teve uma época que saiu de casa.

445

Depois daquele trabalho no C?

Não, foi antes.

A senhora estava-me a dizer...

Sim foi depois, foi depois. O meu marido saiu de casa, tínhamos uma casa comprada, tive que entregar essa casa, porque eu não compartia as despesas, claro! Na altura eu pagava sessenta contos ao banco, tinha os miúdos e ele ao ir embora, para mim foi muito complicado, tive um esgotamento, entrei em psiquiatria, estava na

450

menopausa, por um lado, amava o meu marido, era o mais importante da minha vida era ele e os meus filhos, além da minha família, não é? Da minha mãe e entrei em choque total, entrei em choque total, entrei em depressão total, eu já tinha problemas de depressão anteriores, não é? Mas, com esta situação foi uma depressão total, o médico queria-me internar e eu sempre evitei, mas fui eu própria que lhe disse: “ Já não aguento mais, tem de me internar!”. Deixei os meus filhos sozinhos, entre aspas, porque o mais novo, esse viveu sempre com a minha mãe, agora os meus mais velhos que sempre tiveram comigo, a minha mãe podia deitar-lhe os olhos, mas não era constantemente, com três crianças ela dizia-me que não podia. Eu praticamente deixei dois filhos sozinhos, porque eles estavam em casa sozinhos, eles viviam no meu apartamento, a minha mãe fazia-lhes o comer e eles iam dormir. A minha preocupação quando estava internada eram os meus filhos que estavam em casa, o mais velho tinha catorze e o outro tinha à volta de doze anos, mas eu tinha o meu filho do meio que ficou diabético desde os nove anos de idade, ficou diabético e a partir dos dez anos e tinha que tomar insulina e pronto era responsável, porque ele era responsável na medicação, não digo que ele fosse assim tão responsável na alimentação, mas ele sabia, começou logo a picar-se a ele próprio, não era preciso os pais picarem-no. Por acaso o pai quando estava em casa tomou a opção para ele não estar sempre a saturar, de dar ele no braço, nunca tive essa..., nunca tive, como é que eu hei-de dizer, nunca tive essa coragem fazer isso, porque se fosse necessário mesmo tinha de dá-la.

455

460

465

470

Mas nessa altura foi a Segurança Social que a procurou, ou foi a senhora que...

Fui, fui eu que procurei a Segurança Social, porque eu há muitos anos, desde que aconteceu estas situações, não é? De eu não poder trabalhar, ou às vezes no desemprego, nas épocas que passava pior tudo o que vinha não dava, porque tinha os filhos pequenos, porque os ordenados não eram compatíveis eu confesso que entrei em dificuldades e fui procurar a Segurança Social, para me apoiar e sempre fui muito complicado na Segurança Social. Era pedir esmola, porque...

475

480

Era assim que a Isabel se sentia?

Sentia, sentia!

Porquê?

Ainda hoje sou uma pessoa revoltada contra a Segurança Social.

Entretanto eu comecei a receber o Rendimento Mínimo, entretanto veio aquela lei do Rendimento Mínimo, comecei a receber o Rendimento Mínimo e eu já estava um bocadinho, melhorei um bocadinho na situação financeira, posso dizer que quando

485

veio o Rendimento Mínimo eu tava... é assim a nível de casa, nunca pude pagar, porque já tinha as prestações da casa todas em atraso, nunca pude. Eu tentei fazer acordos com o Banco, mas nunca eram acordos que viessem a...

490

Concretizar?

Exactamente nunca vieram, não podia ser...esses acordos não podia cumprir, porque não tinha.

Exacto!

Então eu não aceitei, porque não eram compatíveis com a minha... com as minhas economias, eu não tinha! Mas ao receber o Rendimento Mínimo, dava mais ou menos, porque eu posso dizer que na altura é assim eu recebia sessenta e tal contos, hoje recebo quarenta, há uns anos atrás estava-se muito melhor.

495

Como é que funciona, ou seja, a Isabel dirige-se sempre à mesma Instituição de Segurança Social, fala sempre com a mesma técnica, com o mesmo técnico, fala com pessoas diferentes?

500

É assim, quando veio o Rendimento Mínimo, ehh...

Já tinha algum apoio da Segurança Social?

Antes disso, também tinha assim qualquer coisa, antes de receber o Rendimento Mínimo, era assim uns apoios que eles davam de mês a mês, sei lá era em escudos, dez contos, quinze contos, vinte contos, porque eu ia lá e dizia que não podia, que tinha luz para pagar, tinha a água e qualquer coisa assim, tinha que explicar e ela fazia muitas perguntas e estava lá... e por vezes diziam-me que não havia verbas, que tivesse paciência. Eu vinha de lá embora, sem nada, um bocado revoltada com essa situação, ou por vezes, por vezes havia, na altura tínhamos que ir para o Porto, passavam-nos uma cartinha, depois tínhamos que ir para o Porto levantar essa verba, dez contos, ou quinze ou vinte, na altura há uns anos atrás não era mais do que isso, trinta contos, para aí, mais do que isso. Portanto, havia momentos que a gente não podia ir lá mais, porque tinha aquela verba dada.

505

510

E eram eles que vos diziam isso? Que não podiam dar mais nos próximos tempos?

515

Sim, eram eles que diziam: “não podemos no próximo mês!”, não era assim todos os meses está ali aquele dinheiro para as despesas, antes do Rendimento Mínimo.

Depois?

Depois eles avaliaram as pessoas que eu tinha a cargo, o meu marido não estava comigo, comigo em casa. Avaliavam que eu tinha os dois meus filhos e era eu e então eu fui acompanhada várias, várias, humm, uns anos, eu não sei

520

concretamente, por uma doutora, que eu admiro-a, foi uma doutora que me ajudou imenso, não só como me acompanhou, mas como me ajudava quando eu ia lá, nunca foi uma doutora que me derrotava, ou uma doutora que me estava a dar uma esmola, ou como é que eu hei-de dizer ela era uma doutora nova, muito novinha, novinha de vinte e tal anos. Na altura eu creio que ela não era casada, depois casou-se teve um menino, conversava muito comigo, sabia da minha, do meu problema das depressões que eu tinha. Andava a ser seguida em psicologia, com um psicólogo, em psiquiatria, ela sempre me deitava para cima, para ir falar com ela, porque tinha necessidade, porque me aconteceu isto ou aquilo, pronto aconteceu-me alguma coisa, eu tinha necessidade de falar com ela e assim e eu havia marcações, e eu ligava para ela: “Senhora Doutora, eu precisava!” e ela dizia-me assim: “Acalme-se que eu vou ver um espaço aqui na agenda e se puder eu ligo-lhe para a dona Isabel e marco-lhe um dia.” E sempre da parte dela, não é como agora que eu estou desacompanhada, eu ligo e só passados meses é que posso saber se vou, isto é incrível Senhora Doutora, eu ter de passar por isto!

525

530

535

É assim, eu dentro desta doutora, apoiava-me, ouvia-me, eu sei que ela não dava nada daquilo que era dela e tinha consciência que ela também me pedia, porque assim era e eu tinha que levar as coisas correctas, ela não chegava aí e dizia: “Vai ceder.”, não! Ela dizia: “Oh Isabel tem de me trazer o comprovativo.” e eu sempre trouxe as coisas.

540

Ah a Isabel tinha depois de lhe mostrar...

Exactamente! Se qualquer coisa que eu precisasse, ou da rua, tinha que comprovar que era realmente para aquilo, mas tinha um apoio muito grande da doutora, eu nunca me senti, eu sentia-me, quer dizer eu sentia-me com ela, ela era uma pessoa que me acompanhava. E se às vezes ela: “Oh Isabel, não sei.”, eu dizia: “Senhora Doutora, esta situação.”, porque eu na altura estava a receber o Rendimento Mínimo, mas havia um apoio à parte onde eu consegui depois alugar uma casa e ter uma casa. Tinha o apoio da Segurança Social depois de metade da renda e eu conseguia ter a minha vida mais ou menos organizada.

545

550

Já era outra maneira, não andava assim com aquele stress se tinha, senão tinha, andava assim razoável e qualquer coisa que me acontecia e tudo, ela tinha umas palavras para me dar e nunca me deitou, só me dizia: “Tenha calma! A senhora vai melhorar, ainda vai conhecer alguém, ainda vai trabalhar!” e eu chorava muito e dizia: “Senhora Doutora, eu gostava tanto de ter a minha vida, o meu trabalho, não andar a pedir.” E ela sempre me dava aquela palavra de conforto, era muito

555

espectacular! Não posso dizer que fui mal acompanhada nessa altura, fui bem acompanhada e tudo o que eu lhe pedi e que estava dentro da lei, da normalidade, ela fazia-me.

560

A partir de que fiquei grávida, porque entretanto o meu marido saiu de casa, teve fora de casa um tempo e depois voltou e disse que queria fazer novamente vida comigo e eu nunca tive outro homem, ainda hoje não sei, mas...

E eu regresssei novamente a essa situação, de ele voltar para mim e fiquei grávida da menina que agora tem cinco anos. Só que prontos essa situação não foi fácil, porque eu tinha trinta e oito anos, estava a tomar medicação, é assim o meu marido sempre quis ter uma menina e eu também gostava, mas acho que não estava nos meus planos.

565

Naquela altura.

Naquela altura, porque eu entendia, eu não tinha trabalho, a vida não estava fácil e também com a minha doença, com mais essa questão e depois vir um filho e eu revolto-me, como às vezes eu me revolto, que eu sei que a minha filha não tem culpa, amo a minha filha, mas eu às vezes penso e peço até perdão, revolto-me, se eu não a tivesse, se calhar ia conseguir, sei lá!

570

Eu estou a dizer se eu não a tivesse, se calhar hoje tinha mais acesso a ser indepen..., eu hoje tenho os meus filhos criados, só me lembro de uma situação igual de quando eles eram pequenos, porque eu agora penso que podia não estar assim, podia estar diferente, como eles estão maiores, já tem a sua vida independente quase, os dois já tem, só tem o de dezassete anos, o de dezassete anos não precisa de mim, o pai às vezes ouve: “se eu fosse sozinha, se eu não os tivesse - ”, se calhar não era assim, se calhar realmente não era, porque eu vejo um trabalho, mas não dá, porque o horário fecha às sete, sete e meia.

575

É assim, às vezes revolto-me contra essa situação, mas voltando atrás Senhora Doutora.

580

Engravidou nessa altura?

585

Engravidei nessa, onde eu estava ainda a ser acompanhada ainda pela Doutora e ela acompanhou-me, ela acompanhou-me..., ela ofereceu-me o carrinho de bebé, e eu disse: “Doutora, não tenho nada...”, e eu liguei para ela e eu disse “Doutora, preciso de falar com a Senhora Doutora!”, quando soube que estava grávida entrei em choque. Entrei em choque, porque é assim, eu queria e não queria a minha gravidez e eu tinha confiança, é claro que chegou a uma altura que eu tinha consciência que senão me protegia ao ter relações que eu podia engravidar, mas ao

590

mesmo tempo, se calhar foi da felicidade do meu marido, ou da própria minha, estar numa época assim mais feliz e tive. Porque eu dizia: “Ah não, não quero ter outro filho!”, mas ele dizia: “Ah, mas o que vier agora, venha menino, menina, eu gostava de ter uma menina!” eu sabia que gostava, mas também sabia que não podia, eu sabia que gostava, mas não podia ter e também não me preveni devidamente. Eu dizia: “Oh se calhar não...”, se calhar um bocado de imaturidade, não sei, não sei o que aconteceu naquela altura. Fiquei grávida, fiquei grávida!

595

Depois foi acompanhada, por quem?

600

Pela Doutora.

Continuava a receber as prestações, o Rendimento Mínimo e o apoio para a casa?

Humm, não nessa altura não, o apoio da casa pedi-o depois mais tarde, porque depois devido ao meu marido vir para mim eu não tinha o direito ao Rendimento Mínimo. Mas isto é assim, o meu marido veio para mim, mas não era uma coisa segura.

605

Segura, ok.

Era uma coisa muito tremida, eu contei à Doutora e ainda hoje disse acontece, porque é assim, o meu marido voltou, mas dois meses ou três voltou à mesma situação, porque eu tive o à vontade de explicar isto à Doutora. O meu marido podia estar dois, três dias comigo, mas voltava novamente e eu não ia estar a deitar abaixo.

610

Portanto manteve a situação?

Mantive a situação, visto que a situação do meu marido não era aquela situação de ficar comigo, para continuar uma vida normal comigo. E eu pronto, entrei em choque na minha gravidez, o psiquiatra disse, falei com o psiquiatra: “Doutor, aconteceu-me isto assim, assim, tou grávida, o que hei-de fazer?” eu deixei de tomar medicação, o médico disse: “Não, não deixa, vai deixar de tomar gradual.”, mas eu no meu ver era radical, porque eu sabia que tinha uma criança dentro de mim e não podia, eu não queria e foi a minha decisão. E o médico dizia: “Não, tente tirar a medicação gradual.”, e eu disse: “ Não, Senhor Doutor”, foi uma decisão: “Eu não quero!”. Eu sabia que tinha uma criança dentro de mim e saber que estava a tomar medicação fazia-me aflição. Entretanto o psiquiatra pôs a hipótese: “Oh dona Isabel, é assim em termos económicos, tanto económico, como, humm, ...” como é que eu hei-de dizer?

615

620

625

Para a sua saúde?

“Para a sua saúde, não é muito conveniente, esse filho, não lhe vou dizer que é.

Como médico estou aqui a dizer o que é, mas também não vou ser eu que lhe vou dizer que o que pode ser, isso é uma decisão sua e do pai, do seu marido. Não posso interferir nisso. Pense, vá para casa, pense! Eu até posso mandar lá uma carta para o Hospital de Gaia, para interromper a gravidez.”

630

Eu, por acaso, foi uma luta muito grande, nunca tive uma luta tão grande na minha vida, foi uma luta muito grande comigo própria, o que é que fazer, o que é que não fazer. Eu já tinha os filhos grandes, eu sabia o que é que passei para criar três filhos pequenos, sabia que não trabalhava, sabia que não tinha oportunidades, foi uma luta muito grande comigo própria, eu meti-me na cama e dizia: “O que é que eu faço?”, foi terrível! Até que disse, pronto, não faço! Seja o que Deus quiser e tenho a criança. E disse: “Oh senhora Doutora, eu vou continuar com a minha gravidez e há-de ser o que Deus quiser!”, “Tudo bem Isabel, você é que sabe. Tenha calma, não se preocupe, porque a gravidez é um estado que põe a mulher mais relaxada. Não se preocupe, porque tudo vai correr bem! Vai ver que vai ter uma gravidez boa, vai tirar a medicação.”. No entanto, graças a Deus foram nove meses todos em paz, não precisei de anti-depressivos, não precisei de nada, foi uma gravidez ótima que eu tive, graças a Deus!

635

640

Eu quando fiquei grávida eu tinha muita necessidade de comunicar com ela, com a minha mãe, porque a minha mãe também conhecia a doutora, porque a minha mãe também passava pela Doutora, porque a minha mãe também tinha problemas económicos, também tinha o meu filho que estava ao cargo dela e como ela era da nossa zona, passava pela minha mãe, ela conhecia a nossa história de família. E ao princípio eu pensei, como é que eu vou dizer à senhora Doutora que eu estou grávida? Eu liguei para ela, marquei com ela e eu disse:

645

650

“Senhora Doutora, eu estou grávida.

-Deixe lá Isabel, pronto então aconteceu!”

Nunca foi uma pessoa que me disse: “Ai não deixasse vir o filho!”, ou “Uma pessoa que não tem condições, não deve fazer filhos.”

655

Ouviu isso da Segurança Social?

Sim, sim. Ainda há pouco tempo ouvi de uma funcionária lá: “Quando a gente não tem dinheiro, não tem possibilidades não deixa vir os filhos para o mundo.”

Entretanto eu disse: “Senhora Doutora, eu não tenho nada.”, na altura não conhecia ninguém que me desse umas roupinhas e assim. Depois fui pedindo algumas coisas a algumas pessoas, que eu soubesse, que prontas eram limpas e tudo isso, não aceitava de qualquer pessoa, não é? Ela deu-me uma verba para ir comprar, deram-

670

me uma verba para roupinhas para bebé. Quando ela nasceu fiquei radiante, só tinha rapazes, fiquei feliz, claro que não vou dizer que não fiquei feliz, fiquei! Deram-me uma verba, comprei, deram-me uma verba para o carrinho, p'rá cadeirinha, p'ró voador, antes que se dizia, na altura era o voador. Fui bem acompanhada, fui!

675

Na altura deixou de ser acompanhada por essa doutora, é isso?

Ela foi-se embora. Hoje sei, que a partir daí a minha vida transformou-se num caos.

Mudou então de assistente social?

Não! Ela era da Foz e pediu transferência para mais perto, como era aqui em Gaia.

680

Então foi acompanhada por outra técnica?

Por outra técnica.

O.K., como é que correu?

Foi horrível doutora! Eu não posso dizer. Eu tenho um horror à Segurança Social, porque é terrível, porque a doutora, não me lembro do nome dela, não interessa, desde que ela foi embora a minha vida é um..., porque ela sempre dava um jeito, porque eu dizia: "Senhora Doutora, a família não tem não sei quê, não sei que mais." e pedia muitas vezes para ela me dar um apoio e dava-me trinta e cinco contos para a renda e o meu marido completava, porque eu não podia, porque hoje em dia as despesas são insuportáveis.

685

690

Claro, claro!

Eu posso dizer que chegou a uma altura, que posso dizer que estou numa altura que não sei onde viver. Eu não sei onde vou viver, porque eu não posso suportar uma renda.

Entretanto deixou de receber esse apoio?

695

Deixei. Entretanto a doutora foi-se embora e foi por meio ano e ela também me disse só por meio ano e depois entrava uma nova situação. Depois da doutora ir embora tentei saber quem era a doutora que me ia acompanhar, visto a doutora sair.

Demorou uns meses a conseguir uma entrevista com a nova doutora, tinha de tirar um *ticket*, agora acho que já passou essa situação, eu tinha de me levantar às cinco horas da manhã, se eu fosse às seis, seis e meia eram filas de pessoas a ser atendidas, ou eram dez ou quinze pessoas a ser entendidas.

700

Sem marcação?

Sem marcação e tinha que estar no dia que estava a freguesia, o que era à quarta-feira, então eu tinha que ir na noite de quarta-feira, eu fiz isso umas poucas de vezes e não tive o resultado. Uma poucas de vezes não tive e tive resultado uma, duas vezes que cheguei lá.

705

Diz que não teve resultados, porque não foi atendida?

Sim, porque não fui atendida. Eu ficava lá de noite, eu ficava revoltada, uma pessoa fica revoltada com esta situação. Da meia-noite, à porta da Segurança Social para ser atendida? Isto é incrível, as pessoas levavam um cobertor, eu nem me acreditava, não pode ser! Eu cheguei a ter uma mocinha nova à minha beira, eu tinha quarenta e três anos, ela devia ter vinte e tal anos, com duas, três crianças, toda a noite lá com as crianças, incrível! Não pode ser!

710

Como eu tinha a minha menina, vou para lá à noite, a minha mãe nessa altura também já estava bastante doente não podia apoiar a nível de pôr mais a mão à menina. Entretanto, quando eu vi, era o meu de dezassete anos, disse-lhe: “Olha fica com a menina, se ela acordar, eu vou assim, assim”, mas eram cinco horas, cinco e meia, nunca fui para lá..., é que eu tomava medicação e também não podia estar, não podia começar logo a dar-me aqueles ataques de ansiedade.

715

720

Depois conseguiu marcação?

Lá consegui marcação. Eu fui atendida por uma doutora, que na altura era a doutora da freguesia. Eu resolvi a situação que estava.

Estava revoltada contra a situação?

Resumindo, resumindo, ela também esteve a ver o processo, depois disso acabou os seis meses, eu estive um espaço muito grande sem receber nenhum rendimento.

725

Procurou renovar o apoio?

Não pude fazer nada para renovar. Tive umas prestações da casa enormes a tratar, tinham que ser tratadas. Eu disse à doutora: “Tenho umas rendas, estou preocupada. Estou em tribunal, não sei quê, não sei que mais.”. Ela esteve a ver a situação não sei quê, não sei que mais, disse que ia avaliar a situação, teve a ver que provavelmente iam-me pagar essas rendas, tinha luz, tinha água, tinha vídeo, porque tinha comprado, tinha começado a pedir empréstimos para poder pagar a água, a luz, à família, senão fosse a minha família, não sei o que seria.

730

Entretanto, eu nesse desespero, eu tinha a menina, na altura o meu filho só vinha para a minha casa passar a noite se eu ia fazer essa situação, porque ele dormia sempre com a minha mãe. Eu tinha a minha filha, eu e a minha filha, nós não vamos para a rua, eu começou a entrar isto na minha cabeça, eu ia para a Segurança Social, nunca me atendia, eu era uma cadela! Eu era pior que um cão! Foi horrível, desde o momento em que aquela doutora foi embora, a minha situação tem sido terrível na Segurança Social. Terrível! Então, prontos eu comecei a entrar em pânico, comecei a entrar, com o meu problema que tinha, comecei a entrar em ansiedade,

735

740

tive de ir para o Hospital, até que os médicos me dizem: “Oh Isabel, nós vamos fazer um internamento em tal dia.” E a tomar três horas de soro, porque eu andava muito stressada, porque a minha filha, eu não tinha hipóteses de ter a minha filha e esse problema com a Segurança Social estava-me a afectar, porque eu levava a minha vida dentro do razoável, não bom, não posso dizer boa, mas dentro do...pronto, como é que eu hei-de dizer? Sentia-me mais protegida, porque sabia que tinha mais ou menos o dinheiro para cobrir as minhas despesas.

745

E de repente deixou de ter e continuou a receber aquela situação do Rendimento Mínimo, de ter o apoio para a casa?

750

Do apoio para a casa e depois tinha apoio para a medicação, cortaram-me. Tinha o apoio para a medicação, tinha tudo incluído no Rendimento, cortaram-me tudo! Eu só comecei a recorrer mais à prestação, comecei a tomar medicação, porque não tinha possibilidades de tomar a medicação. O médico então fez um internamento de dia, três horas a tomar soro, a ver se essa ansiedade que eu me encontrava, diminuía.

755

Entretanto, houve um colega do meu filho, que trabalhava com ele, que tinha tipo café, bar, qualquer coisa assim, o rapaz que tem perto de trinta anos talvez, ele disse-me: “mas porque é que?”, prontos o meu filho via a mãe, a menina tinha que ficar ou com os irmãos, naquelas três horas, ou com a minha mãe, era repartido por alguém que ficava com ela, não é? Ele já não estava comigo, porque ele não tava comigo, os meus filhos saíram de casa muito cedo, foram independentes muito cedo. O outro ainda entrou comigo no Rendimento, o que tem vinte e um anos, ainda entrou comigo, porque não trabalhava, estava a meu cargo e depois desde que eu saí da vida dele, retirei-o do Rendimento Mínimo. Entretanto, o moço via essa situação e disse: “ O que me preocupa a mim é a casa.”, porque eu vivia numa casa antes desta que era arrendada e tive que entregar as chaves e de um momento para o outro eu tive que arranjar uma casa à pressa, porque o Banco ia-me lá buscar, ia-me lá fechar a porta e eu fiquei muito..., como é que eu hei-de dizer, fiquei traumatizada. Essa casa que eu tinha do Banco, que tinha comprado, fiquei de uma maneira que eu sentia o que era ficar sem uma casa, e para mim aquilo era muito complicado.

760

765

770

Depois essa doutora, o único dia, ligou para mim e disse que provavelmente que iam pagar as prestações da renda que estava em atraso, eu disse: “Está bem.”, fiquei contente, que me iam pagar a luz, a água e isso. Fiquei contente e estava sempre naquela ilusão, naquela ansiedade que me pagassem e eu ficava mais descansada.

775

Entretanto, tive nesse internamento, não sei quê e o moço disse-me assim: “Olhe, mas para não estar a adiantar mais, eu disponho de uma verba, para ele ir pagar as rendas, que estavam em atraso.”, porque ele disse: “Quando vier, você dá-me a mim”.

780

Ah, na altura ela não me disse que ia pagar, estou a mentir, na altura que ela me ligou, na altura a doutora disse que me iam pagar, mas não disse se era a mim, se era ao...

Senhorio?

785

Não, neste caso não era ao senhorio, era uma instituição, que era a Santa Casa da Misericórdia de Gaia. Eu ainda hoje não posso crer, que a Santa Casa, que a Misericórdia de Gaia me pudesse fazer uma desfeita como eles me fizeram lá dentro, ainda hoje isso tá-me..., pronto...não bate aqui na minha cabeça, não sei porquê. E na altura disse que ia ser pago, mas não me disse se ia ser pago à instituição, ou a mim, foi quando o meu filho me disse que me fazia esse empréstimo e depois que o resolvia, fiquei toda contente, porque não avançava mais, porque isso ia avançar e eu fui chamada à advogada da Misericórdia de Gaia, porque eles tem lá uma advogada e disse: “Senão pagar, isto vai avançar para despejo.” E antes que avançasse para despejo, eu paguei e isso foi mudado. Então passados dois ou três meses voltaram-me a ligar, eu se estivesse à espera, é isso que eu não compreendo, se eu estivesse à espera desses dois três meses eu tinha um despejo. Há que tempos, eu tinha um despejo se eu estivesse à espera e eu sempre a correr para lá, sempre a correr para lá. Se calhar de eu ser tão chata, no meu ver, se calhar de eu ser tão chata e de me ver tão apertada, eu dirigi-me à Junta e fui falar com a assistente social da Junta de Freguesia, onde a doutora me acarinhou, me deu todo o apoio e compreendeu que eu estava numa situação eu levei tudo, tudo que eu tinha em dívida, tudo isso documentos do médico, que estava a ser tratada por psiquiatria. Até que ela passou essa mensagem ao presidente da Junta e o presidente mandou um fax para a Segurança Social, para verem o meu caso o mais rápido possível, porque eu estava a precisar de apoio.

790

795

800

805

Eu acho que isso complicou tudo mais, eu acho que isso complicou tudo Senhor Doutora. Entretanto ela ligou-me para casa a Senhora Doutora, ligou para mim e disse: “Senhora Dona Isabel vamos...vou-lhe pagar as rendas, mas à instituição.”, e eu disse: “Oh senhora Doutora se me dissesse isso, então não fazia um empréstimo.” E então contei a situação, contei a situação e ela disse: “Ah não, nós não vamos pagar a ninguém.” E ela disse: “Pode passar-me uma declaração.” e eu

810

disse: “Claro que posso!”, o rapaz passou-me uma declaração que tinha vários filhos, para pagar a renda. Entretanto acumulou aqueles meses todos, eu paguei as que estavam em atraso, mas como depois não tinha verbas comecei a pedir, aquilo era uma bola, era uma bola! A doutora disse: “Olhe eu vou pôr-lhe, vou vos pôr a ir à técnica, à superior e vamos lá ver, não sei se isso...”, e eu disse: “Senhora Doutora, a Senhora Doutora disse-me que me ia pagar até a água, a luz e tudo isso e nunca fui, fui, hummm, ia-me ser novamente o..., humm, o apoio para a medicação.” e nunca mais, nunca mais, ou não sei quê. Eu precisava de óculos e preciso, levei-lhe a recomendação do médico, mandou-me levar tudo, eu levei tudo que ela me pediu, pois nunca, nunca me foi ao processo, para renovar o processo novamente.

815

A partir daí, nunca mais recebi apoio para medicação, nunca mais recebi apoio para a casa, nunca, nunca mais! Então, eu comecei a entrar em despesas e disse isto não é normal, não é normal me tratarem assim. Comecei a ir à Segurança Social, disseram-me que já não era aquela a doutora. A doutora já não era aquela, então eu fui duas ou três vezes realmente falar com a Senhora Doutora, foi totalmente frustrante estar a falar com a Doutora, ela só me disse: “Nós não estamos aqui para isso. Nós não estamos aqui para aquilo!” e eu disse: “Senhora Doutora, se colegas seus que me davam...se era dentro dos parâmetros da Segurança Social, me davam esses apoios, porque é que vocês me cortam?”; “Ai, eu desconheço essa situação.”, eu disse: “Está-me a chamar de mentirosa, eu tive esse apoio.”; “Ai, isso não pode ser, porque nós não apoiávamos.”; “Senhora Doutora, eu era apoiada há quase há dez anos.”. Eu senti-me mal, eu disse que à Segurança Social não ia mais, é horrível falar com aquela doutora, é horrível!

820

825

830

835

Entretanto, fui às duas casas e disse se havia algum apoio, que me cortaram o Rendimento Mínimo, se havia algum apoio para as rendas e assim. Disseram-me que sim, eu disse: “A minha assistente social disse que desconhecia.”, ela até então disse: “Quem lhe disse isso?”, e eu disse: “Eu fui à Segurança Social no Porto e disseram-me isto assim, assim. Disseram-me que eu não tinha direito ao subsídio para a renda da casa, com o Rendimento Mínimo.”; “Ah então que me mande o papel, porque eu não sei.” E eu cheguei lá e a senhora que me atendeu disse: “É impossível que as assistentes sociais tenham estado a fazer isto.”, então foi ao computador buscar um papel, uma setazinha onde dizia: subsídio de Rendimento Mínimo e despesas de casa, pôs uma setazinha a indicar para lá e pôs lá o carimbo como eu estive lá a fazer essa pergunta.

840

845

Tudo o que eu fiz, nunca me pagaram nada, aí comecei novamente com as rendas

em atraso e eu andava sempre no Tribunal, porque eu tinha esperança, que ela resolvesse, porque a senhora doutora sempre me disse por telemóvel: “Eu vou tentar resolver.”

850

Agora, eu passei o fim-de-semana a pensar, algo me dizia que não estava nada bem no Tribunal. Segunda-feira fui ao Tribunal, levava a minha filha comigo, que ela andava sempre comigo e perguntei por esse processo, e ele disse: “Esta menina é sua?” e eu disse: “É!”, e ele disse: “Eu vou contar-lhe uma coisa que não posso dizer.” Era um Segunda-feira e na Quarta-feira tem um despejo e eu disse: “Ah não pode ser! Não acredito.”, eu entrei em estado de choque, e ele disse: “A senhora não se vai sentir mal?”, e eu disse: “Ah, não me acredito!” e ele disse-me: “Eu disse-lhe isto, por causa da menina, porque nós não podemos passar a ninguém essa informação.” E eu disse: “Não pode ser, não pode ser, não pode ser!”.

855

Eu fui logo à Misericórdia “Dêem-me ao menos tempo para eu carregar as minhas coisas.”, fui à Segurança Social: “Tem alguma coisa do Tribunal? Não recebemos nada, não podemos saber.”, não se importaram minimamente com o caso, não se importaram. Quando fosse o despejo, que fosse lá que me recolham e eu disse: “Não me acredito!”

860

Como é que ficou concluído esse processo, Isabel? Ficou na casa, teve que sair?

865

O senhor por acaso que me ia fazer o despejo lá do Tribunal, abrir a porta, disse: “Por favor, fale com a instituição, tenha calma! Nós Quarta-feira temos que ir lá, tá marcado, temos que ir lá. Sem dúvida, que nós temos que ir lá, mas tente falar com a instituição pelo menos para lhe dar uns dias, para tirar as suas coisas, porque o despejo só foi despejo e não penhora.”

870

Graças a Deus que foi só despejo e não penhora, pelo menos ou bom, ou mau era aquilo que tenho e por fim metade das coisas até fiquei com elas. Mas pronto, essa situação, Às nove horas estavam lá, isso para mim era uma vergonha. É assim, Senhora Doutora, eu posso dizer, que tenho passado por dificuldades, mas eu posso lhe dizer que é encoberto, porque se calhar metade das pessoas não sabem que... é assim eu não vivo com medo que tudo se saiba, não é naquele meio de um bairro e eu não vou dizer que estou a passar necessidade, não vou tocar à porta de ninguém e dizer: “Eu tou a passar necessidade. ”, isso para mim é uma vergonha. Eu sinto-me..., o meu filho dizia: “Oh mãe como tu há muita gente.” E eu fartava-me, eu queria ficar com a minha casa, já estava nela há vinte e seis anos e então vou ficar sem a minha casa? É triste ficar sem a casa, eu dizia: “Para onde é que eu vou, com a minha filha?”, a Segurança Social só dizia pode ficar numa pensão, ou arranja uma

875

880

casa e nós pagamos os dois primeiros meses. Eu tive uns dias, o senhor que tratou no Tribunal deu-me esse grande favor, porque eles estavam mesmo naquele dia para me fazer o despejo, mas ele lá convenceu-os vinte dias, vinte e tal dias, à volta disso, para eu ficar lá na casa, para pelo menos arranjar alguma coisa. Nesses vinte e tal dias eu corria para a Segurança Social, eu corria, eu dizia: “Oh senhora doutora é assim, para eu arranjar uma casa, eu arranjo uma casa, mas se eu não tenho dinheiro para entrar logo, não ia conseguir cobrir.”, eu ia explicar isso ao administrativo e o administrativo passava a ela, ela nunca me atendia.

885

890

Então, como é que resolveu a situação Isabel?

Olhe Senhora Doutora, tive que fazer. Guardei as minhas coisas numa garagem, numa.... A situação era como eu digo, era como eu digo, iam-me pôr numa pensão e daí eu pensei, a minha mãe era viva, pelo menos dava-nos dormida, enquanto não resolvíamos a situação, lá não estava bem, porque a casa é da minha irmã, não era da minha mãe. Eu posso dizer até que dormi lá alguns dias na minha mãe, a minha mãe nunca quis que eu andasse por aí, com a menina, que eu às vezes sentia-me tão, eu dizia: “Eu vou andar por aí, não sei!”. Nunca me senti à vontade na minha irmã, porque a casa era dela. Entretanto, disse: “Não, não pode ser!” e a Segurança Social também não resolveu nada e eu pedi para alugar uma casa e eu acho que concordo com uma casa barata, mas bem ou mal, eu não consigo uma casa de vinte, nem de trinta e tal contos, eu não consigo, agências que eu corri, não consegui arranjar uma casa dessas. “Arranje uma casa barata!” disseram-me assim uma coisa frontal, uma coisa fria: “Veja fora de Gaia.”, e eu disse: “Senhora Doutora, eu até posso arranjar uma casa fora aqui de Gaia, não é muito mais do que isso. Se calhar até posso arranjar uma casa mais barata aqui no centro, do que até fora.”; “É tudo uma questão de procurar, até o mais barato.”; “Ai é tudo à volta disso.”, fui muito mal tratada, muito mal tratada.

895

900

905

Conseguiu então arranjar uma casa?

Pedi dinheiro e aluguei uma casa. Aluguei uma casa, estou lá quase desde Abril, e até hoje ainda não fui atendida. Depois disso mandaram-me, depois de muitas..., depois de tudo isso, enviaram o meu processo, o meu processo que estava lá na Segurança Social, mandaram para uma instituição, que era muita gente, eu fui à AP, fui à AP. Escrevi uma carta a dizer que já não aguentava mais, eu falei lá com uma senhora que era assistente social na AP, que odiava aquele sítio, contei-lhe a situação, mas essa senhora...

910

915

AP é o nome dessa instituição?

AP.

AP é uma fundação?

É isso, é isso! Eu escrevi. Eu tentei falar com a senhora da acção social e contar-lhe a minha situação, que eu tinha necessidade de ter uma casa, que não tinha possibilidades, que não estava a trabalhar e tudo isso. A senhora compreendeu, ligou várias vezes para Gaia, para ser atendida por a Doutora de Gaia, por a Doutora que está à frente daquilo, nunca me atendeu.

920

Isabel, eu queria perguntar, para finalizar a entrevista. Portanto, a sua relação com a Segurança Social já tem muitos anos não é?

925

É.

A minha questão tem haver a relação com o centro de emprego, houve um período que estava a ser acompanhada pela primeira técnica, pronto aquela que avalia como tendo sido um bom acompanhamento da Segurança Social e a minha questão é se havia algum compromisso em procurar emprego, em ir ao centro de emprego e como é que era aí?

930

Foi positivo, havia um compromisso para eu tentar, deram-me a medicação, na altura fazia medicação, ainda hoje faço, eu não posso, não tenho possibilidades, não compro tudo e o doutor dizia muitas vezes, muito faço eu! Devido a uma depressão que eu tenho e de um momento para o outro não ter dinheiro para tomar os anti-depressivos, porque não tenho e é isso que a Segurança Social devia de ver. Se querem dar, quer dizer se querem pôr a pessoa activa, ter um trabalho, tem que começar a fazer um acompanhamento até chegar lá. Eu preciso de tomar medicação para começar a procurar trabalho e é esse o compromisso que eu tinha com a doutora e até houve uma fase que eu tomava medicação e andava mais ou menos bem e eu tinha intenções de procurar trabalho, porque até estava...e tive, tive, tive um período bom, porque estava certinha a tomar medicação. Depois que se passou esse problema, eu comecei a entrar outra vez em processo de depressões, porque eu até andava muito certinha, porque já conseguia até fazer uns fins de semanas. Eu cheguei a um ponto de vir..., eu gostava muita dessa parte de restauração, de cozinha, eu até conheci uma senhora que trabalhava numas quintas assim de casamentos, eu comecei a ir à lista telefónica, para procurar esses nomes, para procurar trabalho. Eu dizia é para a semana, é para a semana, a minha irmã conseguiu-me ficar com a menina ao fim de semana, e se tivesse umas horas não sei quê, sentia-me melhor, sentia-me mais capaz de fazer alguma coisa. E então eu liguei para uma senhora de uma quinta, que hoje é minha amiga e ela disse, ela

935

940

945

950

achou piada: “Como é que conheceu o meu número?” e eu disse: “Pela lista telefónica.” E ela disse-me: “Não lhe posso dar trabalho sem a conhecer.” Então era longe, era perto de Penafiel e eu disse-lhe: “Eu confio, eu vou para lá”, porque quando eu estou bem eu até sou uma pessoa desenrascada, desculpando o termo, sou uma pessoa até desenrascada, mas eu chego lá e liguei duas ou três vezes para aquela senhora, “O que é que sabe fazer?”, “Qualquer coisa, lavar a loiça, qualquer coisa assim para eu fazer, que eu gostava.” E essa senhora interessou-se: “Acho piada à maneira como você consegue...”, porque eu já tinha gastado muito dinheiro, que eu tirei da lista, essas quintas que precisam de pessoal e...

955

1000

Ficou com os contactos?

E fiquei com os contactos. Então marquei um encontro na quinta, levei a minha menina comigo, apresentei-a e não sei quê, a senhora gostou de mim contratou-me, para eu aparecer lá aos Sábados e aos Domingos, gostou da minha maneira de servir, é assim a servir sou muito..., porque aquilo era mesmo dela, não era de uma empresa, é mesmo dela. Ela agora disse-me que deixou entrar em casa dela, uma pessoa praticamente desconhecida e ela disse que não se enganava na pessoa que eu era, que gostava da minha menina, que eu tinha uma menina linda e eu comecei a fazer lá uns fins de semana, uns Sábados.

1005

1010

E a sua relação com o Centro de Emprego? Qual era a sua relação com o Centro de Emprego? Que acompanhamento é que tinha lá?

Eles nunca me deram resposta a nada, eles nunca me deram resposta a nada!

O Centro de Emprego?

Eles nunca me responderam a nada! Eu gostava de fazer uma formação, eu ainda hoje queria fazer, o de cozinheira, costureira acho que não, de cabeleireira, de qualquer coisa, eu acho que o que interessa é trabalhar, o que eu vou lá fazer, é como digo, eu ainda fui lá há pouco ao Centro de Emprego, a menina que me atendeu, perguntou: “O que é que deseja fazer?”, porque antigamente não era assim, mas agora acho que vem uma cartinha para casa e depois se não se for lá dentro de um tempo, aquilo é anulado no computador, já não ficamos lá inscritas.

1015

1020

A Isabel tem recebido essas cartas?

Não recebo, como mudei de casa, nunca vi, porque eu não estava inscrita. Quando eu cheguei lá, disseram-me: “A senhora não está aqui inscrita.”, mas eu disse: “Não, mas eu estava aqui inscrita.”, porque eu estou inscrita há tantos anos, que depois de tantos anos já não estava lá.

1025

Teve que se inscrever novamente?

Novamente, porque me disseram que eu não estava inscrita no centro de emprego, só que apesar de todos esses anos anteriores, disseram que não valiam.

E agora recebe a tal carta?

1030

Eu agora fui lá inscrever-me e eu disse: “Eu gostava de uma formação, não sei quê, ou de trabalho, ou de...”, ela disse: “Se você veio para aqui para se inscrever em formação, mais vale não inscrevê-la.”,

Disse-lhe a técnica?

Disse-me a técnica, “Ah, mas eu tou a dizer o que gostava.”, e virou-se para mim e disse: “Eu não vou inscrevê-la enquanto a senhora não decidir assim o que quer.”

1035

Ela não deixou que a Isabel se inscrevesse?

Não, ela praticamente me disse: “Eu não vou pô-la aqui, porque a senhora não sabe o que quer, vá para casa decidir, pense e depois escreva num papel e depois venha cá.”, eu fiquei, eu fico às vezes não sei se é de mim, sem saber o que responder na hora, ela era tão, tão antipática: “O que é que sabe fazer, o que é que não sabe fazer?”; “Sei fazer, já fiz isto, ou cozinheiro, ou não sei quê.”; “A senhora faça uma lista do que quer fazer, ou do que sabe fazer e depois venha cá.”; “já que estou aqui e perdi o meu tempo, também queria ser atendida.”; “Ah, mas eu não vou poder estar aqui...”; “Prontos tá bem!”. Estava muito mal disposta, por isso também pensei não me vai adiantar muito e pensei: “Não vale a pena estar aqui a chatear-me. ” e vim-me embora de lá. Não voltei mais ao centro de emprego, para lhe ser sincera não voltei, isto passou-se quê? Para aí há dois meses, dois meses, três, não vai nem tanto. Não voltei mais ao centro de emprego, não sei se..., é assim eu precisava depois, foi para uma formação, eu precisava de uma declaração em como estava inscrita e na altura estava, estava inscrita e até disse que nunca podia considerar, eu não sei..., só diziam que davam formação com aquele tipo de declaração, desempregada..., o que é dizia?

1040

1045

1050

À procura de novo emprego?

À procura de novo emprego, mas tinha que ser primeiro emprego, que era considerado, essa formação tinha que ser até um ano. É assim eu tinha andado por várias, quer dizer por instituições que dão formação e eles dizem que até a um ano é considerado primeiro emprego.

1055

Não há descontos?

Não há descontos. Outros dizem que não, que se meio ano que eu tenha lá. A técnica do centro de emprego disse-me que não era considerado emprego, que não era. E eu disse: “Oh menina, eu preciso de um..., para entrar na formação, preciso

1060

de uma declaração e mais nada, mas ela não passou: “Eu não posso passar uma declaração como desempregada, como primeiro emprego, porque já trabalhou. Eu não posso fazer, não posso, porque é considerado que você já trabalhou, que já fez alguns descontos.” A formação dizia que era o primeiro emprego, porque até há formações de um ano, que são para primeiro emprego, e por vezes ando assim dividida entre uma coisa e outra, por vezes fico sem saber o que é, o que não é e passei um ano, este ano que passou eu inscrevi-me em tudo que eram aulas de formação, não consegui formação em lado nenhum, não consegui, porque prontos tinha aquele, porque eu tinha aquele acesso ao curso de formação, do nono ano, tirar uma arte, depois podia me candidatar à minha profissão. Agora, eu não tenho uma profissão, sou livre, tenho qualquer coisa, lidei com crianças, estou habituada a tomar conta dos meus filhos, o que é que eu posso dizer que sou ama? Não me posso considerar isso, a minha filha diz que eu sou *babysitter*, ela chamou-me de *babysitter*, mas eu disse olhe: “Não me posso candidatar, também por aquele programa, para abrir pequenas empresas?”, porque eu gosto também muito de me informar, gosto muito de ver televisão, coisas assim, porque eu claro não tenho muita cultura, mas gosto de estar ao par, de, de...ouvir casos que se passam, gosto disso! Tenho visto na televisão e até lido nos jornais sobre particulares que tem pequenas empresas, micro-empresas e isso mudava a minha vida completamente. Eu fui a um centro de emprego desses: “Não é bem assim, iludem-se com essa situação.”, Uma pessoa se vai com ânimo, sai com outro!

1065

1070

1075

1080

Mas não lhe deram informação que pediu?

Que não era bem assim, como eu pensava e eu disse: “Eu estou cheia de andar pela segurança social, com o Rendimento Mínimo, duzentos e sete euros, eu não faço nada, com duzentos e sete euros” Isso fui à Segurança Social, por causa da situação do rendimento, há meses que ando nisto, nunca mais fui chamada, eu fui duas vezes gastar senhas eu também disse: “Se a Doutora me mandou aqui duas vezes para saber a minha vida toda, ... eu não ganho nada. “, porque há uma verba agora que eu não sabia de cento e cinco mil euros por ano do Rendimento Mínimo para ser distribuído por despesas extras. Eu há dois anos que não recebo esse rendimento, porquê? Se eu tenho dívidas, porque é que eu não recebo? Isso já me cobria a situação. Mas porque é que não me fazem então isso? Arranjem-me uma casa mais barata, se me dão isso, eu não devia pagar nenhuma casa com duzentos e sete euros.

1085

1090

1095

Claro!

O meu marido está a tirar duzentos e cinquenta euros do prédio, dessa casa que nós tínhamos no banco e agora ele não se vai despedir, porque já está efectivo lá há dezassete anos, não se vai despedir para pagar a dívida. Porque eu e ele, nós ainda temos um bocadinho de cabeça e ele tem um trabalho que gosta do que faz, é trabalhador, não é nenhum malandro e tá a pagar a dívida que ficou. 1100

Como eu não posso, paga ele a minha parte, paga duzentos e cinquenta euros, eu não vou dividir a casa com o meu marido, porque eu tenho consciência que ele está a tirar esse dinheiro do trabalho dele, do salário dele. Como é que eu posso viver?

Diga-me uma coisa, eu começo a pensar, eu tenho sonhos, eu não queria depender da Segurança Social, não, não queria, é horrível para mim depender disso, eu chego a um ponto que eu chego a dizer assim: “Eu vou prescindir dos duzentos e sete euros, mas que é que duzentos e sete, só para alimentação e é só para isso, mas eu chego a pensar eu quero humilhar-me a esse ponto?” 1105

Eu tenho sonhos, eu penso, vou ao centro de emprego, vou fazer isto, vou fazer aquilo, eles falam que, se fosse possível dessas micro empresas que abrem, se fosse possível um pequeno infantário, gostava de tomar conta de idosos, gostava de muitas coisas, isso eram coisas que eu gostava e conseguia se calhar. É assim eu com idosos e com crianças sempre gostei, ou por ter assim quatro filhos, estou muito ligada a isso, a servir café, porque eu também sou ligada a isso e tenho jeito para isso, mas depois começo a ver, como é que eu vou lançar-me? Como é que eu vou fazer? 1110

É complicado!

Não sei, senhora Doutora.

Isabel, creio que, por mim, já tenho as informações de que necessito. Não sei se quer acrescentar alguma coisa. 1120

Não, não. Já falei muito. Eu falo muito.

É sinal que estava à vontade. Então, obrigada. 1123

Final de transcrição

ANEXO 2.10.

Transcrição da Entrevista J - *Joana*

Entrevista J - Joana

Entrevistadora – Joana, começava, se calhar, por pedir que se apresentasse.	1
Joana – Ehh, pronto, chamo-me Joana, tenho trinta e cinco anos e moro aqui, em Gaia.	
A Joana é casada?	
Não, não, sou solteira.	5
Vamos falar, então, sobre o que aconteceu consigo na situação actual, o que faz e o que vê para o futuro?	
Eu, para já, não vejo nada, ando sempre no centro de emprego.	
Está lá desde dois mil e dois?	
Já estou lá há muito tempo.	10
Olhe, em relação ao seu percurso profissional, os empregos que teve. Como é que arranjou esses empregos e o que é que fazia? Queria que me falasse um bocadinho sobre isso.	
Através de amigos, os meus pais também pediram.	
Qual foi o seu primeiro emprego?	15
Bordadeira de tapetes de Arraiolos.	
E como é que arranjou esse emprego?	
A minha mãe foi comigo, onde haviam casas de tapetes de Arraiolos e quiseram-me lá, foi assim. O trabalho da minha irmã também como eram tapetes de Arraiolos, ela puxou por mim. Depende, aqui e acolá, depois a gente vai pedindo.	20
Foi sempre assim, através de alguém, da sua mãe, da sua irmã?	
Sim.	
Colegas?	
Sim, até agora o Centro de Emprego nunca me chamou.	
Foi trabalhar com que idade?	25
Para aí com dezasseis.	
Com dezasseis anos. Estudou até à quarta classe e deixou de estudar?	
Não, continuei, só que eu não tenho capacidades. Põem-me um livro e eu bloqueio e desisto logo. Depois eu tomo calmantes e fico... Depois, tive muita depressão, tive internada no Hospital e acabei por desistir.	30
Portanto, desistiu de estudar, porque quis desistir de estudar? Então terá saído da escola para aí com dez anos?	

Não, para aí com doze.

Doze anos e não houve um período antes de ter o primeiro trabalho. Não é?

Quer dizer, eu entrei para o ciclo e depois haviam muitas professoras de português, matemática, como eram muitas a explicar, eu não conseguia. Então, mesmo que me quisessem explicar eu não consigo, até que saí da escola, como eu nunca passei.

35

E depois o que é que se passou entre essa altura que deixou a escola e até ir trabalhar?

Não, depois fui logo trabalhar.

40

Foi logo trabalhar. E essa ida à fábrica de tapetes, já tinha ido a mais algum sítio na altura. Foi o único sítio onde foi?

Sim.

E arranjou logo trabalho, logo no primeiro sítio?

Sim.

45

Porque é que foram a esse sítio e não a outro?

Não, como me meteram, pronto! Pronto, eu continuei a andar lá com amigas, era muito fixe! Depois aquela fechou, fui para a da minha irmã.

Isso foi do primeiro para o segundo emprego, não é?

Depois, aquele acabou o contrato, fui para outro, até que desistiram dos tapetes, acabou.

50

Portanto, do primeiro para o segundo foi porque a fábrica fechou e foi trabalhar para a fábrica da sua irmã que também já estava a trabalhar numa fábrica de tapetes. Depois na fábrica da sua irmã também fechou?

Não, acabou o contrato.

55

Acabou o contrato e foi ter com amigos.

Fui ter com colegas e disse: “Onde é que trabalhas?”, “Trabalho em tal parte.” Então, fui lá e fiquei outra vez.

Foi o terceiro emprego. E o quarto? Como é que foi passar do terceiro para o quarto?

60

Quer dizer, ainda andei e acabei por desistir. Eu fiz sempre até ter tapetes, fazia em casa, quando tive o fundo de desemprego vim para casa fazer tapetes. Mas, não era muito, como havia, enquanto dava dinheiro. Depois, acabou por desistir aqui, nunca mais me deram emprego. Tenho de continuar a procurar emprego, mas só se for na área em que sou necessária.

65

Mas nesta área tem procurado?

É o que eu digo, aqui, em Portugal, desistiram. Sítios que eu conheça aqui, só o que a

minha irmã faz tapetes de Arraiolos, onde eu andei. Só que como lhe digo, não fazem cá, em Portugal, é tudo a ir para a China e acabam por não fazer aqui.

Portanto, nessa área se calhar não consegue arranjar?

70

Exacto, é difícil! Depois, no fundo de desemprego fiz a formação de dar apoio à criança

Quais é que foram os momentos mais importantes da sua vida profissional?

Nessa experiência que nos teve a contar, quais foram para si os momentos mais importantes?

75

Foram todos. É assim, não tenho que dizer de nenhum. Aprendi, convivi, foi bom! Foi uma experiência boa!

E dessa experiência não selecciona nenhum momento, que tenha sido mais importante para si?

Não.

80

E qual foi o emprego que mais gostou?

Ai isso... Não tenho escolha, como disse gosto de todos, convivi com todas, não me dei mal com ninguém, foi bom!

Foi sempre bom, não houve uma empresa que era melhor, outra pior?

O que é mau é que acabam os contratos e mandam as pessoas embora! Agora, o resto para mim estava bem.

85

Em termos de, a Joana dá muita importância à questão das colegas, não é?

Exactamente!

Sente a falta desse convívio?

Ah! Para mim, é importante, porque tenho uma depressão há três anos. E para mim é importante, porque nas alturas que estou mais em baixo dou muito valor às colegas. E para mim é importante, porque saio de casa. Acho que é importante convivermos com pessoas, com amigas, no trabalho a gente sai.

90

Em relação ao que fez, o que é que a Joana fez nestas fábricas de tapetes, não é? Fazia o enchimento dos tapetes, foi sempre essa tarefa que teve?

95

Foi.

Desde o primeiro até ao último emprego? Fez sempre a mesma coisa?

No primeiro emprego, eu fazia tapetes. Mas, depois, a patroa pôs-me a limpar a casa dela. E eu limpava, eu fazia aquilo que me mandavam.

E depois nas outras fábricas, foi sempre o enchimento?

100

Sim.

E gosta dessa actividade?

Que remédio! É assim, acho que é bom a gente aprender, a minha irmã entrou nessa coisa.

Aprendeu com a sua irmã?

105

Sim, aprendi com ela, aprendi com outras. Acho que é importante, uma pessoa aprender coisas novas. Dentro do que a gente saiba fazer, acho que é importante.

Teve a experiência de fazer também o trabalho de limpeza?

Não, de limpeza não.

Teve, nessa situação que me disse que limpava?

110

Limpava, mas não era a área que eu trabalhava, fazia na mesma os tapetes.

E esse tipo de trabalho, o trabalho de limpeza doméstica, a Joana gosta ou não?

É assim, eu acho que depende da pessoa, porque ela confiava em mim e eu confiava na patroa e na altura que foi, se ela soubesse alguma coisa de mim, gostava que me dissesse na cara e ela dizia-me, eu não mexia nas coisas, o que tivesse de fazer, fazia. Demorasse o tempo que demorasse, tinha que trabalhar era aquelas horas. Foi bom, mas também não quero ir para a limpeza de qualquer pessoa, porque há pessoas que também não dão valor aquilo que a gente faz, querem sempre mais ainda. Mas é bom, eu acho que tem de ter confiança em mim, e na pessoa, senão não quero.

115

120

Já tentei procurar, porque estava desempregada, tentei procurar para limpezas. É claro que a maior parte das pessoas não é de confiança e eu acho que não. Às vezes são duas horas e querem que a gente faça tudo rápido e tudo bem, e é assim tem que se dar tempo ao tempo, para o serviço ficar em condições tem de se dar tempo ao tempo. Se tivesse uma amiga, ou uma pessoa conhecida, mas é coisa que eu não quero.

125

Olhe, como é que tem procurado emprego?

No Centro de Emprego, pedindo.

No centro de emprego, como?

Normalmente é no centro de emprego, às vezes vou a Gaia.

130

Está aqui inscrita na UNIVA.

E em Gaia.

Quantas vezes é que vem aqui à UNIVA?

Ai todas as semanas.

Uma vez por semana?

135

Duas.

Duas vezes por semana, para perguntar se há alguma coisa, é isso?

Sim.

E ao centro de emprego?

É assim, ao centro de emprego eu vou... não sei... quando vou ao Hospital passo no centro de emprego, pelo menos uma vez por mês. 140

E no centro de emprego, o que é que faz?

Chego lá e pergunto, vou a uma menina que está na sala, a entrevistar. Tem uma sala, tira-se uma senha. Eu pergunto, mas como ela diz que eu só tenho a quarta classe e tenho a declaração do médico. Então, dizem para eu vir aqui à UNIVA e não ir lá. Mas, vou lá as vezes que forem necessárias. É assim, eu acho que eles não devem poder ter essa opção, acho que o meu psiquiatra diz que eu preciso de sair de casa e não ficar em casa. Eu sei que é difícil arranjar trabalho com a quarta classe, mas ... 145

Mas, porque é que quando vai ao centro de emprego, lhe falam dessa questão da depressão? Está na sua ficha? Já conhecem? 150

Há trabalhos que eu não consigo em máquinas, que eu não consigo, tomo os anti-depressivos e fico com o corpo mole, mesmo que eu queira trabalhar eu não consigo. E já o meu psiquiatra passou uma carta a dizer que eu só posso trabalhar com coisas leves, mas eu acho que devo ... não sei como explicar. 155

Com máquinas, não é?

Eu trabalhos forçados não posso. Posso trabalhar, mas não é em qualquer arte. Tomar conta de crianças posso, fazer limpezas posso, mas também depende dos horários, às vezes a tomar anti-depressivos dá-me moleza e eu não consigo, mesmo que me queira mexer com o corpo, é complicado! Eu quero trabalhar! 160

Mas já lhe disseram isso, “ah este emprego para si não, porque tá deprimida.”?

Não, porque eu digo, levo o relatório e digo, posso trabalhar sim senhora, mas não é em qualquer arte. Já me mandaram ir para confecções e disse que não conseguia, uma não era a minha arte e a outra não sou costureira, também não sei.

Isso foi quando? 165

Já não sei, é que quando eu vou ao centro de emprego eu procuro e às vezes dizem: “Oh, porque é que não queres ir para têxtil?” e eu torno a explicar, acho que não devem ir por ir tomar, porque há muitos trabalhos, tudo o que tenha trabalhos para cozinha, para um café, devem dar a essas pessoas, porque acho que não nos devemos sentir inferiores aos outros e devem respeitar essas pessoas, deviam dar uma chance. Não em questão de máquinas, isso prefiro, só se me magoar, é chato, e eu compreendo a situação. Mas acho que me devem dar uma chance em questão de 170

trabalhar, em escolas, para a gente que tá a tomar...

E para além das escolas?

Não sei, é o que eu digo há muita coisa, um café, um restaurante, sei lá há muita maneira. E na cozinha, descascar batatas, há tanta coisa, acho que deviam dar essa oportunidade a certas pessoas.

175

Como é que vê isso?

Sei lá! Não sei, acho que há muito a pedir no centro de emprego, cozinheiras, ajudantes de cozinha e quer dizer e nunca chamam pelas pessoas. Escolas, há pessoas que tem estudos, mas acho que também devem dar a oportunidade a quem tem a quarta classe, porque não se deve pôr-nos de lado, por ter a quarta classe. É o que eu disse à Doutora A., há pessoas que têm um curso, nonos, décimos e não vão para a cozinha e acho que deviam dar a oportunidade às pessoas que não tem estudos também. Não é por causa dos estudos que eles vão saber, acho que estudar é mais engenharia e outros cursos e não dão a oportunidade a nós, a quem tem a quarta classe.

180

185

Acha que é por isso?

Eu acho.

Pensa que a questão da escolaridade lhe impediu, que não lhe permitiu arranjar emprego até agora?

190

Eu acho que é isso.

Mas tem um exemplo concreto de uma situação que tivesse candidatado e que...?

Quando uma pessoa anda a pedir trabalho, eles pedem logo. Eu claro, não vou dizer que tenho o décimo, porque não tenho. Acho que eles dão mais oportunidade a essas pessoas que nós, que temos a quarta classe.

195

E acha que há mais algum motivo, para não lhe darem uma chance?

Não sei, eu acho que é a minha opinião, agora a opinião deles não sei, só eles é que podem dizer.

200

Disse-me que costumava procurar emprego aqui na UNIVA, no Centro de Emprego de Gaia, há mais algum sítio, alguma estratégia que utilize para procurar emprego?

Já tentei. Agora não, porque a minha mãe tem um cancro, mas acredite que se tivesse um *part-time*, ou numa casa umas manhãs, depende. Eu sei que é difícil, é difícil, eu tenho andado no psicólogo, tenho a minha mãe, tenho uma depressão.

205

Há quanto tempo anda nessas consultas?

Sei lá, para aí desde os meus dezasseis anos.

No Hospital de Gaia?

No Santos Silva e no de Gaia.

210

No de lá de cima, não é?

E no de cá de baixo. E também já estive no Santo António. No Santo António foi quando eu fiquei internada no Hospital. É assim, como deu o cancro à minha mãe, ela ficou, como é que eu hei-de dizer, assim, assim, porque eu tinha que dizer aos médicos, o que é se passa.

215

Ela está em casa, não é?

Está em casa.

E não é autónoma neste momento?

Acho...

Ela faz as coisas dela?

220

Não!

Está acamada?

Está acamada, mas por exemplo, temos que lembrar de lhe dar a pastilha, temos que lembrar de tudo.

Vai à casa de banho sozinha, cozinha para ela?

225

Não...não cozinha.

Trata da higiene dela?

Sim.

Come sozinha?

Come, mas como é que eu hei-de dizer, eu é que tenho de ver a medicação que ela tem de tomar, tenho que ir ao centro de saúde passar a medicação.

230

Olhe que tipo de emprego é que procura?

É o que eu digo, escolas, ajudantes de cozinha, uhmm...

Mas a Joana diz a escola e ajudante de cozinha. Isso são empregos a tempo inteiro, ou não?

235

Não me importa. É assim, ao depois, ao fazer...como é que eu hei-de dizer, depois de arranjar, falar com uma pessoa quantas horas, como que é também a opinião da pessoa em si, o que devo fazer, o que não devo. Depois é falar com o meu pai, vou trabalhar de tarde, das tantas às tantas, é assim tenho de tudo. Depende não sei...

De quê?

240

Não sei. Se for trabalhar para a escola, estou das nove até às cinco, depende. Depois na altura, o psiquiatra e a psicóloga para me ajudar um bocadinho também.

Que características é que um emprego tem de ter, para que o aceite? Em termos de horários, em termos de localização?

É assim, é o que eu já disse à menina na entrevista, depende de tudo. Se for perto o trabalho, posso pegar no horário normal, se for longe, senão tiver transportes, ou põe transporte para mim e eu vou. Senão tiver transporte não vou, porque não vou a pé daqui para longe. Depende do que me derem.

245

Há um bocadinho estava-me a dizer que já tinha procurado de outras maneiras sem ser através da UNIVA e do Centro de Emprego. Que maneiras é que foram essas? Respondia a anúncios do jornal?

250

Não. Houve uma vez que houve, eu ouvi dizer que estavam a pôr pessoal no café do meu padrinho e eu fui lá. Eles disseram: “Ah, se eu precisar, eu ligo para o seu telemóvel. Como eu tenho dito, quero cafés, depende, o que eu digo, depende. Vou às escolas, mas aí já querem o nono ano, o sexto ano. Eu só tenho a quarta classe, é muito complicado arranjar e derivado aos problemas que eu tenho, mas que eu gostava de arranjar, eu gostava.

255

No último mês, a quantas ofertas é que respondeu?

A nenhuma.

A nenhuma, porque não surgiram ofertas que foram compatíveis?

260

Sim.

E este ano?

Este ano também não.

A nenhuma oferta?

Não. É o que eu digo a Dra. L. diz que também é muito complicado, que com a quarta classe é difícil ter trabalho. Então ela disse para eu ir estudar, só que eu disse que não, porque eu não tenho..., como eu disse, também a explicar, eu bloqueio logo tudo e podiam dar-me uma oportunidade.

265

Vamos pensar que a Joana daqui a uns tempos encontra um emprego. De onde é que isso surge esse emprego?

270

Depende de onde for, é o que eu digo.

Daquilo que imagina que é o mais provável acontecer, imaginemos que de facto consegue encontrar um emprego e a minha pergunta é: quando conseguir arranjar um emprego, como é que isso vai ser? Vai ser aqui na UNIVA, vai ser no Centro de Emprego, que é que acha? Vai ser de outra maneira?

275

Isso não sei, posso trabalhar num café, numa confeitaria sei lá, não sei. Quando surgir a oportunidade, tenho de dizer se vou para uma escola, se não vou. Depende, não sei

como é que eu hei-de responder.

Olhe para si seria mais fácil arranjar emprego se quê?

É como eu digo, se surgir, depende do sítio, depende se eu tenho transportes, depende do ordenado. 280

Por exemplo se tivesse carro, era mais fácil?

Acho que sim, pedem muito com carta de ligeiros, mas eu não tenho.

Lembra-se da altura que entrou no Centro de Emprego, foi assim há alguns anitos?

285

Sim, mais ou menos não sei.

Esta última vez que se inscreveu, está desempregada pelo menos há cinco anos?

Não, estou desempregada há muito mais.

Há mais? Não é desde dois mil e dois?

290

É isso mais ou menos.

Anda à volta dos cinco anos, cinco anos e qualquer coisa.

Eu não sei. Andei na formação.

Como é que foi essa formação?

Foi aqui no centro, mas foi há mais.

295

Mais de quê? Seis anos? Dez anos?

Mais ou menos, não sei. Eu sei que estou desempregada há muito tempo e nunca me deram essa oportunidade, a não ser formação.

Lembra-se de quando se inscreveu no Centro de Emprego, que informações é que lhe pediram?

300

Eu quando me inscrevi no Centro de Emprego, tive direito ao Fundo de Desemprego. Depois acabou o Fundo de Desemprego, depois não sei se foi um ano, se foi dois anos, depois perguntaram-se, o que eu queria, o que eu gostava de fazer.

Que é que lhe disseram?

Então eles perguntaram pela carta do psiquiatra, porque eu disse que não podia trabalhar em máquinas. Então eles perguntaram o que é que eu podia trabalhar. eu disse, num infantário, a limpar escolas, ou ajudante de cozinha, fazia de tudo. Também me disseram que iam fazer uma formação de “Apoio às Crianças”, eu fiquei, é o que eu digo fiz a formação com a ajuda do formador. 305

Foi quanto tempo?

310

Três meses.

E era só um formador?

Não, eram três. Era o Dr. E., era a Dra. S., penso que era assim um nome esquisito e era o Dr. M., com a ajuda deles consegui. Nunca mais tive essa oportunidade e é assim com os meus pais reformados e a minha mãe inválida, eu desempregada é muito complicado.

315

Qual era a formação que gostava? Afinal, perguntamos o que é que pretendia e a Joana disse o que é que pretendia e encaminharam-na não é?

Não, é assim neste momento fiz a minha formação de apoiar eu gostava de ir para Educadora de Infantário.

320

Era nessa área. Gostaria de voltar a fazer formação?

Não sei, como é que lhe hei-de responder. É assim, depende de tudo. Eu tive muito apoio das colegas e do formador, porque eu dizia que não conseguia, porque o meu pensamento é todo negativo e afinal deu positivo. Sei lá! Se calhar fazia, mas tinha de ter alguém a ajudar, na questão dos formadores.

325

Teve sorte, pode voltar a ter sorte.

Exactamente! Depende de tudo, é o que eu digo, não sei. Eu perguntei ao Dr. E. na altura que fiz a minha formação, se uma formação, já não sei para o que era, agora já não me lembro e de facto o Dr. E. disse: "Faça". O Dr. E. deu-me muito apoio, senão não conseguia fazer a formação.

330

Mas a Joana se quer trabalhar na área, a formação profissional que é dada, é para pessoas como a Joana e para pessoas que tem dificuldades e que tiveram dificuldades.

Não, porque as outras pessoas na altura tinham mais capacidade do que eu.

Mas, de certeza que há muita gente numa situação semelhante à da Joana, não é? Que também não tem grandes estudos, e que também tem dificuldades...

335

Não, mas é assim, eu sinto-me inferior aos outros, acho que não consigo, que não sou capaz, por isso mesmo é que ando num psicólogo.

Mas, ultrapassando isso, se calhar a Joana não tem menos capacidades que os outros...

340

Não tenho...

Mas, pronto, deixemos isso então para o fim. Na altura da formação, estava a receber o subsídio de desemprego nessa altura?

Sim.

E eles pagavam a bolsa na mesma, não é?

345

Sim.

E, depois, a seguir a isso, como é que foi?

Depois, não tive mais.

Acabou o subsídio de desemprego. Está a receber algum subsídio neste momento?

350

O Rendimento mínimo.

O Rendimento Social de Inserção, não é? Como é que foi o processo?

Preenchi os papéis.

Aonde?

Aqui, na Junta, com a Dra. C..

355

E foi em que altura, a seguir à Formação?

Não.

Foi agora?

Ao preencher os papéis para a Segurança Social, fui a uma entrevista.

Onde, em Gaia?

360

Sim. Depois fui a uma entrevista a Avintes. Ninguém disse que eu estava a receber, depois tornei a receber uma carta final para a uma entrevista na Segurança Social. Ela entre aspas obrigou-me, mas eu assinei, porque quis, mas da maneira como ela falou eu não gostei e o psiquiatra falou isso para eu estudar. É assim, eu estudar, não quero ir estudar, mas obrigou-me a assinar o papel para eu ir estudar, fiquei a receber na mesma, porque o meu psiquiatra dá lá como eu não podia trabalhar como elas pensavam. Levei a carta aqui do Centro de Emprego, como eu estava desempregada e era difícil arranjar trabalho. E então para me darem o Rendimento Mínimo, senão não me davam.

365

Não lhe davam se?

370

Se eu não tivesse problemas de cabeça. É assim, eu preferia ir trabalhar, de sair de casa, de trabalhar, de chegar ao fim do mês e de ter direito a comprar umas calças, ou uma camisola, preferia assim.

Nestes últimos anos, que tem estado desempregada, já foi contactada algumas vezes pelo centro de emprego para responder a uma Oferta de Trabalho?

375

Não.

Olhe o que é que acha do funcionamento do Centro de Emprego?

Sei lá, em questão

Porque é que vai ao Centro de Emprego?

Sei que há muitas pessoas desempregadas e que não dão trabalho para as pessoas trabalhar. se há formadores, se há necessidade de pessoal, eu acho que haviam de pôr as pessoas a trabalhar, porque a vida está muito complicada. Se há pessoas que

380

são dessas artes, costureiras, outros electricistas, outros ..., a maior parte deles, acho que deviam convocar as pessoas e não deixar tanto o desemprego para trás.

E a sua relação com a UNIVA, o que é que acha da UNIVA?

385

Acho que é bom.

É melhor que o funcionamento do Centro de Emprego?

Também é.

Porquê?

É assim, porque acho que eles dão atenção, naquilo que eu tinha dificuldades elas explicam. Não é por ser a Dra. A., não. Também não tenho que dizer do Centro de Emprego, também quando vou lá sou bem atendida. Não tenho que dizer nem do Centro de Emprego, nem da UNIVA.

390

Mas sente que funciona melhor aqui? É isso?

Não, não acho que é isso. Não sinto diferença.

395

É mais perto aqui?

É sim, porque moro mais perto, acabo por vir aqui e às vezes quando tenho problemas descarrego na Dra. A..

Ela também está mais disponível para si. Se calhar, no Centro de Emprego não conseguia que tivessem assim tempo para si. Muito bem, lembra-se assim de alguma proposta de uma colega, um familiar, uma pessoa conhecida?

400

É assim, a gente pede, eles pedem logo se a gente tem o nono, o sexto, se a gente não tem, não querem.

Mas nunca lhe aconteceu, dizerem: “tenho aqui este emprego para si, é assim, assado...” nunca lhe aconteceu uma situação dessas?

405

Não.

Neste momento, qual é que é o emprego ideal para si?

Eu acho que isso não tem resposta.

Se a fosse a Joana a dizer, eu quero um emprego assim, assim, assim e assim.

Eu queria um trabalho que me desse bem, que fossem minhas amigas, e eu amiga delas, para compreender e ajudar uns aos outros.

410

É isso o mais importante para si?

É.

Quando começou a trabalhar sempre pensou dessa maneira, ou pensava de maneira diferente?

415

É assim, quando a gente vai trabalhar a primeira vez, estamos ali com receio, se a pessoa é sincera, eu sou uma pessoa que mostro logo aquilo que sou. Às vezes, sou

capaz de dar a roupa que tenho no corpo, para ninguém ficar prejudicado. Mas nem sempre calha assim, como a gente quer. Entretanto, o patrão deve confiar nos seus empregados e não ir pelas conversas de certas pessoas. Já tive problemas, não fiz nada, sei lá, não sei. Eu sei é que queria ir trabalhar e sair de casa e ajudar os meus pais.

420

Tem filhos a Joana?

Não, sou solteira. Tenho os meus pais.

Mas têm outra filha?

425

Sim, mas não liga aos meus pais, se formos a ver sou eu sozinha. Depois, é complicado, porque é assim tenho trinta e cinco anos, preciso das minhas coisas e não tenho, e foi a Dra. L. que me ajudou a ter o Rendimento Mínimo. Senti um desespero tão grande, a minha mãe inválida e o meu pai acamado. E cheguei, porque na altura que o meu pai entrou para a reforma, tivemos seis meses sem ele receber dinheiro nenhum, só quarenta contos da minha mãe, eu entrei em desespero, com outra depressão. Foi o mês mais complicado da minha vida, porque nunca passei por esta experiência de, como é que eu hei-de dizer, não pagar a renda, não pagar o gás, não pagar a água, para mim foi muito confuso. Quando recebi, ajudei os meus pais, mas só que é tão pouco, que não dá para eu me vestir, para me calçar, para as minhas coisas.

430

435

Mesmo neste momento?

Mesmo neste momento. Venho aqui muitas vezes para pedir trabalho e é muito difícil. E às vezes o que me faz valer é a Dra. L. em certas coisas, tem-me ajudado muito.

Alguma vez sentiu, quando trabalhava, que o seu trabalho afectava a vida familiar?

440

Afecta mais quando estou desempregada. Eu quando trabalho é o que eu digo, não sinto problemas. Agora com o meu pai sofro mais, ele nunca está com a minha mãe.

Ele não gosta de estar em casa?

Não gosta, e como a minha mãe está sozinha em casa, às vezes eu entro em casa e ela entra em conflito. Às vezes, se está em casa, é porque está em casa, se sai, é porque sai. É assim, eu não sei explicar, é muito complicado, por isso é que eu digo, preferia sair de casa, porque fica ela com depressão, fico eu e chocamos muito uma com a outra. Vimos que não temos dinheiro para comprar nada e é muito complicado. Por isso é que eu digo, preferia trabalhar do que estar em casa.

445

450

Alguma vez sentiu o contrário que a sua vida familiar tenha afectado o seu emprego?

Não.

Nunca afectou a vida familiar.

A não ser agora.

455

Porquê?

Tenho a minha mãe doente.

Mas quer dizer afecta-a mais a si não é? Pessoalmente, porque neste momento não tem emprego. Mas acha que a situação da sua mãe lhe dificulta encontrar um emprego?

460

Às vezes.

Porquê?

Porque é assim, se eu estou a trabalhar quem é que irá com ela ao médico?

O seu pai?

É assim, eu acho que é mais uma questão de experimentar. Experimentando é que eu sei dizer a resposta. Agora assim não sei.

465

Joana de que forma é que esta situação de desemprego tem alterado a sua vida?

O facto de estar empregada ou desempregada é igual para si?

Trabalhar para mim é bom, estar em casa é que não.

O facto de estar desempregada, como é que isso influencia a si? Como é que se sente pelo facto de estar desempregada?

470

Isso é muito complicado responder, porque eu estar em casa é pior para mim, apesar de eu estar a receber o Rendimento Mínimo. É o que eu digo, eu preciso de trabalho, eu costumo falar nisso. Eu queria roupa e calçado, mas não tenho dinheiro para me vestir. Uma pessoa tem vergonha, porque certas pessoas dizem: “porque é que pedes? Porque é que não vais trabalhar?”. É um bocado confuso de explicar. Às vezes, eu digo ao meu pai, preciso de umas calças de ganga e umas sapatilhas: “Ah não penses que tu ganhas uma fortuna, que serve para vestir, que serve para isto, que serve para aquilo.” É muito complicado responder!

475

Quando recebe o seu Rendimento, por quem é que ele é gerido, é por si, ou pelo seu pai?

480

Pelo pai.

Portanto entrega-lhe o rendimento. São eles que fazem as compras para a casa e isso tudo?

Hum, hum.

485

Não fica com dinheiro para si?

Não.

Se neste momento estivesse a trabalhar, em que é que a sua vida era diferente?

Em tudo. Acho que mudava tudo, comprava para vestir, calçado, dava uma parte e o resto ficava para mim, mas acho que era essencial para mim.

490

Não vê nada de bom na situação de desemprego? O ter mais tempo para si?

Posso ter tempo, mas não me interessa.

Olhe como é que a nova lei do Subsídio de Desemprego que saiu no início deste ano que tem haver com a questão das apresentações quinzenais.

Não..,

495

Não conhece? Não tem conhecimento?

Não.

É a primeira vez que está a ouvir falar deste assunto não é?

É.

Tem alguma ideia de como resolver o problema do desemprego? Não é o seu, é no geral.

500

É o que eu respondi ao bocado, acho que devem, pessoas que têm a sua categoria porem a trabalhar na categoria delas, porque há muitos milhares de pessoas desempregadas. E, apesar de eu estar a receber o Rendimento Mínimo, também há muita pessoa que pode trabalhar e que estão a receber. Devem dar também a oportunidade às pessoas que estão desempregadas que querem trabalhar e dar o Rendimento Mínimo a quem tem direito. Não é por mim, eu vejo na televisão, deficientes, ou pessoas sei lá que precisem, que dêem uma oportunidade a elas. Não sei responder.

505

Joana, por mim, já terminei. Há alguma coisa que queira acrescentar? Há alguma questão que me queira colocar?

510

Não, é isso, queria trabalhar e mais nada.

512

Fim de transcrição

ANEXO 2.11.

Transcrição da Entrevista L - *Luísa*

Entrevistadora – Boa tarde. Luísa, se calhar, começávamos pela sua apresentação. 1

Luísa – Está bem. Chamo-me Luísa Soares. Tenho cinquenta e quatro anos e moro em S..

A Luísa é casada? 5

Sim. Tenho dois filhos.

Relativamente ao seu percurso profissional, desde que começou a trabalhar que empregos é que teve, o que é que fez nesses empregos, o que é que achava desses empregos e porque é que saiu, ou foi obrigada a sair

Portanto, comecei a trabalhar... O primeiro emprego foi empregada de uma casa particular, onde tomava conta de uma criança. Depois vim-me embora, fui para uma fábrica. 10

Durante quanto tempo é que trabalhou lá?

Nessa casa, portanto, trabalhei uma média de treze, catorze, quinze, dois anos mais ao menos. Depois fui para uma fábrica, que fica em M., que fica à beira da feira. Ora, trabalhei lá cinco anos pela fábrica de cortiça. Depois, aos vinte anos, fui trabalhar para G., para a C., que é de fatos, cordas, portanto, era têxtil. Trabalhei lá vinte e três anos. Vim embora, porque estavam a despedir pessoal e eu vim embora. Estive três anos no fundo de desemprego. Depois, arranjei emprego numa hotelaria, que era empregada, ajudante de cozinha. 15 20

Num restaurante?

Num restaurante, trabalhei para aí cinco anos nessa casa. O patrão faleceu e a esposa não quis ficar com o encargo de patroa. Portanto, estou no fundo de desemprego agora, os três anos acabam em Dezembro, não arranjei nenhum emprego, foi os empregos que eu tive. 25

Muito bem. Quando foi trabalhar para a tal casa particular a tomar conta de uma criança como é que esta opção... Portanto eu deduzo que tenha desistido de estudar, não quis continuar a estudar.

Não, não. Não foi não querer estudar, foi as posses que não eram nenhuma, todos nós fizemos só até à quarta classe. Portanto, éramos dez filhos não havia dinheiro para estudar. 30

Ahh, quando eu fui para essa casa tomar conta da criança gostei muito, fui muito bem

tratada nessa casa e gostava de lá estar, só que depois a criança cresceu. Eu fui para lá e ela era pequenininha, e a senhora depois disse que já tomava conta dela, porque ela tinha uma casa de negócios, que era uma casa de comidas, e ela disse que a criança ia estando e já não dava tanto trabalho, e eu arranjei trabalho, mas gostei muito.

35

Mas esse primeiro trabalho que arranjou, como é que o arranjou?

Ah, portanto, ela era vizinha da minha mãe. Éramos vizinhas e pediu à minha mãe se me deixava ir. Eu, com treze anos, claro que tinha que ter a autorização da minha mãe, e a minha mãe disse que sim, e eu, então, fui e já nos conhecíamos.

40

Foi cerca de três anos que trabalhou lá?

Foi.

E depois foi para a fábrica de cortiça?

Foi.

45

E como é que foi essa mudança?

Essa mudança foi uma mudança que eu já senti um bocado, porque não era aquilo que eu queria. Eu gostava mais de estar assim, numa casa, porque a minha situação, enquanto fui solteira, a minha situação não foi assim uma regalia, e eu ali, naquela casa, tinha todas as regalias que precisava.

50

A que é que se refere?

Portanto, refiro-me a isto, passávamos fome. Ali, nessa casa, nunca passei fome. Ahhh, na casa dos meus pais não tínhamos luz [*Pausa breve*].

É difícil recordar esses tempos?

[*Pausa breve*] Muito, muito, muito. [*Choro*] Desculpe.

55

Esteja à vontade.

[*Suspiro*] Depois, era uma casa que vinha as festas do ano e tínhamos de tudo na mesa, tinha roupa, tinha calçado, tinha carinho, tinha tudo e gostava do que estava a fazer. Portanto, eu não era só olhar pela criança, eu fazia a limpezazinha da casa da senhora, eu dava a ferro... Com treze anos que fui para lá. Portanto, gostava de estar com eles, gostava da criança, gostava dos patrões, gostava de tudo, pronto. Gostava de fazer aquilo que fazia. Quando mudei para a fábrica, já foi uma coisa diferente, já foi o ver muita gente à minha volta, já foi andar mandada por muita gente, já tinha que fazer uma coisa que não gostava, depois não tinha aquele carinho, aquela atenção. Era totalmente diferente.

60

65

Como é que arranjou esse emprego?

Esse emprego eu arranjei, porque o meu pai faleceu e ficamos todos sem o apoio

dele, não é? A minha mãe não trabalhava. Fui trabalhar, porque na fábrica passava a ganhar um bocadinho mais do que estava a ganhar ali. Claro, se ela dava-me roupa, dava-me de comer, dava-me de tudo, tinha de ganhar menos. Foi assim o motivo de eu ter... Porque se não fosse para a fábrica ganhar mais dinheiro eu podia ter arranjado outra casa que me dessem emprego a fazer umas limpezas, ou na vida de casa, ou até mesmo a olhar por crianças, eu tinha catorze anos, não faltava quem quisesse uma criada, porque naquele tempo dizia-se uma criada, uma criada de serviço.

70

75

Não foi mais?

Não, porque lá ganhava-se mais e eu mudei.

Mas foi a senhora que foi à procura?

Fui eu que fui à procura.

Apresentou-se lá na fábrica?

Apresentei-me lá, na fábrica, pedi, disse que morreu o meu pai, se me davam emprego. Deu emprego a mim e deu a mais duas minhas irmãs. Foi a mim, à minha irmã e a outra. A mais velha já estava empregada e só nós é que não estávamos.

80

E a senhora foi lá porque sabia que lá ia arranjar?

E eu fui lá porque disseram-me logo, “olha, na fábrica estavam a meter pessoal e vais ganhar um ordenadinho bom” e eu fui para lá. Fui para lá ganhar vinte e seis escudos ao dia, naquele tempo, eu tenho cinquenta e quatro.

85

A vida tornou-se mais difícil, é isso?

Tornou-se mais difícil, porque foi como eu já disse, queríamos comer e não tínhamos, éramos muitos à mesa e depois vinha a roupa que tínhamos que comprar, vinha calçado. Passei muito, não conhece mas eu de minha casa, S. para G., íamos a pé, para depois apanharmos uma camioneta que passava lá à porta da fábrica, a chover e a trovejar.

90

Quanto tempo demorava?

Demorávamos mais ao menos uma hora a chegar à fábrica, e para cima vínhamos a pé até casa, a chover e a trovejar. Chegávamos à fábrica todas molhadas e aquilo naquele tempo já me custava um bocadinho, porque eu fui sempre uma rapariga que aquela vida para mim não me dizia...

95

Quanto tempo esteve lá?

Ora, eu nessa fábrica estive à volta de, portanto, quinze, dezasseis, para aí quatro anos lá.

100

E depois como é que foi para a C.?

Depois, abriu ali, aquela fábrica a C., em G., e na alegria de saber que tinha aberto esta fábrica e que estavam a dar emprego, portanto como era mais perto, e tinham um camião que vinha buscar pessoal a G., nós só tínhamos que caminhar este bocadinho. Este bocadinho, este pedaço, de S. a G.. Ainda é um pedaço, mas como depois já não tínhamos que pagar transporte, já era muito dinheiro que nós íamos amealhando.

105

Ah, então depois eu peguei e disse lá à minha mãe: “eu vou a G. à C., pedir a ver se me metem lá, que dizem que pagam lá mais!”. Quando fui lá, fui logo ganhar mais quatro escudos, foi de vinte e seis para trinta. Então, a minha mãe disse, “já que vais lá também vou, se eles me meterem eu arranjo trabalho para um ano ou quê e depois meto-me com a reforma”. Portanto, nós fomos lá, pedimos e o engenheiro meteu-nos logo, estavam a precisar de pessoal e meteu-nos. A minha mãe também andou lá, realmente andou lá pouco tempo porque ela ganhou uma doença na barriga e teve de ir para casa.

110

115

O que é que fazia na C.?

Eu, na C., estava na parte de corte, a cortar fatos, eram fatos plastificados, foi sempre no corte que estive. Portanto, trabalhei lá vinte e três anos. Depois, a vida começou a ficar melhor, a minha irmã mais velha casou, depois casou a outra, mais nova que eu dois anos. Já éramos menos em casa, o dinheiro começou a ser mais e assim fomos levando a vida. Quando fui trabalhar para a hotelaria, foi a coisa a seguir à empregada de criança, a coisa melhor que eu encontrei, coisa que eu adoro, para mim foi a melhor coisa.

120

Esteve lá vinte e três anos, não foi?

Estive lá vinte e três anos.

125

Uma vida, não é?

Foi uma vida, uma vida e de escrava.

Trabalhava-se muito?

Muito, muito trabalho. Principalmente, agora, para os últimos anos, trabalhou-se muito, muito, muito.

130

E fez sempre a mesma coisa?

Sempre, sempre a mesma coisa.

E ao longo destes anos teve assim alguma perspectiva de progredir dentro da fábrica ou não? Foi sempre a mesma coisa? Esteve sempre no mesmo posto?

Não, estive sempre no mesmo posto, portanto houve para aí meio ano que... Ela agora é minha cunhada, é madrinha da minha filha, nesse tempo, era minha colega, ela estava sentada numa mesa a receber a obra. Portanto recebia a obra e dava

135

entradas e saídas, não é? A colega dela estava a par dessas coisas, ela esteve meio ano em casa doente, por causa da filha. Então, a encarregada pôs-me nesse serviço, esse meio ano, coisa que eu não gostava. Sou sincera, não gosto de escritórios, de coisas boas, eu gosto de conviver com as pessoas, eu gosto de trabalhar, eu gosto de andar a mexer.

140

Como é que era o convívio lá na C.?

Muito bom.

Era melhor do que na fábrica de cortiça?

145

Muito melhor, mesmo. Portanto, em organização, em patrões, tudo muito bom, muito bom. Só que foi pena, morreu o patrão, o sócio do patrão, e depois aquilo ficou para os filhos e genro e aquilo começou a ir e a ir e acabou.

E começaram a mandar pessoal embora.

Começaram a mandar pessoal embora. Primeiro, os mais velhos da casa. Portanto, iam às fichas e viam as idades das pessoas e faziam a escolha, e começaram a chamar os mais velhos.

150

Tinham que dar uma indemnização mais alta?

Não. Portanto, na ocasião que eu vim embora, trouxe o de lei, era um mês de cada ano, trouxe os subsídios e foi o que eles deram.

155

Deram o que tinham que dar?

Deram o de lei, o de lei mesmo, quanto mais velhos mais tinham que dar.

E a fábrica agora, tem conhecimento do que é que aconteceu?

A fábrica agora, ainda estive com uma colega foi segunda-feira e ela também já veio embora e ela disse-me, eu por acaso perguntei-lhe, “oh Fátima, a C. já está aberta outra vez?”, e ela disse: “está, mas não está conforme nós estávamos, não tem costuras, não tem corte”. Portanto, o engenheiro está a tomar conta da corda e o cunhado está a tomar conta das redes, ou não sei do que é.

160

Quando a senhora foi chamada tinha a opção de vir embora ou ficar, não era?

Não era obrigada a vir embora. O advogado que nós tínhamos lá, para resolver os problemas, quando havia qualquer coisa, nós tínhamos lá um advogado e era ele que nos chamava lá, para nos pôr as propostas. E, então, eu disse: “oh, senhor doutor, eu nesta ocasião não podia mesmo ir embora, não devia ir embora”, e ele perguntou qual era o motivo e eu disse: “o motivo é que eu ando a fazer uma casa e os meus dinheiros são poucos, tenho dois filhos, o senhor doutor veja se eu posso ir embora a fazer uma casinha, que eu um dia mais tarde é para ajudar os meus filhos”, e ele disse-me: “a senhora se não for agora daqui por algum tempo vai sem nada”. Qual foi

165

170

a minha opção? Disse-lhe a ele, “senhor doutor, então, agora vou para casa falar com o marido”. Falei com o marido e ele disse, “portanto, tu vê o que é que eles te dão, e não vás dizer que não vais embora se daqui a pouco tempo vens embora sem nada, ao menos trazes algum agora”. E eu então cheguei lá e pedi autorização à encarregada para me deixar vir cá em baixo às nove horas e disse que já que era assim, que ia embora, que ao menos vinha com algum para ajuda, vinha com três anos de fundo de desemprego.

175

Ficou, quanto tempo é que ficou desempregada depois da C. até ir para o restaurante?

180

Desempregada? Desempregada estive... Ora, há nove... estive três anos.

Esteve três anos, portanto três, nove, são doze mais três, quinze. Portanto, foi há quinze anos já, foi aos quarenta e dois anos. Quinze anos com cinquenta e quatro, foi aos quarenta e dois anos. E como é que eram as suas perspectivas nessa altura? Saía duma fábrica que tinha estado vinte e tal anos, não é? Quais eram as suas perspectivas depois de sair em termos de arranjar emprego?

185

Um bocado difícil, foi um bocado difícil nessa altura, porque eu o dinheiro que trouxe empreguei-o todo na casa, ficamos sem dinheiro, depois queríamos dar de comer aos filhos...

190

Claro, tinha o subsídio de desemprego, não é?

Tinha o subsídio de desemprego. O meu marido trabalhava na SC, era o que me valia, que ele ganhava um ordenadinho mais ao menos, mas as despesas também eram muitas. Tinha os dois filhos na escola e eu ficava em casa, mandava os filhos para a escola e dizia: “eu não irei arranjar emprego?”.

195

Procurava, as fábricas já estavam um bocadinho a ir abaixo, as fábricas nesse tempo, e eu então estava um dia a ver um jogo de *futsal*, estava a ver o meu filho a jogar *futsal*, tinha ele quê? Ele tem trinta e dois, ele devia ter uns dezassete, dezoito anos mais ao menos, e andava um filho desse tal patrão do restaurante também no *futsal*, e nós fomos ver esse jogo e estava lá a namorada desse filho e começamos a dar muito bem com ela, e eu peguei e disse assim para ela: “oh, Mónica vós precisais de alguma empregada?”

200

Aliás, essa pergunta fazia algumas vezes, não é? Imagino que nessa altura quem encontrasse perguntava.

Muitas vezes. E ela responde-me assim: “você queria trabalhar? Você ia para lá trabalhar?”, e eu disse: “ia, se tivesse lá um emprego eu ia, coisa que eu até gosto disso.” E ela disse-me assim: “deixe estar que eu vou falar com a pessoa e se ele

205

quiser, nós comunicamos ao Rui”, que é o meu filho.

Então, ela veio para o restaurante e disse-lhe: “há a mãe de um rapaz que joga com o Miguel que diz que se você lhe der emprego que vem para aqui”. Há noite toca-me o telefone, era ela a dizer que eu no outro dia que fosse lá há à uma hora que o sogro que queria falar comigo, e eu fui.

210

Mandou-me mostrar, ele estava a servir as refeições e eu fui e, então, diz ele assim para mim: “então a senhora quer trabalhar?”, e eu disse: “eu queria, porque estou desempregada e eu queria”, e ele vai assim: “então olhe, quando é que pode vir?”, “se pudesse para amanhã, já vinha amanhã, hoje já não deve valer a pena”, e ele disse: “não, porque hoje é só lavar loiça e não é preciso, então amanhã”, e eu disse: “a que horas é que tenho que vir?”, e ele disse: “às nove”, e eu disse: “pronto, tá feito, preciso trazer alguma coisa?”, e ele disse: “uma bata e um avental”, e eu trouxe, levei a bata e o avental, cheguei lá, comecei a trabalhar e ele disse à outra empregada que botasse os olhos a ver como é que eu fazia o serviço, durante quinze dias, que era quinze dias à experiência, ao fim de quinze dias ele disse que eu ficava para trabalhar.

215

220

Ele era o cozinheiro?

Ele é que era o cozinheiro, nós tínhamos que, nós púnhamos-lhe tudo, era batatas, era cebolas, as cenouras.

225

Era a preparação?

E ele é que cozinhava. A outra, que já andava lá há mais tempo que eu, é que me ensinou, que eu não sabia o andamento daquilo. Eu sabia fazer as coisas, descascar umas cebolas, umas batatas, umas cenouras, agora o andamento daquilo não sabia. Pronto e lá estive, gostava muito dele.

230

Foi o emprego que mais gostou?

Até hoje, foi e se arranjasse... Eu, por acaso, falei ao colega, tinha que ter uma área que gostasse e que não fosse muito longe, com transportes, uma hora ou duas de caminho, não é? Se eu arranjasse era a coisa melhor que eu arranjava que eu gosto daquilo.

235

Porquê? Do que é que gosta?

Da cozinha, gosto muito, muito, muito! Já fui a uns poucos de lados a ver, mas não querem, só me dizem e eu fico tão triste, que já tenho cinquenta e quatro anos, que já tenho idade para ir para a reforma, e eu então respondo “o senhor”, se é um senhor, digo um senhor, se é uma senhora digo a senhora, “diz que eu estou na idade de ir para a reforma e eu chego à Segurança Social e dizem que eu sou nova para ir para a reforma, que estou bem para trabalhar”.

240

Que foi uma vizinha minha que me arranhou para eu ir a Gaia, a uma casa de limpezas, e eu fui lá e ela disse-me “oh minha senhora, não a quero aqui com cinquenta e quatro anos a trabalhar, preciso duma pessoa nova para me limpar uma parede, para subir uma escada, se cair abaixo qual é o meu problema, é ter de lhe pagar o seguro e uma nova limpar!”.

245

O que é que a senhora acha disso, acha que isso é uma desculpa?

Acho que é um egoísmo das pessoas que têm muito e não querem ajudar os pobres, porque qual é a diferença entre uma nova e uma velha subir as escadas, a nova não cai? Em casa, eu faço o meu trabalho, quem é que me vem limpar em casa? Sai o marido para o trabalho, sai o genro para o trabalho, sai a filha para o trabalho, e eu tenho que fazer o serviço aqui em casa, ou vou estar à espera que a filha chegue do trabalho e me faça o serviço todo. Eu não tenho que limpar as paredes, não tenho que limpar uns candeeiros, estender umas roupas, passar a ferro, fazer o serviço todo? Acho isso mal, é um egoísmo das pessoas que têm muito e não querem ajudar os pobres.

250

255

Olhe e diga-me uma coisa, você trabalhou num restaurante e vamos falar um bocadinho, porque a Luísa sorri quando fala nesse trabalho, foi uma alegria?

Foi, foi uma alegria, gostei muito. Fosse por motivos que eu viesse embora de não ter clientes, claro isso é diferente. Agora, eu servia ali, eu durante a manhã estava na cozinha, porque era só a patroa que servia às mesas, servia cafés bebidas, e servíamos todos os dias uma média de trezentas refeições, era muita coisa.

260

Onde é que era?

Não sei se conhece, era aqui, em P., à beira duma fábrica de tintas que ardeu.

265

Tinha fábricas perto?

Tinha a fábrica das tintas, tinha a fábrica das rolhas, é muito conhecida, e depois não era só isso, andou uma equipa de homens na rua com os canos de saneamento de água, só deles tínhamos cinquenta e tal homens todos os dias, todos aquela horinha estavam ali.

270

Eu quando fui para lá para essa casa estavam a servir três refeições por dia... Nós tivemos três anos aqui, com o mesmo patrão, aqui em S., e depois é que fomos para Pedrouços e então tínhamos muitos, muitos clientes. Eu em S. servia às mesas, aqui em Pedrouços só era ela. Portanto, quando eu fui para ali, porque ela tinha-me dito que eu ia ficar desempregada, só que fecharam aqui e foram para ali e chamaram-me logo no mesmo dia, e então, como fui fazer limpezas, cheguei ao fim, para aí três dias ou quatro, tinha a limpeza feita e disse assim para ela: “oh dona Leonor, se continuar

275

assim, a senhora tem a limpeza feita e eu não estou aqui a fazer nada, estou a ganhar o dinheiro sem fazer nada e eu não quero. Quando a senhora tiver alguma coisa para fazer, sou sua empregada”.

280

Isso eu disse em casa para a minha filha e para o meu marido, isto foi um anjo que desceu do céu à terra nesse dia, eu disse essas palavras, no outro dia já tivemos lá cinquenta e tal pessoas a comer. Fiquei a trabalhar toda contente, gostava muito dos patrões, gostava mais dele do que dela, porque ela era mais severa para nós, quanto mais trabalhávamos mais ela queria que nós fizéssemos e ele não, era assim aquela calma dele, eu gostava muito.

285

Luísa, quais foram assim os momentos mais importantes da sua vida profissional?

Mais importante, mais importante foi agora estes últimos anos que eu trabalhei.

Sentiu-se realizada?

290

Formei, realizei a minha vida toda. Eu realizei a minha vida toda, eu acabei a minha casa, eu juntei dinheiro que eu não tinha dinheiro, eu gastei o dinheiro todo na casa, eu fiz casamento e baptizado ao meu filho, juntei dinheiro, tenho uma vida. Mesmo agora, na minha classe, não estou a dizer que estou rica, sou uma pobre.

O seu marido já está reformado?

295

Não, não está.

Está a trabalhar?

Não, ele veio embora, estava ruim e ele veio embora. De vez em quando, vai assim fazer um biscatezinho, mas está desempregado. Claro, os empregos estão muito maus, a construção civil e tudo está muito mal. Mas, de vez em quando, ele ainda pede ao patrão: “se você precisar eu venho aqui um ou dois dias por semana”, e quando ele precisa lá vai ele.

300

E a Luísa gosta de fazer isso? De fazer uns trabalhozinhos assim de vez em quando?

Ora bem, eu, como acabei de dizer, como meti os papéis para a reforma ainda estou no fundo de desemprego, tenho um bocado de medo porque nós não sabemos quem temos à nossa volta. De um momento para o outro, vamos e acusam-nos, porque eu não digo que não fosse.

305

Por exemplo, de manhã, de tarde não porque tenho uma neta com dez anos aqui na escola de São Miguel, no ciclo, e sou eu que estou a tomar conta dela porque estou desempregada, porque antes ela estava num infantário, mas como eu fiquei desempregada disse à minha nora: “não, estás a pagar, deixa a tua filha ficar em

310

casa” e ela então de manhã tem sempre escola, de tarde é que não, tem à terça todo o dia e sexta, nos outros dias é só de manhã que ela tem escola. E eu não digo que não fosse fazer uma manhã ou duas, ou até de manhã cedo, mas é como eu estava a dizer, estou no fundo de desemprego e eu não queria estragar o que estou a tentar fazer.

315

Claro. Olhe, como é que tem procurado emprego?

Olhe, até tenho mandado dois carimbos, porque nós fomos obrigadas a procurar por causa de pôr os carimbos, de três em três meses temos que ter um carimbo. Se eles nos chamarem, temos que levar o carimbo, e eu por acaso tenho ido ver, às vezes, vou ao jornal, já tenho telefonado e as pessoas já têm empregada, que é que eu hei-de fazer?

320

Tem procurado no jornal?

Tenho.

325

Neste último mês encontrou alguma coisa a que se tenha candidatado?

Não. Também quando venho aqui assim ver uns papéis é tudo com estudos, agora com cinquenta e quatro anos vou agora fazer os estudos? Para fazer a limpeza é preciso ter o sexto ano?

Há muita gente com a sua idade que vai para a universidade!

330

[Risos] Vai, pois vai, e eu tenho uma tia do meu genro que vai tirar o nono ano agora. E eu agora com cinquenta e quatro anos?

É uma questão de voltar!

Não, não vou. Fiz a minha vida, agora é assim com cinquenta e quatro anos.

Então, é através do jornal que tem procurado emprego?

335

É.

Ao centro de emprego costuma ir lá ver?

Nunca mais fui lá abaixo.

E aquilo que fazia de pedir às pessoas: “arranja-me lá e tal”, continua a acontecer ou não?

340

Isso agora até nem se vê assim pessoas a dizer que precisam de empregada ali, outra acolá, não se vê assim como se via dantes.

E não sabe sobre isso a Luísa?

Não, não tenho estado assim com pessoas que tenham assim emprego. Aqui atrasado falei aqui com uma moça que trabalhava numa fábrica de papel e ela perguntou-me se eu já tinha arranjado trabalho e eu disse: “não, ando a ver se arranjo, não há maneira de arranjar”, e ela disse assim: “ainda lhe vou arranjar para a fábrica”, e eu disse: “oh,

345

arranja”, aqui há dias estive com ela e ela disse assim: “oh, ele não mete”, mais uma coisa que eu gostava.

E isso dos carimbos que me falou, isso são carimbos quê? Das empresas?

350

Das empresas.

Tem que mostrar depois no centro de emprego?

Se eles me chamarem tenho que levar os carimbos.

Como é que arranjou?

Eu fui a uma fábrica lá em Sandim e falei e ele disse: “emprego não dou, posso é carimbar”, e pôs-me o carimbo. Depois, também, estive noutra fábrica e disse: “você podia me arranjar lá um lugarzinho!”, “ah, não tenho”, “mas eu devia ter um carimbo”, “ah, isso não custa nada pôr um carimbo”.

355

Portanto, cozinha isso tem procurado?

É cozinha, limpezas, que as pessoas precisem que tome conta dos filhos, eles andam na escola. Havia lá uma que me disse: “Ah a minha filha agora vai para a escola, se eu pudesse até deixava lá a minha filha”, pôs noutra mulher. Como eu digo, há muita, sei lá, não sei explicar, há assim uma certa diferença das pessoas que parece que não sabem ver assim as pessoas.

360

Querias lhe perguntar quais são assim os critérios que usa para seleccionar os empregos que quer, não é?

365

Claro, agora, o salário mínimo é o salário que todos os patrões dão, não é? São oitenta e dois contos, não é? Não chega aos noventa, não passa muito dos oitenta, se não estou enganada até parece-me que não passa dos oitenta. Oitenta contos, vamos supor uma hipótese: eu arranjo um trabalho em Gaia, pagam oitenta contos por mês, só perto de vinte, deixa ver se chego ao certo, posso estar a dizer enganada. Portanto, oitenta contos, são cinquenta e cinco ou sessenta euros para o transporte, com quanto é que eu fico? Com sessenta e quê?

370

Sessenta e oito nesse caso.

Para sair de casa levanto-me às sete horas da manhã e entro às sete da noite para ganhar sessenta e quê contos?

375

Prefere ficar em casa?

Para isso, prefiro ficar em casa a olhar pela minha neta e pelas lides da casa, porque assim a filha chega a casa cansada de trabalhar e descansa.

E agora quando acabar o subsídio de desemprego que está praticamente a terminar, como é que vai ficar a sua situação financeira?

380

A minha situação financeira vai ficar... Eu já fui tratar dos papéis, o senhor que vai

tratar garantiu-me que eu até ao fim do ano antes de acabar o fundo de desemprego fico reformada, como estou no fundo de desemprego. Eu não posso é deixar acabar o fundo de desemprego, porque senão nada feito. Vou-me remediar com o dinheiro que vier da reforma, faço de conta que estou com o fundo de desemprego na mesma.

385

Se aparecesse agora uma oferta para ir para uma cozinha numa cantina?

Lá está se fosse para trabalhar agora só se fosse sem os direitos, porque senão ficava sem direito.

Pronto, porque agora o que está combinado para a sua vida é a reforma?

390

É, é, porque depois de eu estar reformada ninguém me impede de eu arranjar uma hora ou duas para ir trabalhar. Arranjar uma manhã ou duas por semana, ninguém me impede, agora enquanto não resolver isto.

Olhe, nesses anos, agora as coisas já estão um bocadinho diferentes porque a Luísa já está a resolver por outro lado, não é? Mas antes de ter resolvido por outro lado, não encontrar emprego para si devia ser quê? Não encontrar emprego, quais eram os motivos pelos quais não encontrava emprego?

395

Agora?

Sim, antes de ter resolvido a sua vida para este lado.

Não sei qual era o motivo.

400

A idade?

É, não sei qual é a diferença, porque o motivo é, se as pessoas têm trabalho e dizem que nós estamos velhas não nos dão trabalho. Eu não concordo com essas pessoas assim, não concordo. Porque se a pessoa vai pedir trabalho diz: “então a senhora fica quinze dias à experiência, se eu gostar de si a senhora fica se não gostar de si a senhora não fica”, eu para mim a ideia é essa. Porque, antigamente, faziam isso nas fábricas, faziam isso nas fábricas e faziam em todo o lado, era à experiência, gostava, gostava, não gostava, vai embora.

405

Antigamente faziam isso, porque é que não fazem agora? Uma pessoa é velha arrumam para o lado, um trapo! Estão a fazer às pessoas como fazem aos trapos, não serve vai para o lixo, não pode ser. Quem são os culpados? Eu até sei, o nosso Governo é que está a estragar isto tudo, não é? Porque um trabalhador quer emprego e não tem, nem tem direito a dinheiro da Segurança Social, vem um droga e pede dinheiro, o Governo o que é que vai fazer? Ainda está a estragar mais do que o que ele está, eu tenho de dizer isto! Uma mãe solteira, nós que estamos casados temos alguma culpa por uma mãe solteira ter um filho e não querer casar, recebe mais dinheiro que uma mulher que ande a trabalhar.

410

415

Olhe, vamos falar um bocadinho não da actual situação de desemprego mas a anterior. Portanto, aquela que saiu da C., desde que saiu da C. até ir para o restaurante. Ehh, nessa altura o que é que procurava? Como é que foi nessa altura, depois de vinte e tal anos de trabalho e depois ficar...

420

Isso aí foi uma, um problema muito difícil de resolver, porque não foi fácil. Nós trabalhamos vinte e três anos numa casa e depois vir para casa e dizermos: “como é que vai ser agora?”.

Foi o momento mais difícil? Foi mais difícil esse momento do que este agora?

425

Foi muito mais difícil, porque agora neste momento estou maravilhada e nesse momento não, naquele tempo eu estava à espera que surgisse alguma coisa para o meu lado.

O que quer dizer isso, à espera que lhe fossem bater à porta para lhe dizer.

Não era bem bater à porta, até digo ter uma ajuda até da família, porque todos estavam bem, naquele tempo todos estavam bem e não se lembram de quem naquele momento ficou mal.

430

Uma ajuda, que tipo de ajuda? Também já me disse que teve muitas despesas com a casa.

Eu não digo de me dar dinheiro, de me dar de comer, de me dar assim coisas, mas de me dizer de saber “acolá precisam de uma empregada, olha ouvi falar de uma senhora, vai lá”.

435

E não houve essa atenção?

Nunca tive a atenção de ninguém, fui sempre eu que botei a cara à vergonha, sempre.

Nessa altura o que é que procurava?

440

Nessa altura eu procurava qualquer coisa, fábricas, qualquer coisa, limpeza, tudo. Até para os campos, eu se soubesse de pessoas que me chamassem eu ia para os campos.

E porque é que ainda demorou os três anos até encontrar depois o restaurante?

Foi como eu disse, foi como eu disse. Portanto, eu estava pelo fundo de desemprego e diziam-me: “ah, tu se fores trabalhar tens que deitar o fundo de desemprego abaixo”, e sabia que tinha de deitar abaixo porque a pessoa era obrigada a isso, porque depois o dinheiro vai todo para lá, e depois eu como tinha os filhos, tinha uma neta já pequenininha, peguei e disse: “olha eu vou gozar os três anos e depois vou ver se arranjo e até lá vou procurando”, e foi quando surgiu isso, faltava um mês e quinze dias para acabar os três anos.

445

450

Tem ido pelo menos para fazer a inscrição ao centro de emprego a Gaia?

Não, é sempre aqui.

A inscrição também a faz aqui?

Não, eu estou inscrita lá mas nunca mais fui lá.

455

Mas quando ficou inscrita teve que ir lá?

Foi.

Quais foram as informações que lhe pediram?

As informações que me pediram foi, da primeira vez deixa ver se me lembro, deve ter sido mais ao menos como desta vez, “a senhora sabe que tem que procurar emprego? E quando, se arranjar emprego tem de vir botar abaixo, porque senão a senhora tem que deixar tudo para cá”, foi assim que elas me disseram. Desta vez não, ainda não me aconteceu nada difícil. Mas, da primeira vez que eu estive no fundo de desemprego quando vim da C. tive que trazer a carta de lá, se eu ainda queria continuar com a inscrição, eu tinha de mandar para lá a carta “sim” ou “não”, eu punha a cruz que sim, claro eu não arranjava nada. Quando calhava de ir a Gaia eu ia ver as ofertas que lá estavam mas nunca tive nada que me ocorresse, desta vez é igual.

460

465

Portanto, nunca foi convocada para...

Não, para uma reunião nem nada.

Nem para reunião, nem para ofertas de emprego?

470

Nada, nada.

Nesta altura tem que fazer as apresentações quinzenais, não é?

É.

Quando é que tomou conhecimento que tinha que fazer as apresentações quinzenais? E de que maneira?

475

Foi este ano só, portanto eu comecei a vir aqui, salvo erro, em Abril.

E porquê só em Abril? Recebeu alguma comunicação?

Recebi uma carta em casa.

Uma carta registada a dizer que...

Sim, sim, a dizer que tinha que me apresentar. Recebi a carta a dizer para me apresentar no centro de emprego para uma reunião, estiveram a explicar o motivo daquela reunião e o que nós tínhamos que fazer e depois deram-nos um papel para casa em como estivemos lá presentes.

480

O que é que acha do funcionamento do centro de emprego?

O que é que eu acho. Eu acho que ofertas tem lá muitas, só que eles podiam chamar as pessoas que estão inscritas e dizer alguma coisa, comunicar às pessoas, e essa coisa de ir de quinze em quinze dias acho mal, acho muito mal isto.

485

Porquê Luísa?

Eu acho mal porque eu, portanto das novas, das raparigas novinhas que vão para o fundo de desemprego, que realmente é verdade que muitas arranjam emprego e estão a receber pelos dois lados, que também é verdade. E eles a fazer isto estão a fazer bem e não estão, porque eu posso arranjar um emprego e estar a trabalhar e vir aqui na mesma, eu posso dizer ao patrão: “desculpe mas amanhã à tarde não posso vir”, nós a vir aqui não fazem nada. Para quê que puseram essa lei? Para nos obrigar a estar em casa ou a procurar emprego? As pessoas trabalham na mesma.

490

495

Olhe, ao longo da sua vida houve propostas de trabalho que tenha recusado?

Não, nunca recusei.

Sempre que lhe fizeram uma proposta aceitou?

Sim, sim.

Qual era o emprego ideal para si?

Um emprego ideal? [*Risos*] Só se fosse um emprego de estar em casa e receber o dinheiro sem trabalhar, só se fosse [*Risos*]. Tirando isso, como eu gosto de trabalhar e sempre gostei de trabalhar, estou em casa porque sou obrigada a estar, não é? Eu, para mim, já tenho dito, e digo isto até morrer, se tivesse dinheiro, se tivesse muito dinheiro, eu gostava de uma casa de comidas. Se tivesse muito dinheiro eu gostava de ter uma casa minha. Não era para mandar em ninguém, também não vamos pôr essa coisa, era para eu trabalhar e se tivesse que meter empregados a trabalhar também, mas eu a trabalhar.

500

505

E sempre pensou assim?

Sempre.

510

Desde que começou a trabalhar?

Desde que comecei a trabalhar, gostei sempre de ser empregada de cozinha porque quando eu era mais nova tinha o meu filho só, pequenino, era eu que fazia as comidas para as comunhões dos meus sobrinhos todos, eu sozinha. A minha irmã ia para a igreja e eu ficava a cozinhar, e fiz o almoço para o baptizado do meu filho, para o baptizado da minha filha e para a primeira comunhão do meu filho, foi coisa que eu gostei sempre de cozinhar.

515

E quando era pequenina, quando começou a trabalhar já tinha essa ideia?

Já, já gostava muito da cozinha, então em casa da minha mãe era sempre eu, não havia fatura para se cozinhar, mas ao domingo era um arroz com ovos estrelados, era o que havia, o que se podia comer, e já nesse tempo era eu sempre que fazia o comer.

520

E acha que precisava de muito dinheiro para montar assim uma casa?

Ah, então não precisava, ai meu Deus, eu acho que precisava de dinheiro, mas também para a idade que eu tenho agora, se eu fosse mais nova. Eu já tenho dito aos meus filhos, se eu fosse mais nova uns quinze anos, quinze anos, já não queria mais, eu fazia um empréstimo e abria uma casa de comidas, com cinquenta e quatro anos já não dá, era o meu sonho.

525

Durante a sua vida profissional sentiu que o trabalho podia prejudicar a sua vida familiar?

530

Não, nunca.

E o contrário, que a sua vida familiar prejudicava o trabalho.

Também não, portanto em solteira a vida era diferente, vivia com a minha mãe, era diferente, chegava do trabalho tinha que fazer o trabalho em casa, ia-se para o trabalho, era aquela vida.

535

Depois casei, continuou na mesma, tive sempre o marido para me ajudar, nos momentos maus nos bons, em tudo. Custou no trabalho foi coisa que a gente vinha muito longe do trabalho para casa, foi coisa que ele e eu nunca nos habituamos muito a isso. Nunca discutimos o trabalho em casa, às vezes falávamos, mas era falar, não era discutir, era falar do trabalho, “olha fiz isto e isto, o engenheiro chamou-me a atenção disto e disto”, tudo bem, agora ralhar por causa do trabalho em casa, nunca.

540

E as chatices de casa também não iam para o trabalho?

As chatices de casa também não iam para o emprego, as colegas não tinham culpa dos nossos problemas em casa, eu para mim penso assim, eu pensei desde pequenina, eu quando ouvia o meu pai ou minha mãe a ralhar eu dizia logo: “também estão sempre a ralhar e sei o motivo”, e hoje os filhos diz-nos o mesmo se viermos para casa com esses problemas do trabalho, depois nós não temos culpa disso? É o mesmo caso.

545

Pois é. Olhe, essa situação de desemprego agora de que maneira é que isso tem alterado a sua vida?

550

A minha vida não alterou assim muito, muito. Claro que se eu não arranjar o que se está a arranjar, irá alterar um bocadinho, não é? Se a coisa se for arranjando acho que não vou ter problemas.

Portanto a sua vida não tem sofrido assim grandes alterações?

Não, não.

555

Quais são as desvantagens da situação de desemprego, recebe o subsidio, não é?

Sim.

Quais são as desvantagens?

[*Pausa breve*] Não sei.

560

Não há?

Acho que não. Acho que não há desvantagens.

E vantagens?

[*Pausa breve*] Não tem, sei lá, pode não haver.

É uma vantagem ter mais tempo para a família?

565

Ah, eu já quando estava a trabalhar tinha que ter sempre aquele tempo todo. Agora tenho mais, não é?

Agora tem mais!

Agora tenho mais tempo para estar com eles, para se conversar mais uma hora ou duas à mesa sobre os problemas que existem, não é? Quando andava a trabalhar não havia.

570

Passa mais tempo com os filhos, é uma vantagem não é?

É, agora a filha casou há um ano, tem tido uns problemazitos e eu no que puder quero dar-lhe todo o apoio que não tive comigo. Nunca tive apoio de lado nenhum, nem de mãe nem nada, e isso toca um bocado, isto choca-nos um bocado porque agora somos mães e sabemos dar o valor do que é ser uma mãe. E eu nunca tive apoio de ninguém, mesmo em solteira, mesmo em pequenina nunca tive apoio, vivi sempre com ela mas nunca tive apoio dela.

575

Eram muitos não era?

Não era só isso de ser muitos, porque eu não tenho diferença entre a filha e o rapaz, eu não tenho diferença, o amor é o mesmo, porque são os dois meus filhos, custaram a criar o mesmo, a tê-los, são meus.

580

E no seu caso?

No meu caso, eu achava, e ainda hoje acho que é verdade, a minha mãe nunca me teve como filha, eu achava e acho com cinquenta e quatro anos que tenho, acho isso e é verdade, ela dedicava-se mais às mais novas, as mais velhas ficavam arrumadas para o lado, eram um trapo.

585

Não é o caso de ser muitos, porque vê-se mães que têm muitos filhos e hoje os filhos são casados, vão à sua vida e vão a casa da mãe e é uma festa, coisa que em minha casa, comigo não acontece isso, estamos todos separados uns dos outros. Não há aquela atenção de puxar os filhos para a beira dela e tem oitenta e cinco anos, precisa dos filhos e isso choca-me muito. A minha vida de pequenina, fazia um livro, fazia-o

590

completo, isso dá que pensar muito, desde que nasci até este momento. Essa história dá um bater aqui dentro, não se pode contar isso, poder pode se eu tivesse coragem de contar.

595

É mais pelo sofrimento que lhe causa, não é?

Eu a recordar isso tudo começo a sofrer muito e não posso estar a pensar nisso porque eu tenho um problema de fígado, e digo que o fígado não dói, ele não dói, o fígado não dói, mas a mim dói, que eu quando me enervo.

Às vezes venho até cá fora, eu moro numa casa, é a ultima casa do lugar e eu como estou ali sozinha, quando a minha neta não está, estou com o cão, falo ao menos para ele, de vez em quando venho cá fora e falo para ele e venho ao portão. Se vir uma vizinha à porta, trato maneira de vir ao correio que tem sempre porcaria, nem devia ter aceite isso, mas pronto e saio logo de casa que é para conversar um bocadinho que é para as coisas que estão na minha cabeça começarem a sair, porque eu, ainda a semana passada a minha filha chegou a casa e eu tinha esta parte inchada, estava de fora, só deste lado, foi de me enervar. Mas a pensar, estava muito sozinha, eu não devia fazer assim porque só me prejudica, eu até disse à minha filha vou ir à médica pedir um calmante, e a minha filha até me respondeu “calmante para quê? Tem nervos? Mete-lhe uma rolhinha”, porque a minha filha não me dá aquela coisa de eu ser coitadinha. Não, não, se vir a minha filha à minha beira diz assim: “esta moça há-de ser uma cruel”, e não é, ela até tem bom coração, mas com a doença que eu tenho, a médica até chamou-nos, chamou a ela, que não podiam dizer “coitadinha”, se disser coitadinha então é que vou mesmo abaixo. Esta vida, estas lembranças que eu tenho, se fossem contadas, se eu tivesse aquela coragem de contar, ai meu Deus, nem lhe digo nada, nem lhe digo nada. Só que eu vou muito abaixo de contar isso.

600

605

610

615

Então vamos avançar um bocadinho, há bocado já me falou desta nova lei que tem as apresentações quinzenais, influenciou a sua forma de estar desempregada esta lei, esta legislação?

Impoliou?

620

Influenciou.

Não, acho que não.

E a sua vida, influenciou a sua vida?

A minha vida, tenho de ir para a frente na mesma com a vida, que é que eu hei-de fazer? Não posso fazer nada.

625

Ah, como é que acha que se pode resolver o problema do desemprego?

Como é que se pode resolver? Portanto, eu vou pôr uma questão, era o Governo não

ajudar tanto os patrões, porque o que faz não haver empregos é o Governo ajudar os patrões. Porque onde eu andei a trabalhar mandaram o pessoal todo embora, só ficaram lá com meia dúzia delas, agora eu ou outra como eu, vai lá pedir emprego, já não dá emprego a quem andou lá a trabalhar, dá às pessoas novas que nunca andaram lá a trabalhar, chega aquele tempo manda-a embora, depois mete outra, qual é a diferença disso? É o Governo ajudar, porque eles a fazer isso vão buscar muito dinheiro, foi o que estragou. O desemprego é sempre para cima, sempre para cima, não diminui, é sempre a aumentar, não é verdade isto?

630

635

Está sempre a subir, isso é verdade.

Se o Governo não ajudasse os patrões, eles tinham que meter o pessoal a trabalhar senão tinham que trabalhar eles, ou então fechavam de vez, não abriam mais.

Se tivesse a possibilidade de entrar numa associação de desempregados, digamos assim para lutar pelos direitos dos desempregados isso faria algum sentido para si ou não?

640

Fazia sentido, mas eu para entrar numa associação tinha que ter mais estudos porque eu para falar [*Risos*].

A Luísa não sentiu a falta dos estudos para falar, está aqui há uma horita a falar.

Eu sei que sinto a falta de estudos para falar, só que a vida ensinou-me muito, foi a vida não foi os estudos, foi a vida, a vida ensinou-me muito, e eu falo dos problemas todos e não tenho estudos, mas para isso havia de ter assim, olhe eu gostava, quando eu andava a trabalhar até gostava de ser do...

645

Do sindicato?

Do sindicato, mas precisava assim de mais uns toques, para ter um desenvolvimento assim mais.

650

Então a Luísa acha que é muito velha para ir estudar?

Ah, sou, com cinquenta e quatro anos não vou agora estudar, ui, nem pensar. A minha filha queria que eu fosse tirar a carta e eu nem vou tirar a carta.

E a Luísa não ia fazer o sexto ano, ou o nono ano?

655

Não, com cinquenta e quatro anos, nem penso nisso agora.

Não acha que era um investimento para si?

Não.

Nem que fosse para acompanhar melhor os seus netos!

Ah, eu acompanho-os bem, eu desenrasco-me, ah ainda me desenrasco a ensiná-la. Só fica alguma coisa por fazer é de inglês, porque eu inglês não sei, já contas e essas coisas todas eu ainda a ensino, não tenho problemas, estudar agora, não. Com

670

cinquenta e oito anos nem pensar nisso, quando visse a professora à minha frente.

Luísa, por mim, não tenho mais questões a fazer-lhe. Não sei se quer acrescentar alguma coisa ao que conversámos?

675

Ah, não, não.

Então, muito obrigada.

677

Fim de transcrição

ANEXO 2.12.

Transcrição da Entrevista M - *Maria*

Entrevista M - Maria

Entrevistadora - Maria, gostava de começar pela sua apresentação. Que idade tem?

1

Maria - Tenho trinta e sete anos.

É casada?

Ehh, sou casada e tenho dois filhos.

5

Relativamente ao seu percurso profissional, fale-me um pouco dos trabalhos que já teve.

Desde a saída da faculdade?

Sim.

Ehhh, eu comecei a trabalhar com, ehh, vinte e, ehh, vinte e quatro anos. Foi em noventa e três que eu vim para cá, para o Porto e que... Primeiro inscrevi-me num curso de iniciação à informática. Tive a tirar um curso básico de informática e depois, entretanto, comecei a procurar emprego, porque tinha uma entrevista e fiquei a trabalhar numa... numa firma de... aquilo era publicidade, mas de listas telefónicas, como administrativa. Era administrativa, entretanto, fazia um bocado da parte administrativa e do contacto com os clientes. Ainda por cima, que era angariar anúncios para a lista telefónica. Isto durante três anos. Depois tive... fiquei grávida, do meu querido filho...

10

15

Três anos com contrato ou não?

Sim, com contrato. Estava a contrato. Então, fiquei grávida. Nesse, nessa altura, em que fiquei grávida, o contrato terminava pouco antes de... do meu filho nascer e não renovava ali o contrato. Tive em casa durante um ano e depois fui trabalhar para uma clínica médica.

20

Foi a sua primeira experiência de desemprego depois de ter o seu filho?

Sim.

25

Que teve a duração de um ano?

Um ano.

Pedi subsídio de emprego?

Sim, pedi subsídio de emprego. Aí, eu, portanto respondia a vários anúncios também. Um deles, pelo menos, foi assim um bocado... não digo traumático, mas foi um bocado... Porque a resposta que me deram foi que eu tinha capacidades a mais para trabalhar lá... capacidades não... eeh...

30

Habilitações.

Habilitações! Que era assim para trabalhar como secretária.

A Maria era licenciada em?

Marketing. É comunicação social, publicidade e relações públicas.

Que terminou em?

Ehh, não foi em noventa e três, ehh, foi em noventa e sete.

Onde é que estudou, no Porto?

Não, foi em Lisboa, na Universidade Técnica de Lisboa.

Hum, hum.

Uma das entrevistas a que eu fui, nessa altura, foi a essa, durante esse ano. Fui a outras, mas não fui seleccionada. Entretanto, chamaram-me, mas isso por intermédio de uma colega, que tinha trabalhado anteriormente comigo na outra empresa e falou-me dessa vaga na clínica e chamaram-me para lá para a clínica. Trabalhei lá durante oito anos...

Numa clínica?

Médica.

Numa clínica médica.

Aquilo funcionava como uma clínica que fazia consulta geral, tinha consulta de clínica geral mas essencialmente era medicina no trabalho. Tinha a parte da clínica, a parte de vendas e administrativa. Eu trabalhava na parte administrativa. Ah, depois, entretanto, tive durante cinco anos a trabalhar na parte administrativa, depois passei para secretária da administração. A partir daí, fazia um bocado de tudo. Era secretária de administração, mas também estava a secretariar as vendas e vendia também, embora não saísse de lá fazia um bocado desse tipo de coisas. Também tratava directamente com os médicos, com os fornecedores, fazia os pagamentos, essas coisas. Entretanto, aquilo começou a ficar mau e em Dezembro...

Em que altura? Em que ano?

Aquilo, na altura, começou a ficar em noventa e cinco. Houve um problema judicial, mas eles conseguiram... depois em tribunal decidiram que não havia viabilidade para a empresa continuar a funcionar.

E era onde a empresa?

No Porto, na B.. Só que passados seis meses, o gestor saiu em Junho, passados seis meses, houve um atraso dos salários e em Novembro, como já estava há três meses sem receber o salário, não recebi subsidio de natal, nada, eu fui a tribunal do trabalho e eles concordaram com o tempo limite, e entretanto despedi-me só que eles nem

35

40

45

50

55

60

65

receberam a carta porque a firma fechou. Já não abriu em Janeiro, fechou uma semana para férias e em Janeiro já não abriu. Decretaram falência. É assim que resolvem as coisas... Depois inscrevi-me no centro de emprego e pronto tenho estado a responder, tenho recebido pronto algumas cartas de currículos que eu envio, são cartas pró-forma que pronto, guardam uma eventual vaga, essas coisas.

70

Nessa empresa trabalhou durante quantos anos?

Oito anos.

Oito anos e fazia um pouco de tudo, não era?

75

Na parte da administração, eu tratava de tudo. Na altura, aquilo estava um bocado complicado e era difícil trabalhar ali. Um dos sócios que gostávamos na empresa faleceu e as coisas complicaram-se. Quem, eh, a pessoa que ficou à frente acho que não tinha capacidade para... O grupo de pessoas que lá estava a trabalhar, ficaram lá a trabalhar, e se quisessem levar, pronto, a bom porto as coisas, havia sempre quem mandava e acabava por nos cortar as pernas e não deixar que a gente, pronto, resolvesse as coisas, não é?

80

Quando começou a trabalhar já tinha a licenciatura ou não? Ou foi depois...

Estava a terminar.

Estava a terminar a licenciatura. Nunca trabalhou na área da sua licenciatura?

85

Não.

Como é que foi esse emprego que surgiu já no final da faculdade, já depois de ter escolhido uma área profissional, não é?

É assim, eh eu queria trabalhar, não queria continuar dependente dos meus pais. É assim, meus pais nunca tiveram muitas possibilidades, não é...

90

Hum, hum.

O tempo que eu quisesse lá estar, eu acho que eles me apoiavam mas eu queria ter minha casa e o meu salário resolvidos. Tinha que começar por baixo e podia ser que, entretanto, surgisse oportunidade e...

Portanto, o objectivo era ir trabalhar para uma empresa, começar com uma função para depois progredir nessa função, enquanto terminava a licenciatura?

95

Exacto.

Fez mais ou menos essa previsão. E como é que correu depois na prática?

Humm, na prática, acho que correu exactamente o oposto, ficar ali estagnou-me. Pronto achava sempre que não havia perspectivas de evoluir ali. Entretanto, também como vim embora e, eh, as perspectivas de evoluir, subir de posto, pelo menos, ali, no primeiro emprego, não, não haveria. Houve no segundo...

100

Nesse sentido, considera a sua experiência no segundo mais satisfatória?

Sim, sim. Embora não fosse bem a minha área de trabalho, aquilo que eu gostava de fazer, mas era um bocado, foi um bocado subir, saber que o meu trabalho estava a ser valorizado e subir dentro da empresa, isso já me deixa, pronto, como hei-de explicar, já me deixa, pronto, a nossa auto-estima um bocado mais acima e sabemos que assim, pronto, pensamos que um dia as coisas ainda iriam evoluir mais.

105

Face a essa perspectiva e expectativa inicial e após essas duas experiências de trabalho, esteve alguns anos no mercado de trabalho, alguns anos como desempregada também, como é que evoluiu a sua opinião sobre essa, eh, estratégia, não é?

110

No meu ver, neste momento, é muito difícil eh entrarmos para um trabalho que não é aquele que nós eh, pronto, não é aquele exactamente que nós queremos, mas que é um trabalho. Acho que quando entramos para ali, que a maior parte, ao meu ver, ficamos, acho que não, não vejo perspectiva de evolução de um cargo para outro lá dentro. Pronto, por exemplo, quando se entrar, como entrei para administrativa, é difícil... Estão sempre, ao meu ver, estão sempre, eh. É capaz de vir uma ou outra pessoa de fora e entrar, se calhar, para o cargo que estávamos à espera, que saíssemos dali para esse e não para outra pessoa para lá. Embora tenhamos qualificações, mas a nossa posição ali era aquela e ficamos ali. Acho que é um bocado isso...

115

120

A posição a entrada na empresa marca muito? É isso?

Marca. Acho que sim. Acho que marca sim.

Como é que a Maria vê actualmente a possibilidade de obter um emprego que coincida com as suas aspirações?

125

É assim, eu ainda espero conseguir trabalhar em alguma coisa que me realize, que me sinta realizada. Embora esteja convicta que é muito difícil, porque a maior parte dos anúncios que eu respondo, que eu sei que está lá a idade até trinta e cinco e eu já tenho trinta e sete anos, não é. Embora sejam só dois anos, mas para, para algumas empresas isso já conta muito, porque querem pessoal muito mais jovem. Não me considero velha, atenção, mas querem pessoal muito mais jovem... Eu entendo, pronto, é muito mais fácil contratar uma pessoa que se calhar está a procura do primeiro emprego, porque não tem tantas, eh, tantos encargos com essa pessoa, do que uma pessoa que entra e que tem, pronto, já trabalhou, já sabe como as coisas funcionam, e, se calhar têm esse receio. Acho que a maior parte das empresas tem esse receio, que ter trinta e sete anos e ter uma família impede, não é. Ao meu ver, é isso. Acho que há-

130

135

de aparecer alguma coisa que me sinta realizada, pelo menos, neste momento procuro isso. Não vou dizer que estou a responder a todos os anúncios, porque não estou. O que eu quero, neste momento, se calhar, é arranjar um emprego em que me sinta realizada. Já que estou à procura, procurar um emprego onde me sinta realizada. 140

E como é que seria esse emprego, em que a Maria se sentisse realizada?

Ehhh, um emprego onde eu possa exercer aquilo que eu aprendi. Um emprego de relações públicas, que eu adoro, pronto, eu gosto de falar, gosto de estar a conviver com as pessoas, gosto de ter as minhas ideias, apresentar as minhas ideias. Sei lá, ter contacto directo com as pessoas, eu acho que, eu não gosto muito de estar fechada. Eu queria um emprego em que pudesse, não interessa, é assim, eu... publicidade, marketing, vendas, ehh, sei lá, com... É a mesma coisa comercial, mas alguma coisa que não tivesse que estar o dia inteiro fechada. 145

Quais as suas exigências digamos assim, ou os seus critérios de procura nesse momento? Tem a ver com o quê? 150

É assim, tem a ver um bocado também com, ehhh, horários, com a função e com o vencimento, como é lógico, porque o vencimento também condiciona um bocadinho a procura.

A localização não é um obstáculo? 155

É assim, neste momento, eeh eu não tenho carro. Tenho carro próprio, mas é um carro que é da família e o meu marido está a utilizar o carro para trabalhar. Mas, tendo o carro, a localização não me condiciona assim muito. Eu vou para Santo Tirso, Braga, desde que tivesse viatura, a localização acho que não me condicionava para procurar o emprego. O horário também não, desde que não tivesse que trabalhar de noite. 160

É a única condição que coloca, face ao horário?

É, desde que não tivesse que trabalhar à noite. Mesmo que tivesse, mesmo que tivesse que trabalhar ao sábado, ao domingo, desde que não fossem todos, que tivesse algum fim-de-semana para a minha família, acho que não condicionava.

E aquela disponibilidade para deslocações, que às vezes algumas funções pedem? 165

Sim, tenho um marido compreensivo nesse aspecto e que me ajuda bastante.

E em relação ao conteúdo da função?

É assim, neste momento, como se costuma dizer, eu não queria andar de, passar de cavalo para burro. Ou seja, não queria descer muito e trabalhar novamente como, começar de início, ir mesmo para aquele emprego base de administrativa, não é de administrativa porque isso também não me condiciona, mas... Sei lá, gostava de ficar 170

um bocadinho, se não fosse naquilo que eu quero, ao menos como secretária, continuar o emprego que tinha, continuar um bocado nessa perspectiva, se não conseguir.

175

Relativamente ao vencimento, quais são os critérios da Maria?

É assim, nesse momento, eh, entre oitocentos, eh, para cima, porque para baixo é um bocadinho...

Isso tem a ver com o valor que ganhava? Que estava a receber antes?

É, com o valor que estava a receber antes. Não quer dizer que tenha que ser exactamente, mas, pronto, era o que estava a receber na altura, tinha as coisas controladas, não é, e anda um bocado a volta disso. Gostava de conseguir um emprego que me desse também essa margem de manobra.

180

Maria, pensando em todo o seu percurso profissional, quais os momentos ou, eh, acontecimentos que considera mais importantes?

185

Primeiro, foi eu ter conseguido e respondido. Logo, quando comecei, disse: “vou procurar emprego”. Ter conseguido logo emprego, embora não fosse na minha área, mas ter ido responder e na primeira entrevista ter ficado logo.

Depois, o outro desafio foi, se calhar, o facto de dentro desta última empresa ter conseguido chegar, ter subido dentro do emprego e ter conseguido chegar à parte da administração, porque comecei por baixo e foi conseguido por mim.

190

Voltando à questão da procura de emprego, como é que tem procurado? Portanto, já falou da resposta aos anúncios, não é? Antes, já me tinha falado também da sua inscrição nuns sites de emprego...

Sim, estou inscrita em alguns *sites*, que me enviam directamente os anúncios. Eh, no Jornal de Notícias, e há outro, *on-line*, o Net-Emprego. E costumo ir também ao Jornal de Notícias, mas nesse não estou inscrita, vou directamente lá e procuro... Nos outros, estou inscrita e, pronto, eles manda-me os anúncios. Mas, independentemente daqueles anúncios que eu recebo no *mail*, costumo fazer procura directa, mesmo no *site* ou outro tipo de procura de emprego, por exemplo, também o jornal, vejo o jornal. E, depois, pronto, há os contactos. Falo, tento também através de amigos e tudo, saber se há alguma possibilidade, se conhecem, isso também.

195

200

Ok. Como é que decide se responde ou não àquele anúncio?

Depende dos requisitos e pelas condições. Embora, muitas das vezes, apareça um dos requisitos seja a experiência, eu respondo na mesma. Nem que não tenha experiência naquela, naquela, naquele tipo de emprego, eu respondo na mesma. E, pronto, quando colocam idade, que aparece os vinte e cinco, ou vinte, ou trinta e cinco, eu envio na

205

mesma. Depende um bocado das condições que oferecem. A maior parte deles também pedem viatura própria, eu não tenho viatura própria, mas respondo independentemente de, de...

210

E as entrevistas, como é que têm sido?

É assim, eu posso dizer que, neste momento, entrevista eu só fui a duas. Só me responderam a duas. A uma não passei à fase seguinte e a outra delas foi a tal empresa, mas que era um bocado complicado, porque não podia falar da idade, era só à comissão, não oferecia viatura, tinha que ser viatura própria, isso também só acabou por ser dito na entrevista. Só respondi a anúncios que não falavam dessas condições. Foi dito pelos entrevistadores que me falaram destas condições.

215

Portanto ali seria uma situação que não pretendia, não correspondia ao seu tipo de procura.

Não.

220

Por que é que acha que ainda não encontrou emprego?

Porque é muito difícil. O mercado de trabalho está sobrecarregado. Embora, possa me dizer que há muita oferta de trabalho, eu acho que nem há muita procura. Pronto, aquela fase que as pessoas acabam a licenciatura, está muita gente à procura de emprego, há muita procura de emprego.

225

Acha que a principal dificuldade tem a ver a com a concorrência?

Também, também. Não é, eu acho que é um bocado a concorrência.

E outras dificuldades?

Eu acho que é essencialmente isso.

Acha que podia possuir alguma coisa, ou ter alguma característica que facilitasse encontrar um emprego nesta altura?

230

Ah, se tivesse uma cunha por trás [risos]. Não, é verdade? Também é um bocado isso. É, porque eu acho que funciona um bocado por conhecimentos, não é? Surge um emprego, embora, eu acho que é um bocado isso que a maior parte não, mas uma grande parte, embora ponham o anúncio, há sempre o amigo da pessoa que está lá dentro: “olha, há uma vaga, queres ir?”. Embora ponham o anúncio, a vaga já foi preenchida. Embora, façam na mesma as entrevistas, porque têm que fazer, mas a vaga já está preenchida, à partida. É essencialmente um padrinho bem influente... É...neste momento não tenho.

235

Quando é que a Maria se inscreveu no centro de emprego, recorda-se?

240

Foi em Outubro do ano passado.

Recorda-se do processo, do processo de inscrição?

Sim. É assim, basicamente, eu só cheguei lá, inscrevi-me, assim, preenchi a ficha e eu, não, não tive mais contacto com eles... a não ser uma outra altura que nos chamaram para... devido à, ehh, a apresentação quinzenal.

245

Foi esclarecida sobre essa situação?

O porquê de termos que fazer a apresentação quinzenal?

Sim.

Tinha saído um decreto-lei que obrigava a fazer a apresentação quinzenal e basicamente os motivos que levaram a fazerem, pronto, tem a ver com aquelas pessoas que iam para o estrangeiro e continuavam a receber...aquelas pessoas que... fugiam, não é?

250

Tinha a ver com a necessidade de controlo?

Era um bocado isso, era tentar controlar as pessoas que, exactamente, pessoas que estavam a receber de um lado e do outro, ao mesmo tempo.

255

Foi informada sobre outro tipo de mudanças?

Não, só nos disseram como havíamos de... prontos, tínhamos que nos apresentar, que tínhamos que ter uma procura activa de, de emprego, porque tínhamos que guardar provas de que estávamos à procura de emprego, para uma eventual apresentação que me chamassem para comprovar que estava à procura de emprego.

260

Falaram-lhe dos Planos Pessoais de Emprego?

Planos que valem emprego? Ehhh, não.

Na altura, não, não fizeram consigo o seu Plano Pessoal de Emprego?

Só se deram outro nome. Se me explicasse...

O objectivo do PPE, do Plano Pessoal de Emprego, é dizer por exemplo quantos vezes por semana deve procurar emprego.

265

Ah, três vezes por mês.

Três vezes por mês?

Sim. Três vezes por mês eu tenho que fazer provas de, fazer prova de que procurei emprego...

270

É em que formato é que é feito isso?

Tenho, por exemplo, eu respondo, eu respondo um anúncio do Expresso...

Não, não, não... É como isso... como é essa indicação do centro de emprego? É um documento?

Sim, é um documento.

275

Só diz isso? Ou diz mais alguma coisa?

Não, diz basicamente isso: é obrigado a fazer procura pelo menos três vezes.

Como é que sente neste momento o Plano Pessoal de Emprego? Como uma ajuda que lhe é dada?

Acaba por ser uma ajuda, porque se virmos bem obriga-nos a procurar, a não instalarmo-nos e dizer “respondo amanhã”. 280

Mas se não tivesse o Plano Pessoal de Emprego não procurava?

Procurava, porque não gosto de estar em casa sem trabalhar. Não sou do tipo de pessoas... Não vou dizer que gosto de estar em casa a tratar de... Gosto muito da minha família, gosto muito de estar com as minhas filhas e com o meu marido, mas também gosto de me sentir realizada. Então, o emprego para mim é... faz parte de mim...porque estar em casa...não estar a trabalhar põem-me lá em baixo um bocadinho. 285

Como é que avalia o funcionamento do centro de emprego?

Sim, eu não acho que funcione mal... 290

Funciona bem?

Embora nunca me tenham chamado, mas também acho que a procura é tanta não é? Eles não podem chamar toda a gente.

Maria, mudando um pouco de tópico. Enquanto trabalhava, alguma vez sentiu que o seu emprego fosse afectado pela sua vida familiar?

Não. 295

E o contrário?

Que afectasse a minha vida familiar? Já. Porque, pronto, esse último eu não tinha muito horários... Ehh, tinha isenção de horário, saía às seis, às sete e chegava, muitas vezes, às nove, dez e eu acho que isso afecta um bocado as coisas em casa, não é. Não vou dizer que tenha tido problemas, mas senti que estava a desleixar o meu papel de mãe de família. 300

E a isenção de horários? Trabalhava mais?

Sim. Normalmente, na isenção de horários não há hora de entrada, nem hora de saída. Mas, eu tinha hora de entrada, não tinha era hora de saída. E tinha uma... Eu não vou dizer que recebia mais por isso, porque no recibo, o salário base era uma coisa e para completar o salário base de uma maneira, e eu portanto, como isenção de horários para... eu vi exactamente o valor que eu recebia, o valor era o mesmo. Eu só passei a isenção de horário, quando passei para secretária de administração e o valor era o mesmo, só que o recibo é que vinha de maneira diferente. São aquelas coisas que se fazem... 305 310

E o valor era o mesmo?

Sim

Portanto foi uma progressão mais sem a correspondente actualização salarial não é?

315

Sim, sim, sim.

De que maneira é que o desemprego, esta situação de desemprego actual tem afectado a sua vida, ou alterado a sua vida?

É assim, é sobretudo a nível psicológico. É lógico que, por muito que a gente tente andar contente e alegre, tem sempre aquela preocupação: pronto, estou desempregada, tenho que educar os miúdos, e isso é um bocadinho... Afecta-me um bocadinho. Não estamos sempre bem dispostos, é lógico, há alturas difíceis e isso complica um bocadinho...

320

Então, são esses dois aspectos: o estado psicológico e a segurança da sua família?

325

Sim, e é claro, mesmo com o subsídio, é muito mais difícil eu fazer face às despesas que tenho e que tinha na altura. Na altura, tinha um nível que dava para determinadas despesas, que eu conseguia pagar direitinho não é? Tinha as coisas todas controladas. No momento em que deixo de receber, as coisas atrasam e, entretanto, embora esteja a receber o subsídio de desemprego, é difícil fazer face a tudo isso.

330

Quais são para si as desvantagens da situação de desemprego?

As desvantagens de estar...

As desvantagens.

É um bocado isso...é o dinheiro, não é? E é o estado psicológico...

Que fica mais para baixo.

335

Exactamente.

E consegue ver alguma vantagem?

Vantagem? Não. Para mim, acho que não tem nenhuma, sou sincera.

Ehhh, o facto de ter mais tempo para a família?

É assim, nós, se quisermos tempo para a família, mesmo estando a trabalhar, nós arranjamós.

340

Não tem aí uma vantagem?

Não, porque é assim, as crianças estão na escola, não é? Independentemente de eu estar em casa ou não, as crianças estão na escola, não vou deixar de as ter na escola. É lógico que tenho um bocadinho mais de tempo para tratar delas de manhã, tenho tempo para as ir buscar, não é? Mas, lá está, se não for eu, vai o marido, sempre conseguimos conciliar os dois essas coisas. Por isso, eu acho que em termos... Para

345

mim, não me traz vantagem nenhuma o facto de estar desempregada. Não afecta a minha família o facto de eu estar em casa, não afecta no bom sentido. Acho que, pelo contrário, eles acabam por sentir que a mãe está mais deprimida, um bocado mais chateada. Acho que é um bocado isso, acabo depois por, para ser sincera, descarregar um bocado na família e a quem tenho ao meu lado, o facto de eu estar assim.

350

São os que sentem mais, naturalmente, não é? Uma outra questão, mais ligada a questões de cidadania e conhecimento a nível social, a Maria costuma estar atenta às questões do emprego e à políticas que têm sido desenvolvidas para fazer face aos problemas de desemprego, tem acompanhado esta evolução?

355

Sim, tenho, através da televisão e assim, eu tenho acompanhado um bocado, o que eu oiço dizer é que tem diminuído, mas também não acho que tenha diminuído assim tanto.

Sentiu essa diminuição no meio à sua volta?

360

Não senti muito.

O aumento eu imagino que tenha sentido, não me estou a adiantar na resposta mas, quer dizer, a forma como falava da primeira situação de desemprego e desta, há diferenças não há?

Há.

365

Sente diferenças.

É, está mais difícil agora.

Está mais difícil agora, e a diferença é essencialmente essa?

Sim.

Mais difícil pelas variáveis contextuais, não por aquilo que a Maria pode dar.

370

Exacto, sim, sim. Eu acho, eu considero que ainda tenho muitas capacidades e que posso responder...

Tem a ver mesmo com as ofertas e com o que a Maria está à procura?

Sim, sim.

Em relação então às políticas de promoção de emprego e à protecção social de emprego, tem acompanhado as mudanças?

375

É assim, mais ou menos porque, se formos a ver estão a ser criados muitos postos de trabalho e essas coisas todas, mas também há muita, ao mesmo tempo, há, pelo que vemos, há muita empresa a despedir pessoas, a falir, e tudo isto condiciona. Ou seja, criam agora determinados postos mas acho que o número de pessoas, o número de postos que criaram relativamente ao número de pessoas que estão desempregadas neste momento é muito pequeno. Acho que deveria haver...

380

Mais criação...

Exactamente. Mais postos de trabalho, mais ajuda...

Relativamente às empresas?

385

Mesmo relativamente às empresas devia haver mais incentivo para...

E em relação às regras do subsídio de desemprego?

Regras?

Regras. E às alterações que há bocadinho também falávamos sobre a nova lei.

É assim, acho que é pouco tempo, para já acho que é pouco tempo, diminuiu o número de meses... 390

Teve direito a quantos meses?

Ahhh, dezoito, dezoito meses. Termina em Agosto do próximo ano, acho que é pouco tempo, e ao valores também são um bocado... Mas, é a tal questão, eu sei que não posso, que o subsídio não pode ser exactamente o ordenado que a pessoa estava a receber, mas é uma diferença grande. 395

Esta nova legislação, esta questão da apresentação quinzenal tem influenciado a sua forma de estar desempregada?

Não.

Portanto, não tem influenciado a sua vida de nenhuma forma em particular?

400

Não. Tenho sempre, tenho que me lembrar que naquele dia tenho que vir aqui mas é o essencial.

E tem assim alguma opinião relativamente à forma de resolver o problema do desemprego?

Criar mais empresas, criar mais postos de trabalho. E investir mais... 405

Investirem mais cá? Está a falar de investimentos estrangeiros?

Também, acho que sim, se investissem internamente. Está muito mau, em termos económicos, acho que não estamos a chegar onde devíamos, devia haver mais investimentos cá, mais empresas, em vez de estarem a fechar aqui e a abrirem lá nos sitiozinhos em que abrem, em que a mão-de-obra é muito mais barata e essas coisas... 410
E não darem incentivos para continuarem cá, ajudar para que as pessoas não percam os seus postos de trabalho.

Na situação de desemprego e de procura de emprego, o que é a tem afectado mais?

O facto de não ter resposta, de não responderem. Sinto-me um bocado posta de lado, encaro isso como um... Como é que eu hei-de dizer, muitas, vezes chego a pensar “fogo, já não tenho capacidades...” Eu sei que há pessoas com muitas mais 415

capacidades do que eu, admito, mas tenho, não me considero uma pessoa burra, eu sei que tenho muitas capacidades e sou capaz de fazer seja o que for, digam-me tens que fazer isto, explicam-me e eu faço... Custa-me ouvir o não, às vezes nem dizem nada. Custa-me bastante. Acho que me custa mais isso de facto do que se calhar ouvir um não... Pronto, não passou à fase seguinte, pronto, não era a pessoa que estávamos à procura, acho que me custa mais o facto de não ouvir nada, nenhuma resposta, afecta-me mais.

420

Ahh. Sente de alguma forma que o cansaço está a acumular com este tempo, com o avançar do tempo e assim?

425

Sinto mas é complicado...

E se não tiver emprego quando terminar o subsídio? Tem assim algumas perspectivas que o futuro vai ser melhor?

Não, infelizmente não. Vou ter que até lá arranjar, senão for naquilo que eu procuro, noutra coisa qualquer. Como se costuma dizer “eu não queria ser, não é, mas se tiver que ser...” até lá...

430

Muito bem. Maria, pela minha parte, penso que perguntei tudo o que gostaria, não sei se quer acrescentar alguma coisa?

Não, não.

435

Ok, então, mais uma vez, muito obrigada.

Fim de transcrição

438